

ROSANE PATRICIA FERNANDES

LOUÇAS DE BARRO, PATRIMÔNIO CULTURAL FEITO À MÃO:
UM ESTUDO SOBRE CULTURA MATERIAL E HÁBITOS ALIMENTARES DE
COMUNIDADES TRADICIONAIS A PARTIR DE COLEÇÃO DE GUILHERME
TIBURTIUS

EARTHENWARE, HANDMADE CULTURAL HERITAGE:
A STUDY OF MATERIAL CULTURE AND EATING HABITS OF TRADITIONAL
COMMUNITIES FROM THE COLLECTION OF GUILHERME TIBURTIUS

LOZA, PATRIMONIO CULTURAL ARTESANAL:
UN ESTUDIO DE LA CULTURA MATERIAL Y LOS HÁBITOS ALIMENTARIOS DE
LAS COMUNIDADES TRADICIONALES A PARTIR DE LA COLECCIÓN DE
GUILHERME TIBURTIUS

JOINVILLE - SC

2023

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE
DOUTORADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

LOUÇAS DE BARRO, PATRIMÔNIO CULTURAL FEITO À MÃO:
UM ESTUDO SOBRE CULTURA MATERIAL E HÁBITOS ALIMENTARES DE
COMUNIDADES TRADICIONAIS A PARTIR DE COLEÇÃO DE GUILHERME
TIBURTIUS

ROSANE PATRÍCIA FERNANDES

ORIENTAÇÃO DA PROFA. DRA. DIONE DA ROCHA BANDEIRA
COORIENTAÇÃO DA PROFA. DRA. MARILUCI NEIS CARELLI

JOINVILLE - SC

2023

ROSANE PATRÍCIA FERNANDES

LOUÇAS DE BARRO, PATRIMÔNIO CULTURAL FEITO À MÃO:
UM ESTUDO SOBRE CULTURA MATERIAL E HÁBITOS ALIMENTARES DE
COMUNIDADES TRADICIONAIS A PARTIR DE COLEÇÃO DE GUILHERME
TIBURTIUS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob a orientação da Profa. Dra. Dione da Rocha Bandeira e coorientação da Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli.

JOINVILLE - SC

2023

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

F363L Fernandes, Rosane Patricia
Louças de barro, patrimônio cultural feito à mão: um estudo sobre cultura material e hábitos alimentares de comunidades tradicionais a partir da coleção de Guilherme Tiburtius / Rosane Patricia Fernandes; orientadora Dra. Dione da Rocha Bandeira; coorientadora Dra. Mariluci Neis Carelli. – Joinville: Univille, 2023.

259 f.: il.

Tese (Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville)

1. Cerâmica – Araucária (PR) – História. 2. Cerâmica – Aspectos sociais. 3. Tiburtius, Guilherme, 1892-1985. 4. Patrimônio cultural. I. Bandeira, Dione da Rocha (orient.). II. Carelli, Mariluci Neis (coorient.). III. Título.

CDD 363.69

Termo de Aprovação

“Louças de Barro, Patrimônio Cultural feito à Mão: Um Estudo sobre Cultura Material e Hábitos Alimentares de Comunidades Tradicionais a partir da Coleção de Guilherme Tiburtius”

por
Rosane Patrícia Fernandes

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Dione da Rocha Bandeira
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli
Coorientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Claudia Inês Parellada
(Museu Paranaense/UFPR)

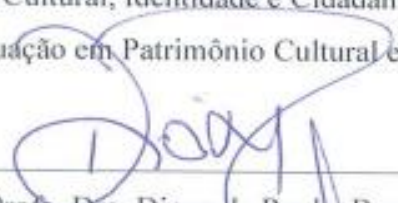
Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro
(UFPeI)

Profa. Dra. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
(UNIVILLE)

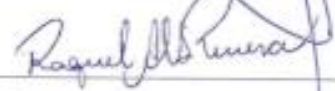
Profa. Dra. Roberta Barros Meira
(UNIVILLE)

Profa. Dra. Nadja de Carvalho Lamas
(UNIVILLE)

Tese julgada para a obtenção do título de Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Profa. Dra. Dione da Rocha Bandeira
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Joinville, 30 de agosto de 2023.

Etimologicamente, «epigrafia» é a escrita («grafia») sobre («epi») determinado suporte. E se pusermos de parte uma epigrafia efêmera aquela que – à semelhança da «arte efêmera» dos nossos dias – apenas servia para um momento e depois se esvanecia, poderemos acrescentar que o suporte adequado para a mensagem epigráfica é o suporte «duradouro»: a pedra, o metal, a cerâmica, o vidro [...]. O pesquisador se utiliza de estudos da cultura material de artefatos cerâmicos como documento que busca evidenciar tradições e costumes, as inscrições epigráficas (e para nós, os pesquisadores de cerâmica antiga, os vasos transmitem a mesma mensagem), são pedras que falam. Das quais temos muito prazer em ver, ler, ouvir, refletir e analisar (D'ENCARNAÇÃO, 2010, p. 17).

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa é resultado de inúmeras e preciosas contribuições. É sempre construída por diversas mãos. Dessa forma, gostaria de agradecer e reverenciar a todos que se fizeram presentes nesta breve jornada comigo, em especial:

A Cristo, sempre presente em nossas vidas, sem o qual nada teria feito.

Às professoras Dra. Dione da Rocha Bandeira e Dra. Mariluci Neis Carelli pelo constante auxílio, paciência e apoio em todas as etapas deste trabalho. Também aos professores e colegas do curso de Doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS).

Ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) e sua equipe, que me recebeu para o desenvolvimento da pesquisa. Principalmente à querida Giana Sobral Maciel Wiest, que me acompanhou durante a coleta e a análise dos dados, deixando os dias na reserva técnica do MASJ mais leves e agradáveis ao som da rádio saudade.

Ao Daniel Machado, que desenvolveu o material fotográfico e me auxiliou muito na produção das imagens apresentadas nesta tese e no catálogo que está em edição.

Aos familiares de Guilherme Tiburtius, especialmente ao sr. Ewaldo Tiburtius, Cláudio Tiburtius e Ricardo Tiburtius Logullo, pelo compartilhamento de memórias, histórias, momentos e fotografias da família.

Agradeço pela generosidade e pela compreensão aos meus amigos que sempre estiveram junto comigo, me incentivando, acompanhando e transmitindo coragem e perseverança, mesmo quando tudo parecia ruir. Sem eles, isso não seria possível. Muito obrigada pela paciência e pelo amparo nos meses de finalização desta tese.

Agradeço a todos os colegas do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Patrimônio Cultural (GEIPAC) e do Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico (LAPArq) por todas as discussões, dicas e experiências compartilhadas. Do mesmo modo, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos durante os quatro anos do curso. Foi o apoio financeiro que a coordenação oportunizou que trouxe esses resultados até aqui.

E, finalmente, agradeço àquela que valeu e vale todas as alegrias e conquistas da minha vida: a minha família. Pessoas maravilhosas que me apoiaram ao longo

desses quatro anos e seis meses, que compreenderam as minhas infindáveis ausências e rabugentices e que, mesmo contrárias às tamanhas atividades em que me aventurei e insisti em acumular nesses últimos anos, não hesitaram em me ajudar e me acolher nos momentos mais difíceis.

RESUMO

Noutros tempos, terra, água, fogo e sentidos deram forma a inúmeros objetos. Entre eles, louças feitas em barro, que entrelaçam saberes e fazeres às necessidades cotidianas de determinados grupos sociais. Com o decorrer do tempo, alguns objetos têm sua utilidade primária/utilitária transformada, expressando outros valores simbólicos e passando a habitar coleções de museus. Dessa forma, configuram-se em um objeto documental/informacional que reverbera memórias e práticas sociais de diferentes grupos que viveram no passado. Esta pesquisa faz referência a estudos realizados em um conjunto de cerâmicas históricas reunidas pelo colecionador e pesquisador Guilherme Tiburtius, no início dos anos 1.940, no entorno de Curitiba/PR, no Primeiro Planalto Paranaense. Em específico, trata do conjunto de cerâmicas reunidas no município de Araucária/PR e, em parte, discute o potencial informativo dessas louças na compreensão dos seus usos. A metodologia fez uso de revisões bibliográficas e documentais, dados etno-históricos, entrevistas orais e análises laboratoriais do Conjunto Araucária, coletado por Tiburtius, que atualmente está sob guarda do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Outro objetivo do trabalho é falar dos objetos musealizados e da potência desses acervos para a pesquisa científica, bem como discutir e compreender melhor os usos e hábitos sociais destinados a essas louças, principalmente aqueles vinculados à alimentação. Os resultados indicam que a coleção Araucária soma, ao todo, 175 vasilhames, sendo eles vasos com e sem alças, potes de diversos tamanhos, tigelas, torradores, panelas, pratos, jarros, cuscuzeiros, entre outros objetos. As características desses vasilhames sugerem que sejam produções domésticas em contextos locais/regionais, elaboradas por comunidades rurais pós-coloniais que viveram no estado do Paraná, com influxos europeus, indígenas e africanos posteriores ao século XVI, conforme discussões prévias de diferentes pesquisadores. As peças apresentam marcas de ação mecânica, como laminações, rachaduras e fraturas, assim como alterações físico-químicas, como fuligem, carbonização, depósitos carbônicos e craquelê nas faces internas e externas, resultantes do uso doméstico e da preparação de alimentos. Desse modo, pode-se dizer que as louças em barro são expressões culturais que reverberam o saber e o fazer dos povos, suas organizações socioculturais e a relação estabelecida com o meio, visto que suas técnicas e modos de produção foram intergeracionais, se aperfeiçoando num ciclo vivo e dinâmico com memórias próprias de cada grupo social. Além disso, essas louças constituem-se documentos históricos, pois carregam vestígios dos padrões de permanências e adaptação dos saberes, dos hábitos e das práticas alimentares, referenciais importantes da cultura humana. O estudo está vinculado à linha de pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, bem como ao Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico (LAPArq), ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Patrimônio Cultural (GEIPAC) e ao Grupo de estudo em Cultura Material (Arqueocult), da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).

Palavras-chave: Louças em barro; Guilherme Tiburtius; coleções; Paraná; Santa Catarina; patrimônio cultural; patrimônio arqueológico e alimentar.

ABSTRACT

For years, earth, water, fire and the senses shaped different objects. Among them, earthenware pottery, which intertwines knowledge and practices with the daily needs of having objects and domestic utensils to be used in food preparation, improving the food taste and texture. Over time, some objects have their primary/utilitarian utility transformed and express other symbolic values and come to inhabit museum collections. In this way, it is configured in a documental/informational object that reverberates memories and social practices of different groups that lived in the past. This research refers to studies that are being carried out on a set of historic ceramics gathered by the collector and researcher Guilherme Tiburtius, in the early 1940s, in the surroundings of Curitiba-PR, Paraná First Plateau. Specifically, they deal with the set of ceramics gathered in the municipality of Araucária-PR and, in part, discuss the informative potential of these pottery in understanding the eating habits of the traditional/historical communities that wove and used them. The methodology made use of bibliographical and documentary reviews, ethno-historical data and laboratory analysis of the Araucária set collected by Tiburtius, currently under the custody of the Archaeological Museum of Sambaqui de Joinville (MASJ). Another objective of the work is to talk about the museum objects and the power of these collections for scientific research, as well as to discuss and, who knows, better understand the uses and social habits destined to these dishes. The results indicate that the Araucaria collection has a total of 175 containers, including vases, with and without handles, pots of different sizes, bowls, roasters, pans, plates, jugs, couscous bowls, among other objects. The characteristics of these containers suggest that they are domestic productions in local/regional contexts, made by post-colonial communities that lived in the state of Paraná, with European, indigenous and African influxes, after the 16th century, according to previous discussions by different researchers. The pieces show signs of mechanical action such as laminations, fissures and cracks, as well as physicochemical alterations, such as soot, carbonization and cracking on the internal and external faces resulting from domestic use and food preparation. Thus, it can be said that earthenware pottery are cultural expressions that reverberate the knowledge and practices of peoples, their socio-cultural organizations and the relationship established with the environment, since their techniques and production methods are intergenerational, improving in an alive and dynamic cycle with each social group memories. Furthermore the earthenware pottery constitute historical documents as they bring patterns of permanence and knowledge, habits, important references of human culture. The study is linked to the research line Heritage Environment and Sustainable Development of the Graduate Program in Cultural Heritage and Society, as well as the Laboratory of Archeology and Archaeological Heritage/LAPArq, the Interdisciplinary Study Group on Cultural Heritage (GEIPAC) and the Material Culture Study Group (Arqueocult), from the Joinville Region University (UNIVILLE).

Keywords: Earthenware pottery; Guilherme Tiburtius; collections; Paraná; Santa Catarina; cultural heritage; archeological heritage.

RESUMEN

En otros tiempos, tierra, agua, fuego y sentidos dieron forma a innumerables objetos. Entre ellos, vajillas hechas de barro, que entrelazan conocimientos y habilidades con las necesidades cotidianas de ciertos grupos sociales. Con el paso del tiempo, algunos objetos han visto transformada su utilidad primaria/utilitaria y expresan otros valores simbólicos, pasando a formar parte de colecciones de museos. De esta manera, se convierten en objetos documentales/informativos que hacen eco de memorias y prácticas sociales de diferentes grupos que vivieron en el pasado. Esta investigación hace referencia a estudios que se están llevando a cabo en un conjunto de cerámicas históricas reunidas por el coleccionista e investigador Guilherme Tiburtius a principios de la década de 1940, en los alrededores de Curitiba, Paraná, en el Primer Planalto Paranaense. En concreto, se trata del conjunto de cerámicas reunidas en el municipio de Araucária, Paraná, y se discute en parte el potencial informativo de estas piezas para comprender sus usos. La metodología hizo uso de revisiones bibliográficas e documentais, dados etno-históricos, entrevistas orais y análisis laboratoriales del Conjunto Araucária coletado por Tiburtius, que actualmente está sob guarda del Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Otro objetivo del trabajo es abordar los objetos musealizados y la importancia de estas colecciones para la investigación científica, así como discutir y comprender mejor los usos y hábitos sociales relacionados con estas vajillas, especialmente aquellos vinculados a la alimentación. Los resultados indican que la colección de Araucária consta de un total de 175 recipientes, que incluyen vasijas con y sin asas, tarros de varios tamaños, tazones, tostadores, cacerolas, platos, jarras, cuscuseras y otros objetos. Las características de estos recipientes sugieren que son producciones domésticas en contextos locales o regionales, elaboradas por comunidades rurales poscoloniales que vivieron en el estado de Paraná, con influencias europeas, indígenas y africanas, posteriores al siglo XVI, de acuerdo con discusiones previas de diferentes investigadores. Las piezas presentan marcas de acción mecánica, como laminaciones, grietas y fracturas, así como alteraciones físico-químicas, como hollín, carbonización, depósitos de carbono y craquelado en las caras internas y externas como resultado del uso doméstico y la preparación de alimentos. De esta manera, se puede decir que las vajillas de barro son expresiones culturales que reflejan el conocimiento y la habilidad de los pueblos, sus organizaciones socioculturales y la relación establecida con el entorno, ya que sus técnicas y modos de producción han sido transmitidos de generación en generación, perfeccionándose en un ciclo vivo y dinámico con memorias propias de cada grupo social. Bien como, estas vajillas constituyen documentos históricos, pues llevan vestigios de los padrones de permanencias y adaptaciones de los conocimientos y hábitos, de las prácticas alimentares, referencias importantes de la cultura humana. El estudio está vinculado a la línea de pesquisa Patrimônio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável del Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, bien como al Laboratório de Arqueologia y Patrimônio Arqueológico/LAPArq, al Grupo de Estudo Interdisciplinar em Patrimônio Cultural (GEIPAC) y el Grupo de estudo em Cultura Material (Arqueocult), da Universidad de la Região de Joinville (UNIVILLE).

Palabras claves: Vajillas en arcilla; Guilherme Tiburtius; colecciones; Paraná; Santa Catarina; patrimonio cultural; patrimonio arqueológico y alimentar

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tucano entalhado por Guilherme Tiburtius que foi dado de presente ao casal João José e Iris Bigarella na década de 1940.	30
Figura 2 - Fachada da carpintaria de Hermann Tiburtius em Berlim nos anos 1900.	33
Figura 3 - Guilherme Tiburtius segurando a espingarda de caça na Colônia Anitápolis, em Santa Catarina, em 1910.....	35
Figura 4 - Guilherme Tiburtius com a esposa, Clara Shipeers, e os filhos, Ewaldo e Edgar, na década de 1930.	36
Figura 5 - Guilherme Tiburtius com a esposa, Clara Shipeers, os filhos, Ewaldo e Edgar, suas noras e netos na década de 1960.	36
Figura 6 - Fábrica de artefatos em madeira de Guilherme Tiburtius em Curitiba/PR na década de 1920.....	36
Figura 7 - Fábrica de artefatos em madeira de Guilherme Tiburtius em Curitiba/PR na década de 1920.....	37
Figura 8 - Peças reunidas por Stanislaw	38
Figura 9 - Crânios e vasilhames em cerâmica expostos para visitaço no Museu Tiburtius.....	40
Figura 10 - Exemplos de croquis, mapas e esquemas das escavações em sambaquis de Santa Catarina.	49
Figura 11 - Imagens das peças em exposiço no museu particular residencial de Guilherme Tiburtius em 1951.	50
Figura 12 - Exposiço das coleções de orquídeas e de cactos de Guilherme Tiburtius.	53
Figura 13 - Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ).	60
Figura 14 - Imagens dos cadernos de inventário de Guilherme Tiburtius (1941).	87
Figura 15 - Fichas do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville organizadas por Guilherme Tiburtius após a venda da sua coleção ao município, em 1963.	87
Figura 16 - Gabinete de curiosidade de Ole Worm, do Museu Wormianum, na Dinamarca, em gravura de 1655.	90
Figura 17 - Exemplares de kunstkammer (à esquerda), wunderkammer (centro) e kunstschränk (à direita).	91

Figura 18 - Imagem da exposição Coisas a Olhar, do Museu de Arqueológico de Sambaqui de Joinville em 2020, com vasilhames da coleção de Guilherme Tiburtius.	101
Figura 19 - exemplares da coleção de Guilherme Tiburtius, coletados no entorno de Curitiba/PR entre 1941 e 1942.	101
Figura 20 - Imagens de figuras femininas em argila da civilização de Anatólia, do Museu de las Civilizaciones de Anatólia, na Turquia, que datam entre 6.000 e 5.000 a.C.	118
Figura 21 - Formas reconstituídas das cerâmicas das tradições Itararé (a), Tupi-Guarani (b) e Neobrasileira (c).	135
Figura 22 - Exemplares das louças em barro da coleção de GT. Da direita para a esquerda: uma panela, um cuscuzeiro e um vaso com engobo vermelho	138
Figura 23 - Mapas da localização do município de Araucária/PR.	153
Figura 24 - Mapa da ocupação do Paraná por indígenas antes da colonização do estado. Em verde, Kaingang, e em amarelo, Guarani.	154
Figura 25 - Destaque da distribuição das sesmarias no planalto curitibano. Os números 1, 2 e 7, em laranja, referem-se à região que atualmente é o município de Araucária/PR.	156
Figura 26 - Mapa das localidades de coleta das louças em barro da coleção Araucária na área rural do município. Em verde estão sinalizadas as localidades que ainda preservam o nome dos distritos conforme os anos 1940.	158
Figura 27 - Composição morfológica das louças do conjunto Araucária, da coleção de Guilherme Tiburtius.	163
Figura 28 - Antiplásticos minerais na pasta dos vasilhames.	167
Figura 29 - Tipos de queimas observados, com presença de núcleos acinzentados e escuros e camadas externas mais claras.	168
Figura 30 - Exemplos de tratamento de superfície externa da coleção Araucária.	169
Figura 31 - Exemplos de ferramentas usadas na manufatura das louças em barro.	170
Figura 32 - Exemplos de decoração plástica na face interna das louças	172
Figura 33 - Exemplos de decoração na asa da face interna das louças da coleção Araucária.	173
Figura 34 - Exemplos de decoração na face externa das louças da coleção Araucária.	175

Figura 35 - Ilustração feita por Guilherme Tiburtius da decoração das louças.	176
Figura 36 - Tipos de decoração das cerâmicas populares do estado de São Paulo.	177
Figura 37 - Vasilhames com pintura na face externa	178
Figura 38 - Representação da morfologia e dos tipos de bordas dos vasilhames da coleção Araucária, com base nas cerâmicas híbridas descritas por Chmyz (1976).	179
Figura 39 - Algumas das formas reconstruídas de recipientes cerâmicos da tradição Neobrasileira no planalto curitibano.	179
Figura 40 - Exemplos de como marcas físico-químicas podem se acumular nas faces internas e externas em vasilhames cerâmicos Guarani do tipo cambuchí caguabá.	196
Figura 41 - Cuscuzeiro da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas.	197
Figura 42 - Torrador e panela da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas	197
Figura 43 - Vaso e tigela/assadeira da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas.	197
Figura 44 - Potes/vasos da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas.	198
Figura 45 - Exemplos de como marcas físico-químicas podem se acumular nas faces internas e externas em vasilhames cerâmicos Guarani do tipo yapepó.	201
Figura 46 - Famílias caboclas, suas moradias e louças	202
Figura 47 - Vasilhame da coleção Araucária com morfologia de painéis de cozimento.	204
Figura 48 - Vasilhames da coleção Araucária com morfologia de tigelas e um torrador.	206
Figura 49 - Vasilhames compostos de panela e forma (cuscuzeiros) do conjunto Araucária em diferentes tipos de confecção.	210
Figura 50 - Vasilhames simples do tipo cuscuzeiro com forma e panela separadas.	211
Figura 51 - Panela de banho-maria tipo cuscuzeiro.	212

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características da cerâmica Neobrasileira.	128
Tabela 2 - Características das subfases regionais das cerâmicas Neobrasileiras...	130
Tabela 3 - Média das dimensões das louças em barro do conjunto Araucária, da coleção de Guilherme Tiburtius.....	164

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Localidades de coleta das louças em barro da coleção Araucária na área rural do município nos anos 1940.	157
Gráfico 2 - Composição morfológica das louças do conjunto Araucária, da coleção de Guilherme Tiburtius.	162
Gráfico 3 - Tratamento de superfície das louças em barro do conjunto Araucária.	171
Gráfico 4 - Localização da decoração nas superfícies externas das louças em barro do conjunto Araucária.	174
Gráfico 5 - Tipos de decoração das superfícies externas das louças em barro do conjunto Araucária.	174
Gráfico 6 - Marcas de alterações mecânicas nas louças em barro do conjunto Araucária.	194
Gráfico 7 - Marcas de alterações físico-químicas das louças em barro do conjunto Araucária.	195

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. UMA HISTÓRIA DE VIDA NAS SENDAS E OBJETOS DE UMA COLEÇÃO	29
2.1 Introdução.....	29
2.2 Breves considerações a trajetória biográfica de Guilherme Tiburtius:	31
2.3 Guilherme Tiburtius: de colecionador a pesquisador.....	38
2.4 Um novo começo em Santa Catarina	47
2.5 O museu particular de Guilherme Tiburtius.....	50
2.6 A venda do Museu Tiburtius e o nascimento do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ)	53
2.7 Considerações finais do artigo	63
Referências	64
3. ENTRE COISAS COLECIONADAS E COLEÇÕES MUSEALIZADAS	69
3.1 Introdução.....	69
3.2 Materialidade como cultura.....	72
3.3 Os objetos como fontes de informação cultural	77
3.4 Objetos, coleções e colecionadores	83
3.5 Museus e a institucionalização de bens culturais.....	90
3.6 Considerações finais do artigo	104
Referências	107
4. LOUÇA DE BARRO, PATRIMÔNIO CULTURAL FEITO À MÃO: AS CERÂMICAS HÍBRIDAS DE PRODUÇÃO PARANAENSE DA COLEÇÃO DE GUILHERME TIBURTIUS	115
4.1 Introdução.....	115
4.2 As louças de barro e suas origens	117
4.3 O PRONAPA e as cerâmicas brasileiras	122
4.4 A cerâmica Neobrasileira.....	127
4.5 Os grupos ceramistas do alto Rio Iguaçu no planalto curitibano	131
4.6 A cerâmica como elemento cultural: reflexões sobre o hibridismo nas louças em barro da coleção de Guilherme Tiburtius	136
4.7 Considerações finais do artigo	142
Referências	143
5. OS SABERES E AS PRÁTICAS NA CONFECÇÃO DAS LOUÇAS ANTIGAS EM BARRO DO CONJUNTO ARAUCÁRIA, DA COLEÇÃO DE GUILHERME TIBURTIUS	150
5.1 Introdução.....	151

5.2 Contextualização dos locais de coleta das louças de Araucária/PR.....	152
5.3 Apontamentos teórico-metodológicos sobre a análise dos atributos das peças do conjunto cerâmico de Araucária/PR	158
5.4 Vasos, potes e panelas: discussão sobre os atributos morfológicos e decorativos das louças em barro do conjunto Araucária.....	160
5.6 Considerações finais do artigo	182
Referências.....	182
6. POTES, PANELAS E CUSCUZEIROS: DISCUSSÃO SOBRE MARCAS, FUNÇÕES E USOS DAS LOUÇAS EM BARRO DO CONJUNTO ARAUCÁRIA VINCULADAS À ALIMENTAÇÃO	186
6.1 Introdução.....	187
6.2 As marcas de uso e de vestígios alimentares nos vasilhames do conjunto Araucária.....	190
6.3 Cuscuz e cuscuzeiros: saberes e fazeres da cultura (i)material nas louças em barro da coleção de Guilherme Tiburtius.....	208
6.4 Considerações finais do artigo	214
Referências	216
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
REFERÊNCIAS.....	228
APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA.....	250
ROTEIRO PARA A ENTREVISTA - FAMÍLIA TIBURTIUS	250
APÊNDICE B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	253
APÊNDICE C - EXEMPLO DAS FICHAS TÉCNO-TIPOLÓGICAS DE ANÁLISE DAS CERÂMICAS	255
ANEXO A - ESTRUTURA DO CATÁLOGO DIGITAL	259

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca aprofundar os estudos em relação aos patrimônios culturais musealizados vinculados a uma coleção de louças em barro e discutir conceitos relevantes acerca do tema, como cultura material, colecionismo, musealização e hábitos alimentares, sob a perspectiva dos saberes e fazeres de comunidades tradicionais e históricas que habitavam o Primeiro Planalto Paranaense e teciam seus utensílios em barro.

Alguns objetos, com o passar do tempo, são tratados de modo diferenciado, adquirindo outros valores simbólicos, históricos e culturais, ocasionando a sua preservação. Muitas dessas coisas entram em coleções particulares e acervos de museus por serem interlocutoras entre o passado e o presente, constituindo-se elementos representativos de identidades culturais e coletivas.

Acervos e reservas técnicas de museus preservam patrimônios culturais, os quais se constituem um precioso manancial de conhecimento que pode oportunizar inumeráveis possibilidades de conexões, sentidos e interlocuções, permitindo que informações sejam dali extraídas a cada olhar. Partindo desse pressuposto, são estudadas as louças de barro pertencentes à coleção etnográfica de cerâmicas caseiras do pesquisador e colecionador Guilherme Tiburtius, doravante GT, que se encontram no acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville SC (MASJ). Parte dessa coleção, coletada no entorno do município de Curitiba/PR no início dos anos 1940, encontra-se na reserva técnica e outra parte está na exposição Coisas a Olhar, do referido museu. Os objetos dessa coleção materializam práticas e saberes tradicionais detentores de uma riqueza de informações que podem ser lidas e interpretadas pelas lentes das teorias da cultura material, que auxiliam a preencher as lacunas culturais e sociais das comunidades indígenas e históricas que os teceram.

Dito isso, este estudo aborda elementos relacionados aos objetos cerâmicos, em específico às louças em barro de uma coleção etnográfica, enfatizando aspectos próprios da cultura e das localidades de sua origem, que mediaram a produção das peças e definiram suas características. Propôs-se como objetivo refletir sobre a constituição e as tensões em torno da coleção de cerâmicas etnográficas de GT, em uma linha sócio-histórica que contempla a figura do colecionador, o angariamento das peças, a venda da coleção à Prefeitura Municipal de Joinville/SC, em 1963, a fundação

do MASJ, em 1972, entre outros enredos que têm como protagonistas esses objetos, sem desconsiderar os aspectos culturais e patrimoniais desse conjunto.

Na perspectiva de que os objetos etnográficos possibilitam diferentes interpretações sobre as maneiras pelas quais os indivíduos se organizam coletivamente, Ferreira (2011, p. 76) compreende que grupos se organizaram em sociedades e que sua maneira de fazer pode ser compreendida pela análise descritiva e interpretativa da cultura material e das formas como criaram e fixaram seus modos de produção. Para além disso, elaboraram “critérios de circulação, armazenamento, consumo e, sobretudo, instituíram usos e significados para os objetos materiais, as coisas físicas, com as quais tiveram contato ao longo de suas existências”. (FERREIRA, 2011, p. 82). Assim, a cultura material trata de como as pessoas se tornam o que são e como enxergam o mundo (MILLER, 2013).

No que tange aos saberes e fazeres tradicionais, considera-se a indivisibilidade entre os conceitos de patrimônio material e imaterial, visto que a materialidade dos objetos perpassa pela dimensão imaterial, pois ela, de modo imaterial, já existe na mente de quem irá produzi-los. Quer dizer, os objetos, antes de serem moldados no barro, já haviam adquirido contornos e formatos no cognitivo abstrato-simbólico de quem os fez. Assim, as cerâmicas podem ser entendidas como elementos tecnológicos determinantes de um comportamento, porque a forma e a decoração são processos que nascem da abstração (RIBEIRO, 1983).

Desse modo, explorar cientificamente o corpus documental da formação e circulação da coleção etnográfica de cerâmicas constituída por GT é adentrar num espaço povoado por sujeitos, saberes, práticas e relações sociais mediadas pelos objetos. É evidenciar sua singularidade e seu sentido ao querer nomear os enlaces sociais e as tensões políticas que a tornaram possível, da oportunidade da coleta das peças até a venda da coleção para a Prefeitura Municipal de Joinville. Para Appadurai (2008), existem contextos políticos e interesses específicos no sentido mais amplo de relações, suposições e disputas relativas ao poder e à posse das coisas, vinculados à vida social dos objetos, entrelaçando-se enquanto memória e mercadoria.

Nesse sentido, Pomian (1984) coloca que as coleções são mediadoras do visível e do invisível e não dialogam apenas com seus espectadores, mas também com os contextos históricos e sociais em que foram formadas, assim como há influência de significados que reverberam ainda no tempo presente e, de certa maneira, evocam seus preceptores. As coleções possuem atributos históricos,

geográficos, sociais, estéticos e ambientais, mas também simbólicos, oriundos das experiências de compartilhamento nos ecossistemas que integram (EWBANK; LIMA FILHO, 2017).

Dessa maneira, é possível dizer que a coleção etnográfica de cerâmicas de GT possui características únicas que propiciam novas investigações, favorecendo a aquisição de informações científicas e a geração de conhecimentos, entendendo que “objetos habitam, assim como nós, um mundo social, e de que existe uma relação indissociável entre o mundo material e os humanos, em que os objetos são tratados como portadores de trajetórias e agentes de circulação social” (OLIVEIRA, 2015, p. 30). Ademais, Appadurai (2008, p. 17) entende que “embora de um ponto de vista teórico atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista metodológico são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social”. Não obstante, os museus são propulsores de significações, pois as coisas são retiradas das suas reservas técnicas e oscilam em seus sentidos conforme as narrativas se ostentam. Consequentemente, aquele conjunto de louças de barro pode ser caracterizado como um importante subsídio para pesquisas na área de patrimônios culturais musealizados e de saberes e práticas populares, envolvendo economia, hábitos alimentares, entre outras temáticas.

Ao todo, a coleção é constituída por mais de 280 exemplares coletados em diferentes localidades nas redondezas de Curitiba, entre elas Araucária, Campo Largo, Contenda, Bocaiúva do Sul, Lapa, Reserva e São José dos Pinhais. Embora de lugares distintos, as peças apresentam similaridades entre si. GT também comprou a coleção de peças etnográficas do prefeito municipal de Reserva, na região dos Campos Gerais do estado do Paraná, assim como trouxe artefatos¹ cerâmicos do litoral paranaense, deixando sua coleção de cerâmicas ainda maior.

Para este estudo, foram consideradas as louças que fazem parte do conjunto Araucária, visto que ele apresentou maior número de peças. Na reserva técnica do MASJ, atualmente estão quase todas as peças desta coleção: são potes, vasos, moringas, torradores, panelas, cuscuzeiros, entre outros objetos dotados de valores histórico e cultural que, até o presente trabalho, não foram estudados cientificamente, nem mesmo manuseados para fim semelhante ao proposto.

¹ O termo artefato, neste estudo, é usado como sinônimo de objetos feitos pela ação humana.

Além disso, a pesquisa desenvolvida no decorrer deste estudo teve como intenção, por meio da cultura material, desenvolver uma reflexão sobre a coleção citada, os patrimônios musealizados e a produção material de grupos sociais do passado, promovendo, desse modo, sua valorização cultural e a salvaguarda dos saberes e fazeres dessas comunidades tradicionais que produziam objetos por meio da olaria.

Objetivou-se, assim, investigar, através daqueles remanescentes culturais, a realidade socialmente compartilhada da coleção etnográfica de cerâmicas de GT, com a intenção de responder o seguinte questionamento: qual a origem, produção, uso e circulação das cerâmicas etnográficas da coleção de Guilherme Tiburtius antes e depois de serem acervo museológico, explorando a vida social dos objetos nos contextos históricos, culturais, sociais e políticos de sua trajetória e das apropriações por que passou? Ou seja, esta pesquisa buscou compreender os objetos daquela coleção deslocados do seu tempo e utilização, vistos como instrumentos reveladores de práticas culturais do passado, que reverberam nas reflexões da sociedade presente e na preservação da memória dos diferentes grupos sociais que a constituiu. Isso porque os objetos de coleções etnográficas são ativados como artefatos científicos capazes de testemunhar a organização social de um povo a partir de sua musealização.

Nesse sentido, tornou-se necessário investigar e interpretar a trajetória da coleção, desde sua origem/angariação até a musealização, em seus processos histórico e cultural associados à circulação, à função, aos usos e aos hábitos alimentares de comunidades tradicionais. Mais especificamente, esta pesquisa visou a classificar morfologicamente as peças da coleção, identificando suas funções, marcas e usos, em especial daquelas destinadas à alimentação e à cozinha, desejando que este estudo possa auxiliar na valorização e na preservação do patrimônio material das comunidades ceramistas tradicionais, partindo de discussões interdisciplinares acerca da constituição desse conjunto. Ademais, esta pesquisa resultou em um inventário com imagens e características da coleção estudada para poder subsidiar exposições, ações de educação patrimonial e divulgação científica, bem como um catálogo digital.

Afinal, refletir sobre a ação humana, sobre a prática e o fazer, nesta pesquisa, significou pensar nos objetos e na cultura material enquanto campo simbólico, no qual os indivíduos, ou grupos, convivem em constante interação mediada pela linguagem,

que, dessa forma, constrói significado e sentido para suas atividades cotidianas. Isso permite fazer delas um espaço de subjeções e geração de conhecimento, envolvendo trocas contínuas entre as pessoas e seu meio.

Em termos metodológicos, o desenvolvimento deste estudo se deu de modo multidisciplinar, por se tratar de uma pesquisa interdisciplinar qualitativa, fundamentada nos pressupostos teóricos e metodológicos da cultura material, que combinou revisões bibliográficas e documentais, dados etno-históricos, análises laboratoriais do conjunto Araucária e entrevistas orais. As discussões foram pautadas em teorias sociais e humanas, bem como em estudos culturais e patrimoniais que tratam o objeto cerâmico/etnográfico como elemento representativo de um fazer cultural.

As entrevistas foram realizadas mediante roteiros semiestruturados de acordo com a metodologia da história oral, descrita por Ferreira e Amado (1996), Meihy (1996) e Portelli (1997), e estão no apêndice A deste estudo. Após a realização das entrevistas, os dados foram transcritos, analisados qualitativamente e empregados na discussão dos resultados da pesquisa. Após a finalização e a entrega da tese, as entrevistas serão doadas ao Laboratório de História Oral (LHO) da Univille.

Em síntese, com a finalidade de alcançar o objetivo geral desta pesquisa e também responder o problema proposto, de início, entre os meses de maio e outubro de 2020, foi realizada uma busca bibliográfica que abordasse a produção acadêmica sobre o tema. Os bancos de dados utilizados para isso foram o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por abranger grande número de informações acadêmicas, no qual foram localizados 76 trabalhos, dos quais somente três foram utilizados, e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), que trouxe 62 trabalhos realizados, mas sem aderência à pesquisa. Para o feito, foram definidos os seguintes descritores: cerâmica, etnografia, utilitária, de contato, popular, neobrasileira, histórica, louças de barro, louças caboclas, louças populares, Paraná e paranaenses em diversas combinações. Ao constatar o baixo número de trabalhos encontrados, empreendeu-se uma busca também no Google Acadêmico, que rendeu 712 publicações, das quais foram selecionadas sete para a tese. Nessa base, não é possível filtrar da mesma maneira que nas anteriores e o processo de critérios para divulgação também não é o mesmo, entretanto, foram encontrados nela trabalhos que contribuíram com o processo de levantamento de informações que se intencionou fazer nesse estágio da pesquisa.

Num primeiro momento, foi feito o registro quantitativo dos trabalhos nos quais apareceram os descritores, a fim de se ter uma noção de quantos resultados os sistemas apontaram em relação a esse critério e, então, definir quantos seriam utilizados para este estudo. É válido destacar que vários dos descritores da pesquisa não tiveram nenhum trabalho identificado, mesmo com as combinações booleanas. Para a seleção dos materiais, foram lidos os resumos e os arquivos foram salvos no computador para, posteriormente, servirem de base bibliográfica para a discussão de alguns resultados.

Outra busca foi realizada no acervo on-line do Museu Paranaense (MUPA), por meio do sistema integrado de bibliotecas Pergamum, na tentativa de localizar informações sobre as louças da coleção etnográfica de cerâmicas de GT. Nessa ação, foram encontrados dados da coleção de cerâmicas da Colônia Mariental, do município de Lapa, constituída de 329 artefatos. Entre eles, estão fragmentos de louças arqueológicas classificadas como pertencentes às tradições Tupi-Guarani e Itararé.

Em virtude do sítio arqueológico de Mariental estar geograficamente perto dos locais de coleta das louças de barro da coleção de GT, esse acervo contribuiu com o estudo pela possibilidade de comparação de padrões decorativos e morfologia dos vasilhames. Dos seis trabalhos que tiveram aderência à pesquisa, nenhum trata de temas ligados às louças de barro e aos hábitos alimentares de comunidades tradicionais, mas têm relação direta com achados cerâmicos da tradição arqueológica Neobrasileira, enquadrados nas fases arqueológicas Lavrinha e Assungui, descrita para as cerâmicas etnográficas confeccionadas regionalmente no estado do Paraná entre os séculos XIX e XX. No entanto, não foram evidenciados trabalhos científicos correlacionados à coleção de louças históricas e etnográficas ou cerâmicas do conjunto de GT.

Do mesmo modo, foram trocados e-mails com as equipes do Museu Tingüi-Cuera e do Arquivo Histórico de Araucária, em setembro de 2020, na busca por informações sobre cerâmicas e louças feitas em barro em documentos, acervos e exposições. Em resposta, o museu informou que não possuía acervo cerâmico, apenas pontas de flecha, machados de pedra e mão de pilão de pedra, e que seria interessante escrever para o arquivo histórico da cidade, pois lá poderia haver informações sobre comunidades ceramistas ou outros dados pertinentes à pesquisa em questão.

Em outubro daquele ano, teve-se o retorno do arquivo histórico sobre os questionamentos feitos acerca dos artefatos cerâmicos da região. Foi informado que o município demanda estudo arqueológico mais aprofundado sobre essas questões e que, naquele momento, estava em andamento, em parceria com a equipe do MUPA, um estudo sobre moradias indígenas subterrâneas, mas que sobre cerâmicas ainda não havia nada. “Nem pesquisas, nem material bibliográfico e nem peças em nosso museu, somente artefatos em pedra polida”². Da mesma forma, não havia registro sobre a presença de GT na região de Araucária. Essa ausência de informações sobre as comunidades tradicionais produtoras de cerâmicas na região demonstra a relevância deste estudo para a área do patrimônio cultural paranaense.

A opção metodológica foi a de trabalhar a tese em forma de artigos que fazem referência ao tema-objeto da pesquisa desenvolvida. Assim, a tese está dividida em cinco artigos. O primeiro deles, “Uma história de vida nas sendas e objetos de uma coleção”, apresenta o colecionador e pesquisador GT, desvelando os motivos e os fatores que influenciaram a formação das suas coleções, desde a recolha das primeiras peças, em Berlim, no ano de 1907, até o seu acervo particular chegar a ser patrimônio cultural musealizado e ser inaugurado o MASJ, em 1972. Dessa maneira, foi descrita a trajetória da coleção em seus processos histórico e cultural, contextualizada a partir das entrevistas realizadas com o seu filho, Ewaldo Tiburtius, seu neto, Cláudio Tiburtius, sua colega de escrita, Iris Koehler Bigarella e a ex técnica e gestora do MASJ Maria Cristina Alves, das demais entrevistas pretéritas pertencentes ao acervo do MASJ, bem como de documentos, manuscritos, correspondências, publicações, manchetes de jornais e pertences pessoais do colecionador.

A narrativa está organizada de modo que aborda as experiências vividas por ele entre os estados do Paraná e de Santa Catarina e as tensões e os jogos de interesse em relação à organização, à fruição e à venda de sua coleção à Prefeitura Municipal de Joinville. Para tanto, foram mobilizadas referências bibliográficas como Adolfo Bernardo Schneider (1990), os arquivos de GT publicados pelo MASJ (1996), artigos de jornais publicados nos anos 1950 e 1960 sobre ele e sua coleção, suas correspondências pessoais e as entrevistas orais citadas.

² PREFEITURA DE ARAUCÁRIA. História do município. Disponível em: <https://araucaria.atende.net/#!/tipo/página/valor/49>. Acesso em: 23 nov. 2019.

O segundo artigo, “Entre coisas colecionadas e coleções musealizadas”, aborda descritivamente elementos importantes para a fundamentação da pesquisa, que sustenta teoricamente as discussões da tese. Além disso, reúne definições que destacam as funções e os valores agregados aos objetos nas perspectivas histórica, cultural e simbólica e na formação de coleções. Ademais, visa a fornecer provocativas questões sobre como os objetos naturais e feitos pelos seres humanos chegam a definir a relação com o mundo que os cerca, explorando a ambiguidade das coisas, sua funcionalidade, sentidos e valores à luz de teóricos como Olsen (2003), Hodder (1987-2012), Ingold (2007, 2015), Tilley (1990-2008), Miller (1994, 2013), Woodward (2007) e Latour (2009; 2012). Apesar de esses autores abordarem o tema de forma diferente, todos almejam superar as macro dicotomias contidas nos binômios objetos-coisas, sociedade-cultura e cultura-natureza, acreditando que esses elementos dicotômicos são constitutivos entre si, sustentando a vida por meio das relações socioculturais não essencialmente humanas, atentos às ponderações das diferentes materialidades e temporalidade da cultura e agência entre humanos e não humanos. Meneses (1983, 1984, 1998, 2009), Le Goff (1998; 2005), Olsen (2003), Woodward (2007), Geertz (2008), Lima (2011) e Ostrower (2012), por exemplo, sustentam as colocações da materialidade como cultura, documento e fonte histórica.

No tocante a coleções, foram acionados Pomian (1984), Blom (2003), Pearce (1994), Soares (2012) e Oliveira (2013, 2017), entre outros autores, buscando compreender por quais meios coleções privadas que nascem de uma tendência pessoal, formada ao sabor dos mais diversos propósitos, acabam no acervo de museus, em uma fruição pública. Por fim, é tratada a institucionalização de bens culturais e os museus como agentes de preservação patrimonial através das colocações de Prats (1998, 2005, 2006), Chagas (2005), Poulot (2003, 2009), Debary (2010) e Padilha (2014), apresentando aspectos da coleção das louças de barro de GT que compõem o acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e o processo de atribuição de valor aos bens culturais.

O terceiro artigo, “Louça de barro, patrimônio cultural feito à mão: as cerâmicas híbridas de produção paranaense da coleção de Guilherme Tiburtius”, assim como o anterior, é estruturante para a pesquisa, pois traz os estudos sobre a produção das cerâmicas e seus desdobramentos, do período antigo ao contemporâneo. Do mesmo modo, versa sobre os estudos cerâmicos brasileiros, com um recorte acerca dos saberes e fazeres das comunidades tradicionais ceramistas do Primeiro Planalto

Paranaense, contextualizando os trabalhos feitos em barro, caracterizados como cerâmicas populares de produção local ou regional. A temática e o desenvolvimento desse capítulo auxiliam o artigo seguinte, que aborda achados cerâmicos etnográficos na região supracitada. As louças de barro utilitárias, segundo Chmyz (1976), são uma tradição arqueológica de cerâmicas regionais basicamente para utilização doméstica, com marcadores e elementos próprios desenvolvidos após o contato com os colonizadores europeus no século XVI e que persiste até os dias atuais. Como aporte bibliográfico, foram usados os escritos de Brancante (1981), Lévi-Strauss (1983), La Salvia e Brochado (1989), Cooper (1999), Chavarria (2004) e Aparó (2010) na narrativa sobre o desenvolvimento e a história da cerâmica. Para a contextualização da cerâmica e das louças de barro no território brasileiro, foram acionados Herta Scheuer (1976), Dias Junior (1983), Chmyz (1971, 1976, 2003, 2008, 2009, 2011), Chmyz *et al.* (2009), em seu vasto manancial de obras e relatórios de salvamentos arqueológicos, e Prous (1992), bem como os estudos de Parellada (1997, 2006, 2007, 2008, 2018), Volcov (2011) e Noelli e Sallum (2019, 2020), entre outros. Para discussões sobre louças de barro como marcador cultural dos povos, foram utilizados os escritos de Arévalo (2004), Gonçalves (2005, 2007), Ingold (2012, 2015), entre outros. Os documentos utilizados foram os cadernos de pesquisas, as correspondências e o acervo fotográfico do colecionador GT.

O quarto artigo, “Os saberes e as práticas na confecção das louças antigas em barro do conjunto Araucária, da coleção de Guilherme Tiburtius”, apresenta a análise do conjunto de cerâmicas de Araucária de sua coleção. Esse acervo se subdivide em 15 subconjuntos, perfazendo um total de 175 vasilhames, sendo eles vasos com e sem alças, potes de diversos tamanhos, tigelas, torradores, panelas, pratos, jarros, cuscuzeiros, entre outros objetos.

Para caracterização e procedência desse conjunto, foram feitas análises nos cadernos de campo de GT, nas fichas catalográficas do MASJ, nos documentos pessoais, correspondências e publicações realizadas pelo pesquisador sobre a coleção de cerâmicas em questão e em estudos de salvamentos arqueológicos desenvolvidos na região de Araucária e em municípios circunvizinhos, de modo a levantar informações sobre o angariamento das peças da coleção naquele território. Como será publicado como subproduto deste estudo um catálogo digital, cada cerâmica foi fotografada individualmente pelo fotógrafo Daniel Machado. Para a produção fotográfica das peças cerâmicas, foram utilizados equipamentos de

iluminação de disparo via rádio, com acessórios para difusão da luz. Os equipamentos de iluminação foram posicionados de forma a evidenciar a textura e a volumetria das peças, as quais foram dispostas em fundo branco infinito (sem vinco de separação entre superfície e parede). Para captura das fotografias, foi utilizada câmera fotográfica Digital Single Lens Reflex (DSLR), da marca Canon, modelo 5D mark III, com lente Canon 100mm macro, série L.

As peças também foram analisadas seguindo as técnicas metodológicas tradicionalmente aplicadas às análises arqueológicas de cerâmicas sugeridas por Chmyz (1976), Scheuer (1969,1976), Dias Jr. (1988) e La Salvia e Brochado (1989) e comparadas a estudos similares realizados por Parellada (1995), além de estudos de Noelli e Sallun (2019), a fim de identificar influências regionais/locais, tecnologia, estilo e morfologia no desvelar dos valores histórico e cultural dessas louças.

Para observação e coleta dos demais dados e atributos pertinentes à pesquisa, utilizou-se lupa binocular, com aumento de 20x e 40x, paquímetro analógico, fita métrica flexível, balança digital LD-1050-Líder e ábaco em semicírculo medidor de diâmetros, graduado em intervalo de 1 a 2 cm, usado para medir bordas e bases. Além da observação realizada com lupa binocular, alguns dos vasilhames cerâmicos foram fotografados, utilizando microscópio digital, para o exame do antiplástico contido na composição de sua pasta.

Para a investigação dos fragmentos cerâmicos, foi elaborado um formulário, em arquivo Excel, com base no formulário de análise de artefatos cerâmicos utilizado no MASJ e demais pesquisas realizadas que envolveram análises de objetos cerâmicos, como as desenvolvidas por Neumann (2011), Borba (2013), Vasconcelos (2017) e Almeida (2017). Esse formulário foi adaptado ao objetivo da pesquisa em questão, por isso, algumas categorias de análise foram acrescentadas e outras, subtraídas. Para observação de vestígios de pigmentos de tintas ou corantes, foi utilizado o aplicativo DStretch, que permite a visualização dos pigmentos pela utilização dos seguintes filtros: CRGB (para vermelhos), YDT (uso geral), YRD (para vermelhos), YBK (para pretos), YRE (para vermelhos), YYE (para amarelos), YWE (para brancos) e RGB0 (para vermelhos) — algumas das peças do conjunto Araucária apresentam esses padrões de pigmento, sendo predominantes o vermelho e o preto.

Por fim, no quinto artigo, “Potes, panelas e cuscuzeiros: discussão sobre marcas, funções e usos das louças em barro do conjunto Araucária vinculadas à alimentação”, conta-se sobre o uso dessas louças de barro enquanto objetos

reveladores de hábitos alimentares, descrevendo a forte ligação das cerâmicas populares à tradição alimentar. Na busca pela relação dessas louças aos hábitos alimentares de comunidades rurais tradicionais, buscou-se identificar a função/utilização de acordo com a morfologia das peças e as marcas de uso, pautadas nos escritos de Skibo (1992, 2013), Tiburtius (1968), Scheuer (1976), Neumann (2009, 2011), Dantas e Lima (2014), Vasconcelos (2017), entre outros autores. Isso porque os objetos em barro sempre estiveram presentes na origem e no cotidiano de comunidades tradicionais de modo utilitário. Peças como moringas, vasilhas, panelas, frigideiras, cuscuzeiros e potes serviam para guardar água e sementes e para preparar, cozer e servir alimentos, assim como outros objetos estavam vinculados a diversos fazeres domésticos, ritualísticos e cosmológicos.

De modo interdisciplinar, os conceitos de valor e de patrimônio foram mobilizados ao longo dos artigos da tese e relacionados ao entendimento de patrimônio, não somente ao objeto (tangível ou intangível), mas também à sua materialidade processual, que pode ser compreendida por ordem histórica, uma vez que se “constitui relativamente à sua inserção a um complexo histórico e cultural (simbólico e imaginário) de cada sociedade”, visto que se discute um patrimônio musealizado que foi produto do trabalho humano (BORGES; CAMPOS, 2012, p. 114). Por esse processo, já carrega em si mesmo valor, sendo ele conceitual/simbólico desde o momento em que é pensado/desejado na mente do seu agente, perpassando por toda uma cadeia operatória de sentidos, até chegar ao descarte/desuso/ressignificação.

Toda essa dinâmica na vida de um objeto acontece dentro de um meio social que, por natureza, é um sistema dinâmico gerador de diferentes valores. “É neste sentido que podemos conceber o patrimônio como valor-coisa e não coisa-valor, isto é, em que valor é intrínseco e inalienável na coisa enquanto produto cultural”, por ser parte de um processo do fato social-histórico capaz de ressonar (BORGES; CAMPOS, 2012, p. 114). Diante disso, também foram articulados autores como Choay (2011), Guarnieri (2010), Fonseca (2009), Abreu e Chagas (2009), Gonçalves (2007), Davallon (2006, 2014), Marx (1988), entre outros. O conceito de valor extraído da teoria marxista passou a ser utilizado conforme a descrição de Borges e Campos (2012, p. 116), de que valor na discussão patrimonial

equivale ao trabalho humano, ou à substância social inerente a cada coisa que existe no mundo humano. Isto significa que cada coisa humanamente produzida incorpora essa substância social (histórica, cultural, na forma de uma fração do valor que, como tal, só existe (conceitualmente) na sociedade em seu conjunto). O que é o mesmo que dizer que cada sociedade, em seu tempo ou a cada tempo, produz para si mesma seu conjunto de valores.

Como resultado, almeja-se trazer uma discussão interdisciplinar acerca da constituição biográfica da coleção etnográfica de cerâmicas de GT, bem como contribuir com a etno-história das comunidades produtoras de cerâmicas populares do estado do Paraná por meio do registro documental de seus saberes e fazeres, contextualizando usos e funções das louças de barro e as práticas alimentares de comunidades tradicionais rurais. Do mesmo modo, o intuito é gerar conhecimentos que possam subsidiar pesquisas futuras sobre o tema e sua inserção no meio das discussões de patrimônios musealizados. Nesse sentido, pretende-se reforçar a importância do desenvolvimento de estudos interdisciplinares a partir dos acervos dos museus que compõem o patrimônio cultural brasileiro. E, por fim, constituir um catálogo da coleção estudada para compor o acervo digital do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e do Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico da Univille.

2. UMA HISTÓRIA DE VIDA NAS SENDAS E OBJETOS DE UMA COLEÇÃO

RESUMO

Este artigo apresenta aspectos da história de vida do pesquisador e colecionador germânico Guilherme Tiburtius, que se destacou na arqueologia brasileira por organizar, ao longo de 40 anos de pesquisa e de coletas pessoais nos estados do Paraná e de Santa Catarina, uma das mais significativas coleções sobre a história nacional. Mediante revisão de literatura e pesquisa documental, são abordados aspectos relacionados às práticas de pesquisa e de colecionismo ao longo da vida de Tiburtius, apresentando características e significados do ato de colecionar, bem como processos e motivações. Desse modo, pode-se dizer que Tiburtius desenvolveu uma relação muito peculiar e intensa com os objetos históricos, arqueológicos e etnográficos da sua coleção, que estiveram associados às experiências pessoais e às tensões vividas por ele em torno da constituição, disputa e venda do seu acervo pessoal ao município de Joinville/SC, que, no ano de 1972, deu origem ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ).

PALAVRAS-CHAVE: Guilherme Tiburtius, colecionismo, museu, MASJ.

ABSTRACT

This chapter presents Guilherme Tiburtius' life story. He was a German researcher and collector, who stood out in the history of Brazilian archeology for organizing, over forty years of research and personal collections in the states of Paraná and Santa Catarina, one of the most significant collections on national prehistory. Through a literature and documentary review, aspects related to research and collecting practices throughout Guilherme Tiburtius' life were addressed, presenting respective characteristics and meanings to the collecting act, as well as processes and motivations. In this way, it can be said that Tiburtius developed a very peculiar and intense relationship with the historical, archaeological and ethnographic objects in his collection, which were associated with personal experiences and the tensions he experienced around the constitution, dispute and sale to Joinville-SC, which in 1972 gave rise to the Joinville Sambaqui Archaeological Museum (MASJ).

KEYWORDS: Guilherme Tiburtius, collecting, museum, MASJ

2.1 Introdução

O desejo de colecionar coisas e objetos já se manifestava na vida de Guilherme Tiburtius (GT) desde a juventude em Berlim, na Alemanha. No entanto, foi em terras brasileiras, na Colônia Anitápolis, que ele deu início a suas coleções de objetos achados na mata e outros trocados com indígenas que habitavam aquela região. Como a vida naquela colônia não se mostrava promissora, GT, que aprendeu as técnicas da carpintaria com seu pai, decidiu ganhar a vida como marceneiro na capital paranaense, que estava em franco desenvolvimento no fim da década de 1920. Em terras curitibanas, o começo da sua vida profissional não foi como o esperado, mas, com persistência, constituiu família e deu início a uma pequena produção de objetos

em marchetaria, que logo se transformou em uma fábrica de artefatos em madeira que chegou a empregar aproximadamente 100 funcionários para atender a alta demanda em torno da fabricação de abajures e objetos diversos entalhados em nós de pinho, conforme exemplo mostrado na figura 1.

Figura 1 - Tucano entalhado por Guilherme Tiburtius que foi dado de presente ao casal João José e Iris Bigarella na década de 1940.



Fonte: Acervo pessoal de Bigarella (2022).

Em meio às madeiras compradas do entorno de Curitiba para sua fábrica, Tiburtius também recebia dos entregadores artefatos feitos em rochas e pedras, que eram achados por eles em meio à lavoura ao ararem o solo para o plantio. Objetos etnográficos fascinavam Tiburtius, que já os colecionava desde os primeiros achados, em Anitápolis, de pedras afiadas e pontas de flechas. Curioso com a alta oferta desses tipos de artefatos, decidiu começar a visitar as regiões adjacentes a Curitiba na busca por objetos que, depois, passaram a compor sua coleção.

Desse modo, no início dos anos 1940, enquanto coletava peças no Primeiro Planalto Paranaense, iniciava também suas primeiras expedições com angariações de artefatos arqueológicos, frutos de achados fortuitos e vindos do desmonte de sítios arqueológicos usados como material de aterro para a pavimentação de estradas no litoral paranaense. Cabe salientar que cada artefato foi rigorosamente registrado em

seus cadernos de pesquisas, com informações de data de entrada na coleção, procedência, desenho e descrição de características, entre outros atributos que favorecem a pesquisa científica em seus acervos documentais. O colecionismo foi marcante na trajetória de vida de GT. Em suas atividades e produções científicas enquanto pesquisador, ficou evidente o esforço em adquirir e salvaguardar os objetos de sua coleção para que dela, no futuro, fossem extraídos novos conhecimentos nas mais diversas áreas do saber: “Um tesouro reunido para as gerações futuras” (ALVES, 2021, p. 6).

A dificuldade financeira, tanto para a aquisição das peças quanto para a manutenção do acervo reunido, foi enfrentada por Tiburtius. No entanto, o que lhe causou maior descontentamento foram algumas tensões vividas no período de formação das suas coleções e da formalização do campo da arqueologia acadêmica paranaense, representada pela figura de Loureiro Fernandes (JOINVILLE, 1996). Naquele período, o então diretor do Museu Paranaense (MUPA) não reconhecia o trabalho de GT, descrevendo-o como predatório e amador. Essa e outras situações, como sua nacionalidade alemã, fizeram com que Tiburtius transferisse suas atividades de pesquisa e coleta de materiais do Paraná para o estado de Santa Catarina, onde residiu por um tempo em Joinville, município em que seu filho Edgar já morava e onde ele tinha um bom relacionamento social, pois em sua coleção havia peças arqueológicas coletadas em sambaquis da região. Assim, no fim dos anos 1960, com recursos próprios, GT já havia reunido aproximadamente 15 mil artefatos de natureza histórica, etnográfica e arqueológica coletados entre os dois estados.

A vinda de GT a Joinville suscitou um desejo antigo de seu amigo, o historiador joinvilense e entusiasta da cultura local Adolfo Bernardo Schneider, de que a cidade adquirisse a coleção e que, a partir dela, construísse um museu arqueológico. Então, após diversas tratativas, o município comprou a coleção de GT no ano de 1963, através da Lei Municipal nº 620, pelo valor de 5 milhões de cruzeiros. E, nove anos mais tarde, inaugurou o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ).

2.2 Breves considerações a trajetória biográfica de Guilherme Tiburtius

Guilherme Augusto Emílio Tiburtius nasceu no dia 17 de outubro de 1892 e viveu até sua adolescência próximo à Igreja da Recordação, *Kaiser-Willhelm-Gedächtniskirche*, o Memorial do Imperador, no centro da *Breitscheidplatz*, em Berlim.

Essa igreja é uma homenagem ao rei Guilherme I, da Alemanha, construída originalmente em 1890. Ela foi parcialmente destruída na Batalha Aérea de Berlim, durante a Segunda Guerra Mundial, restando apenas a torre do edifício original. Tiburtius cresceu em um país que vivia o fortalecimento do Estado-nação após a unificação do território germânico, que buscava proativamente o desenvolvimento político, econômico e industrial e que primava pela formação escolar e universitária dos cidadãos (JOINVILLE, 1996; SILVA, 2017).

Guilherme, filho mais velho do casal Hermann Franz Carl Christian Tiburtius e Marie Anna Auguste Plehser, teve como irmãos Germano e Erick. Quando adolescente, se interessava por cultura, história e ciências naturais. Chegou a iniciar os estudos em engenharia arquitetônica, mas não os concluiu. Sempre que podia, visitava museus e zoológicos e assistia a palestras de missionários que voltavam do exterior e compartilhavam sua experiência em terras estrangeiras. Inclusive, tinha uma preferência pelo Museu Etnológico de Berlim (*Ethnologisches Museum*) (JOINVILLE, 1996; TIBURTIUS, 2022).

Na intenção de saciar sua curiosidade juvenil sobre outras culturas que existiam no mundo, quando possível, auxiliava no descarregamento de mercadorias que chegavam às embaixadas da China e do Sião, que ficavam próximas à sua residência. Assim, tinha a oportunidade de contemplar e conhecer as coisas e os objetos quando eram abertas as caixas repletas de mercadorias asiáticas que se diferenciavam da cultura local e de tudo que ele já conhecia, bem como conseguia apreciar um bom chá servido em xícaras de porcelana. Ao findar o serviço, ganhava lembranças as quais guardava com zelo e com anotações de sua procedência estrangeira (JOINVILLE, 1996).

Da mesma forma, sempre que permitido, realizava excursões com seu pai para explorar os arredores de Berlim. Em uma dessas saídas, em um campo de beterrabas em Harz, uma localidade montanhosa na Alemanha central, encontrou seu primeiro machado de pedra polida³, tendo que entregá-lo ao museu local. Nesse sentido, como

³ Machados de pedra são ferramentas primitivas feitas de materiais minerais classificados pela arqueologia como pertencentes à indústria lítica. Os machados de pedra são uns dos vestígios arqueológicos mais abundantes da nossa pré-história. Os fazedores de machado foram “hominídeos que tinham talento para moldar as pedras... e por assim fazer, criar instrumentos que iriam recortar o mundo. Esta capacidade fazedora-de-machados de realizar coisas na ordem apropriada é um dos muitos talentos naturais da humanidade” (BURKE, James; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 350).

descreveu no prólogo da obra “Arquivos de Guilherme Tiburtius”, publicada pela Fundação Cultural de Joinville em 1996, ele já se considerava um colecionador desde jovem (JOINVILLE, 1996; TIBURTIUS, 2022). É possível que tenha sido essa experiência do encontro com o machado de pedra que fez GT despontar para a jornada singular e genuína que viveu. De acordo com Lopes (2010, p. 382), “o colecionismo pode ser definido como o hábito de juntar ‘coisas’ que possuem propriedades ou características comuns e que servem para conhecer o mundo”. E era essa vontade de conhecer as coisas do mundo que GT demonstrava ter.

A vida na Alemanha não foi promissora para os Tiburtius, por isso, a partir de uma proposta de trabalho feita por um agenciador de imigrantes, Hermann Tiburtius, carpinteiro de profissão, embarcou para o Brasil pela primeira vez com sua família em 1909 para prestar serviço de entalhador de móveis no Palácio do Governo de Minas Gerais, estabelecendo-se em uma fazenda de nome Jatobá. Na região, ao arar a terra para o plantio de subsistência, GT encontrou mais de 20 machados em pedra polida de tamanhos variados, os quais guardou para si. Em 1910, quando finalizado o contrato de serviço de Hermam e sua esposa, Marie, que sentia saudades da terra materna, decidiram voltar à Europa com seus filhos. No entanto, antes do embarque para a Alemanha, GT devolveu à terra os artefatos achados devido ao peso e à dificuldade de transportá-los (JOINVILLE, 1996, p. 16).

Figura 2 - Fachada da carpintaria de Hermann Tiburtius em Berlim nos anos 1900.



Fonte: Arquivo pessoal da família Tiburtius (2022).

O retorno à cidade natal não foi como o esperado, e a família teve dificuldades para se adaptar em Berlim novamente. Assim, após um intervalo de apenas cinco meses, os Tiburtius já estavam voltando definitivamente para o Brasil. Ainda em 1910, partiram pelo porto de Trieste, na Itália, navegando pelo “Mediterrâneo azul, outra vez para a Ilha das Flores (RJ) e depois com um navio costeiro até Desterro (SC) e de lá para o galpão de imigrantes da colônia Anitápolis em Santa Catarina”, fixando-se, por poucos anos, nesta colônia (GAZETA DO POVO, 1979, p. 11). As colônias de imigrantes do Sul do Brasil foram o destino de muitas famílias europeias, de acordo com Seyferth (1999, p. 3), entre os anos de 1850 e 1938: “Não houve interrupção do fluxo, entrando no país entre 1 e 2 mil alemães por ano [...] na década de 1920 registrou-se um fluxo mais intenso, cerca de 75.000 imigrantes”. Aproximadamente 235 mil imigrantes povoaram as terras nacionais naquele período (SILVA, 2017).

Anitápolis, a 110 km de Florianópolis, capital catarinense, foi um dos núcleos coloniais abertos em 1907 e abrigou mais de 500 famílias europeias que imigraram para o Sul do país em busca de novas oportunidades. O Núcleo Colonial Anitápolis foi considerado um local ideal para receber imigrantes que buscavam meios de viver em outro lugar. “Com terra abundante e a chegada maciça do europeu até 1914, foi considerada uma nova pátria, calcada nos moldes de uma nova legislação para a imigração” (BOEIRA, 2013 p. 122).

No entanto, a vida na colônia, naquele período, não foi promissora. “Nos primeiros anos, resultaram em episódios de revoltas e embates entre os colonos ‘geralmente liderados pelos germânicos’ e a direção do Núcleo Colonial” (BOEIRA, 2013 p. 123), além de “revezes que os migrantes sofriam por conta das tensões cotidianas, causadas pelos desentendimentos entre as etnias, entre migrantes e indígenas” (BOEIRA, 2013, p. 119). Ademais, as terras eram “acidentadas e íngremes, o que permitia apenas trabalho e plantio com enxadas”, e a região sofria com a invasão dos “gafanhotos peregrinos, que por vezes devastavam as plantações” (JOINVILLE, 1996, p. 16).

Contudo, a alimentação primária dos colonos era garantida pela criação de galináceos, porcos selvagens e antas caçadas nas proximidades das matas que abrigavam os índios. GT, como ocupação na colônia, caçava ao invés de trabalhar na lavoura. A figura 3, a seguir, mostra ele segurando a espingarda usada no abate dos animais durante suas caminhadas ao longo do Rio Ladeira. Junto à mata, espreitava caças para abater e observava os indígenas que vagueavam por ali (TIBURTIUS,

2022). A presença dessas tribos indígenas na região fez GT acreditar que na nova terra seria fácil encontrar peças interessantes para dar sequência à sua coleção. Em 1911, naquelas terras, recolheu as primeiras pedras afiadas de ponta de flecha. No entanto, a morte prematura de seu pai, em 1912, o aumento das dificuldades enfrentadas naquela colônia e a falta de oportunidades de trabalho nas cidades próximas fizeram com que ele, em uma jornada a pé, fosse a Curitiba, que, segundo os relatos do período, era um lugar promissor. No caminho, por alguns meses permaneceu na cidade de Criciúma/SC, trabalhando nas minas de carvão para conseguir o recurso necessário para suportar o restante do trajeto (JOINVILLE, 1996; TIBURTIUS, 2022).

Figura 3 - Guilherme Tiburtius segurando a espingarda de caça na Colônia Anitápolis, em Santa Catarina, em 1910.

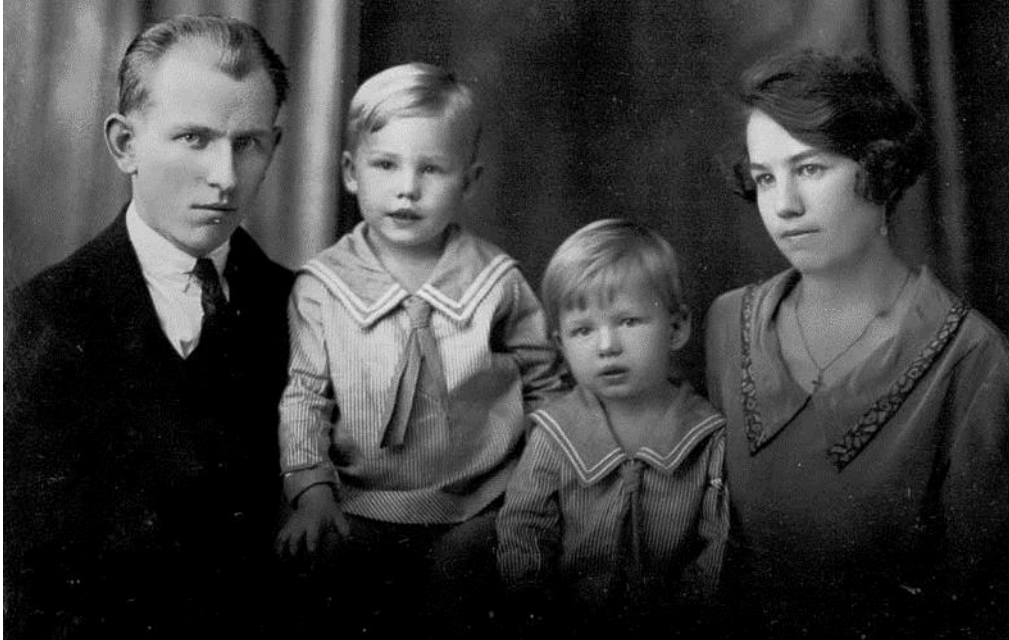


Fonte: Arquivo pessoal da família Tiburtius (2022).

Na capital paranaense, inicialmente GT trabalhou como jardineiro para uma família abastada da sociedade curitibana, até encontrar um emprego mais promissor. Mesmo fazendo outros pequenos serviços, seus ganhos não eram suficientes para os gastos com a pensão onde residia: “Trabalhei muitas horas de serão para poder sobreviver, mas progredi aos poucos” (JOINVILLE, 1996, p. 17). Em 1921, sua mãe e seus irmãos decidiram se mudar para Curitiba e unir a família novamente. Com a vida se organizando, GT casou-se com a joinvilense Clara Shipeers, em 1923, com quem teve dois filhos (figuras 4 e 5), e, a partir de suas economias, deu início à sua fábrica de artefatos em madeira, a Tiburtius e Cia (figuras 6 e 7), com a produção de

marchetarias, porta-joias, abajures feitos em nó de pinho, entre outros objetos decorativos em madeira brasileira (JOINVILLE, 1996; TIBURTIUS, 2022).

Figura 4 - Guilherme Tiburtius com a esposa, Clara Shipeers, e os filhos, Ewaldo e Edgar, na década de 1930.



Fonte: Arquivo pessoal da família Tiburtius (2022).

Figura 5 - Guilherme Tiburtius com a esposa, Clara Shipeers, os filhos, Ewaldo e Edgar, suas noras e netos na década de 1960.



Fonte: Arquivo pessoal da família Tiburtius (2022).

Figura 6 - Fábrica de artefatos em madeira de Guilherme Tiburtius em Curitiba/PR na década de 1920.



Fonte: Arquivo pessoal da família Tiburtius (2022).

Figura 7 - Fábrica de artefatos em madeira de Guilherme Tiburtius em Curitiba/PR na década de 1920.



Legenda: A seta na fotografia aponta GT acompanhando os trabalhos na linha de produção.
Fonte: Arquivo pessoal da família Tiburtius (2022).

Os nós de pinho, assim como as demais madeiras, eram entregues na fábrica por homens moradores de localidades do entorno de Curitiba que, seguidamente, vinham de Umbará e Rio Verde, localizadas próximo à Araucária. Segundo a publicação de Joinville (1996), a maioria desses homens se parecia com índios e outros eram descendentes de imigrantes e, junto com as encomendas de madeira, levavam a ele machados em pedra, encontrados na terra, que afloraram com o

trabalho do arado. Até então, entregavam as peças sem nenhum custo (MASJ, 1992; JOINVILLE, 1996; TIBURTIUS, 2022).

2.3 Guilherme Tiburtius: de colecionador a pesquisador

Certa vez, ao acertar o pagamento de uma carga considerável de madeira de Rio Verde, trazida por um senhor polonês e seu filho, Stanislaw, Tiburtius iniciou suas expedições no Paraná em busca de artefatos para sua coleção. Stanislaw, ao ver machados em pedra em cima da escrivaninha de GT, disse a ele que essas peças eram frequentemente encontradas nas lavouras e nas plantações, bem como em campos vizinhos à propriedade da família. Sabendo disso, quando teve a primeira oportunidade, GT foi a Rio Verde, de bicicleta, ver as peças reunidas por Stanislaw, as quais comprou, pagando por elas a quantia de 20 mil-réis. “Na época, era muito dinheiro, foi o primeiro grande pagamento que fiz por achados como esses. A notícia correu rápido entre os jovens, fato que mobilizou muitas pessoas a reunir artefatos para a venda. Assim, fui várias vezes até lá de bicicleta” (JOINVILLE, 1996, p. 17).

Figura 8 - Peças reunidas por Stanislaw



Legenda: A primeira imagem, à esquerda, mostra Stanislaw junto aos achados em rocha. Depois, ao centro, está a carroça utilizada para transportar as peças coletadas. Por fim, à direita, uma das cabanas visitadas por Tiburtius nos anos 1940. Fonte: Acervo MASJ (JOINVILLE, 1996).

A partir de então, em meados dos anos 1930, GT começou a dar corpo à sua coleção etnográfica e intensificou suas atividades como pesquisador. Ele não concluiu seu curso universitário, nem possuía outras formações específicas, mas como autodidata, muito dedicado e destinado a preservar objetos e artefatos referentes à memória dos “indígenas” e à história da região, reuniu conhecimentos que lhe permitiram aprimorar-se como colecionador e pesquisador. Para Benoist (1971, p. 8), um colecionador propriamente dito “[...] é um fanático, um apaixonado que quer reunir

tudo em sua área [...], se o colecionador for um homem de gosto, ele se torna um “conhecedor” e ao mesmo tempo um especialista, capaz de demonstrar as habilidades na área de sua especialidade”. Essas características apontadas por Benoist podem ser observadas nas vivências de GT. E é possível dizer que sim, ele se tornou um exímio conhecedor da área que se dedicou a pesquisar.

Naquele período, os custos e as despesas de aquisição das peças e de viagens de bicicleta foram providos pelo próspero negócio. A fábrica obteve crescente sucesso e chegou a empregar 100 colaboradores. Porém, com a chegada da Segunda Guerra Mundial e da “indústria de plástico”, GT obrigou-se a encerrar as atividades na Tiburtius e Cia (JOINVILLE, 1996, p. 15). Cabe lembrar que, durante o estado de guerra, os estrangeiros que viviam no Brasil, especificamente alemães, japoneses e italianos, foram tratados como inimigos, sofrendo repressão por parte das autoridades do Estado Novo (FAVERI, 2006; SILVA, 2017).

Mesmo com a fábrica fechada, GT continuou com suas incursões, ora de bicicleta, ora de carroça, como visto na figura 8, ora de carro, na companhia de seu filho mais velho, Ewaldo, na busca por achados etnográficos e arqueológicos. De acordo com ele, na Estrada da Serra, a cerca de 15 km de Curitiba, buscou

achados de superfície tirados da terra com arado ou a enxada [...] grande número de fragmentos [...] nenhum ornamento perfurado, bem como, pontas de flechas de pedra. Dessa região vieram muitos machados de pedra, outros objetos cortantes de tamanhos variados, bem como pequenos instrumentos indefinidos, igualmente de pedra [...] A agricultura modernizava-se, arados maiores rasgavam cada vez mais profundamente a terra. Deste modo muitos objetos de pedra vieram à luz do dia (JOINVILLE, 1996, p. 18-19).

A busca de GT por esses artefatos foi incessante por longos anos. Entre 1932 a 1961, sua coleção somava 831 peças em rocha, entre machados, pilões e outros objetos. Somente no ano de 1941, em uma das suas últimas viagens entre a região de Araucária, Areia Branca e Lapa, é que encontrou louças artesanais feitas de barro em cabanas abandonadas pela população rural da região, conforme visto na figura 8. Nessa incursão, adquiriu 316 vasilhames, de diversas formas, pelo valor de 1 mil-réis por centímetro de diâmetro — a figura 9, na sequência, ilustra parte das louças já organizadas na coleção. As notícias da compra de objetos históricos se espalharam e, por meio de um viajante, GT ficou sabendo que o prefeito da cidade de Reserva, Manoel Francisco Gomes, queria vender seu museu particular. (JOINVILLE, 1996).

Assim, em janeiro de 1944, por intermédio de seu filho Ewaldo, foi feita a compra, pelo valor de 10 mil-réis, de centenas de artefatos de valor arqueológico, histórico e etnográfico. Por esse feito, Tiburtius sofreu críticas pelo então diretor do Museu Paranaense, Loureiro Fernandes, que não via com bons olhos a organização de coleções particulares e também tinha interesse em incorporar o acervo de Gomes ao MUPA (CECCON, 2011).

Figura 9 - Crânios e vasilhames em cerâmica expostos para visitação no Museu Tiburtius.



Fonte: Acervo MASJ (JOINVILLE, 1996); Novais (30/09/1956).

Ao longo de 20 anos, GT fez aquisição remunerada de aproximadamente 1.490 peças para sua coleção particular. Em sua maioria, os artefatos foram trazidos por camponeses de localidades do entorno de Curitiba. Em outros momentos, ele se deslocava para buscá-los. “O mais importante é que de cada peça foi anotado exatamente o local onde foi encontrada” (JOINVILLE, 1996, p. 24). Tiburtius foi e ainda é uma referência para estudos da história do Sul do país. Para Ceccon (2011, p. 17), o acervo cerâmico reunido por ele é, atualmente, um “valioso referencial para o estudo da arte oleira popular”. No entanto, a alegria de colecionar objetos, na percepção de GT, somava-se a outro acontecimento: a possibilidade de escavar objetos arqueológicos, do “chamado Homem do Sambaqui [...] moradores da costa marítima há milhares de anos”⁴ (TIBURTIUS, 1996, p. 24). Assim, no início dos anos 1940, enquanto coletava peças no Primeiro Planalto Paranaense, iniciava suas primeiras expedições com angariações de artefatos arqueológicos, frutos de achados fortuitos e vindos do desmonte de sítios. Então, no ano de 1944, GT já contava com

⁴ Embora diversos quanto à composição e ao tamanho, construídos em encostas ou planícies, os sambaquis ocorrem no mundo todo, sendo que no Brasil encontram-se distribuídos do Rio Grande do Sul até a Bahia e do Maranhão ao Pará. Além disso, “[...] tais sítios vêm sendo considerados nos últimos anos como estruturas intencionalmente construídas, plenas de significações simbólicas para seus construtores” (DE BLASIS *et al.*, 2007). Os sambaquianos são um dos mais antigos povos a ocuparem o litoral brasileiro (GASPAR, 2000).

aproximadamente 1.000 peças colhidas nos planaltos do Paraná e de Santa Catarina (JOINVILLE, 1996). Naquele mesmo ano, pela primeira vez, no município de Matinhos/PR, GT pôs os olhos em um sambaqui e viu o tanto de material pré-histórico espalhado: “Era fabuloso para um colecionador” (JOINVILLE, 1996, p. 24). A partir dali, aquele entusiasta dedicou grande parte do resto de sua vida a eles, aos sambaquis, principalmente no estado de Santa Catarina.

O clima mais ameno do litoral fez com que o filho mais velho de GT, Ewaldo, em 1944, penúltimo último ano da Segunda Guerra, residisse por um período na cidade de Matinhos para se restabelecer de uma longa doença respiratória. Após algumas semanas na praia, ele ficou sabendo de um desmonte de sambaqui e decidiu ir até o local para conhecer e ver se encontrava algo interessante. Volvendo as conchas com uma enxada, encontrou vestígios humanos. Então, enviou para seu pai, em Curitiba, um “pacote com pedaços de crânio humanos e pedras que evidenciam o trabalho de mão do homem, escrevendo ainda que a 800 metros dali, no interior, havia um enorme casqueiro” que, infelizmente, naquele momento, estava sofrendo desmanche pela Diretoria de Viação e Obras do estado para pavimentação das vias públicas municipais (JOINVILLE, 1996, p. 24-25).

Essa prática de utilizar as conchas que compunham os sambaquis para calçar as ruas arenosas foi um dos usos desse recurso no período do desenvolvimento das cidades do litoral brasileiro. Os sambaquis, por ocuparem grande parte da região litorânea, foram continuamente agredidos, desde o princípio da colonização, das mais diversas formas — situação que foi amenizada com a criação de dispositivos legais de proteção na segunda metade do século XX. Conforme descreve Lima (1999-2000 p. 286),

nas décadas que se seguiram à conquista européia, no século XVI, algumas das descrições feitas sobre a paisagem, bem como sobre os usos e costumes locais, incluíam referências aos montes de conchas que eram desmanchados e aproveitados no fabrico da cal, um elemento essencial ao sistema construtivo da época. [...] Por servir também como fertilizante, era ainda intensamente empregada na fabricação de adubos. Por seu lado, muitas das conchas fragmentadas que compunham estes montes eram destinadas também à consolidação e pavimentação de estradas em terrenos arenosos.

No litoral paranaense, essa situação não foi diferente quanto à exploração dos sambaquis como matéria-prima para construções coloniais, bem como para a

pavimentação das estradas, principalmente aqueles sítios que se encontravam próximos a vilas urbanas e de fácil acesso. Bigarella *et al.* (2011, p. 119), ao realizarem pesquisas geológicas no litoral do Paraná na década de 1950, já descreviam tal situação que vinha ocorrendo nos sambaquis da região, “sem qualquer atenção por parte das autoridades competentes para a conservação do patrimônio cultural pré-histórico”.

Apenas em meados de 1952, no estado de São Paulo, uma série de decretos resultou na criação da Comissão de Pré-História, diretamente ligada ao governo estadual e destinada a assegurar a preservação dos sambaquis. Essa comissão, que no início da década de 1960 se transformou no Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo (USP), impulsionada pelas vitórias obtidas através da criação de leis estaduais de proteção ao patrimônio arqueológico em São Paulo e no Paraná, passou a lutar por uma lei federal que assegurasse a integridade dos sítios arqueológicos, o que só se concretizou em 1961 (LIMA, 1999-2000, p. 296), com a aprovação da Lei Brasileira de Proteção do Patrimônio Arqueológico (Lei Federal nº 3.924)⁵, fato que provocou redução considerável nos desmontes dos sambaquis. Porém, atualmente ainda se presencia que, nas áreas urbanas, conforme salienta Oliveira (2000, p. 3),

[...] os sambaquis estão sendo submetidos às mais diversas pressões antropológicas, principalmente pela especulação imobiliária e mesmo pela desinformação do cidadão comum, como alheio à legislação protetora, não identifica nos sítios razão concreta para sua preservação.

⁵ Esta LEI, 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré históricos e sanciona as seguintes prerrogativas: Art 1º Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acordo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal. Parágrafo único. A propriedade da superfície, regida pelo direito comum, não inclui a das jazidas arqueológicas ou pré-históricas, nem a dos objetos nelas incorporados na forma do art. 152 da mesma Constituição. Art 2º Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos: a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente. b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha, c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmicos", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico, d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios. (BRASIL, 1961) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm. Acesso em: 11 fev. 2022.

Em sua primeira escavação, no sambaqui Matinhos, de mesmo nome do município, com a ajuda de dois auxiliares, GT encontrou e reuniu artefatos arqueológicos, como zoomorfos feitos com bula timpânica de baleia, rodela de fuso e esqueletos humanos. Ele relatou que escavava “com o caminhão do Governo esperando ao lado para transportar o entulho de conchas que a picareta soltava”, no entanto, teve que entregar os achados ao diretor do MUPA, que, do mesmo modo, estava realizando escavações e pesquisas na região a fim de salvaguardar artefatos do desmonte dos sambaquis da época (GAZETA DO POVO, 1979, p. 11).

Loureiro Fernandes foi um dos pioneiros na luta pela proteção legal do patrimônio arqueológico nacional. Desde a compra, por parte de GT, da coleção do prefeito de Reserva, Manoel Francisco Gomes, Loureiro demonstrava intolerância às aquisições para sua coleção e, constantemente, ameaçava denunciá-lo às autoridades, o que seria um problema para quem tinha descendência alemã e restrições de ordem variada, por conta da sua origem germânica, vivendo em um país que exercia um regime de governo autoritário naquele período de fim de guerra.

Chmyz (2006, p. 51), ao escrever sobre as contribuições de Loureiro Fernandes para a arqueologia brasileira, comenta a respeito de sua “repulsa à ação dos colecionadores de peças” que o médico cientista tinha para com os arqueólogos amadores, não reconhecendo neles a “capacidade técnica e científica para uma correta abordagem” nos sítios arqueológicos, o que causava, segundo ele, a destruição do patrimônio arqueológico. Chymz (2006, p.51) aponta que o “posicionamento inflexível” de Loureiro Fernandes em relação aos amadores tenha “se cristalizado entre as décadas de 1930 e 1940”, quando ele era diretor do MUPA e se “inteirava da situação dos sítios do litoral paranaense e, principalmente, em consequência de um incidente envolvendo um dos grandes amadores enquanto escavavam o sambaqui Matinhos”, ou seja, GT. Essa situação foi assumida pelo colecionador ao dizer que realizava “secretamente algumas escavações maiores apenas nos meses de inverno por causa da proibição do Diretor do Museu”, contudo, esse fato não fez de GT um violador ou destruidor do patrimônio arqueológico, como afirmava Loureiro (JOINVILLE, 1996. p. 27).

No desenvolvimento da arqueologia paranaense no século XIX, diferentes estudiosos, como Antonio Vieira dos Santos, Telêmaco Morocines Borba, Juan Ambrosetti, Ermelino Agostinho de Leão e Romário Martins, para seus escritos da

época, “baseavam-se no contato direto que tiveram com sítios paranaenses do litoral e do planalto”. (Chmyz 2006, p. 51). Ceccon (2011, p. 3), ao descrever sua pesquisa sobre a arqueologia brasileira entre as décadas de 1950 e 1970, comenta que as práticas de coletar peças de forma particular “foram constantes na época” e que, a partir da “organização destas coleções, alguns ensaios interpretativos começaram a surgir, sobre urnas funerárias, formação dos sambaquis, origem dos índios, e outras”. Essas contribuições foram significativas para o fortalecimento do campo teórico dos estudos arqueológicos no país. Nesse sentido, sobre a organização de grandes coleções arqueológicas, Pomian (1984, p. 66-67) diz que

objetos de estudo de relíquias e artefatos de povos pré-históricos adquiriram naquele período, duplo sentido um valor ao mesmo tempo cognitivo e sentimental e portanto, também comercializável [...] Muitos dizem que eles (os objetos) se tornaram dignos de serem procurados, protegidos, expostos e admirados [...] em um encontro de patriotismo e ciência, eles elevaram os vestígios da cultura material a uma classificação comparável à da arte.

Os pesquisadores Marcélia Marques e Klaus Hilbert (2011), no texto “Coisas colecionadas: um jeito (conceitual e intuitivo) de lidar com a cultura material”, apontam semelhanças entre o colecionar e o arqueólogo, pois ambos têm o ato de estruturar coleções como prática de seus ofícios. O arqueólogo organiza narrativas através da classificação técnico-teórico-conceitual (saberes legitimados) dos artefatos que encontra, enquanto o colecionador, por sua vez, trabalha a partir de sua intuição e subjetividade, organizando a narrativa dos seus achados por suas concepções, que também se apoiam em conhecimento científico institucionalizado. Dito isso, é difícil separar ou identificar a fronteira entre o colecionismo e as ações de pesquisa na arqueologia na vida e nos fazeres de Tiburtius, visto que ele publicou muitos de seus estudos, que são aceitos até hoje no campo da arqueologia nacional.

André Prous (1992, p. 11), quando descreve o período formativo da pesquisa arqueológica moderna nacional, que corresponde aos anos de 1950 a 1965, afirma que essa época “caracteriza-se pela atuação de grandes amadores, cujas vidas foram em boa parte dedicadas à arqueologia”, bem como pelo “despertar das instituições oficiais” de pesquisas arqueológicas e centros universitários, como o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que contavam com a ‘colaboração de profissionais

estrangeiros', como o iugoslavo Adam Orssich, os norte-americanos Wesley R. Hurt Jr., Betty Jane Meggers e Clifford Evans, os franceses Annette Laming-Emperaire e Josef Emperaire, entre outros arqueólogos e estudiosos do campo que contribuíram para a formulação e a concretização da legislação protetora dos sítios arqueológicos.

Diferentemente de Loureiro Fernandes, André Prous, arqueólogo francês erradicado no Brasil, não viu a ação de profissionais sem formação específica como destrutiva ao patrimônio arqueológico. Inclusive, ele diz que “a palavra ‘amador’ tem, para muitos ‘profissionais’ brasileiros, uma conotação negativa, que não existe em outros países, onde estes recebem um treinamento adequado e são integrados às pesquisas oficiais” (PROUS, 1992, p.11). Essa oportunidade de ser integrado a uma instituição de pesquisa no estado do Paraná GT nunca teve. Para Prous, o colecionador e pesquisador “foi uma das vítimas da profissionalização da arqueologia acusado de destruir sítios” e, como consequência da proibição de GT realizar trabalhos no Paraná, “grande parte do acervo cultural litorâneo desse estado foi destruído, sem que existisse ao menos alguém para salvar o material encontrado”. (PROUS, 1992, p.12). Na percepção de Funari (1998), a participação dos colecionadores caracterizados como amadores que realizaram salvamentos ou pesquisas em sítios arqueológicos anteriores ao período acadêmico da arqueologia no Brasil, nos anos de 1950 a 1970, foram desprezados pelos estudiosos da arqueologia brasileira. No entanto, deve-se muito a eles, conforme registra Prous (1992, p. 12) ao se referir ao trabalho de Tiburtius como um dos amadores na arqueologia brasileira:

A personalidade mais interessante talvez seja a de Guilherme Tiburtius, imigrante alemão que chegou ao Brasil no fim do século passado. Simples artesão em Curitiba, interessou-se pelas antiguidades indígenas e reuniu uma magnífica coleção de instrumentos e esqueletos provenientes de sambaquis do norte de Santa Catarina e do Paraná, e de peças do planalto paranaense. Visitando periodicamente os sítios em fase de destruição, fazia croquis de cortes. Suas notas são repletas de informações preciosas.

Em 1949, quando conheceu o geólogo João José Bigarella — então diretor da Divisão do Patrimônio Artístico e Cultural do Paraná, professor titular da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor visitante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) — em seu museu, Tiburtius se entusiasmou com o trabalho de pesquisa que ele vinha desenvolvendo sobre o levantamento das localizações

geográficas dos sambaquis do litoral do estado do Paraná e do norte catarinense. Nesse período, Tiburtius e Bigarella visitaram diversos sambaquis entre os dois estados e, com pesar, lamentavam que muitos já estavam em avançado estado de destruição, com o material sendo utilizado no ensaibramento das estradas e no aterramento de lotes nas cidades em desenvolvimento. “Os benefícios efêmeros da pavimentação de ruas e estradas não compensaram de forma alguma a perda do valioso patrimônio cultural pré-histórico de Matinhos” (BIGARELLA, 2009, p. 32). Deste encontro nasceu uma grande amizade entre eles, que rendeu significativas pesquisas e publicações sobre suas escavações nos sítios arqueológicos, principalmente no litoral catarinense. Bigarella (2005, p. 30)⁶, em uma entrevista cedida para a revista Arqueologia, disse que Tiburtius,

durante anos, pacientemente recolhia as peças de interesse arqueológico jogadas nas estradas do litoral paranaense durante a recuperação do recapeamento. Como colecionador infatigável, foi responsável pelo salvamento de centenas de peças espalhadas por ocasião da pavimentação das estradas, ou em fornos de produção de cal. Este acervo faz parte do Museu do Sambaqui de Joinville. Lamentavelmente, não houve um entendimento entre o dr. Loureiro e Tiburtius, o que teria sido altamente benéfico para ambos, já que desempenharam um papel importante na fase pioneira das pesquisas arqueológicas no Paraná.

Naquela época, as atividades de GT no litoral paranaense foram obstaculizadas “tanto pela promulgação do decreto estadual nº 1.361, em 1951, e de sua regulamentação no ano seguinte, como pela proibição de recolha de material nos desmontes dos sítios e nas beiras de estradas emitida por Loureiro Fernandes”. (CHMYZ, 2006, p. 52). O decreto paranaense, cujo texto havia sido redigido pelo então diretor do MUPA, reservava para fins de pesquisas de proto-história os sítios conchíferos existentes no litoral do estado, e tal regulamentação estabelecia que a licença para a exploração de sambaquis deveria ser requerida à Divisão do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Paraná, à qual caberia a determinação do seu valor científico, o que estaria fora do alcance de Tiburtius por ser afamado colecionador (CHMYZ, 2006). Mesmo assim, em setembro de 1946, GT, usando o nome dos filhos,

⁶ Revista Arqueologia, número especial, Curitiba, v. 3, p. 19-30, 2005. <https://docplayer.com.br/214689432-Depoimento-joao-jose-bigarella.html>. Acesso em: 13 mai. 2022.

Edgard e Ewaldo, escreveu a Loureiro Fernandes, requerendo benevolência e solicitando autorização para continuar pesquisando no litoral. A resposta chegou em novembro do mesmo ano, informando os interessados sobre a decisão do Conselho Fiscal das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil:

Cumpre-me informar-vos, que no momento, é recusada autorização para trabalhos particulares dessa natureza nas jazidas da nossa pré-história pois acha-se articulado um plano para pesquisas e estudos sistemáticos entre Museus e Universidades brasileiras (FEERNANDES, 1946, P.1).

GT observou que os sambaquis estavam sendo demolidos, sem serem pesquisados, reduzidos a aterro e sem alguém para salvar as peças, o que seria uma perda para a ciência e para a posteridade (JOINVILLE, 1996). “Conservo em mãos o documento assinado pelo Dr. Loureiro Fernandes como recordação do sambaqui Matinhos [...] pois ele foi o marco inicial de todas as escavações em sambaquis” (GAZETA DO POVO, 1971, p.11). Como sinaliza Prous (1992 p. 12), sem que ainda houvesse, naquele período, “pessoal qualificado para empreender as ações de proteção legal sobre os sítios arqueológicos, grande parte do acervo cultural litorâneo do Estado do Paraná desmantelou-se por atos de vandalismo”. O ocorrido, de fato, chateou GT, mas não o desestimulou de empreender escavações e novas pesquisas arqueológicas, entretanto, não mais no Paraná.

2.4 Um novo começo em Santa Catarina

Como Tiburtius não era especialista em arqueologia, estava ciente de que jamais conseguiria continuar as pesquisas no estado do Paraná e, aborrecido por ter sido obrigado a entregar algumas das peças do sambaqui de Matinhos ao diretor do Museu Paranaense, transferiu suas atividades para Santa Catarina, incentivado por seu filho Edgard, que residia em Joinville para estudar, bem como pelo casal Iris e João José Bigarella e por outros pesquisadores dos campos cultural e arqueológico, como os padres João Alfredo Rohr e Balduino Rambo, com os quais se correspondia, trocando informações de suas pesquisas. Desse modo, GT iniciou, em 1949, sua jornada nos sambaquis catarinenses. Edgard acompanhava o pai nas expedições e também o hospedava em sua casa enquanto duravam as pesquisas na região (SILVA, 2017). Conforme o pesquisador,

desde que o acesso no Paraná não mais me era permitido, fui para Santa Catarina onde consegui obter êxitos fantásticos. Não sofri nenhuma perseguição de parte dos proprietários dos sambaquis. Que os transformavam em cal de moluscos. Nos meus vinte anos de atividade como escavador, encontrei benevolência principalmente dos prefeitos e também da população de Joinville, Araquari e São Francisco do Sul e pude trabalhar e estudar com calma (GAZETA DO POVO, 1971, p. 11).

Sua primeira escavação ocorreu no sambaqui de Areias Pequenas (1941/1949) e, sucessivamente, escavou e pesquisou os sambaquis Itacoara, Morro do Ouro (1949/1952), Rio Pinheiros (1959), Areias Grandes (1960), Pernambuco, Barra do Sul, Linguado (1949), Cubatãonzinho, Gamboa (1954), Porto do Rei e Enseada (1964), Conquista, Poço Grande e Morretinho (1945), da Ribeira e da Costeira, entre outros (CADERNOS, nº 29, MASJ, 1992; JOINVILLE, 1996,). Nas terras catarinenses, Tiburtius não encontrou resistência para suas pesquisas e coletas. Segundo ele, foi bem “recebido pelos habitantes e por todos os prefeitos” (JOINVILLE, 1996, p. 25).

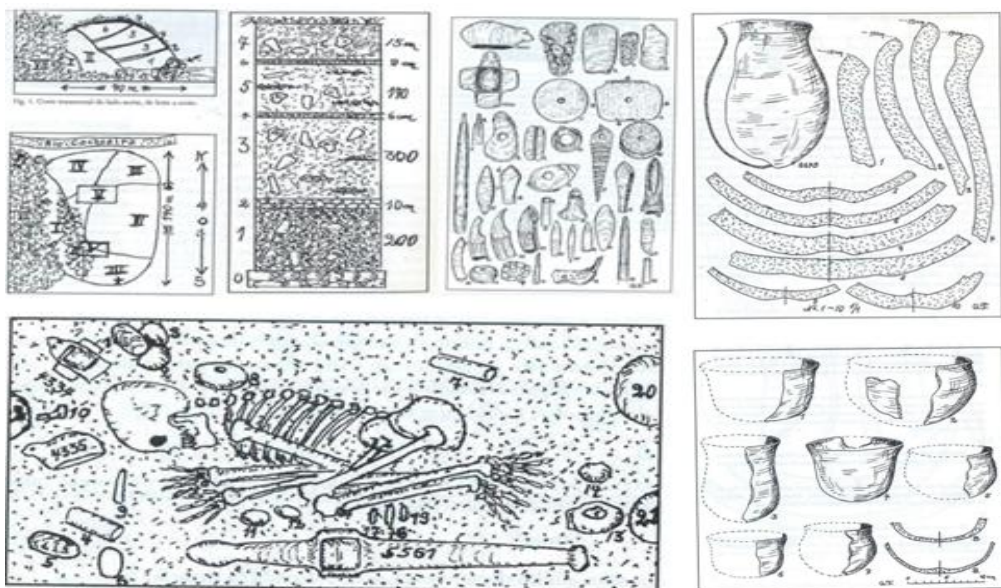
Algumas das escavações foram feitas junto aos operários que coletavam material para as caieiras⁷: os materiais que eram importantes entregavam a GT sem custo, porém, as peças mais elaboradas eram recompensadas pela entrega, a fim de evitar que os artefatos fossem vendidos aos “navios em São Francisco” (SCHNEIDER, 1999, p.13) Sobre as saídas desse material arqueológico de Joinville, Schneider (1999) escreve que, por longos anos, observou a “evasão de praticamente todas as peças” encontradas nos sambaquis de Joinville, pois, por meio da venda, “acham-se espalhadas pelo Brasil afora e talvez até no estrangeiro” (SCHNEIDER, 1999, p.13-14). Cabe destacar que Adolfo Bernardo Schneider, na década de 1950, já manifestava interesse em organizar, na “cidade dos Príncipes”⁸, um museu com material arqueológico da região.

⁷ Tipo de fornalha primitiva para produção artesanal de cal.

⁸ A história de Joinville inicia com a colônia Dona Francisca em início em 1º de maio de 1843, cujas terras foram dadas como dote de casamento à princesa Francisca Carolina, irmã de D. Pedro II, com o príncipe François de Orléans (Príncipe de Joinville), filho de Luís Felipe, rei da França, assim ficou conhecida como a “Cidade dos Príncipes”, embora eles não chegaram a residir nela. FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. Dois manuscritos para revisar a história da colônia Dona Francisca (Joinville/SC), um dos mais importantes núcleos de colonização alemã do Brasil no século XIX. **História Unisinos**. 567-576, setembro/dezembro, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/download/20217/60748882/60790550>. Acesso em: 4 set. 2023.

Os trabalhos de pesquisa de GT resultaram no salvamento de muitos artefatos e na organização sistematizada de informações sobre sítios arqueológicos em processo de desaparecimento no litoral catarinense. A partir dos dados gerados por ele, foi possível vislumbrar o entendimento da ocupação histórica da região (MASJ, 1973; MASJ, 1992). As anotações científicas dos cadernos de pesquisa de GT guardam informações, ilustrações e preciosas descrições de sítios arqueológicos já desaparecidos. O critério científico adotado por ele é admirado por estudiosos da área da arqueologia, como Prous (1994) e Bigarella (2003), já que não se restringiu à simples coleta, mas procurou registrar seus achados através de croquis, mapas e esquemas (MASJ, 1992), como visto na figura 10, abaixo.

Figura 10 - Exemplos de croquis, mapas e esquemas das escavações em sambaquis de Santa Catarina.



Fonte: Joinville (1996). Acervo MASJ.

Tendo pesquisado em um período em que a arqueologia brasileira praticamente não existia, os registros bibliográficos deixados por GT são, hoje, o ponto de partida para qualquer pesquisador que queira trabalhar em arqueologia no Norte de Santa Catarina e no Sul do Paraná, principalmente em sambaquis. Nos 20 anos em que explorou o planalto catarinense, ele encontrou muitas preciosidades dos povos que habitaram a região no passado. GT registrava e desenhava cada peça de sua coleção, além de organizar cuidadosamente, em um anexo à sua casa, a exposição de seu acervo (JOINVILLE, 1996; MASJ 1992).

2.5 O museu particular de Guilherme Tiburtius

Entre os anos de 1940 e 1950, o acervo reunido por GT era um dos maiores referentes a grupos pré-coloniais litorâneos. O esforço incansável deste pesquisador resultou numa coleção arqueológica e também etnográfica que muito tem a revelar sobre a história e a ocupação pré-colonial dos litorais do Paraná e de Santa Catarina, no Sul do Brasil. A figura 11 mostra parte do acervo exposto e a construção anexa ao lado direito da casa de GT, onde ele abrigou a coleção por 19 anos, mantendo-a aberta à visitação entre 1946 e 1962 (JOINVILLE, 1996; MASJ, 1992).

Figura 11 - Imagens das peças em exposição no museu particular residencial de Guilherme Tiburtius em 1951.



Fonte: Joinville (1996). Acervo MASJ. Tiburtius (2022).

Muitos foram os visitantes que puderam deleitar os olhos em artefatos tão intrigantes para a época. Para os pesquisadores do assunto que visitavam seu museu, ele tinha um livro especial, chamado livro ouro, no qual eram registradas anotações sobre a visita à exposição. Esse livro faz parte do acervo documental do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e guarda depoimentos de pesquisadores

importantes daquele período, como: o professor Paul Rivet, idealizador do Museu do Homem, em Paris; o professor Paulo Duarte, ilustre batalhador da preservação do patrimônio pré-histórico brasileiro; o professor Wesley Hurt Junior, da Universidade de Dakota do Sul, responsável pelas primeiras datações radiocarbônicas em material pré-histórico brasileiro; o pesquisador e professor Osvaldo Menghin, do departamento da Pré-História Sul Americana da Universidade de Buenos Aires; o professor Dr. Alsedo Leprevost, catedrático da Universidade do Paraná, geólogo, ex-diretor do Instituto Politécnico Estadual, chefe da divisão de Mineralogia e Geologia do Estado do Paraná e representante do Paraná na Comissão de Energia Nuclear; o professor Dr. Marcelo Bórmida, do Museu Etnográfico de Buenos Aires; o professor José Imbelloni, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Filosofia y Letras de Buenos Aires; o professor Dr. Herbert Baldus, professor de Arqueologia e Etnologia com muitos trabalhos científicos publicados pela Universidade de São Paulo, Museu Paulista e outros; entre outras personalidades nacionais que dedicaram seus estudos a entender o desenvolvimento da pré-história, como os já citados padres Alfredo Rohr e Balduino Rambo, os pesquisadores Inácio Schmitz, Walter Piazza, Maria Clara Becker, André Prous e o casal João José Bigarela e Iris Koehler Bigarella, professora também com muitos trabalhos no campo da arqueologia publicados no IBPT e no Museu Paulista, coordenadora da Associação de Defesa e Educação Ambiental.

Os jornais também noticiavam a coleção e a iniciativa da salvaguarda da memória cultural dos povos do passado (JOINVILLE, 1996; MASJ, 1992). Abaixo, algumas das menções:

Meu agradecimento ao senhor Tiburtius por seu entusiasmo em salvar tantas coisas da destruição (PROUS, 1952).

Descobridor de louças primitivas [...] que expressam a singela capacidade artística de nossos antepassados (O ESTADÃO DO PARANÁ, 1953, s/p).

Entusiasta da arqueologia, o Sr. Guilherme Tiburtius, reuniu em seu museu uma grande quantidade de peças cuja importância para os estudos arqueológicos, não é preciso salientar. Lá encontramos três mil peças, catalogadas na mais perfeita ordem (NOVAIS, DIÁRIO DO PARANÁ, 30/09/1956).

Sua coleção já é famosa! Essa fama tem arrastado a Curitiba inúmeros estudiosos. Contudo, duvido que algum desses pesquisadores tenha esperado encontrar, tanta ordem, tanta beleza, tanta harmonia e sobretudo a paciência e o gosto que a caracterizam. Felicito-o por sua

perseverança e agradeço a oportunidade que me deu em pousar os olhos em tão valiosa coleção (MC BECKER, 1962).

O historiador, membro da Comissão Organizadora do Museu Nacional de Colonização e Imigração de Joinville e entusiasta do patrimônio cultural joinvilense, Adolfo Bernardo Schneider, que também visitou a exposição de GT no fim dos anos 1940, escreve que “em virtude da Coleção Tiburtius [...] a capital do estado do Paraná se havia transformado na MECA para os pesquisadores do nosso passado longínquo, tanto brasileiros como também estrangeiros” (SCHNEIDER, 1999, p. 49).

Os visitantes do museu também podiam contemplar outras preciosidades colecionadas por GT, como sua coleção de orquídeas e de cactos, conforme a figura 12, sendo que algumas sementes vieram de fora do Brasil, por meio de correspondências trocadas com outros pesquisadores (TIBURTIUS, 2022).

Figura 12 - Exposição das coleções de orquídeas e de cactos de Guilherme Tiburtius.



Fonte: Acervo pessoal da família Tiburtius (2022).

Com o passar dos anos e com a idade avançada, ele se preocupou com o destino da sua coleção arqueológica. Sabendo que nenhum de seus filhos gostaria de dar continuidade ao seu trabalho, GT aventou se desfazer da coleção.

2.6 A venda do Museu Tiburtius e o nascimento do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ)

A fama da coleção arqueológica de GT cobiou muitos colecionadores, pesquisadores e interessados na área da cultura pré-colonial e etnográfica, não só no Brasil, mas também no exterior. Os trabalhos desenvolvidos no litoral catarinense puseram Tiburtius no radar de Adolfo Bernardo Schneider, que já havia visitado o seu

museu e manifestado preocupação com o patrimônio arqueológico da região, não desejando ver esses bens culturais saírem do estado. Assim, iniciou as primeiras elucubrações para a consolidação de um museu de sambaqui em Joinville. Atento às notícias do meio científico de seu tempo, o frequentador tomou conhecimento do desejo de Tiburtius de vender sua coleção e de que ele já tinha “recusado diversos oferecimentos do estrangeiro” (SCHNEIDER, 1999, p. 50). Como apontou, de forma alguma “desejava o Sr. Tiburtius, que a coleção fosse transferida para outro país, sempre foi seu desejo que a coleção ficasse em casa, no Paraná, ou em Santa Catarina” (SCHNEIDER, 1999, p. 50).

Anos depois, o Jornal Diário do Paraná, na edição 454, em 1956, publicou uma página inteira sobre o trabalho desenvolvido por GT na preservação de objetos preciosos para o estudo da história do Sul do país, assim como noticiou a proposta feita pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul em fazer a aquisição da coleção. A chamada da reportagem foi fechada com a seguinte pergunta: “Qual será o valor da coleção do Sr. Guilherme Tiburtius?”. Na ocasião, ele respondeu “que tudo foi reunido com muito trabalho durante anos [...], porém se surpreendido por alguma circunstância, fosse levado a vender a sua coleção, somente venderia se fosse para ficar no Paraná”. No entanto, isso não aconteceu (NOVAES, 1956, p. 20). O jornal fazia menção à proposta recebida por GT em decorrência de uma correspondência trocada com o padre Balduino Rambo, então diretor da Diretoria de Ciências da Secretaria de Educação e Cultura de Porto Alegre/RS, que fez uma oferta em nome do órgão para comprar a coleção, no valor de 1 milhão de cruzeiros a serem pagos em cota única, no exercício do ano de 1956. No entanto, em 4 de abril daquele ano, ele tornou a escrever, informando não haver possibilidade orçamentária para aquele início de semestre. Na escrita, reforçou que

[...] sendo a compra da coleção etnográfica de grande interesse para o Estado, propomos uma vez a para Vossa Senhoria - a realização da referida compra, que sairá por verba suplementada para o segundo semestre do corrente ano, isto é, a partir de agosto para o futuro. Aguardamos sua resposta, que uma vez aceita, considere o negócio fechado (RAMBO, 4 de abril de 1956).

Efetivamente, GT não manifestou seu interesse na proposta e continuou seus trabalhos nos sambaquis do estado de Santa Catarina, enriquecendo cada vez mais sua coleção. Adolfo Schneider, profundamente interessado nas questões culturais,

principalmente naquelas associadas à região de Joinville, não perdia a oportunidade de visitar o Museu Tiburtius quando viajava até a capital paranaense. Em uma dessas visitas, em 1958, ao ouvir GT contar os detalhes de seu trabalho e dizer que a maioria dos objetos ali reunidos era proveniente de Joinville, Araquari e São Francisco do Sul, além dos artefatos coletados no estado do Paraná, Schneider não hesitou e disse: “A sua coleção, Sr. Tiburtius, deveria estar em Joinville! E junto com a sua coleção o Senhor também, cuidando e ampliando a mesma!” (SCHNEIDER, 1999, p. 50). De acordo com Souza (2007, p. 16), a criação de um museu arqueológico em Joinville, que

já vinha sendo aventada desde o final dos anos 1950, efetivou-se principalmente pelo apoio de uma comissão de descendentes de imigrantes europeus que tiveram um papel fundamental na seleção do que deveria ser lembrado na história de Joinville [...]. Os integrantes dessa comissão foram também os responsáveis pela criação do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville, o lugar de memória mais significativo da etnia germânica. De certa forma, essas pessoas assumiam o papel de guardiões de uma memória da cidade.

Esse grupo de descendentes de imigrantes europeus formava a Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização (MINC) e, na época dos anos 1950, estava à frente de quase todos os assuntos referentes à “guarda do Patrimônio monumento” da cidade de Joinville, sendo responsável, inclusive, pela proposta de adoção e criação de uma “Legislação Municipal, visando a proteção das jazidas pré-históricas, principalmente os Sambaquis” (TAMANINI, 1994, P. 85; SCHNEIDER, 1999, p. 19). Essa comissão, inicialmente, foi composta por Adolfo Bernardo Schneider, Carlos Ficker, Edith Wetzel, Hilda Anna Krisch, Helga Schmidt, Jaroslaw C. Pesch e Kurt Rosenberger. Posteriormente, outras pessoas passaram a compô-la (ATA 1,1961, p. 1).

Naquele período, Adolfo Schneider trocou inúmeras correspondências com o prefeito em exercício, Baltasar Buschle, de modo a comunicar à municipalidade a sua intenção de organizar um museu de arqueologia em Joinville. Na primeira carta, datada de 6 de julho de 1958, escreveu suas intenções argumentando que reuniria, para o proposto museu,

[...] zoólitos e eventuais utensílios de pedra, de ossos, de cerâmica etc. encontrados nos sambaquis do Município de Joinville. [...] Essas

mesmas peças, cuja presença em Joinville nos possibilitariam participar mais ativamente da vida cultural do País e que serviriam, para demonstrar o nosso passado longínquo, para o qual os estudiosos e os cientistas internacionais estão aos poucos abrindo as portas, acham-se espalhadas pelo Brasil afora e talvez até no Estrangeiro (SCHNEIDER, 1999, P. 13-14).

A resposta não tardou a chegar. Além de trazer notícias promissoras ao pedido, o prefeito Baltasar Buschle em correspondência enviada em 9 de julho de 1958, elogiou a iniciativa, colocando-se à disposição para novos diálogos e cooperação:

[...] Louvável e digno dos maiores encômios é esta sua iniciativa, pois, indubitavelmente, virá contribuir não apenas para projetar o nome da nossa Joinville, como facultar aos estudiosos da especialidade, ocasião de se familiarizarem com as nossas coisas e a nossa gente (SCHNEIDER, 1999, P. 16-17).

Dessa forma, com o apoio municipal que recebeu, Schneider, na correspondência seguinte, de 13 de julho de 1958, recomendou que o município tomasse providências a fim de evitar a “evasão de quaisquer peças que se encontrem aqui, ou que aqui forem achadas futuramente”. Do mesmo modo, pediu uma “carta autorização” para “recolher e salvar todas as peças achadas em sambaquis de Joinville e região” para, mais tarde, incorporá-las ao Museu de Imigração em uma ala referente à pré-história local (SCHNEIDER, 1999, p. 19-20). Na ânsia de realizar todas as tratativas e ações dentro da legalidade, Schneider escreveu ao Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) — atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) — noticiando suas intenções de salvaguardar o patrimônio cultural e arqueológico joinvilense para a formação futura de um museu de sambaqui, assim como pedindo orientação para a recolha e o manejo desses artefatos e uma licença especial de pesquisa em sambaquis, caso fosse necessário, haja vista que já tinha a anuência municipal para esse propósito. No entanto, não recebeu o retorno, nem as respostas esperadas do SPHAN. Mesmo assim, deu sequência à sua jornada rumo às conquistas e à recuperação de objetos arqueológicos da região.

Nesse sentido, por meio de um anúncio no Jornal de Joinville, de 5 de julho de 1958, Schneider ainda fez um apelo à comunidade local procurando artefatos, frutos de coletas fortuitas ou achados eventualmente em obras e/ou aterros nos arredores da cidade. Somado a isso, visitava proprietários de peças ou de coleções particulares pedindo cooperação para o futuro museu. “Procurei atingir, naquela época de

motocicleta, e em qualquer tempo, todos os Sambaquis existentes no Município e redondezas, conversando com os moradores e procurando interessá-los pelo assunto” (SCHNEIDER, 1999, p. 50). Nos cinco anos seguintes, o historiador veria parte do seu sonho realizado. Em 1962, o padre Alfredo Rohr, que estava à frente dos trabalhos do Colégio Catarinense e também havia reunido peças arqueológicas para exposição futura em um museu, sabendo do interesse de GT em vender a coleção para que pertencesse a um lugar de pesquisa, escreveu para o padre Lutterberck, residente na Alemanha e colaborador diocesano das causas religiosas do estado de Santa Catarina, pedindo auxílio para angariar recursos financeiros para a compra do Museu Tiburtius. O padre Lutterberck respondeu em outubro do mesmo ano, dizendo que o assunto muito lhe interessava e que veria o que era possível fazer. No entanto, disse ao padre Rohr que

[...] o “Instituto Episcopal”, está à frente da campanha “Misereor” e que está fora de questão para este propósito [de comprar a coleção] porque é ativa no combate ao ressentimento e à miséria no mundo. A ação episcopal “Adveniat”, responsável pelos problemas da Igreja na América do Sul, talvez pudesse ajudar, embora no momento só seja aprovada para seminários e escolas primárias. Antes de fazer qualquer coisa, devo ter o preço que o Sr. Tiburtius está pedindo em dólares ou marcos alemães, porque dado o valor flutuante do cruzeiro, não se pode fazer nada com indicação do preço. Mas mesmo sem esse esclarecimento, quero sentir possibilidades. Seria melhor se eu tivesse uma citação escrita do Sr. Tiburtius (ROHR, 31 de outubro de 1963).

Assim, vendo avanço nas tratativas de conseguir recursos para a aquisição, o padre Rohr informou por carta a Tiburtius, em 26 de janeiro de 1963, que encaminhou ao consulado alemão em Curitiba um volumoso documentário, com 27 documentos individuais, pleiteando 50 mil marcos daquele governo para a aquisição do Museu Tiburtius. Nesse ínterim, o padre Lutterbeck escreveu da Alemanha, contando que oficiou ao consulado alemão em Curitiba o pedido da compra da coleção — se a resposta fosse favorável, deveria esperar ele conseguir 20 mil marcos —, que aguardaria a notificação da decisão e que escreveria para Rohr quando estivesse disponível. No entanto, Lutterberck em correspondência a Rohr (1963) disse que “se conseguirmos algum subsídio substancial de lá, a ordem custeará o resto”. Em 11 de março já veio a primeira resposta do consulado da Alemanha:

A perspectiva infelizmente não é a possibilidade de financiar a compra de uma coleção arqueológica no exterior com os fundos destinados ao auxílio e ao desenvolvimento da igreja. Pode se recomendar consulta a Jasuiten Hission em Florianópolis que entre em contato com os responsáveis de sua missão nesta república federativa para saber se existe a possibilidade de usar doações ou outros meios para apoiar este projeto. Para que não haja mais a preparação dos documentos de requerimento, cabe ressaltar que a matéria tramita no Ministério das Relações Exteriores sob o processo IV 3 (602) -81.50 / 60, de 22 de fevereiro de 1963 (ROHR, 04 de abril de 1963).

O padre Rohr manteve GT a par da situação da busca por recursos na Alemanha, comentando que o padre Lutterberck recebeu uma segunda via da documentação referente à compra da coleção e estava tratando do assunto naquele país, dizendo que, apesar da resposta negativa, estava bastante otimista e tinha a impressão de que conseguiria o dinheiro pedido. No entanto,

ontem encontrei por acaso o Sr. Dr. Oswaldo Cabral, Diretor da Faculdade Catarinense de Filosofia. Durante a conversa fiz a seguinte observação: "Então o MUSEU DE JOINVILLE VAI COMPRAR A COLEÇÃO TIBURTIUS". Eu não respondi, mas fiquei um pouco desconfiado. Como já lhe disse, caro Herr Tiburtius, está longe de ser minha intenção defini-lo de alguma forma. Se você vender a coleção, está no seu direito, e continuarei seu amigo como sempre. No entanto, como estou lidando com o assunto na Alemanha, é claro que estou extremamente interessado em saber o que penso do Dr. Cabral, devo-me segurar para eventualmente interromper os esforços na Alemanha? Se a sua coleção for perdida para o nosso museu, então o "Museu do Homem Americano" acabou, porque a sua coleção merece mais este nome do que a nossa [...]. As duas coleções juntas podem ousar, mas a nossa sozinha não. Então, por favor, deixe-me saber se as coisas ainda estão acontecendo conosco por enquanto (ROHR, 24 de março de 1963).

Em meio às insistentes investidas de Scheneider, em 31 de maio de 1963, a Comissão Organizadora do MINC, endossada pelo prefeito em exercício, Helmut Fallgatter, e pelo Poder Legislativo, que inicialmente foi contra a proposta, já que a compra comprometeria 20% do orçamento anual municipal, propôs a aquisição do Museu Tiburtius. Na época, a coleção compunha um conjunto de 8.500 peças, rendendo a oferta de 5 milhões de cruzeiros — valor que, nos dias de hoje, corresponderia a 5 mil reais —, a serem pagos com 2 milhões de entrada e mais três parcelas de 1 milhão, vencíveis em 31 de dezembro de 1963, 31 de dezembro de 1964 e 31 de dezembro de 1965. GT, na ocasião com 71 anos de idade e sem o interesse dos filhos em manter a coleção privada, aceitou a proposta (MASJ, 2022).

Inicialmente, a coleção foi integrada ao Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC). Feita a venda de seu acervo, Tiburtius foi convidado pela prefeitura de Joinville para trabalhar na sua organização. Assim, ele ficou junto à coleção, reorganizando-a e catalogando as peças no MNIC por pouco mais de um ano, de acordo com os recibos de pagamentos feitos a ele e com os registros das atas da comissão do museu, datada de 18 de novembro de 1963 (p. 25) e de fevereiro de 1965 (p. 25). Esta última ata também informava sobre o afastamento de GT do grupo por motivos particulares. De acordo com Schneider (1999, p. 31), “[...] eis que com a saída do Sr. Guilherme Tiburtius ficaria acéfalo em um dos setores culturais em Joinville, por cuja formação eu lutei bastante. E durante anos. Com idealismo”.

No entanto, a promulgação das Leis nº 620, de 9 de julho de 1963, e nº 637, de 9 de novembro de 1963, passou a destinar recursos para a compra da coleção e para a aquisição de um terreno destinado à sede do museu arqueológico. Contudo, foi na gestão do prefeito Dr. Nilson Bender que o museu foi oficialmente criado, por meio da Lei nº 1042, de 22 de dezembro de 1969 (JOINVILLE, 1969). O jornal A Notícia, logo após a efetivação da compra da coleção, felicitou o município pelo feito, escrevendo que ela, embora não fosse conhecida por “grande público”, era “admirada por muitos cientistas brasileiros, ingleses, argentinos e japoneses”, ganhando fama nesse círculo devotado ao assunto graças às publicações de GT, que continham “ilustrações com fotos, desenhos etc.” (JORNAL A NOTÍCIA, 23 de julho de 1963).

Ainda no ano de 1969, foi dado início às construções do prédio, numa parceria entre o município e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), assessorados pelo IPHAN, encampando a campanha de implantação de políticas culturais regionais. Quanto a essa parceria, Tamanini (1994, p. 89), aponta que os diretores do MEC viam o projeto do museu como “uma experiência museológica inovadora para Joinville e para o Brasil, justamente porque estava se edificando um museu moderno, um museu didático” (MASJ, 1997). O projeto arquitetônico foi desenvolvido pela equipe do IPHAN e assinado por Sabino Barroso, projetado com três salas de exposições, reserva técnica, laboratório, auditório, biblioteca, alojamento para pesquisadores e estacionamento. A proposta arquitetônica foi pensada e projetada de acordo com o acervo que iria receber. Segundo Souza (2007, p. 21), o MASJ abriria suas “portas à sociedade num momento em que o investimento em espaços culturais e o incentivo para a ampliação das temáticas abordadas pelos museus fazem parte de um movimento denominado Nova Museologia”, com acervos inéditos “em um momento

que privilegiava a promoção de novas e diversificadas formas de apropriação patrimonial”. Assim, com a construção finalizada, em 5 de setembro de 1972, após nove anos no MINC, a coleção de Guilherme Tiburtius começou a ser transladada para sua morada prometida. O MASJ, como conhecemos atualmente, conforme a figura 13, foi oficialmente inaugurado em 14 de outubro de 1972, em uma cerimônia municipal sob a gestão do prefeito Dr. Harold Karmann, prestigiada por inúmeras personalidades ligadas ao setor de bens e patrimônio cultural. A solenidade foi noticiada por diferentes jornais da época, que elogiavam a iniciativa do município em criar um espaço destinado à preservação da história, enaltecendo o trabalho realizado por GT. De acordo com Silva (2017, p. 24),

muitos trechos de reportagens sobre Tiburtius enfatizaram o fato da coleção ter requintes científicos e ser legitimada por pesquisadores renomados, essa poderia ser uma forma de mostrar à sociedade joinvilense que o dinheiro investido em sua compra e organização foi bem gasto, tendo em vista que essa não era uma temática muito conhecida nem abordada na cidade.

Figura 13 - Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ).



Fonte: ANotícia (2021).

Embora já estivesse aberto ao público desde 18 de setembro de 1972, somente em fevereiro de 1973 a equipe administrativa do museu tomou posse⁹. Diferentes jornais noticiaram a abertura do MASJ e a origem do seu acervo, fazendo menção ao trabalho realizado por Tiburtius, que

não foi apenas colecionador, embora não fosse cientista formado [...] arqueólogo por vocação, prestou a ciência brasileira um serviço de valor incalculável: evitou a perda, ou a dispersão indiscriminada de uma grande quantidade de peças, que hoje representam outras tantas

⁹ Para conhecer detalhadamente o processo de desenvolvimento e implementação do projeto do MASJ, podem ser acessadas as publicações de Bruno *et al.* (1991), Tamanini (1994) e Schneider (1999).

pedrinhas no Mosaico do longínquo passado do Brasil (DIÁRIOS ASSOCIADOS DE SANTA CATARINA, 17 de outubro de 1972).

Ao longo dos anos, o acervo do MASJ foi aumentando, incorporando peças e objetos de doações particulares, além de receber, até hoje, artefatos de desmontes e de pesquisas de salvamentos de sítios arqueológicos da região. Até 2012, o museu recebeu doações de objetos e documentos pessoais e alguns manuscritos da família de GT, por intermédio de seu filho Ewaldo, que foram integrados à coleção. A organização do acervo e o critério científico adotado por GT ao longo de sua trajetória como pesquisador e colecionador renderam a ele diversas homenagens ainda em vida, como em 1947, com o título de Cidadão Brasileiro, concedido pelo governo; em 1964, com a medalha de ouro Honra a Quem Tem Honra, conferida pela Sociedade Heráldica e Medalhística; em 1977, com o título de Cidadão Benemérito de Joinville, em reconhecimento a seus esforços para a criação do Museu Arqueológico de Sambaqui da cidade, em homenagem na Câmara Municipal de Vereadores; e em 1979, como sócio honorário da Sociedade de Arqueologia Brasileira, por meio de homenagem durante o III Seminário Goiano de Arqueologia.

Do colecionamento e das pesquisas realizadas nos sambaquis por GT, foram publicados, juntamente com outros pesquisadores, como João Biarella e sua esposa, Iris, e Alsedo Leprevost, importantes artigos científicos que ainda são referência nas áreas da arqueologia, da antropologia e da história do litoral sul brasileiro. Foram desenvolvidos esboços de tipologia e análises químicas de materiais, realizados com a colaboração da UFPR. O trabalho desenvolvido por “Guilherme Tiburtius não somente conservou informações sobre sítios desaparecidos, como também parece não ter sido ultrapassado pelos trabalhos mais recentes sobre a área” (MASJ, 1992, p. 16). Nesses trabalhos, foram abordados temas como: bula timpânica de baleia e artefatos derivados encontrados em sambaquis do Paraná e de Santa Catarina (1949); nota prévia sobre a jazida paleoetnográfica de Itacoara e Joinville (1951); pedras corantes e esqueletos pintados (1952); lâminas de machados de pedra (1953); anzóis de osso (1953); virotes (1954); contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina — II Sambaqui do Rio Pinheiros (N28) — (1954); objetos zoomorfos (1960); adornos (1960 e 1961); o sambaqui da Conquista (NR-9) (1966); e, por fim, publicações sobre cerâmica popular (1968). Além de “Arquivos de Guilherme Tiburtius I”, GT escreveu mais dois livros: “Cemitério de um povo

desconhecido no sambaqui de Enseada, no estado de Santa Catarina, Sul do Brasil” e “Sambaqui Morro do Ouro, Santa Catarina, Sul do Brasil” (MASJ, 1992).

Em consonância com os documentos acessados, como atas da Comissão do MINC e do MASJ, os jornais da cidade entre os anos de 1950 e 1965 e os registros presentes na coleção Memórias da Cidade, do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), o trabalho desenvolvido por GT foi bem aceito no município. Diferentemente da situação enfrentada no estado do Paraná, em Santa Catarina não foi evidenciado descrédito ou foram feitos julgamentos pejorativos associados à formação profissional de GT relativos ao trabalho realizado nos sítios arqueológicos ou na sua prática com o colecionismo. Os relatos são de dedicação à atividade, detalhismo, capricho em organizar uma coleção valiosa em artefatos, registrados e documentos cuidadosamente. Desse modo, percebem-se, nas narrativas documentais, sentimentos de admiração e exaltação aos seus trabalhos.

Embora tenha formado família, trabalhado e pesquisado no Paraná, GT, por questões de vaidade de pesquisadores do campo arqueológico e pela formalização da arqueologia paranaense, nunca teve o reconhecimento merecido naquele estado. Essa situação já era apontada na época, como mostra a reportagem veiculada na Gazeta do Povo, em 1979, com a história de GT e seus feitos. A manchete chamava atenção para um pioneiro que o Paraná esqueceu.

Apesar da falta de uma formação específica talvez, no Brasil todo não exista um pioneiro que tanto tenha contribuído para o conhecimento da nossa pré-história, como Guilherme Tiburtius e que. Inexplicavelmente, caiu no mais completo esquecimento no estado em que reside há quase sessenta anos (GAZETA DO POVO, 1979, s/p).

As palavras escritas acima talvez justifiquem por que a exuberante e mais completa coleção do Sul do Brasil foi vendida para o estado vizinho. Encerrados seus trabalhos como pesquisador e colecionador, GT ocupou seu tempo entalhando objetos em pau-brasil, esculpindo cópias de objetos arqueológicos, assim como imagens de índios. GT faleceu em 2 de dezembro de 1985, em sua residência, em Curitiba, aos 93 anos, deixando várias obras ainda inéditas, manuscritas e cuidadosamente ilustradas a bico de pena, trabalhos importantíssimos para os estudos arqueológicos das regiões Norte de Santa Catarina e Sul do Paraná, que a família doou ao MASJ. “Sua personalidade, entusiasmo de colecionador, conferiu ao

seu trabalho um detalhismo único, Invejável - just the same [...]” (BIGARELLA, 2022, p. 2).

Ainda há muito a ser escrito acerca do trabalho realizado por GT sobre a arqueologia brasileira, tanto no Paraná quanto em Santa Catarina. Muitos de seus manuscritos e anotações de campo de escavações ainda necessitam de transcrição e novos estudos. Trata-se de um material muito diversificado de informações que se complementam: suas fichas, seus croquis, seus desenhos, suas coleções, suas fotografias, seus documentos e objetos pessoais, suas correspondências. Enfim, o MASJ, em sua reserva técnica, preserva um incrível manancial de futuras pesquisas científicas nos mais diversos campos do conhecimento, fato que reforça a importância dos museus e seus acervos como fonte científica.

2.7 Considerações finais do artigo

Para efeito de conclusão, é interessante considerar que Guilherme Tiburtius foi uma personalidade marcante na arqueologia brasileira. No livro *O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana*, James Burke e Robert Ornstein (1998, p. 15) contam que os fazedores de machados presentearam o mundo, “cujas descobertas e inovações vêm, há milhares de anos, presenteando poder sob inúmeras formas”. Para esses autores, na medida em que outros humanos receberiam/encontrariam esses artefatos, “seriam capazes de mudar o mundo com esses instrumentos de poder” e, nesse movimento de mudar o mundo, “mudávamos nossas mentes, porque cada presente redefinia nosso modo de pensar, os valores e as verdades por que vivíamos e morríamos” (BURKE; ORNSTEIN, 1998, p. 15). Dito isso, constata-se que, a partir daquele encontro, em 1907, com os machados em pedra, GT viveria para deixar um estimado legado sobre a história do Sul do Brasil.

Apesar de tudo, percebe-se que GT sofreu por não ter formação específica associada à sua prática de pesquisador e ainda foi vítima da discriminação da profissionalização do campo da arqueologia nacional, sendo acusado de destruir sítios arqueológicos, situação que fez ele parar suas pesquisas e escavações no estado do Paraná em 1949. Nesse período, era buscada a profissionalização da arqueologia como profissão e “condenada” a exploração dos sítios arqueológicos por profissionais sem formação superior — isso porque GT atuava fortemente em locais onde havia

desmonte de sambaquis. No entanto, atualmente, seu reconhecimento é emérito e seus estudos são considerados pioneiros no campo da arqueologia brasileira.

Ademais, o colecionismo tem grande participação na história da humanidade e, por dispor de uma temática transversal e uma natureza não reducionista, adquiriu novas práticas na era digital, conferindo a ele um vasto círculo social e multidisciplinar, que se amplia cada vez mais frente à crescente variedade de objetos de coleções e formação de coleções e práticas de colecionar que ainda necessitam de estudos. Para Menegat (2005), os *homos sapiens* modernos são chamados de coletores e caçadores porque era coletando que se diferenciavam e separavam os elementos de seus interesses, ato que exigia deles, assim, a classificação das coisas. Coisas estas que, no tempo presente, precisam ser explicadas e entendidas pelos cientistas contemporâneos.

Contudo, é evidente nos registros documentais de GT em relação aos seus pertences que ele se esmerou em coletar/comprar, guardar/cuidar, organizar/estudar, expor/partilhar seus objetos. Essa maneira de ser, de estar e de viver o colecionismo é que define o colecionador e a sua coleção. GT foi muito mais que um colecionador e um arqueólogo. Ele foi um apaixonado pela pesquisa e pelo conhecimento. Tudo isso faz dele uma das principais referências em estudos sobre sambaquis do Sul do Brasil. Porém, pode-se dizer que o colecionismo nas vivências de GT foi marcado pelo vínculo entre os anseios individuais do colecionador e o reconhecimento social do seu trabalho, que foi alçado através da concretização do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, que recebe milhares de visitantes todos os anos, de diferentes lugares do mundo, e é referência nacional em acervo arqueológico.

Referências

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de 3 de abril de 1961.

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de 7 de outubro de 1963.

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de 18 de novembro de 1963.

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de fevereiro de 1965.

ALVES, Maria Cristina. **Maria Cristina Alves**. Entrevista [abril, 2021]. Entrevistadora: Rosane Patricia Fernandes. Itapoá, 2021. Entrevista concedida ao Projeto:As louças em barro da coleção Guilherme Tiburtius: um estudo a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas.

BENOIST, Lionel. **Musées et Muséologie**. Paris, Press Universitaire de France. 1971.

BIGARELLA, João José. Depoimento. Seminário comemorativo do centenário de nascimento do prof. dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). Anais. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, N. Esp. v. 3, p. 19-30. 2005.. Disponível em: <https://docplayer.com.br/214689432-Depoimento-joao-jose-bigarella.htm>. Acesso em 03 mar. 2022.

BIGARELLA, João José. **Matinho**: homem e terra, reminiscências. 3 ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2009

BIGARELLA, João José *et al.* **Sambaquis**, Curitiba, Pr: Posigraf, 2011.

BIGARELLA, Iris k. **Iris K. Bigarella**. Entrevista. [abril de 2022] Entrevistadora: Rosane Patricia Fernandes. Itapoá 2022. Entrevista concedida ao Projeto:As louças em barro da coleção Guilherme Tiburtius: um estudo a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas.

BOEIRA, D. A. O Patronato Agrícola de Anitápolis (SC): O núcleo colonial, os “menores” e a comunidade (1918-1930). **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 119–150, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/7931>. Acesso em 06 abr. 2022.

BRUNO, C.O.; AFONSO, M.; GUEDES, S.P.L de C.; ALVES, M.C. Um olhar museológico para arqueologia: a exposição Pré-História Regional de Joinville (Santa Catarina). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n1. São Paulo: EDUSP, 1:113-129, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/issue/view/8163>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.. **Lei no 3.924, de 26 de Julho de 1961**.. Brasília, 26 jul. 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm. Acesso em: 11 fev. 2022

BURKE, James; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados**: os dois gumes da história da cultura humana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 350.

CECCON, Roseli Santos. Em busca de uma arqueologia brasileira: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970. 2011. 171 f. **Dissertação** (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CHMYZ, Igor. José Loureiro Fernandes e a arqueologia brasileira. *Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba, v. 10, p. 43-105. 2006.

DE BLASIS, P., Sabine Eggers, Marta Lahr, Levy Figuti, Marisa C. Afonso & Maria Dulce Gaspar. **Sambaquis e paisagem dinâmica natural e arqueologia regional do sul do Brasil**. *Arqueologia Suramericana*. Departamento de Antropología, Universidad del Cauca (Colombia), Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de Catamarca (Argentina). 3 (1):29-61, 2007.

DIÁRIOS ASSOCIADOS DE SANTA CATARINA. **Acervo documental**. Jornal. DIÁRIOS ASSOCIADOS DE SANTA CATARINA 17 de outubro de 1972

FERNANDES, Loureiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 06 de setembro de 1946.

FUNARI, Pedro Paulo. (Org). **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, 1998, 317 p.

FAVERI, Marlene de. A repressão no governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do eixo durante a segunda guerra mundial. *Revista Cena Internacional*, v. 8, n. 2, p.193-216, 2006. disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CENAIternacional/2006/vol8/no2/7.pdf>. Acesso em 11 nov. 2022.

JOINVILLE. Lei nº 1042, de 22 de dezembro de 1969. CRIA O MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE. **Lei Nº 1042/1969**. Joinville , 22 dez. 1969.

Jornal A NOTÍCIA. **Acervo documental**. Jornal A NOTÍCIA, 23/07/1963.

GAZETA DO POVO. **Acervo documental**. Jornal GAZETA DO POVO, ano de 1971.

GAZETA DO POVO. **Acervo documental**. Jornal GAZETA DO POVO, ano de 1979.

GASPAR, Maria Dulce. **Os sambaquis**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centrosul do Brasil. Antes de Cabral: **Arqueologia Brasileira II**. Revista USP, São Paulo, n. 44, p. 270-327, dez./fev.1999/2000.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377-404, 2010.

MARQUES, Marcélia; HILBERT, Klaus. Coisas colecionadas: um jeito (conceitual e intuitivo) de lidar com a cultura material. **Métis**: história e cultura, Rio Grande do Sul, v. 8., p. 43-72, 2011.

MC Becker. **Acervo documental**. Livro Ouro Guilherme Tiburtius. Depoimento MC Becker, 1962.

MENEGAT, Rualdo. Epistemologias e o espírito do colecionismo (editorial). **Episteme/ Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências**, nº 20, jan./jun.2005, p. 05-12. Disponível em: https://www.academia.edu/35256487/A_Epistemologia_e_o_esp%C3%ADrito_do_colecionismo. Acesso em 03 dez. 2021.

NOVAIS, Roberto. Um Conjunto de Objetos Preciosos Para o Estudo da Pré História e Antropologia. **JORNAL DIÁRIO DO PARANÁ**, 30 de set. 1956. Ed.00454, 20/32. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/12562>. Acesso em 13 set. 2021.

O ESTADO DO PARANÁ. **Acervo documental**. O ESTADO DO PARANÁ, Jornal. Ano III, n. 628, 27 de setembro de 1953.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; VIANA, Sibeli Aparecida. Pré-História da Região Centro-Oeste do Brasil. **Revista Eletrônica Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología**, Goiânia, 2000. p. 1-10. Disponível em: http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/artigo:oliveira-2000/Oliveira_Viana_2000_Pre-Historia.pdf. Acesso em: 03 jun. 2021.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Distrito Federal: Editora da UNB, 1992. 627 p.

PROUS, André. MASJ - Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. **Acervo documental**. Livro Ouro Guilherme Tiburtius. Depoimento André Prous. 1952.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. **Relatório/Projeto de Pesquisa 1992**. Joinville, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Tradução de Maria Thereza Böbel. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996. 75p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). **Relatório 1972- 1997**. Joinville, 1997.

POMIAN, Krzysztof. Coleções. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 1. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 51-86. 1984.

RAMBO, Pe. Balduino **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Porto Alegre, 04 de abril de 1956.

ROHR, Pe. João Alfredo. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 26 de janeiro de 1963a.

ROHR, Pe. João Alfredo. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 24 março de 1963b.

ROHR, Pe. João Alfredo. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 4 de abril de 1963c.

ROHR, Pe. João Alfredo. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 24 de maio de 1963d.

ROHR, Pe. João Alfredo. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 31 de outubro de 1963e.

SILVA, Priscila Gonçalves Ferreira da. **A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade “germânica”**. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) Universidade da Região de Joinville UNIVILLE, Joinville, 2017.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Memórias VI: A pré-história de um Museu. História da gestação do Museu do Sambaqui. O idealismo constrói um museu**. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1999. 291p.

SOUZA, Flávia Cristina Antunes de. **A preservação do patrimônio arqueológico em Joinville/SC: desamontoando conchas e evidenciando memórias**. 111 f. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SEYFERTH, Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 61-88, 1999.

TAMANINI, Elizabete. **Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: um olhar necessário**. 186 f. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

TIBURTIUS, Ewaldo. **Ewaldo Tiburtius**: entrevista [mai. 2016]. Entrevistadora: Priscila Gonçalves Ferreira da Silva. Curitiba, 2016. Entrevista concedida ao Projeto A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade germânica.

TIBURTIUS, Claudio. **Claudio Tiburtius**. Entrevista. [julho. 2022] Entrevistadora: Rosane Patricia Fernandes. Itapoá 2022. Entrevista concedida ao Projeto: As louças em barro da coleção Guilherme Tiburtius: um estudo a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas.

TIBURTIUS, Guilherme. Ältere Hauskeramik aus der Umgebung vom Curitiba, Paraná, Südbrasilien. **Anthropos. Sonderabdruck, International Review of ethnology and linguistics**. Band 63, 1968. Internationale zeitschrift für völker-und sprachenkunde. Fribourg. p. 50-75. 1968 (texto traduzido).

3. ENTRE COISAS COLECIONADAS E COLEÇÕES MUSEALIZADAS ¹⁰

RESUMO

Entre os objetos que compõem a exposição de longa duração Coisas a Olhar, do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), estão alguns vasilhames da Coleção Etnográfica de cerâmicas do pesquisador e colecionador Guilherme Tiburtius, coletados no planalto curitibano entre os anos de 1941 e 1942. Por meio de revisão bibliográfica e pesquisa documental com utilização de fontes históricas, materiais e etnológicas, este artigo almeja contribuir com o desenvolvimento de estudos multidisciplinares a partir dos acervos dos museus que compõem o patrimônio cultural brasileiro em aspectos materiais e imateriais. Diante disso, é possível compreender que as louças de barro da coleção em questão estão além do simples gesto de transformar a matéria em objeto, pois possuem intencionalidades. No entanto, elas enunciam relações sociais e culturais que, em muitos casos, não ultrapassam as vitrines museais.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura material; objetos; coleções; museus.

ABSTRACT

Among the objects and stuffs that make up the long-term exhibition Coisas a Olhar at the Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville SC (MASJ) are some of the objects from the Ethnographic Collection of ceramics by researcher and collector Guilherme Tiburtius collected on the Curitiba plateau between the years from 1941 and 1942. Through a bibliographical and documentary review using historical, material and ethnological sources, this study describes how objects are part of social dynamics and how material culture helps us to reveal the practices and knowledge of peoples, with an emphasis on objects as a historical and scientific source. The research aims to contribute to the development of multidisciplinary studies and scientific research from the collections of museums that make up the Brazilian cultural heritage in material and immaterial aspects. Given this, it was possible to understand that the earthenware from the collection in question are beyond the simple gesture of transforming matter into an object, as they have intentionalities. However, they enunciate social and cultural relations that in many cases do not go beyond museum showcases.

KEYWORDS: Material culture; objects; collections; museums.

[...] Mais misteriosa do que a alma é a matéria. Mais enigmática que o pensamento é a “coisa”. A coisa que está às mãos milagrosamente concreta. Inclusive, a coisa é uma grande prova do espírito. Palavra também é coisa – coisa volátil que eu pego no ar com a boca quando falo. Eu a concretizo. A coisa é a materialização da energia. Eu sou um objeto que o tempo e a energia reuniram no espaço (LISPECTOR, 1978, 101).

3.1 Introdução

¹⁰ Parte deste artigo foi publicado na revista **Estudios Históricos** – CDHRPyB - Año XIII – Diciembre, 2021 - Nº 26 – ISSN: 1688-5317. Uruguay _ Entre Coisas Colecionadas e Coleções Musealizadas: Funções e Valores da Materialidade Histórica.

Os objetos e as demais coisas que cercam as pessoas e fazem a vida acontecer. Essa existência é caracterizada por inúmeros encontros com objetos que testemunham, por sua plasticidade, a marcha da humanização e do desenvolvimento social. Diante disso, este capítulo faz referência às coisas e aos objetos que permeiam a vida socialmente. Pode-se dizer que os objetos produzidos pelos sujeitos sociais assumem múltiplas funções na vida humana, testemunhando que, desde sempre, as criaturas humanas trazem consigo um estado consciente, sensível e cultural.

Heidegger (1992 p. 16) argumenta que conhecemos e usamos as coisas em sentidos “restrito” e “lato”. Restritivamente, uma coisa “significa o disponível, o visível, etc., o que está ao alcance da mão”. No sentido lato, “significa qualquer assunto, qualquer coisa que aconteça, de um modo ou de outro, as coisas que se passam ‘no mundo’, acontecimentos, eventos, etc”. (Heidegger 1992, p. 16) E num sentido ainda mais lato, “um fenômeno, [...] que não é acessível para nós homens, através da experiência”. (HEIDEGGER, 1992, p. 17). O autor coloca que as pessoas compreendem da melhor forma as coisas em seu sentido restrito, pois assim conseguem defini-las. Sinaliza, então, que uma coisa também pode ser interpretada como um suporte que é constituído de propriedades que se apoiam em si, trazendo outras coisas consigo. Dessa forma, “as coisas atuam uma sobre as outras e opõem-se umas às outras; de tais relações entre as coisas resultam, depois, outras propriedades, que as coisas passam igualmente a ter” (HEIDEGGER, 1992, p. 17). A partir desta definição de Heidegger, Hodder (2012, p. 7) enfatiza que coisa é uma entidade, é algo que tem presença, contida e definível de determinadas maneiras que congregam num fluxo de tempo, energia e informação, assim, “palavras, pensamentos, instituições, eventos e materiais têm em comum que, pelo menos para o mais curto dos momentos temporais, eles existem como entidades constantes definidas”. Hodder (2012, p.7) presume, então, que, uma coisa “é uma entidade que tem presença [...] que tem uma configuração que perdura, mesmo que brevemente [...]”.

Para esses autores, as coisas não são isoladas, elas tecem conexões e, em seus fluxos, seguem para outras formas pelo agenciamento e pela interação humana — ou não. Essas colocações vão ao encontro da teoria de Ingold (2015), que aponta para o fluxo contínuo do devir das coisas no mundo e, desta feita, questiona as distinções entre natureza e cultura, substância e objeto, que estão em constante transformação. Nesse sentido, Hodder (2012, p. 7) argumenta que a palavra objeto

poderia ser usada “para as coisas que são relativamente estáveis em forma”, complementando ainda que “o termo 'objeto' é muito amarrado a uma longa história que opõe sujeito e objeto, a mente e a matéria, o eu e o outro” e que “ele [o objeto] conota uma abordagem objetivada em que a matéria prima é analisada, codificada e presa a um discurso disciplinar [...] assim, em muitos aspectos o termo ‘coisa’ é uma sobreposição a 'objeto' [ou o contrário]”. Posto isso, é possível dizer que, neste estudo, o barro é a coisa, a matéria e a substância e as louças são os objetos.

Sob esta perspectiva, o ato de dar forma à matéria, seja qual for, acompanha o desenvolvimento da humanidade desde os primórdios. Através da ação cognitiva, o pensamento ganha significado e se modela, tomando forma de objetos no mundo que cerca os sujeitos, sejam moradias e vestimentas, sejam adornos para o corpo, utensílios para os afazeres diários, veículos para locomoção ou adereços diversos, entre muitas outras coisas. Por assim dizer, é por meio desses objetos que são criadas e organizadas as relações sociais, estabelecendo vínculos com o meio habitado e edificando o entorno com formas e sentidos como parte da trajetória humana no mundo. Assim, as pessoas se tornam os sujeitos de sua própria criação, vistos e compreendidos pelas coisas criadas ou amealhadas socialmente e que, no futuro, testemunharão a existência humana.

Nesse contexto, os objetos, no processo histórico, não são vistos apenas por sua manifestação material. Eles são compreendidos como signos culturais que acumulam em si diferentes fases da sua vida. Assim, o objeto vive em diferentes contextos sociais, possuindo existência polissêmica, ora no papel utilitário para o qual foi criado, ora com outras apropriações simbólicas, históricas e culturais, ora destruído, ora num circuito de representação das relações sociais. O contexto da história nova fez que os objetos, por meio da cultura material, se tornassem fontes históricas, admitindo diferentes metodologias na avaliação de seus atributos como testemunhos históricos. A partir disso, os objetos que compõem as coleções musealizadas passam a ser compreendidos como referenciais históricos e culturais dotados de valor documental.

Diante do exposto, este artigo objetiva, por meio de revisão bibliográfica e pesquisa documental, refletir sobre concepções que destacam as funções e os valores agregados aos objetos nas perspectivas histórica, cultural e simbólica sobre formação de coleções, amparado pelas discussões da cultura material, além de posicionar a figura do colecionador frente aos seus objetos, com os estímulos e os objetivos

envolvidos no ato de colecionar. Ademais, visa a fornecer novas e provocativas questões sobre como os objetos, naturais ou feitos pelos humanos, chegam a definir a relação das pessoas com o mundo que as cerca explorando sua ambiguidade, sua funcionalidade, seus sentidos, seus valores e, ainda, a natureza daqueles colecionados e sua musealização.

Para estabelecer a reflexão proposta entre objetos e pessoas, foram acionados para o capítulo os autores cujas perspectivas teóricas se complementam nas discussões de cultura material, materialidade e objetos, como Olsen (2003), Hodder (1987, 2012), Ingold (2007, 2015), Tilley (1994, 2008), Miller (2013), Woodward (2007) e Latour (2009, 2012). Apesar de abordarem o tema de forma diferente, todos almejam superar as macro dicotomias contidas nos binômios objetos-coisas, sociedade-cultura e cultura-natureza, acreditando que esses elementos dicotômicos são constitutivos entre si, sustentando a vida por meio das relações socioculturais não essencialmente humanas, atentos às ponderações das diferentes materialidades e temporalidades da cultura e da agência entre humanos e não humanos. Meneses (1983, 1984, 1998), Le Goff (1998, 2005), Olsen (2003), Woodward (2007), Geertz (2008), Lima (2011) e Ostrower (2012) sustentam as colocações da materialidade como cultura, documento e fonte histórica. No tocante a coleções, foram acionados Pomian (1984), Blom (2003), Pearce (1994), Soares (2014, 2020) e Oliveira (2013, 2017), entre outros autores, buscando compreender por quais meios coleções privadas, que nascem de uma tendência pessoal, formada ao sabor dos mais diversos propósitos, acabam no acervo de museus, em uma fruição pública.

Por fim, para tratar da institucionalização de bens culturais e dos museus como agentes de preservação patrimonial, foram acionadas colocações de Prats (1998, 2005, 2006), Chagas (2005), Poulot (2003, 2009), Debary (2010) e Padilha (2014), apresentando aspectos da coleção das louças de barro de GT que compõe o acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e o processo de atribuição de valor aos bens culturais.

3.2 Materialidade como cultura

A atuação humana sobre o ambiente e a matéria está presente na história dos povos desde o primórdio da civilização. O registo desses fatos aparece na história das sociedades humanas na forma de documentos escritos, representações gráficas e

imagéticas e pela oralidade. Para Costa e Viana (2019, p. 1), “o produto da ação humana e seus fatos marcam gerações posteriores, desde tempos imemoriais até o nosso contemporâneo”. Ao longo desse curso temporal,

[...] nem sempre os suportes físicos de determinados eventos perduram, e a história se limita a traços do que foi, ou do que aconteceu [...] porém, a materialidade é um testemunho que concretiza um fato, ou seja, a parte documental de um evento do passado que pode ficar guardado em um arquivo até ser recuperado no presente (COSTA; VIANA, 2019, p. 1).

Nada mais é puramente natural ao ser humano e seu meio desde que as ações humanas começaram a deixar impressões na natureza através do seu modo de vida e crenças. Essas ações humanas são interpretadas como ações culturais, pois a “cultura permite ao homem não só adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar esse meio a si próprio” (CUCHE, 1999, p. 10). Com suas necessidades e interesses de sobrevivência e de adaptação, o ser humano deu início à confecção de objetos, com matérias-primas naturais, que eram úteis a ele nos fazeres cotidianos. Latour (2009), ao estudar a atuação humana na modernidade, descreve essa ação como caracterizada por um conjunto de práticas que criam híbridos, misturas de natureza e cultura, personificando relações entre sujeitos humanos e não humanos. Por meio do ato de transformar a natureza a seu favor, fornece identidades e características culturais aos povos através da materialidade por eles produzida.

[...] A materialidade também se constitui por componentes físicos não necessariamente modificados por comportamentos antrópicos, mas que estão ou estiveram em interação com os grupos sociais. Se buscarmos uma correlação entre materialidade e cultura material, vemos que a primeira é mais ampla, compreendendo também o sentido dos elementos que não foram, pelo menos num primeiro momento, culturalmente determinados. A segunda é constituída por símbolos com potencial para agenciar o modo pelo qual grupos humanos, ao longo dos tempos, organizam e evocam a própria vida social (COSTA; VIANA, 2019, p. 2).

Para Geertz (2008, p. 28), o ser humano tem um equipamento natural para viver a vida que quiser apropriando-se do meio, contudo, “a sua cultura era tudo que ele podia reclamar, essa cultura é um ingrediente essencial e irreduzível em sua natureza, talvez mesmo o ingrediente dominante do seu fazer”, representado pelo aspecto da vida social dos indivíduos. Porém, Andrade (2016), em síntese dos

estudos de Ingold (2015) sobre o ser humano e o meio, aponta, no tocante à relação entre evolução histórica e noções de humanidade e animalidade, que o equipamento que a espécie humana detém em si para a adaptação ao meio não é natural da espécie, mas fruto do processo de adaptação e desenvolvimento à medida que a humanidade vive sua vida em relação ao meio, como sistemas culturais que se autodefinem e se retroalimentam continuamente.

Para Ingold (2015), os seres humanos são produtos da própria vivência. Estando vivos, são transformadores do mundo, atores desempenhando um papel na transformação do mundo por eles mesmos em quatro fases de sua existência. Conforme o autor, a primeira fase faz referência à “produção”, ao agir e transformar o meio; a segunda fase é a “história”, o registro, a evidência do fazer; na terceira fase há a preocupação com o “habitar”; e na quarta e última fase, vive a vida em ‘linhas’ enredadas na materialidade cultural substantiva, empírica, simbólica e material que ordenou ao seu redor. Em síntese, trata-se de um universo próprio, criado num movimento de autopoiese cultural que pode ser lido e interpretado à luz da cultura material deixada ao longo das trajetórias humana e social, materializada em objetos e outras coisas. Para Ostrower (2012, p. 9),

desde as primeiras culturas, o ser humano surge dotado de um dom singular: mais do que "homo faber", ser fazedor, o homem é um ser informador. Ele é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele se configura em sua experiência de viver e lhes dá um significado. Nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma [...] O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

Nesse sentido, o ato de criar é uma necessidade da criatura humana, e é por meio desse processo criativo que o ser humano se relaciona com o mundo, visto que o homem e a mulher surgem na história como seres culturais. No início, ao se adaptar ao meio, criou espaços de abrigo e manufaturou artefatos de caça dentro dos seus limites técnicos e hábeis para garantir a sobrevivência. Com o tempo, domesticou o fogo, elaborou utensílios e confeccionou vestimentas, fatos que lhe garantiram vantagens sobre as demais espécies — e há de se dizer que a seleção natural, de certo modo, favoreceu aqueles que souberam usar a cultura em seu melhor benefício, já que os animais não produzem sua existência, apenas a conservam (OSTROWER,

2012). Ademais, cada indivíduo é dotado de capacidade criadora que varia de acordo com suas aptidões e motivações intrínsecas ou extrínsecas ao meio cultural em que vive.

Ao ter consciência de sua existência como indivíduo, o ser humano logo se conscientiza de sua existência enquanto ser social, ainda que esse processo não seja vivido de forma intelectual por ele. O homem e a mulher, ao longo do tempo, manufaturaram, a partir dos elementos naturais, tudo que precisavam para realizar seus fazeres, adaptando o meio à sua existência. Pode-se dizer que o ser humano produz o mundo e a si mesmo guiado pelos valores sociais vigentes.

O modo de sentir e de pensar os fenômenos, o próprio modo de pensar-se e sentir-se, de vivenciar as aspirações, os possíveis êxitos e eventuais insucessos, tudo se molda segundo ideias e hábitos particulares ao contexto social em que se desenvolve o indivíduo (OSTROWER, 2012, p. 5).

Como ser consciente de si mesmo, que se percebe e percebe o que o cerca, que se questiona e interroga, o ser humano é levado a interpretar todos os fenômenos, naturais ou não, nessa condição de consciência do indivíduo, com o âmbito cultural transpondo o natural. Entende-se que a cultura é, portanto, um processo progressivo e contínuo de autolibertação do ser humano, que o caracteriza como um ser inacabado, um ser em evolução que ultrapassa a própria experiência (LARAIA, 1986). Nesse sentido, Woodward (2007, p. 15) diz que, para os humanos, os “objetos são culturalmente poderosos porque na prática eles conectam manipulação física e mental”.

Desse modo, o meio cultural também é um sistema de significados já estabelecido pelos valores sociais cunhados pela ação humana e expressos em materialidade. Os objetos materiais fazem parte do tecido da vida, “como nossos corpos são, de fato, esses dois aspectos de nossas vidas têm a característica fundamental de fisicalidade não possuída pela maioria das outras facetas de nossa existência” (PEARCE, 1994, p. 2). Esses objetos, frutos do fazer humano por sua durabilidade, são capazes de fazer as pessoas refletirem sobre sobre as vivências e os comportamentos sociais.

A materialidade enquanto elemento de subjetividade humana que não se manifesta somente nas categorias resultantes das intervenções

humanas, expressa por exemplo, naqueles objetos que estão inseridos em cadeias de gestos, compartilhando comportamentos técnicos advindos de tradições culturais [...] a materialidade também se constitui por componentes físicos não necessariamente modificados por comportamentos antrópicos, mas que estão ou estiveram em interação com os grupos (COSTA; VIANA, 2019, p. 2).

Costa e Viana (2019, p. 5), ao analisarem a correlação entre materialidade e cultura material, apontam que a “primeira é mais ampla, compreendendo também o sentido dos elementos que não foram, pelo menos num primeiro momento, culturalmente determinados”. Nesse sentido, pode-se dizer que uma paisagem ou o movimento natural de um astro é materialidade inerente à existência humana. Já “a segunda é constituída por símbolos com potencial para agenciar o modo pelo qual grupos humanos, ao longo dos tempos, organizam e evocam a própria vida social”. Dessa maneira, a cultura material se explica por si, visto que é parte ativa da vida, constituindo parte do tecido social, e que, em muitas situações, não precisa ser interpretada, é um documento histórico de forma nua e crua, compondo elementos culturais portadores de historicidade, de simbologia e de proveito (BLOCH, 2002; HODDER, 1987). Meneses (1983, p. 112) vê nessa interação homem/objeto uma relação social na qual os artefatos são “o suporte material, físico, imediatamente concreto da produção e da reprodução da vida social”. Na ciranda social da vida de um objeto, Gonçalves (2007, p. 14-15) aponta para o sistema classificatório que fazemos dos objetos quando são estabelecidos “usos, valores e sentidos associados ao lugar ocupado por estes objetos” dentro da sociedade, assim, “os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos [...] através dos diversos contextos sociais e simbólicos”. Esse é um ponto relevante para se pensar a questão dos objetos etnográficos musealizados.

Woodward (2007), por sua vez, conclui que as pessoas constroem um universo de significados em torno das coisas e usam objetos para fazer categorias culturais visíveis e estáveis e, a partir disso, implantar valores discriminantes para marcar aspectos de si próprios e dos outros. No caso das louças em barro da coleção de GT, os elementos e atributos inscritos nas faces internas ou externas dos vasilhames podem ser interpretados como marcas identitárias de quem os fez, como um legado, uma extensão de si mesmo ou do grupo social ao qual ele pertence.

3.3 Os objetos como fontes de informação cultural

Como fontes históricas, os objetos tiveram acolhimento no fim dos anos 1929, em meio ao movimento dos *Annales*, seguido pelo florescimento da história das mentalidades, na década de 1970, que mais tarde se constituiu em história nova, em que duas ou três gerações de historiadores, como Lucien Lefvre, Marc Bloch, Fernand Braudel (civilização material), Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierre Nora, entre outros (história social, das mentalidades e história nova), se debruçaram a procurar novas abordagens para tratar os acontecimentos sociais (LE GOFF, 1998). Para eles, a história era proveniente de toda experiência humana e era preciso considerar o acréscimo de novas abordagens e fontes à pesquisa histórica, deixando de lado a brevidade e se apoiando em processos de longa duração que permitissem melhor compreensão dos fatos (LE GOFF, 1998; 2005). Surgia, assim, uma nova abordagem histórica, alavancada pelo diálogo entre as ciências sociais, pela interdisciplinaridade e pela exploração de novos temas, sujeitos e campos do conhecimento histórico (LE GOFF, 2005).

Ao longo do século XX, entrou em cena, então, a natureza e o alcance da cultura material como fonte para o conhecimento histórico, pela simples durabilidade dos artefatos (MENESES, 1998). Ulpiano Bezerra de Meneses, no texto “Memória e cultura material”, elenca elementos que podem auxiliar na busca por informações nos artefatos, especialmente aquelas de conteúdo histórico. Nesse sentido, ressalta que

naturalmente, os traços materialmente inscritos nos artefatos orientam leituras que permitem inferências diretas e imediatas sobre um sem-número de esferas de fenômenos. Assim, a matéria prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante, selam, no objeto, informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedades dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais e semânticos - base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto (MENESES, 1998, p. 91).

Ao estudar a história de vida dos objetos enquanto evidências documentais, não se deve se limitar apenas ao artefato em si, é necessário cruzar as informações que são extraídas desses objetos com outras fontes, escritas ou não, quando

existirem (REDE, 1996). Como exemplo, há a produção¹¹ feita pelos pesquisadores Isabel Lenzi, Marize Malta e Paulo Knauss, que utilizaram 45 artefatos para contar uma história do Rio de Janeiro. Nesse enredo, os objetos são agentes e personagens históricos que, a partir de um recorte temático, retratam uma época ou aspectos da cultura e da história daquele município por meio de informações extraídas da sua materialidade. Desse modo, pode-se dizer que a cultura material, por si, “já permite propor a análise de fenômenos não acessíveis por fontes escritas” (REDE, 1996, p. 277). Cabe salientar que o domínio da escrita é relativamente recente na história humana e que muito do conhecimento social vem “dos registros históricos, culturais ou científicos escritos, poéticos ou filosóficos, que são produzidos por parcelas letradas e esclarecidas da população” (CERQUEIRA, 2005, p. 3). E o que dizer daquelas populações que não utilizavam a escrita para documentar seus feitos, seu modo de vida ou memórias?

Nesse aspecto, os documentos cerâmicos, as louças de barro, as pinturas ou as gravuras rupestres “nos obrigam a pensar que, junto à concepção literária, existem umas outras concepções” que suportam as memórias e fazeres desses grupos e que nem todas as significações culturais contidas na documentação escrita são suficientes para compreender a organização social, os saberes e as crenças de grupos do passado (CERQUEIRA, 2005, p. 7). Dito isto, é assertivo pensar que os objetos cerâmicos podem ser compreendidos como documentos, registros culturais materializados que testemunham a história da população que os produziu, demonstrando o comportamento humano no território e a relação com o meio que o cerca, “tal como um documento histórico traz marcas de seus autores” (SANTOS; SILVA, 2012, p. 8).

A cultura material está presente em todas as classes sociais, nas mais diferentes sociedades e em toda a cronologia temporal humana. Schiffer (1999, p. 2) chama atenção para o que não pode ser negligenciado pelos cientistas sociais ao estudarem a espécie humana, ou seja, “que a vida humana consiste em incessantes e variadas relações entre as pessoas e uma miríade de tipos de coisas”, o que faz dessas coisas uma fonte, um registro cultural que pode ser evocado sempre que necessário. Posto isso, pergunta-se: o que faz das louças de barro um registro

¹¹ KNAUSS, Paulo; LENZI, Isabel; MALTA, Marize. (Org.) **A história do Rio em 45 objetos**. 53 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2019. 371 p.

histórico e uma referência cultural? Será que a interação entre aquele povo e o barro é secundária ao processo da cultura? Será que a produção e o uso dessas louças de barro podem ser considerados, por exemplo, mais uma coisa na qual as pessoas negociam culturalmente significados instituídos? Na busca pelas respostas, Hodder (1987) entende que o significado dos objetos materiais é minimamente triplo, que artefatos possuem simultaneamente valor de uso, valor simbólico e valor histórico.

No caso das louças de barro, é possível dizer que o valor de uso é aquele que, por meio do seu efeito no mundo, cumpre sua função, como preparar alimento, cozer, servir, armazenar etc. No valor simbólico, os objetos têm elementos que podem comunicar, quer dizer, a técnica, o material empregado na produção da louça, as relações sociais envolvidas nos processos e na circulação das peças e todos os demais elementos que ligam a parte ao todo através dos significados, signos e metáforas daquele povo que deu forma e sentido a elas. Isto é, o seu significado simbólico vai além das características físicas ou históricas do patrimônio, estando ligado ao significado emocional atribuído a ele.

Por fim, o valor histórico é aquele que os objetos têm através das suas associações passadas, ou seja, as louças de barro encerram em si os saberes e fazeres de um determinado povo, materializando crenças, desejos, traços identitários e práticas sociais coletivas, operando como testemunho de eventos significativos de compreensão e aprendizado sobre o passado. Este seria o significado histórico na perspectiva de Hodder (1987), contudo, para o autor, todos os objetos estão sempre acontecendo por meio de um desses valores, reverberando inúmeras informações em que se desvelam processos sociais, identitários e simbólicos. Fonseca e Bória (2008, p. 3) suscitam uma questão em que reside uma problemática frequente no sentido da atribuição do valor histórico dos patrimônios. Eles apontam que não há, nem houve “uma discussão sistemática e aberta, e ainda sem uma consciência clara sobre o que se define ou não o caráter ‘histórico’ das coisas”, principalmente quando se classifica ou se fala de patrimônios alheios ou de outros povos.

Enfim, são questões ainda abertas à discussão no campo do patrimônio que Guarneri (2010) suscita ao indicar que o valor de um bem cultural não pode atender ou satisfazer apenas uma parcela da sociedade e que o reconhecimento do valor patrimonial é fundamental para a preservação e a conservação do patrimônio, orientando esforços para sua proteção, restauração, pesquisa e divulgação.

Os estudos advindos de remanescentes culturais cerâmicos podem trazer informações quanto ao comportamento social, à dimensão do grupo ou da comunidade que habita determinado território, à disposição, à forma e à organização interna das suas habitações. La Salvia e Brochado (1989) propõem que, nas sociedades tradicionais, a produção de um vasilhame de barro está na dependência de uma necessidade, que a criatividade na morfologia e no modo de decorar e preparar a pasta desses objetos diferem entre grupos culturais e que “o tamanho, a decoração e a quantidade dos vasilhames ajudam a criar hipóteses quanto à base da subsistência de seus fabricantes”, sugerindo aspectos sobre sua economia e bases alimentares, entre outras características das suas práticas sociais e/ou ritualísticas (BROCHADO, 1977, p. 9).

Ademais, Scheuer (1976) acrescenta que a descoberta do cozimento do barro para transformá-lo em cerâmica possibilitou às populações ancestrais não só um meio de preparar, cozer, armazenar e servir alimentos e bebidas, mas também um modo de se expressar e exercer função social e de registro de suas práticas.

Para Ingold (2012) e Olsen (2003), a materialidade de sociedades do passado é entendida como resultado dos processos histórico e social que pode ser expressa na forma de objetos e coisas dotadas de literalidade e imbuídas de significados sociais e simbólicos. Essa atribuição de significado é um processo contínuo e oscilante na vida de um objeto, que se estende além do valor utilitário, pois ele também expressa significados, assim como revela as relações estabelecidas com o mundo que cerca o sujeito. Nesse sentido, os estudos da cultura material como fonte histórica buscam relações ontológicas e epistemológicas para desvendar os processos culturais materiais e imateriais que organizam a vida social, usando a materialidade como suporte para pensar as pessoas, seus hábitos, comportamentos, conflitos e demais relações sociais (TILLEY, 1994; LIMA, 2011).

Miller (1994) defende que, pelo estudo da cultura material, é possível conhecer as relações sociais e ambientais humanas evidenciadas pelos objetos na construção do seu mundo material. Posteriormente, Ingold (2015) aponta para a primazia existencial, ou seja, a primazia que existe na construção da própria existência, testemunhada pelos processos de habitar o mundo e criar um modo de vida por meio da apropriação do ambiente e da confecção de coisas e objetos. Aplicando esse mesmo pensamento aos feitos etnográficos, pode-se chegar a conhecer os aspectos relacionados à produção, ao consumo e ao simbolismo dos artefatos contemporâneos

que foram confeccionados no pretérito. Para Soares (2020, p. 4), “as coisas” são provas materiais das sociedades do passado no tempo presente, e “perceberemos que o conceito cultura material e sua história constituem-se em um sistema de produção de conhecimentos sobre as coisas”.

Com o passar do tempo, a fotografia e outros dispositivos de registro, como os métodos de gravação de imagem e voz, tornaram outros objetos menos importantes como fonte de informação. Baudrillard (2002) aponta que um objeto não é inerte, tampouco incipiente. Ele é um signo de que a cultura material é discursiva e pode ser interpretada — assim como um texto é lido e decodificado na busca por informações. Para Lima (2011, p. 19),

assim como a linguagem, a cultura material é um sistema estruturado de signos, de modo que ela pode ser considerada como um texto. Nessa analogia textual, os textos materiais devem ser lidos, sua sintaxe desvendada, estando implícito o fato de que as pessoas os leem diferentemente, de tal forma que a cultura material está aberta a múltiplas interpretações. Por meio de discursos materiais, as pessoas falam silenciosamente sobre si mesmas, sobre sua visão de mundo, sobre o que não pode ou não deve ser dito verbalmente, e aí reside a sua força.

Comunicar é um dos atributos dos objetos. Moles (1972, p. 9), ao tratar da relação entre objeto e comunicação, traz à atenção a forma do objeto: “Como portador de forma é sensível aos olhos, ao tato e a abstração” e tudo isso comunica e remete à cultura dos objetos, não restritos a lugares de memórias e preservação, como museus e bibliotecas, mas em supermercados, estações de transporte, magazines, praças, ruas, pontes e edificações. Enfim, tudo que cerca os sujeitos é passível de experiências, sejam elas individuais, como no consumo privado de um objeto, sejam elas coletivas, como na apreciação de uma coleção em um museu ou nas exposições em série num *display* comercial (MOLES, 1972).

Lima (2011, p. 21) reforça ainda que “a cultura material é produzida para desempenhar um papel ativo”, é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante.

As perspectivas contemporâneas nas ciências sociais atreladas à cultura material se propõem a ir além das leituras simbólicas dos objetos, abordando a ideia

de que a materialidade está nas relações sociais. Nesse sentido, os campos de pesquisa e de escrita científica têm posicionado os objetos como testemunho histórico (POMIAN, 1987; MENESES, 1983; 1998; FUNARI, 1998; BAUDRILLARD, 2001; 2002), como lugares de memória e sentido social (CANDAU, 2010; NORA, 1993; DEBARY, 2010), como patrimônios (MENESES, 1983; CHOAY, 2001; POLOUT, 2009; PRATS, 1998; 2005) e como portadores de referência cultural (OLSEN, 2003; TILLEY, 2008; GONÇALVES, 2007; HODDER, 1987; 2012; INGOLD, 2012; 2015; LATOUR, 2009; 2012). Na concepção de testemunho histórico, o objeto material deixa de ter um papel passivo para se tornar “agente” da vida social e da memória.

Esse agenciamento dos objetos torna possível interpretar o passado através de monumentos, documentos, fotografias, edificações, móveis, vestimentas, entre outras coisas que fazem parte do cotidiano e que, com o tempo ou o lugar que ocupam, ganham ressonância e “o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o espectador, o representante” (GREENBLATT (1991) *apud* GONÇALVES, 2007, p. 215).

Pode-se dizer que a ascensão da materialidade como testemunho histórico tomou forma a partir da angústia epistemológica de antropólogos e historiadores que tencionaram o rompimento com os dualismos cartesianos do pensamento nos séculos XIX e XX. Esses pensadores lançaram novas nuances sobre a vida social dos objetos, consolidando-os como fontes de conhecimento científico de modo tardio. Essa nova postura de abordagem dos objetos chegou ao Brasil no fim dos anos 1970 e, a partir de então, os escritos sobre a cultura material passaram a florescer e a se consolidar nos campos de saber da história, da antropologia e da arqueologia e também na museologia brasileira. Assim, os objetos que eram testemunhos solitários agora são associados a outros objetos e contextos, compondo, desse modo, narrativas coerentes entre o passado e o presente (MENESES, 1998; BAUDRILLARD, 2002).

A vida humana não seria possível senão por intermédio de todo o aparato material que cerca os sujeitos e dá a eles suporte existencial. Embora os objetos não sejam considerados ideias, ou abstrações, eles possuem a capacidade de expressá-las e refleti-las (MENESES, 1983).

Nessa perspectiva, Hodder (1987) e Ingold (2015) explicam que, para entender o material cultural e extrair dele informações, é preciso pensar que os objetos vão além da sua forma, indo além da superfície aparente e alcançando sua realidade subjacente. Isso significa que é necessário pensar em termos de relações entre as

coisas ao invés de simplesmente pensar em termos das próprias coisas (REDE, 1996). Para tanto, Azevedo Netto e Souza (2010, p. 36) sugerem que é necessário recorrer a

fundamentos da História, Arqueologia, Semiótica e Ciência da Informação, a fim de que possamos entender como se constitui o documento, efetivado pelos objetos produzidos e utilizados pelo homem em suas práticas socioculturais cotidianas e como se expressa nas evidências materiais do passado. Incluímos, neste aspecto, os elementos culturais e naturais, que se tornam culturalizados.

Sendo o objeto produzido e alterado por mãos humanas, ele passa a ser uma produção social materializada, dotada de elementos e expressões que são portadoras de informações que auxiliam na interpretação do processo de desenvolvimento dos seres organizados socialmente e uma fonte à “reflexão e problematização dos sujeitos” (BAUDRILLARD, 2001, p. 9-10).

Nessa perspectiva, os objetos também podem se tornar objetos de coleções. Foi o que ocorreu com as louças feitas em barro reunidas por GT na década de 1940: foi cessada sua função de uso para se tornarem objetos de memória. Nessa dinâmica, silencia-se a função prática e o discurso manifesto das coisas, transportando-as para “uma série-coleção, onde se torna termo de um discurso latente, repetitivo, o mais elementar e o mais tenaz dos discursos” (BAUDRILLARD, 2002, p. 101).

A interação dos humanos com o mundo material, ao mesmo tempo que é complexa e enigmática, também é fascinante. Determinadas coisas e objetos impressionam os homens a ponto de eles as quererem para si, não por sua utilidade ou por finalidade de sobrevivência, mas por apresentarem características especiais e simbólicas. “As práticas de colecionar apresentam-se como uma expressão dessa interação entre pessoas e objetos” (OLIVEIRA, 2017, p. 170). E o estudo deste campo (homem/objeto) desafia constantemente estudiosos e pesquisadores a repensarem o entendimento sobre o papel de objetos e de colecionadores e o processo de comunicação que se estabelece em todo o sistema simbólico gerado pelas coleções (POMIAN, 1984).

3.4 Objetos, coleções e colecionadores

O ato de reunir objetos para si é uma prática tão antiga quanto a própria história da humanidade. Para Suano (1986, p. 12), “estudiosos do colecionismo crêem que recolher aqui e ali ‘coisas’ seja como recolher pedaços de um mundo que se quer compreender e do qual se quer fazer parte ou então dominar”.

Diante disso, quais informações culturais, etnográficas, históricas, ambientais e/ou científicas podem ser extraídas das coleções que se caracterizam como fonte de informações do comportamento social humano? A impressão sentida é que “tudo se passa como se não houvesse outra finalidade do que acumular os objetos para os expor ao olhar”, entretanto, não é apenas contemplação (POMIAN, 1984, p. 52). Para Mendoza (2005), o ato de colecionar foi determinante para que se alargasse o conhecimento sobre tudo o que havia no mundo e para a humanidade conhecer seu legado.

O ato de colecionar como atividade científica emergiu na Itália, no fim do século XVI. Nesse período, o naturalista italiano Ulisses Aldrovandi, fundador do Jardim Botânico de Bolonha, considerado capaz de lidar com criaturas estranhas, ocupava a linha de frente da atividade colecionadora. Era ambicioso e almejava ser o novo especialista daqueles tempos, com intenção de concluir o trabalho iniciado por Aristóteles e Plínio, a enciclopédia da natureza. Sua coleção tinha 13 mil itens em 1577, 18 mil em 1595 e cerca de 20 mil na virada do século (BLOM, 2003). As coleções daquela época não eram uniformes em orientação e conteúdo, mas compostas pelos mais inusitados tipos de objetos.

Samuel Quiccheberg (1529-1567) é frequentemente mencionado na literatura europeia. Ele, que foi médico, bibliotecário e guardião de coleções flamencas, publicou em latim, em 1565, em Munique, na Alemanha, a obra enciclopédica *Inscriptiones vel Tituli Theatri Amplissim*, que é o mais antigo tratado do qual se tem notícia dedicado à formação, à organização e à exibição de coleções. Além disso, os escritos da enciclopédia *História Naturalis*, composta de 36 volumes do romano Plínio Ancião, no ano de 1577, também fazem parte do seu acervo.

Durante a Idade Média, as coleções estavam aos cuidados dos príncipes da igreja. Os objetos eram de interesse religioso e tesouros de relíquias sagradas. O prestígio das coleções não esmoreceu, apesar de ser um período marcado pela valorização do imaterial em detrimento do lado material da vida. Os tesouros eclesiásticos rivalizavam com os civis e, repletos de diversidade, destacavam-se pelos objetos devocionais e litúrgicos, notabilizando a igreja. No entanto, a ação de juntar

objetos e colecioná-los tem suas raízes profundas na história da cultura ocidental. Os tesouros dos templos da Antiguidade Clássica foram os primeiros conjuntos a serem de apreciação no ocidente. “[...] Apesar da prática de colecionar remontar a um período anterior” na Grécia, sobretudo a partir do Helenismo, “la civilización que convirtió casi en obsesión sagrada sua afán de reunir y conservar en los templos y outros edificios variados produtos de la creación humana, especialmente objetos artísticos y outros de valor y significación diversa” (POMIAN, 1984; POVEDA, 2018, p.85 Os objetos que eram constituídos como oferenda aos deuses ou que formavam conjuntos funerários eram preservados pelos sacerdotes por possuírem valores votivos e religiosos (DUARTE, 2012). Para gregos e romanos, a prática de colecionar era, efetivamente, uma atividade elitista, competitiva e honorífica, que conferia estatuto social, refletia a sua cultura e gosto refinado e legitimava a sua autoridade (OLIVEIRA, 2017).

As coleções do período renascentista foram compostas por curiosos, estudiosos e amadores, não mais por sacerdotes divinos e filósofos — “e pela primeira vez aceitou-se a ideia de que o mercado de peixes era um lugar melhor para adquirir conhecimento do que uma biblioteca” (BLOM, 2003, p. 32). Enfim, era no mundo de fora das paredes das bibliotecas que a vida ocorria de verdade, as descobertas aconteciam e as pessoas, os caçadores, os pescadores que capturam as criaturas extraordinárias e maravilhosas, podiam saber e dizer mais sobre elas, seus nomes, hábitos e onde se escondiam — tais informações não se encontravam em antigos pergaminhos ou manuscritos latinos (PEARCE, 2005).

Com o advento do Iluminismo, do enciclopedismo seguido do surgimento das academias, “estudiosos conduziram as formas mais metódicas de abordar o mundo material e as formas mais especializadas de colecionar” (BLOM, 2003, p. 107). Dando início a uma organização funcional dos objetos, classificando-os racionalmente, esse ordenamento prevaleceu no colecionismo europeu dos anos 1700, caracterizado pela especialização das coleções, organizadas a partir de critérios racionais (BLOM, 2003).

Nos séculos XVIII e XIX, novos ventos sopraram e as grandes coleções particulares se tornaram protagonistas do núcleo fundador de inúmeros museus públicos e privados, organizadas com o intuito de mostrar o progresso da humanidade. Por possuírem características culturais e científicas, as coleções passaram a ser vistas como instrumentos pedagógicos geradores de conhecimento e saber, sendo colocadas à disposição de todos “como um direito, acesso à cultura e à arte numa

instituição pública ou privada, o museu” (DUARTE, 2012, p. 85). Algumas instituições passaram a nomear sessões ou o próprio museu para prestigiar o colecionador.

Ao longo dos séculos XX e XXI, o aceleração da produção de bens e serviços, associado ao advento da globalização, provocou a expansão da cultura de massas e deu novos rumos às práticas de colecionar, tornando-as um verdadeiro fenômeno mundial. Isso provocou uma mudança no paradigma do colecionismo e as coleções passaram a ter um cunho científico, tornando-se portadoras de valores nacional, cultural e histórico (DUARTE, 2012; OLIVEIRA, 2017). Atualmente, é possível conseguir objetos e outras coisas do interesse da coleção por meio de sites especializados, leilões virtuais, lojas de antiguidades, mercados e feiras de pulgas e mesmo em aquisições clandestinas em redes de troca. Nesse contexto, a busca por novos objetos para enriquecer a coleção “assemelha-se a uma caça ao tesouro, uma aventura fascinante e irresistível” (OLIVEIRA, 2013, p.17).

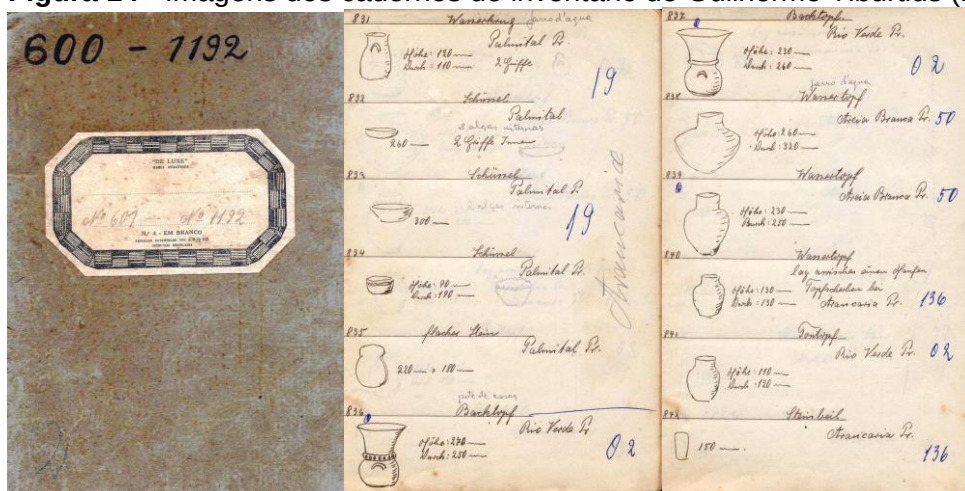
O gosto de colecionar objetos acompanhou Guilherme Tiburtius (GT) da infância até a vida adulta. A fama de sua coleção atraía com frequência visitantes, pesquisadores e outros colecionadores que se interessavam pelas “quase 15.000 peças entre líticos, vasilhames cerâmicos, esqueletos humanos, artefatos em osso de fauna, adornos, zoósteos, pontas de projétil e artefatos conchíferos” (SILVA, 2017, p. 21). Mas, afinal, tudo que se guarda ou reúne é coleção? Para Pearce (1994, p. 50-51), “formar uma definição válida do que faz uma coleção e distingui-la de outras acumulações é complexo, até porque todas essas definições tendem a ser autossuficientes” ou vãs. Quando se recorre à literatura para buscar uma definição do que é coleção, depara-se com uma gama de especialistas de diferentes áreas do saber buscando elementos tangíveis na prática de coletar e guardar objetos considerados “fundamentais para a construção de uma definição inteligível e, paralelamente, rigorosa” (OLIVEIRA, 2017, p. 173). Pearce (1994, p. 157), na busca por identificar os atributos que pudessem dar características de coleção aos objetos tirados de circulação, salienta que

uma coleção é basicamente determinada pela natureza do valor atribuído aos objetos, ou ideias possuídas. Se o valor predominante de um objeto ou ideia para a pessoa que o possui é intrínseca, ou seja, se for valorizada principalmente pela sua utilização, finalidade ou qualidade esteticamente agradável, ou outro valor inerente ao objeto ou que lhe seja acrescido por quaisquer circunstâncias de costume, formação, ou hábito, não é uma coleção. Se o valor predominante for

representativo, ou seja, se o referido objeto ou ideia for valorizado principalmente pela relação que tem com alguns outros objetos ou ideias, tais como ser um de uma série, parte de um todo, um espécime de uma classe, então é objeto de uma coleção.

A autora permite identificar a distinção entre os objetos recolhidos e mantidos para utilização a partir de uma ideia útil e ampla de uso, além dos objetos recolhidos e organizados como parte de uma sequência, ordenados em série ou classe, o que denota a noção de coleção. Essa característica pode ser constatada nos cadernos de inventário da coleção de GT, nos quais foram colocados número, desenho, croquis e descrição de cada peça, como indicam as figuras 14 e 15.

Figura 14 - Imagens dos cadernos de inventário de Guilherme Tiburtius (1941).



Fonte: MACHADO, Daniel. Caderno de GT. 2022. Fotografias.

Figura 15 - Fichas do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville organizadas por Guilherme Tiburtius após a venda da sua coleção ao município, em 1963.

49

MUSEU MUNICIPAL DE JOINVILLE
SEÇÃO ARQUEOLÓGICA E ETNOLÓGICA

Objeto N.º 852

Localização: _____

Sala: _____

Armário: _____

Prateleira: _____

Classificação: Concussito

Descrição: _____

Procedência: Antiquária

Município: Tempe Largo

Local: _____

Posição: _____

Data: 18.11.1964

Preenchida por: G. J.

CRÔQUIS DO OBJETO:



MEDIDAS:

Compr.: _____

Larg.: Boca: 236 mm

Gross./alt.: Larg.: 184 mm

Peso: Larg. boca: 160 mm
peso neto: 44 mm

Observações: com 2 alças
sem na boca
provavelmente foi fabricado em 2 partes, por
te de fundição exterior
mal abastida - se
basta por uma prensa
com a parte de
fundo que em parte
da casa -



Fonte: MACHADO, Daniel. Fichas da coleção de GT. 2022. Fotografias.

O procedimento e a mentalidade adotados pelo colecionador na hora de coletar objetos de seu interesse mostram que são pertinentes para atribuir valor ou significado às coisas recolhidas. Os escritos de Pearce (1994, p. 157) permitem entender que

[...] recolher é reunir objetos pertencentes a uma categoria particular que o colecionador se dedica...e uma coleção é o que foi recolhido [...] é colocada na mentalidade do colecionador, pois essencialmente uma coleção é o que ele acredita ser, desde que haja pelo menos alguns objetos físicos reunidos. Isto exprime o elemento essencialmente subjetivo de uma recolha muito bem-feita [...] recolha...[é] uma obsessão organizada. Uma das distinções entre possuir e recolher é que a este último implica ordem, sistema, talvez conclusão. O interesse do colecionador puro não está vinculado pelo valor intrínseco dos objetos do seu desejo, custe o que custar, ele deve tê-los.

Nessas colocações, percebe-se que o ato de colecionar se distancia da prática da acumulação, que não é sistemática durante a recolha ou a ordenação segmentada dos objetos. A ação acumuladora está apenas atrelada a significados emocionais, utilitários ou de *hobby*. Nesse sentido, Oliveira (2017, p. 171), ao estudar coleções e colecionadores, aponta que a prática de guardar ou reunir objetos se difere de colecionar, pois

[...] uma coleção é como uma entidade composta por um conjunto de objetos, removidos do circuito das atividades económicas e sem valor utilitário. Esses objetos são selecionados, organizados e classificados, e dotados de significado, o que lhes confere um valor representativo, o poder de na sua individualidade falarem pelo todo e assumirem um único discurso. Esse fenómeno não ocorre quando apenas se reúne objetos.

Essa definição corrobora com a fala de Pomian (1984, p. 53), quando diz que “qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” podem ser considerados coleção. O autor destaca que a coleção é “uma instituição universalmente difundida” e tem um carácter universal, uma vez que os objetos reunidos são dotados de sentido que desencadeiam processos de comunicação (POMIAN, 1984, p. 68). Nota-se que, com o passar do tempo, aprimoraram-se os métodos de observação, de coleta e de tratamento dos objetos colecionáveis. Ao guardar e proteger essas coisas de modo privilegiado, atribui-se consciência ao ato de colecionar, além de imbuir os objetos da “capacidade de sustentar os debates acerca do desenvolvimento relativo à cultura, ciência, poder, hegemonia, colonização, espoliação, tecnologia, biodiversidade, produção científica e artística, o fazer popular etc.” (BRUNO, 2009, p. 15).

Como exemplo, temos a compra de 8.500 objetos da coleção de GT, no valor de 5 mil cruzeiros, pela Prefeitura Municipal de Joinville, no ano de 1963, por meio da Lei Municipal nº 620, na gestão do prefeito Helmuth Fallgatter, que culminou, posteriormente, na criação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), inaugurado em 1972. Essa coleção já era conhecida no meio científico arqueológico devido às publicações que Tiburtius e o casal José e Iris Bigarella fizeram entre os anos de 1940 e 1950. Essas publicações foram ilustradas com fotos e desenhos sobre objetos e artefatos reunidos por GT durante seus trabalhos como pesquisador e colecionador.

Após a compra, a coleção ficou por anos sob a guarda do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville (MNIC), abrigada em uma ala própria, até que a sede do MASJ fosse construída. Em 14 de outubro de 1972, o MASJ iniciava sua trajetória museológica como um *locus* de cultura, ciência e educação, atraindo

regularmente visitantes, estudantes e pesquisadores para conhecerem um manancial científico e cultural que preserva “referência específica a grupos Pré-Históricos litorâneos” (TAMANINI, 1994).

Os estudos do “fenômeno colecionismo” se associam ao “fenômeno museus” nessa trajetória. As coleções perpassam o *status* da curiosidade e se firmam em fonte científica (SUANO, 1986, p. 12).

3.5 Museus e a institucionalização de bens culturais

O termo *mouseion*, na Alexandria no século II a.C., batizava o espaço destinado ao “saber enciclopédico” que sustentava as discussões das áreas de conhecimento da época.

O *mouseion* de Alexandria possuía, além de estátuas e obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros, presas de elefantes, pedras e minérios trazidos de terras distantes [...] dispunha de biblioteca, anfiteatro, observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico (SUANO, 1986, p. 11).

O *mouseion* alexandrino congregava, num mesmo espaço, arquivos documentais diversos, biblioteca e um protótipo de museu. “A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na antigüidade, adquiriu novos significados ao longo da história” (JULIÃO, 2006, p. 18).

Os séculos XVI e XVII foram marcados pelos *studiolos*¹² e gabinetes de curiosidade, conforme figura 16, que exerceram uma influência poderosa sobre a prática contemporânea de salvaguarda de coleções, manuscritos, relíquias e outros tesouros. As *kunstkammer*¹³, as *wunderkammer*¹⁴ e a *kunstschränk*¹⁵, da figura 17, foram as primeiras formas de gabinetes destinados a abrigar as coleções de propriedade privada de objetos extraordinários, espécimes naturais, pinturas, joias e obras literárias manuscritas de colecionadores do início do período Moderno.

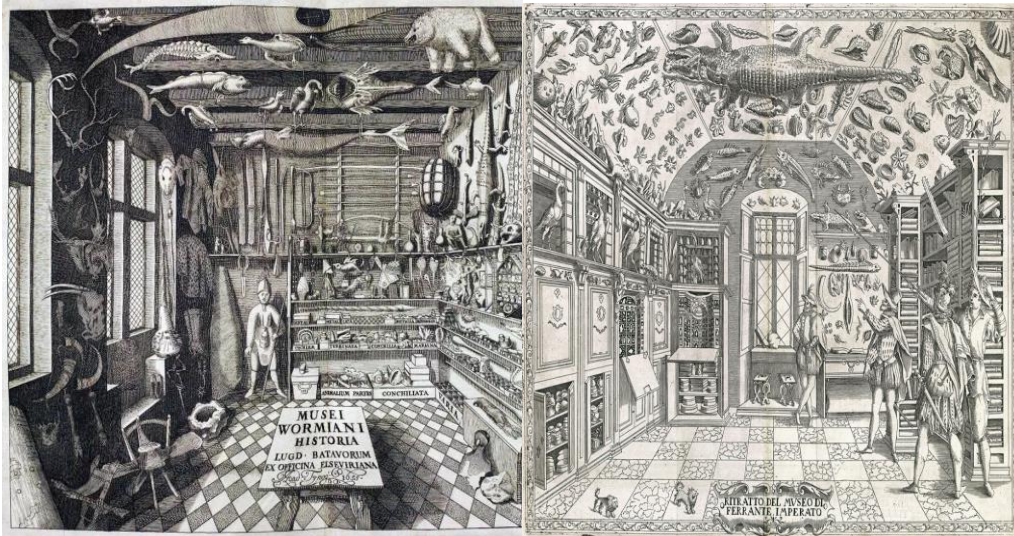
Figura 16 - Gabinete de curiosidade de Ole Worm, do Museu Wormianum, na Dinamarca, em gravura de 1655.

¹² Primeiros espaços privados para guarda de objetos colecionados.

¹³ Câmara para objetos artísticos.

¹⁴ Repositório de objetos extraordinários.

¹⁵ Câmara das maravilhas.



Fonte: Gabinete de curiosidade do século XIX¹⁶

Figura 17 - Exemplos de kunstkammer (à esquerda), wunderkammer (centro) e kunstschränk (à direita).



Fonte: Pinterest (2021)¹⁷

Essas estruturas construídas em madeira nobre e vitrines de vidro são frequentemente descritas como precursoras dos museus contemporâneos. Cada modelo de gabinete abrigava diferentes tipos de objetos e as coleções geralmente ficavam dentro de uma residência particular. Mas também podiam estar expostas em ambientes por onde circulavam um maior número de pessoas, como igrejas, jardins,

¹⁶ Disponível em: <https://emptyurglass.com/2016/wunderkammern>. Acesso em: 29 jan. 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/454230312410699721/>. Acesso em: 29. jan. 2021.

bibliotecas, locais de reuniões e cafeterias, bem como em espaços construídos especificamente para este fim (BLOM, 2003; BOWRY, 2015).

No entanto, apesar de compartilhar certas semelhanças com o museu, os gabinetes funcionam de acordo com diferentes princípios de organização, exibição e interpretação, e foram concebidos e recebidos de uma forma totalmente diferente entre distintos contextos históricos, sociais e culturais (BOWRY, 2015, p. 8).

Aos poucos, esses gabinetes de curiosidade deram espaço para as instituições oficiais. Ao final do século XVIII, junto à conjuntura da Revolução Francesa (1789-1799), a Europa presenciou o aumento exponencial de instituições museais, com destaque aos museus de história e ênfase aos períodos históricos de maior entusiasmo patriótico. Nesse contexto, surgiu a “acepção atual de museu”, instituída por meios de processos legais e instrumentados por um “aparato jurídico e técnico”, pautados em procedimentos de preservação do patrimônio nacional, quando “reliquias aristocráticas e religiosas foram salvas do vandalismo político e depois exibidas ao público” (POULOT, 2013; CHOAY, 2001, p. 97). Contudo, os primeiros museus eram de ordem enciclopedista, classificatórios e evolucionistas, sediados em países colonialistas. “Muitos museus europeus aumentaram enormemente suas coleções nesse século, por intermédio de saques e transferências de bens de suas colônias em todas as partes do mundo” (CÂNDIDO, 2013, p. 34). Nesse enredo, a autora cita o *British Museum*, de Londres (1753).

No início do século XIX, outras tipologias de museus também entraram em evidência, objetivando o seu serviço à sociedade, mas também interesses de ordem política. Como frutos desse período tem-se o Belvedere de Viena (1783), o Museu do Louvre (1793), o Museu de Artes e Ofícios (1794) e o Museu dos *Monuments Français* (1795). Essas instituições tinham acervos culturais e científicos, com finalidade pedagógica “de educar a sociedade francesa nos valores clássicos da Grécia e de Roma”, fortalecer a identidade nacional e a sua herança contemporânea, bem como fortalecer “o pensamento científico e suas relações práticas” (SUANO, 1986, p. 28). Nessa época, também entraram em cena os museus etnográficos. A partir da conjuntura social do fim do século XIX é que se consolidou a “acepção moderna de museu”, com a inauguração de outras instituições museais que, além do Louvre, são expoentes museus europeus ainda hoje, como o Museu do Hermitage, em Leningrado (1852), e o Museu do Prado, em Madri (1819) (JULIÃO, 2006, p. 20).

Concebidos dentro do “espírito nacional”, esses museus nasciam imbuídos de uma ambição pedagógica — formar o cidadão, através do conhecimento do passado — participando de maneira decisiva do processo de construção das nacionalidades. Conferiam um sentido de antigüidade à nação, legitimando simbolicamente os Estados nacionais emergentes.

Além das antigüidades nacionais, muitos desses museus reuniram acervos expressivos do domínio colonial das nações européias no século XIX. Expedições científicas percorriam os territórios colonizados, com o objetivo de estudar seus recursos naturais e sua gente, e de formar coleções referentes à botânica, zoologia, mineralogia, etnografia e arqueologia, que seriam enviadas para os principais museus europeus. No Brasil, as inúmeras viagens e pesquisas de naturalistas estrangeiros resultaram em minuciosos relatos de viagem, com descrições do meio físico, da fauna, da flora e dos nativos, e na remessa de importante acervo brasileiro para instituições museológicas e científicas da Europa (JULIÃO, 2006, p. 21).

De acordo com o Relatório de Gestão (BRASIL, 2003-2006, p. 6) da Política Nacional de Museus, as duas primeiras experiências museológicas no território nacional referem-se ao século XVII, “com a implantação de um museu (incluindo jardim botânico, jardim zoológico e observatório astronômico) no grande parque do Palácio de Vrijburg”, durante o período da dominação holandesa, em Pernambuco, e entre os séculos XVIII e XIX, com a Casa de Xavier dos Pássaros, ou Museu de História Natural, no Rio de Janeiro. Contudo, “acontecimentos museais capazes de se enraizar na vida social e cultural brasileira” chegaram, assim como outras iniciativas culturais, após a vinda da família real portuguesa, em 1808. O Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1818 como Museu Real, teve como acervo inicial a própria coleção de história natural do monarca. Essa instituição teve seu caráter científico somente no fim do século XIX. Pode ser observado, a partir da segunda metade do século XIX, um movimento crescente na criação de novos museus no Brasil, seguindo a ideia de processo de modernização da nação (BRASIL, 2003-2006). Ainda nos anos

[...] oitocentos, foram criados os museus do Exército (1864), da Marinha (1868), o Paranaense (1876), do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894), destacando-se, nesse cenário, dois museus etnográficos: o Paraense Emílio Goeldi, constituído em 1866, por iniciativa de uma instituição privada, transferido para o Estado em 1871 e reinaugurado em 1891, e o Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, surgido em 1894 (JULIÃO, 2006, p. 21).

Posteriormente, após a Segunda Guerra Mundial, houve significativas mudanças na história do pensamento em diferentes áreas do conhecimento, acompanhadas por uma aceleração ímpar na produção de tecnologias de comunicação e informação. “Observa-se a ocorrência de transformações paradigmáticas na sociedade que afetaram diretamente instituições, sobretudo as de caráter cultural e educacional”, impactando, do mesmo modo, os museus enquanto instituições de expressão cultural (CNM-IBRAM, 2013, p. 16). Essas insurgências dos anos 1950, frutos da crise advinda com o impacto da industrialização e da busca pela especialização do conhecimento, vieram questionar a lide tradicional dos museus e anunciar o papel social dessas instituições na contemporaneidade, não se limitando apenas a recolher, a restaurar e a expor seus acervos (VARINE-BOHAN, 1979).

Esse aumento institucional demandou a caracterização dessas instituições e a definição do que seria um museu. Segundo o Conselho Nacional de Museus (CNM), a partir da publicação do Estatuto de Museus, em 2009, e de acordo com o art. 1º da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro do mesmo ano, os museus seriam

[...] instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.[...] Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, 2009).

No entanto, a fim de caracterizar interdisciplinarmente essas instituições, que paulatinamente sofreram transformações (institucionais e conceituais) ao curso do tempo, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), por meio de um processo colaborativo que perdurou por aproximadamente dois anos e envolveu profissionais de todo o mundo, aprovou, em agosto de 2022, uma nova conceituação para os museus. Essa definição atual “traz mudanças importantes com relação à definição que vigorava até então, incorporando termos e conceitos relacionados a desafios contemporâneos, tais como sustentabilidade, diversidade, comunidade e inclusão” (ICOM, 2022, s/p).

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM.ORG.BR, 2022, s/p).

A partir desta definição, percebe-se que os museus desenvolvem um papel fundamental na sociedade, desempenhando várias funções e proporcionando inúmeros benefícios. Entre elas, preservação do patrimônio cultural, educação e aprendizado, divulgação científica e inovação, promoção da cultura e das artes, desenvolvimento turístico e econômico, lazer e entretenimento, bem como promoção do diálogo e compreensão por meio da disponibilização de espaços onde as pessoas possam se encontrar e compartilhar experiências. Essas são apenas algumas das razões pelas quais os museus são importantes e valiosos para a sociedade. Eles também contribuem para o enriquecimento cultural, a preservação do conhecimento e a criação de um espaço para a descoberta, a contemplação e a conexão com o passado e o presente. De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2013), há museus em todo o território nacional, com predominância de instituições nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. No entanto, percebe-se que toda região ou lugar possui uma memória a ser preservada e uma história a ser problematizada por intermédio de acervos museais, entre outras possibilidades de uso desses espaços.

Foi no contexto colonial que as instituições museais cresceram e se multiplicaram por todos os cantos do mundo, com maior intensidade entre os séculos XIX e XX. Isso favoreceu a formação de acervos ordenados e a atuação de instituições culturais com objetivos educativos, científicos e públicos. Nesse período, os museus e seus acervos “desempenharam um papel educativo perverso ao demonstrar os estágios evolutivos e modelos de desenvolvimento cultural implicitamente mencionando a superioridade da cultura ocidental”, isso porque as expressões culturais não ocidentais foram marginalizadas (WOODWARD, 2007, p. 18).

Foi também nessa época que aumentou o número de coleções de coisas com o objetivo de transmitir informação através de uma disposição sistemática dos objetos à espera de plateia. Nesse contexto, as coleções se tornaram um elo que aciona ligações entre um espectador que as olha e um leque de possibilidades e de camadas temporais ilustradas na história dos objetos e das evoluções sociais. No entanto, no

início do século XX, o antropólogo Franz Boas organizou acervos e objetos museais direcionados ao olhar dos espectadores de um modo que performou o papel educativo do museu e suas coleções. Ele organizou os objetos com base em arranjo de grupo de vida, de modo a “construir um modelo em escala realista que representasse cenicamente alguns aspectos da vida social das pessoas”, de forma que as comunidades se reconhecessem no patrimônio preservado pelos museus e não apenas apreciassem uma exposição (WOODWARD, 2007, p. 19). Havia nessa proposta de Boas uma “grande preocupação nessas primeiras manifestações de estudos de cultura material com a ordenação e a organização de coleções de artefatos de outros”, ou seja, de outras culturas, de objetos e coisas que representassem o outro e suas expressões culturais (WOODWARD, 2007, p. 19).

Contudo, o acolhimento de uma coleção num museu pressupõe o início de uma nova fase na vida dos objetos, na qual eles passam a adquirir outras funções, significados, interações e leituras (OLIVEIRA, 2013). Nesse sentido, Pomian (1984) chama atenção para que as coleções desempenhem o papel de mediadoras entre os espectadores e os mundos possíveis que os representam. Desse modo, o próprio objeto, estando exposto ao olhar, interage com quem o observa, cumprindo, assim, uma de suas funções, que é de ser um sócio transmissor, como aponta Candau (2010).

Os objetos vinculados a coleções, para Pomian (1984), perdem seu caráter utilitário e passam a ostentar um valor simbólico, cultural ou histórico. Nesse estágio, os objetos de uma coleção sofrem o esvaziamento de sua função utilitária e ficam fora do circuito das atividades econômicas, seu *status* é de valor simbólico, e não mais de uso, e o tratamento que lhe é concedido é de preciosidade, ultrapassando seu valor de uso, deixando-o apto a assumir novos discursos, narrativas e significados (POMIAN, 1984; BAUDRILLARD, 2001). Assim, Guarnieri (2010, p. 165) aponta que o valor simbólico dos objetos pode coexistir com outros valores, “pois o valor simbólico não é algo que seja a posteriori atribuído a uma coisa”, visto que “para os homens [...] sentido e significação peculiares, assume o caráter de bem, de valor [...]”, transitório ou não ao longo da vida humana, bem como das coisas. Para Davallon (2006), objetos patrimonializados e/ou musealizados não perdem seu valor de uso, embora sofram alterações na atribuição de outros valores em sua funcionalidade naquele momento.

Nesse sentido, Davallon (2014, p. 14-18) alerta para a necessidade de se prestar atenção à “maneira que a patrimonialização tem de alterar a verdade do

passado” quando se vivem momentos de fabricação de patrimônios, quando há uma ruptura com o conhecimento histórico cultural das coisas à luz de interesses do presente. Para ele, o movimento de patrimonialização institucional deve resguardar as qualidades do objeto original que são a ligação com seu mundo de origem, com suas raízes no passado que não podem ser replicadas, ou seja, são a sua prova de autenticidade. Desse modo, o objeto patrimonial é portador de características (patrimoniais) únicas e originais, tornando-se um representante do passado no presente (DAVALLON, 2014). No entanto, o autor entende a patrimonialização como um “processo pelo qual um coletivo reconhece o status de patrimônio a objetos materiais ou imateriais, de tal maneira que [...] se torna herdeiro de quem os produziu e, como tal, tem a obrigação de os guardar a fim de transmiti-lo” (DAVALLON, 2014, p.14). Dito isso, reforça-se a importância das coleções como detentoras de valor patrimonial por serem portadoras de referencial cultural de diferentes grupos humanos e emissárias de categorias sociais na preservação de saberes e fazeres do passado que se querem transmitir como um patrimônio para as gerações futuras.

[...] O patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade (UNESCO, 2020)¹⁸.

O conhecimento que se tem do que é patrimônio cultural emana da construção social e da atribuição de valores simbólicos a ele, ou seja, uma “invenção” atrelada a interesses que ecoam na ativação de discursos patrimoniais, estando eles sujeitos a mudanças na medida em que ocorrem transformações históricas e culturais. Os patrimônios referem-se à importância de um bem ou lugar como um símbolo ou uma representação de ideias, crenças, memórias coletivas ou identidades culturais. É um valor que vai além das características físicas ou históricas do patrimônio e está ligado ao significado cultural e emocional atribuído a ele (GOWERT; OBERHAUSEN, 2014).

Assim, a atribuição do valor patrimonial pode ocorrer por meio de diferentes contextos, como por identidade cultural, em que o bem ou lugar pode ter um valor patrimonial simbólico significativo ao representar as identidades culturais de um grupo,

¹⁸ Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-frompast-to-the-future/>> Acesso em: 12 out. 2020.

comunidade ou nação. Pode também estar relacionado a símbolos, tradições, narrativas históricas ou práticas culturais que são valorizados como parte de bens ou lugares que adquirem valor patrimonial simbólico por sua conexão com eventos ou momentos históricos que são importantes para preservar a lembrança de experiências passadas e suas consequências.

Ele pode ser associado a lutas por direitos humanos, movimentos sociais, emancipação, justiça, igualdade, liberdade ou resistência. Da mesma forma que pode ser considerado símbolo cultural ou religioso devido à sua importância espiritual, religiosa ou simbólica. Pode ser centro de adoração, de peregrinação ou de práticas rituais e ser valorizado como espaço sagrado ou de significado espiritual profundo. Por fim, podem ocorrer valores estéticos e emocionais, quando o valor patrimonial simbólico está relacionado à apreciação estética e ao impacto emocional que um bem ou lugar tem sobre as pessoas. Pode ser a beleza da arquitetura, a serenidade de um jardim histórico, a harmonia de uma paisagem natural ou a atmosfera única de um local.

Posto isso, entende-se que valor patrimonial simbólico está intrinsecamente ligado às percepções, interpretações e significados atribuídos pelas pessoas. É um valor intangível, mas poderoso, que contribui para a compreensão, a apreciação e a preservação do patrimônio como parte do legado cultural de uma sociedade (PRATS, 2006; HERNÁNDEZ; TRESSERRAS, 2007; GOWERT; OBERHAUSEN, 2014; DAVALLON, 2014).

Esses autores, assim como Choay (2006), acreditam que o entendimento do que é patrimônio pode ser facilitado pelos objetos e monumentos, materiais, saberes e fazeres imateriais que se constituem dos feitos sociais da humanidade e, por suas características culturais, resistem à passagem do tempo ainda em uso ou em instituições de preservação, como os museus ou espaços memoriais, contrapondo presente e passado, “demonstrando a continuidade ou a troca histórica e social”. (GUTIERRE, 2015, p. 51). Aqui é acionado sentido aos espectadores, “capaz de ressignificar o passado no presente apontando ao futuro, relacionando, assim, distintas gerações” por se constituírem como documento da história (GUTIERRE, 2015, p. 51). Hartog (2003, p. 1) fala do “*régime d'historicité*”, em que o regime de historicidade pode fazer o patrimônio celebrar o passado que não é o passado, mas a presença dele que ganha aderência na maneira pela qual as coisas do passado são apresentadas no presente ou serão apresentadas no futuro. Nesse sentido, as

instituições museais têm papel ativo na organização da presença desse passado no presente. Para Poulot (2009, p. 14), a compreensão do patrimônio cultural está associada à

[...] assimilação do passado, que é sempre transformação, metamorfose dos vestígios e dos restos, recreação anacrônica, e a relação de fundamental estranheza estabelecida, simultaneamente, por qualquer presença de testemunhos do tempo remoto na atualidade. [...] Assim, o patrimônio cultural é um espelho para os indivíduos, contribuindo para revelar a identidade de cada um, sendo o lugar da identidade cultural.

Prats (2005, p. 18-9) aponta para um processo distinto de construção social para o patrimônio cultural que atende a duas questões que se complementam: a “*sacralización de la externalidad cultural*” e a “*puesta en valor o activación*”. A sacralização da externalidade cultural, segundo o autor, é um mecanismo universal reconhecido facilmente, em que a sociedade define um ideal cultural de mundo para si, como num sistema de representação, que tem como base o crescimento do capitalismo, a separação homem-natureza e a valorização do individualismo e do passado. Já o processo de ativação do patrimônio descrito por Prats é emanado dos interesses e das negociações entre poderes políticos e, posteriormente, submetido à aprovação social. Desse modo, para ele, a atribuição de valor se produz através de uma prévia hierarquizante de determinados elementos patrimoniais, frequentemente resultado de processos identitários e pouco espontâneos.

Logo, a atribuição de valor relaciona-se absolutamente a um discurso pouco explícito, mas sempre presente, conforme Prats (1998, p. 64, tradução nossa)¹⁹, “que nenhuma invenção adquire autoridade até ser legitimada como uma construção social e que nenhuma construção social ocorre espontaneamente sem um discurso inventado previamente”. Diferentemente disso, esses patrimônios ficam estéreis e sem ressonância e não são ativados como referência cultural, econômica ou identitária por parte das pessoas (PRATS, 1998).

O autor ainda chama atenção para os patrimônios e bens culturais locais, materiais ou imateriais que são instituídos e eleitos sem o envolvimento da comunidade nos processos decisórios, que acaba alheia a eles. Essas colocações

¹⁹ No original: que ninguna invención adquire autoridad hasta que no se legitima como construcción social y que ninguna construcción social se produce espontáneamente sin un discurso previo inventado.

vão ao encontro do que advertem Borges e Campos (2012, p. 118) quando dizem que é preciso observar que a ressonância, quando manifestada através da evocação do que está exposto, vai “efetuar-se de modo genérico, não afetando do mesmo jeito e nem com a mesma intensidade sujeitos que possuem diferentes referências culturais”. Nesse ínterim, Borges e Campos (2012, p. 119) afirmam que

[...] patrimônios não poderiam ser definidos como propriedade herdada (patrimônio instituído ou formalizado), mas como valor (patrimônio instituinte ou constitutivo), e que valor significa, precipuamente, a relação com uma dada formação histórica e cultural, implica que não basta um ato legal ou uma decisão de um segmento social para que, efetivamente, um bem cultural seja amplamente reconhecido como patrimônio. Daí a importância de se verificar o quanto um objeto ou traço cultural é significativo para uma dada comunidade, e isso implica saber o quanto e o quê esse objeto evoca, somado ao quanto e o quê ele representa para essa comunidade. Assim, um objeto, um artefato, um evento poderá ser considerado patrimônio (como expressão cultural simultaneamente instituinte e instituída) quando estiver investido de um alto grau de ressonância a de um grau elevado de aderência.

Posto isso, Debary (2010, p. 29) observa a importância que o museu tem ao proporcionar “uma segunda vida como patrimônio aos objetos”, concedendo a eles a possibilidade de novas trocas e outros usos, significados e narrativas, que, por meio dos processos museográficos, podem promover “forças culturais e dinâmicas” que provoquem pelos objetos patrimonializados a “ressonância e a aderência desejada”, acionadas a partir “da ruptura histórica que se faz acompanhar, com frequência, de uma política de conservação daquilo que desaparece”, mas que é necessário ser lembrado pela manutenção do valor intrínseco sobreposto aos demais valores atribuídos aos objetos que são fruto de atividade humana e cultural (BORGES; CAMPOS, 2012, p. 121). Para Soares (2014, p. xxii),

[...] os museus, por meio de suas representações e/ou coleções, “também criam, alteram, manipulam, transformam as realidades sociais ao estabelecerem novos laços (por vezes, inesperados) entre humanos e não-humanos”.

Assim, as louças em barro da coleção de GT, coletadas em municípios do entorno de Curitiba e que atualmente estão na exposição Coisas a Olhar, no MASJ, em Joinville, como mostra a figura 18, são tidas como um valioso patrimônio que documenta expressões culturais de populações singulares materializadas em objetos.

O pote, o vaso e o cuscuzeiro, vasilhames daquela coleção mostrada na figura 19, reverberam processos sociais e o cotidiano doméstico das comunidades que os produziram. Esses artefatos, por meio da museografia, são capazes de suscitar reflexões sobre histórias negligenciadas e tradições esquecidas. Tais objetos musealizados podem auxiliar no vislumbre de identidades culturais e dar vida a personagens silenciados ou esquecidos.

Figura 18 - Imagem da exposição Coisas a Olhar, do Museu de Arqueológico de Sambaqui de Joinville em 2020, com vasilhames da coleção de Guilherme Tiburtius.



Fonte: Tripadvisor (2019)²⁰

Figura 19 - exemplares da coleção de Guilherme Tiburtius, coletados no entorno de Curitiba/PR entre 1941 e 1942.



Legenda: Um pote/panela à esquerda, um vaso no centro e um cuscuzeiro à direita, feitos de barro, Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em barro coleção GT. 2022. Fotografias.

Para Oliveira (2013), esse processo museográfico se concretiza através do estudo das coleções, da sua biografia e da narrativa, que são sucessivos e distintos processos de análises social e cultural que resultam num manancial de informações que o museu organiza, interpreta e apresenta ao público.

²⁰ Diponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303584-d2402842-i231059234-Museu_Arqueologico_de_Sambaqui-Joinville_State_of_Santa_Catarina.html

Por meio de guias e mediadores culturais, a interação dentro do museu pode influenciar a percepção dos visitantes sobre as louças em barro como patrimônio cultural. Eles podem fornecer informações adicionais, contar histórias e criar um contexto cultural mais significativo para as peças expostas. A partir dessa mediação, cada visitante pode encontrar conexões pessoais com as louças em barro com base em suas próprias heranças culturais, tradições familiares ou interesses individuais. Visitantes com um interesse prévio pela cultura, história ou artesanato podem ter um maior conhecimento sobre as louças em barro e, portanto, estar mais propensos a identificá-las como patrimônio cultural.

É nesse sentido que Borges e Campos (2012), bem como Gonçalves (2007), discutem o conceito de ressonância e delimitam o conceito de aderência na discussão patrimonial. Para eles, ao se determinar o que é patrimônio, não se pode perder de vista a relação entre o bem cultural e seu valor, valor substancial, visto que os artefatos/objetos são a emanção do trabalho humano em meio social. Nessa relação, um objeto, ao ser musealizado, não poderia perder seu valor (utilitário), ao qual ele foi concebido, e passar a ostentar apenas valor simbólico, quando, de fato, ele nunca perderá seu real valor intrínseco enquanto for produto de um processo cultural.

Caso seja negligenciada a manutenção desses valores, pode acontecer de a comunidade espectadora dos objetos não se identificar com o patrimônio ali exposto. A exemplo disso, os autores, para contextualizarem a aderência no processo de ressonância dos objetos musealizados, ilustram a situação da exposição de *mokuton*²¹, em que ele é observado por dois visitantes, um deles *kayapó*, da mesma cultura do objeto, e um outro espectador de um contexto cultural distinto. Ambos são afetados pela ressonância da representação daquele objeto, no entanto, somente o indígena se adere ao *mekuton*, identificando-o como seu patrimônio, o que não acontece com o outro indivíduo, que percebe o mesmo objeto de outra forma, atribuindo valor a ele a partir de sua própria cultura, sem, necessariamente, existir uma aderência àquele patrimônio. Nas palavras de Borges e Campos (2012, p. 83), ressonância refere-se a “efeitos de memória entre um bem cultural e um sujeito ou um

²¹ Trata-se de um capacete-cocar que simboliza muitos aspectos do mundo cosmológico *kayapó*. É um documento que, além de narrar a história mítica desse grupo étnico, expõe parte do seu conhecimento concernente à relação terra-céu. Os *kayapó*, um grupo do Tronco Macro-Jê, distribuem-se por uma extensão importante do Brasil central, com aldeias no Parque Indígena do Xingu, ao norte do Estado de Mato Grosso e ao sul do estado do Pará (BORGES; CAMPOS, 2012, p. 118).

grupo [...] e a aderência como relativa ao grau de maior ou menor relevância para um sujeito pertencente ao contexto” de determinados patrimônios.

Desse modo, em relação à questão posta acima, das louças em barro da coleção de GT, como supor o potencial da ressonância e da aderência quando encontram-se sob o olhar alheio? Serão identificadas como patrimônio cultural pelos visitantes do museu? Será que os sujeitos se identificam com as louças das figuras 5 e 6 enquanto patrimônio cultural, uma vez que a sociedade é miscigenada com raízes profundas nas culturas indígena e africana? Bom, são perguntas que ainda necessitam de respostas, porém, cabe registrar a relevância dos museus enquanto articuladores e agentes fomentadores dessa “aderência” que deve emanar da ressonância dos bens culturais que eles preservam por meio de ações de educação cultural e patrimonial associadas a um processo de comunicação efetivo com a expografia de seus acervos.

O espaço museal é o denominador comum da conservação de diferentes épocas pela preservação de produtos representativos de distintos períodos da história do desenvolvimento humano e comunicador da sua cultura durante os séculos. As coleções e outros objetos conservados nos museus são elementos de fundamental relevância no desenvolvimento cultural do mundo moderno (VARINE-BOHAN, 1979). Juntamente com outros espaços de memórias, bibliotecas e arquivos históricos, os museus desempenham um papel importante no testemunho da história das atividades humanas desde sua origem até o presente. Em sua gênese, o museu é um arquivo de memórias históricas documentadas em coisas “que necessitam ser preservadas, estudadas, interrogadas, debatidas e interpretadas para que possam, efetivamente, beneficiar a sociedade e o seu desenvolvimento” (BRUNO, 2009, p. 19).

Posto tudo isso, “os debates em torno da questão do patrimônio cultural refletem diretamente nas instituições museológicas”, num movimento de renovação das práticas dessas instituições na busca de uma museologia que alcance, de fato, os propósitos museais de serem “centros de informação, lazer e de educação do público [...] imprimindo-lhe uma função crítica e transformadora na sociedade” (JULIÃO, 2006, p. 24-25), já que, “de certo modo, o museu conhecido e herdado da Modernidade europeia já não é o mesmo e nem representa os mesmos sujeitos” (SOARES, 2020, p. 9). Nos últimos dois decênios, tem-se buscado rearticular “os regimes patrimoniais de acordo com as demandas sociais de grupos subalternizados e a experiência museal vem deixando de ser definida exclusivamente pelos termos de

especialistas ou pelos enunciados hegemônicos [...]” (SOARES, 2020, p. 9). Afinal, os sujeitos são produtos sociais de matrizes híbridas, porque ainda resistem à identificação e ao reconhecimento de determinados patrimônios, quando já foram apropriados de costumes e tradições, enquanto herdeiros culturais de grupos minoritários negligenciados historicamente. Daí a importância das ações museais como forma de empoderamento cultural.

3.6 Considerações finais do artigo

Ao longo deste escrito, buscou-se descrever as diferentes relações estabelecidas entre a materialidade e a humanidade que vêm sendo nutridas desde os primórdios da civilização, quando o ser humano tomou consciência de si mesmo e da sua condição de transformar o meio e se organizar socialmente através da cultura material que produz. Desse modo, percebe-se a complexidade que envolve o sentido, o significado e o valor atribuído aos objetos e toda a materialidade criada nos processos sociais que auspicaram a construção da identidade e da memória dos diferentes grupos humanos que compõem a sociedade. Como aponta Miller (2013), os objetos não são importantes porque são abundantes ou onipresentes, mas porque são envolvidos na representação e simbolização social e são reconhecidos por conterem significados importantes para a ação social. Ademais, os objetos representam ou simbolizam um aspecto de cultura e têm ressonância e aderência cultural porque são reconhecidos por membros de uma sociedade ou grupo social. Então, os objetos representam processos sociais e são reconhecidos no meio social que as pessoas vivem.

Dessa maneira, percebe-se que é complexa, estreita e essencial a interação com a cultura material na sustentação da vida cotidiana e, na medida em que a sociedade tem se modernizado, a interdependência entre sujeito e objeto é crescente. Essa condição está encenada na exposição das coleções musealizadas de coisas e objetos do passado que oportunizam a aproximação sistemática com o presente de tal maneira que, a partir delas, são atribuídos sentidos de pertencimento e de identidade com base nos atributos culturais e de continuidade representados pelos objetos que incorporam informações únicas sobre a natureza do ser humano no meio social e que resiste ao tempo imbuído de novos usos e apropriações compreendidos no caráter social da cultura material.

No tempo presente, os indivíduos se envolvem constantemente com objetos do passado, de forma direta ou indireta, vivendo em um mundo no qual os objetos têm mobilidade global, seja por meios tecnológicos e virtuais, seja por ressignificações e novas apropriações. Isso significa compreender as diferentes vidas sociais que os objetos podem ter. Como afirma Marx (1968, p. 329), “o homem se reproduz não apenas intelectualmente, em sua consciência, mas ativamente e realmente, e ele pode, portanto, moldar-se a si mesmo em um mundo que ele mesmo criou”.

Buscando responder os questionamentos feitos neste artigo, pode-se dizer que a interação entre um povo e o barro na produção de louças não é apenas secundária ao processo cultural, mas fundamental para a expressão cultural e o desenvolvimento de uma identidade coletiva. A escolha do material, as técnicas utilizadas na confecção e o significado atribuído a esses objetos fazem parte do patrimônio cultural dessas comunidades e contribuem para a preservação e a transmissão do conhecimento tradicional.

Além disso, as louças de barro podem ser consideradas parte de um sistema cultural mais amplo, conectando-se a práticas culinárias, rituais, tradições e formas de sociabilidade específicas de um determinado grupo ou comunidade. Portanto, a interação entre um povo e o barro na produção de objetos não é apenas um aspecto secundário, mas uma expressão essencial da cultura.

Em suma, as louças de barro podem ser exemplo de como os objetos materiais e as práticas culturais são influenciados e moldados pelas interações sociais e pelas negociações de significado dentro de uma determinada cultura.

Ao supor o potencial da ressonância e da aderência das louças em barro da coleção de GT quando se encontram sob o olhar alheio, algumas considerações podem ser levantadas. Por exemplo, pode ocorrer a ressonância cultural significativa quando são apreciadas por pessoas de uma mesma comunidade, que compartilham as referências culturais e simbólicas associadas a esses objetos. Nesse caso, a aderência das louças à cultura local é fortalecida e a apreciação das peças pode gerar conexões emocionais e despertar memórias coletivas compartilhadas. Outra possibilidade é a ressonância histórica, que pode ocorrer quando são consideradas como testemunhas de períodos passados. O olhar alheio sobre essas peças pode despertar interesse pela história e pelos contextos culturais em que foram produzidas, permitindo a compreensão e a interpretação de práticas e tradições do passado. Também pode ocorrer aderência estética por meio do valor atribuído à sua beleza,

formas, texturas, cores e padrões decorativos. A estética das peças pode ser apreciada independentemente do conhecimento específico sobre a cultura de origem, criando uma conexão puramente visual e sensorial entre o observador e as louças. Por fim, podem despertar aderência cultural e simbólica quando são expostas a olhares alheios que pertencem a diferentes culturas ou contextos sociais, pois a apreciação e a interpretação desses objetos na exposição museal podem variar. O potencial de aderência e ressonância cultural depende do grau de familiaridade e compreensão das referências culturais associadas às peças. Para alguns, as louças podem evocar curiosidade e interesse em aprender sobre a cultura de origem, enquanto para outros podem ser apreciadas principalmente como objetos estéticos ou decorativos.

Posto isso, o potencial de ressonância e aderência das louças em barro da coleção de GT, quando se encontram sob o olhar alheio, depende das experiências, dos conhecimentos e das perspectivas individuais dos observadores. A apreciação das peças pode ser influenciada pelas conexões cultural, histórica, estética e simbólica estabelecidas entre os objetos e as pessoas que as observam em exposição em um museu.

Quanto à identificação das louças em barro como patrimônio cultural pelos visitantes de um museu, pode variar de acordo com diversos fatores, como o contexto cultural dos visitantes, seu conhecimento prévio, suas experiências individuais e suas expectativas em relação à visita ao museu. Quer dizer, a percepção das louças como patrimônio cultural pelos visitantes pode ser influenciada por diferentes elementos museográficos e pelas informações fornecidas pelo museu.

As louças de barro podem evocar uma conexão com as tradições, as técnicas e as práticas artesanais e ancestrais desses grupos culturais, bem como com a história e a herança cultural compartilhadas. As culturas indígena e africana têm uma presença significativa na formação cultural e identitária de várias regiões do país, e louças de barro são frequentemente associadas a essas tradições. Portanto, para muitas pessoas, as louças de barro podem representar um elo com suas raízes culturais e despertar um sentimento de identificação e pertencimento.

Além disso, a apreciação e a valorização das expressões culturais indígenas e africanas vêm ganhando destaque na promoção da diversidade cultural e no fortalecimento das identidades. Nesse sentido, as louças de barro podem ser

reconhecidas como parte do patrimônio cultural desses grupos e, por extensão, como um patrimônio compartilhado por uma sociedade miscigenada.

Portanto, sobre a coleção de louças em barro de GT pertencentes ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, entende-se que ela necessita ser problematizada de modo a gerar reflexões sobre as comunidades que produziram as peças, por meio da constituição da sua biografia discutida em contextos histórico e social, desvelando o silêncio que as envolve, a fim de promover respeito à alteridade e à diversidade cultural da qual as pessoas fazem parte. Entretanto, como adverte Velthen (2012), é necessário atentar-se para as ressignificações e a vida social a que um objeto está sujeito na jornada percorrida por ele, entre a sua coleta e a transposição a instituições públicas ou particulares.

Referências

ANDRADE, Berlano. B. F. de. Os desdobramentos do debate sobre os conceitos de Natureza e Cultura em Tim Ingold. REIA- **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, ano 3, volume Especial I, p. 23-33, 2016.

AZEVEDO NETTO, C.X; SOUZA, A. J. de. A importância da cultura material e da Arqueologia na construção da História. **Revista História Unisinos**. V. 14, n. 1, p. 62-76, Jan/abril. 2010, Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/4707> Acesso em: 02. dez. 2020.

BAUDRILLARD, Jean. **Senhas**. Rio de Janeiro: Difel, 2001. 84p.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 4. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 232 p.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Regulamento Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.. **Lei Nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009**.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006. Brasília: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2006. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/relatorio_de-gestao_2003_2006_1.pdf. Acesso em: 06. Junho. 2020.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 160 p.

BLOM, Philipp. **Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 303p.

BORGES, Luiz C; CAMPOS, Márcio D'Oliveira. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência. In: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus (Org.). Encontro Regional do ICOFOM LAM. **Termos e Conceitos da Museologia**: Museu Inclusivo, Interculturalidade e Patrimônio Integral. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins / UNIRIO, p. 112-124, 2012

BOWRY, Stephanie Jane. **Re-Thinking the Curiosity Cabinet**: A study of visual representation in Early and Post Modernity. 2015, 305 f. Tese (doutorado). School of Museum Studies, University of Leicester, UK, 2015.

BROCHADO, José B. **Alimentação na Floresta Tropical**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, Caderno n. 2, 1977.

BROCHADO, José B. **Alimentação na Floresta Tropical**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, Caderno n. 2, 1977.

BRUNO, C.O.; AFONSO, M.; GUEDES, S.P.L de C.; ALVES, M.C. Um olhar museológico para arqueologia: a exposição Pré-História Regional de Joinville (Santa Catarina). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n1. São Paulo: EDUSP, 1:113-129, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/issue/view/8163>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BRUNO, Maria Cristina. Estudos de Cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. **Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências afins – MAST, p.14-25. 2009.

CANDAU, Joel. Bases Antropológicas e expressões mundanas na busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1., 2010. P. 43 – 58. Disponível em: <http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>. Acesso em 11 out 2022.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de Museus, um Desafio Contemporâneo: **Diagnóstico Museológico e Planejamento**. Porto Alegre: Mediatriz. 2013. 240 p.

CERQUEIRA, F.V. O testemunho da iconografia dos vasos áticos dos séculos VI e V a.C.: Fundamentação teórica para sua interpretação como fonte para o conhecimento da cultura e sociedade da Grécia Antiga. **História em Revista**, UFPEL, Pelotas, p. 117-138, 2005.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. **Revista Museu**. p.11-25 2005. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>. Acesso em: 18. set. 2020.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.163 p.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – **ICOM**. Brasil. Disponível: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em 3 de dez. 2022.

COSTA, Menezes Diogo; VIANA, Sibebe. Materializando a história: o passado humano através da cultura material. **Mosaico**. Revista de História. v.12, p. 03-13, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7316/pdf>. Acesso em: 02. out. de 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAVALLON, Jean. **Le Don du patrimoine** : Une approche communicationnelle de la patri-monialisation. Paris : Hermès Sciences-Lavoisier, 169-171. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/39894525/Le_don_du_patrimoine. Acesso em: 13 fev. 2022.

DAVALLON, Jean. À propos des régimes de patrimonialisation: enjeux et questions. Actas... Patrimonialização e sustentabilidade do património: reflexão e prospectiva, Nov 2014, Lisboa, Portugal, 2014. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-01123906/document>. Acesso em: 13 fev. 2022.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**. Pelotas – RS. v. 2, n.3, p. 27-46, 2010. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/pumus_1766-2923_2007_num_9_1_1434_t9_0169_0000_1 . Acesso em: 08 mai. 2022.

DUARTE, Adelaide Manuela. **Da coleção ao museu. O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal, na segunda metade do século XX. Contributos para a história da museologia**. 2012, 740 f. Tese (Doutorado em Museologia e Património Cultural) - Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2012.

FONSECA, Alice; BÓRIA P. Renato. Definindo o valor histórico: uma reflexão sobre patrimônio. Revista **Horizonte Científico**. v. 2, n. 2., p. 1-39, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4056> Acesso em: 22. jan. 2021.

FUNARI, Pedro Paulo. (Org). **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, 1998. 317 p.

GUARNIERI, Waldísia Rússio Camargo. A difusão do patrimônio: novas experiências em museus, programas educativos e promoção cultural. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). Waldísia Rússio Camargo Guarnieri. **Textos e contextos de uma trajetória profissional**. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria do Estado de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. p. 164-175. 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 2012p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2007. 252 p.

GOWERT DOS REIS, M.; ALBERNAZ, Renata Ovenhausen. A mercantilização cultural e o processo participativo de patrimonialização de bens culturais. **En**

Contribuciones a las Ciencias Sociales, Octubre 2014, www.eumed.net/rev/cccss/30/patrimonializazao.html. Acesso em: 12. jul. 2020.

GUTIERRE, Marina Duarte. **Memória e identidade através dos objetos**: o caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – 113 f.: il. – Dissertação (Mestrado Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas, Pelotas, 2015.

HARTOG, François. **Régimes d'historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris: Éditions du Seuil, p.479-483. 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/osp/752>. Acesso em: 23. fev. 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Doutrina de Kant dos Princípios Transcendentais. Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. 235 p.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart, TRESSERAS, Jordi Juan. **Gestión del patrimonio cultural**. Barcelona: Editorial Ariel, 3ª ed., 2007. 238 p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/pdf/1117>. Acesso em: 03. mar. 2020.

HODDER, I. **The archeology of contextual meanings** Cambridge: Cambridge University Press, 1987. v. 1.

_____. **Entangled. An archaeology of the relationship between humans and things**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. 252 p.

_____. The contextual analysis of symbolic meanings.1987. In: PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, p. 12-13. 1994.

INGOLD, Tim. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2007.

INGOLD, Tim. Trazendo as Coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt>. Acesso em: 19. jan. 2020.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Editora Vozes. 2015. 390 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM) **Museus em Números**/Instituto Brasileiro de Museus Brasília: **Instituto Brasileiro de Museus**, 2013. 240 p., 29,7 cm, vol. 1. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf. Acesso em: 03. out. 2020.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura/ IPHAN/ Demu, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, p. 19-32. 2006.

LA SALVIA, Fernando, BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani**. 2ª ed. Porto Alegre/RS: Posenato Arte e Cultura, 1989. 175 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1986. 60 p.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 2009. 73 p.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social** – uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. 476 p.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Editora, 2005. 427p.

LE GOFF, Jacques. **Documento e Monumento**. Disponível em: <http://ahr.upf.br/download/TextoJacquesLeGoff2.pdf>. Acesso em março de 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1978. 55p.

LIMA, Tânia Andrade. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**: Ciências Humanas, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan. /abr. 2011. Acesso em agosto de 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1.pdf> . Acesso em: 21.jun. 2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, 115, 103-117, 1983. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404483/mod_resource/content/1/BEZERRA %20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20A%20cultura%20material%20no%20es tudo%20das%20sociedades%20antigas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404483/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20A%20cultura%20material%20no%20es tudo%20das%20sociedades%20antigas.pdf). Acesso em: 04. Mar. 2020.

_____. Bezerra de. Identidade cultural e patrimônio arqueológico brasileiro. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 33-37, 1984.

_____. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n.21, p., 1998. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_ material_ulpiano_meneses.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_material_ulpiano_meneses.pdf). Acesso em: 04 mai. 2022.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Torino: Einaudi, 1968.

MENDOZA, Celina A. Lértora. ¿Por que hacemos colecciones? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 217-228, jan. jul., 2005. Disponível em: <https://zenodo.org/record/6551050/files/episteme-21-24-mendoza.pdf>. Acesso em 26. abr. 2020.

MENDOZA, Celina A. Things ain't what they used to be. In: PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, p.13-17.1994.

MENDOZA, Celina A. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 248 p.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 248 p.

MOLES, Abraham. Objeto e Comunicação. In: MOLES *et al.* **Semiologia dos Objetos**. Petrópolis: Vozes, p. 9-41.1972.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. **Revista: Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Célia. **Biografias e coleções: um caso de estudo**. A Coleção de Postais Ilustrados do Coronel José Marcelino Barreira. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2013.

OLIVEIRA, Célia. **Coleções e colecionadores**: as práticas de colecionar, motivações e simbologias. **Museologia & Interdisciplinaridade**, V. 6, n. 12, Jul./ Dez. 2017.

OLSEN, B. Material culture after text: re-membering things. **Norwegian Archaeological Review**, v. 36, n. 2, p. 87-104, 2003. Disponível em: <http://ewa.home.amu.edu.pl/Olsen,%20Material%20Culture%20After%20Text.pdf>. Acesso em 23. nov. 2019.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 192 p.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8212981-Documentacao-museologica-e-gestao-de-acervo.html>. Acesso em 12 mar. 2020.

PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, 1994. 360 p.

PEARCE, Susan M. Museu: Instituição de Pesquisa. **MAST Colloquia**, Rio de Janeiro, v.7, p. 12-21, 2005. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/940/1/mast_colloquia_7.pdf. Acesso em 12 mar. 2020.

POMIAN, Krzysztof. – Coleção.I, in: **Enciclopédia Einaudi – Memória-História**. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984. [http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20\(1984b\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b).pdf) Acesso em: 14. mar. 2020.

POVEDA Martínez, Ana María. La institución del museo: origen y desarrollo histórico. **En Publicaciones Didácticas**, nº 96, Julio 2018. pp. 80-112. Disponível

em: <https://vdocuments.net/la-institucion-del-museo-origen-ydesarrollohistorico-2020-8-13-title-the.html>. Acesso em: 24 abr. 2022.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Disponível em: <https://xdocz.com.br/doc/poulot-uma-historia-do-patrimonio-no-ocidente-sec-xviii-a-xxi-introducao-p-9-37-d8m3ez7ymgop>. Acesso em 01.mai. 2020.

POULOT, Dominique.. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 160 p.

PRATS. Lorenço. El Concepto de Patrimonio Cultural. **Política y Sociedad**, n. 27, p. 63-76. 1998. Disponível em: <http://docencia.uaeh.edu.mx/estudios-pertinencia/docs/cultural/99.pdf>. Acesso em 12 mar. 2020.

PRATS. Lorenço. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social** n. 21, p. 17-35, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n21/n21a02.pdf>. Acesso em 12 mar. 2020.

PRATS. Lorenço. La mercantilización del patrimonio: entre la economía turística y las representaciones identitárias. **Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico**, n. 58, p. 72-80, 2006.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. Resenha do texto: History from things: essays on material culture. Steven Ibarra & W. David Kingery (Ed.) Washington: Smithsonian Institution Press, 1993. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. n.4 p. 265-282. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a18v4n1.pdf>. Acesso em: 09. ago. 2020.

SANTOS, Aline G. dos. SILVA, Jacionira Coelho. História escrita na cerâmica arqueológica. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar** Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI. 2012, p. 1-10.

SILVA, Priscila Gonçalves Ferreira da. **A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade “germânica”**. 2017, 78 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) Universidade da Região de Joinville UNIVILLE, Joinville, 2017.

SCHIFFER, M.B. **The material life of human beings. Artifacts, behavior and communication**. London/NY: Routledge, 1999. 176 p.

SOARES, Antonio Carlos. Conceitos outros: as coisas e a Virada Ontológica. Dossiê Arqueologia e Ontologia. **Oficina do historiador**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan.-jun. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Rosane/Downloads/36312-Texto%20do%20artigo-160071-2-10-20200613%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Rosane/Downloads/36312-Texto%20do%20artigo-160071-2-10-20200613%20(2).pdf). Acesso em: 13. set. de 2020a.

SOARES, Bruno César Brulon. As coleções de museus criam conexões: percursos da musealização no Musée du Quai Branly. Anais da 725 **VI Semana Nacional de Museus** na UNIFAL-MG, volume V, 2014, p. xxii-xxxvi.

_____. **Descolonizando a Museologia.** vol 1 .Museus, Ação Comunitária e Descolonização (Bruno Brulon Soares org.) Published in Paris, ICOM/ICOFOM, 2020b.

SUANO, Marilene. **O que é museu.** São Paulo: Brasiliense, 1986. 101 p.

SCHEUER, Herta L. **A tradição cerâmica popular.** São Paulo: Escola de Folclore, Ed. Livramento, 1976. 135 p.

TAMANINI, Elizabete. **Museu Arqueológico de Sambaqui: um olhar necessário.** 169 f. Dissertação (Mestrado Faculdade de Educação, Campinas) Universidade Estadual de Campinas.SP. 1994. Disponível em: www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253850. Acesso em: 20. jul. 2021.

TILLEY, Christopher. Interpreting material culture.1990 In: PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections.** London: Routledge,p. 67-75.1994.

TILLEY, Christopher. Objectification. In: Tilley, Chris, KEANE, Webb, Küchler, Susanne, Rowlands, Mike, Spyer, Patricia (Eds.). **Handbook of Material Culture.** London: Sage, p. 60-73. 2008.

UNESCO.Disponível<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-frompast-to-the-future/>> . Acesso em: 13. ago. 2020.

VARINE-BOHAN, Hugues de. Passado e presente dos museus. In: ROJAS, Roberto (Org.). Os museus no mundo. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

VELTHEM, Lucia Hussak van. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 1, pp. 51-66, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/xYrSMkw9N7hnkyhxDkMY3gt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13. Jan. 2020.

WOODWARD, Ian. **Understanding material culture.** London: Sage Publications, 2007. 200 p. Disponível em: <https://uk.sagepub.com/en-gb/eur/understanding-material-culture/book225857>. Acesso em: 28. jan. 2019.

4. LOUÇA DE BARRO, PATRIMÔNIO CULTURAL FEITO À MÃO: AS CERÂMICAS HÍBRIDAS DE PRODUÇÃO PARANAENSE DA COLEÇÃO DE GUILHERME TIBURTIVS

RESUMO

Os objetos em barro trazem memórias que reverberam informações sobre relações sociais, territórios e tradições, além de mudanças e interações culturais. Assim, este artigo traz aspectos referentes à gênese histórica-geográfica das cerâmicas como aporte para discutir as louças de barro do Primeiro Planalto Paranaense, reunidas pelo pesquisador e arqueólogo amador Guilherme Tiburtius, entre 1941 e 1942, no entorno de Curitiba. Ele coletou 12 mil objetos de valores arqueológico, etnográfico e histórico, enquanto viveu no Paraná e em Santa Catarina. A partir dos dados etno-históricos e do levantamento bibliográfico realizado, supõe-se que as louças em barro da coleção etnográfica de GT sejam artefatos culturalmente híbridos, frutos de produções locais, de uso cotidiano ou não, feitas por comunidades locais da região do entorno de Curitiba, que congregam atributos das cerâmicas antigamente denominadas Neobrasileiras. De acordo, com as características apresentadas por Dias Jr. (1983) e Chmyz (2003, 2009, 2013), elas apresentam hibridismo entre elementos indígenas, europeus e africanos.

Palavras-chave: Louça de barro; cultura; Neobrasileira; território; Paraná.

ABSTRACT

From the beginning, earthenware pottery brings social memories, reverberating information on social relations, territories and traditions, as well as changes and cultural interactions. Thus, this chapter brings aspects related to the historical-geographical genesis of ceramics as a contribution to discuss the earthenware, from the first plateau of Paraná, gathered by the researcher and amateur archaeologist Guilherme Tiburtius, between 1941 and 1942, in the surroundings of Curitiba. Guilherme Tiburtius collected 12.000 objects of archaeological, ethnographic and historical value while he lived in Paraná and Santa Catarina. Based on the ethnohistorical data and the bibliographic survey carried out, it is assumed that the earthenware pottery in the Ethnographic Collection of GT are culturally hybrid artifacts, the result of domestic productions, for daily use or not, made by local communities in the region surrounding Curitiba, which bring together attributes of ceramics formerly called Neo-Brazilian, according to the characteristics presented by Dias Jr. (1983) and Chmyz (2003, 2009, 2013) they present acculturation between indigenous, European and African elements.

KEYWORDS: Earthenware pottery; culture; Neo-brazilian; territory; Paraná.

A natureza das coisas é mais fácil de se conhecer quando as vemos aparecer pouco a pouco do que quando as vemos já prontas (DESCARTES, Discurso sobre o método, 1996).

4.1 Introdução

Para efeito das primeiras reflexões deste artigo, é importante considerar que foi no período Neolítico que se confirmou o domínio dos seres humanos sobre as

grandes artes da civilização, entre elas a cerâmica. Desde então, utensílios feitos de barro estão testemunhando as histórias dos povos ao longo dos tempos. Louças em barro²² são artefatos polissêmicos, podendo apresentar múltiplos significados, usos e funções de acordo com o contexto em que foram laborados. São resultados das dinâmicas sociais e da interação dos humanos com o meio que ele habita.

Com o objetivo de articular o desenvolvimento da cerâmica com os estudos cerâmicos brasileiros, este artigo traz um recorte sobre os povos ceramistas do Primeiro Planalto Paranaense, contextualizando os trabalhos feitos em barro caracterizados como cerâmicas históricas, locais e regionais de produção local. O foco é dado à coleção de louças em barro de Guilherme Tiburtius (GT), que foi reunida na região do alto Rio Iguaçu, no entorno do município de Curitiba/PR, há mais de 80 anos.

As cerâmicas Neobrasileiras, para o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), são tradição arqueológica de cerâmicas regionais, produzidas basicamente para utilização doméstica, com marcadores e elementos próprios desenvolvidos após o contato com os colonizadores europeus no século XVI. Interdisciplinarmente, as cerâmicas são abordadas como elementos de memórias e identidades dos povos e seus territórios.

A construção deste trabalho foi bibliográfica e documental, tendo se baseado em artigos, livros e relatórios de salvamentos arqueológicos e documentos do acervo pessoal de GT que fazem parte do acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Como aporte bibliográfico, foram usados os escritos de Brancante (1981), Lévi-Strauss (1983), La Salvia e Brochado (1989), Cooper (1999), Chavarria (2004) e Aparo (2010) na narrativa sobre o desenvolvimento e a história da cerâmica. Para a contextualização da cerâmica e das louças em barro no território brasileiro, foram acionados Herta Scheuer (1976), Dias Jr. (1983), Chmyz (1971, 1976, 2003) e Chmyz *et al.* (2009, 2011), em seu vasto manancial de obras e relatórios de salvamentos arqueológicos, Prous (1992), bem como os estudos de Claudia Parellada (1997, 2008, 2015, 2020), Vulcov (2011) e Noelli e Sallum (2019, 2020), entre outros. E nas discussões sobre as louças em barro como marcador cultural dos povos foram utilizados os escritos de Arévalo (2004), Gonçalves (2005, 2007), Ingold (2012, 2015), entre outros. Os documentos utilizados foram os cadernos de pesquisas, as correspondências e o acervo fotográfico do colecionador GT.

²² O termo louça em barro, neste trabalho, é sinônimo de vasilhames feitos em cerâmica.

Por fim, ao verificar se os remanescentes materiais desvelariam as interações e as vivências humanas nos seus territórios, pode-se dizer que as louças em barro da coleção de GT simbolizam o fazer cultural e social imbuído de elementos presentes na vida dos grupos sociais que as confeccionaram, revelando interações e rupturas culturais. Na seção seguinte, consideram-se os estudos sobre a origem e a propagação dos objetos em pauta neste escrito.

4.2 As louças de barro e suas origens

O barro foi, entre todos os elementos naturais, o material mais abundante que a humanidade dispôs e manipulou desde o início dos tempos. O mais manejável, a substância mais plástica que teve contato e, em decorrência disso, a mais dócil, além da mais acessível, que “[...] passou logo a ser o principal veículo de seus impulsos e intérprete de seus pensamentos. Marcou, desde logo, os primeiros lampejos da mente e da civilização” (BRANCANTE, 1981, p. 1).

O uso do barro por grupos humanos do passado parece ter se desenvolvido de modo distinto e independente em diferentes partes do mundo. De acordo com Cooper (1999, p. 19), a primeira vasilha cerâmica procede da cidade de Anatólia, na Turquia, e está relacionada com “comunidades que habitaban en cuevas a finales del período mesolítico y está datada, por pelo menos en el 6.500 a.C. hechas de arcilla local marrón rojiza y no estaban decoradas”. No entanto, outros achados, como o Vaso Antropomorfo e As Formas Femininas de Hacilar, também na Turquia, sugerem que o uso do barro em atividades humanas seja anterior àquela data. Naquele sítio, foram encontradas cerâmicas simples e exemplares zoomorfos que lembram animais inteiros, assim como numerosas figuras femininas nuas feitas em argila que, possivelmente, representam o culto a alguma divindade relacionada à fertilidade. Utensílios feitos de barro vêm testemunhando as histórias dos povos ao longo dos tempos desde o período Neolítico, visto que há mais de 28 mil anos foi elaborada uma estatueta para fins cerimoniais, a Vênus de Dolni Vestonice, na República Tcheca (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1998), e vasilhames cerâmicos com mais de 20 mil anos foram identificados na China, na caverna Xianrendong (COOPER, 1999).

Louças em barro são artefatos polissêmicos, podendo apresentar múltiplos significados, usos e funções de acordo com o contexto em que são encontrados. Ademais, esses objetos em barro são resultados das dinâmicas sociais e da interação

humana com o meio que habita. Podem ser considerados, portanto, um registro cultural materializado que testemunha a história da população que os produziu, demonstrando o comportamento humano no território e a relação com o meio que o cerca, “tal como um documento histórico traz marcas de seus autores” (SANTOS; SILVA, 2012, p. 8).

Figura 20 - Imagens de figuras femininas em argila da civilização de Anatólia, do Museu de las Civilizaciones de Anatólia, na Turquia, que datam entre 6.000 e 5.000 a.C.



Fonte: Adaptado de Cooper (1999, p. 3).

Em uma perspectiva cosmológica de comunidades tradicionais do mundo todo, Lévi-Strauss (1983) entende que o feitiço dos elementos de barro era uma ocupação sagrada, misteriosa e ligada ao universo feminino, que em raras situações era exercida por homens. Por estar ligada à Mãe Terra, apenas as mulheres teriam herdado esse direito de criar, de dar forma ao barro. Nas palavras dele, “cabe à índia fabricar os recipientes de cerâmica e utilizá-los, pois a argila de que são feitos é fêmea, como a terra, em outras palavras, tem alma de mulher” (LÉVI-STRAUSS, 1983, p. 33), uma vez que ela, em seu ventre, abriga uma forma de recipiente que protege a vida. Esta passagem do livro “A oleira ciumenta” faz analogia aos potes cerâmicos que guardam os alimentos que sustentam, em parte, a vida das comunidades.

Quando os grupos humanos se tornaram menos nômades e iniciaram a atividade de horticultura, aumentou a produção dos recipientes de barro, de modo que pudessem conter sementes e outros alimentos (COOPER, 1999). O feitiço regular de peças em barro, para muitos pesquisadores, nasceu da necessidade de transportar e armazenar alimentos e líquidos para subsistência. No entanto, os humanos, antes de manipularem e tecerem o barro para moldarem seus recipientes, serviram-se de

outros materiais naturais, como fibras vegetais, cascas de coco, de ovos e de árvores e até de crânios de animais como vasilhames para atender às suas necessidades mais imediatas (CHAVARRIA, 2004).

Para muitas comunidades ao redor do mundo, as técnicas de lidar com o barro e sua atribuição de sentidos “estão associadas a representações mágicas e religiosas [...] toda uma 'filosofia' primitiva subjaz à confecção desses importantes utensílios” (LÉVI-STRAUSS, 1983, p. 35). Mas foi com o advento da observação da capacidade transformadora do fogo que se experimentou a queima dos objetos, sendo este o processo fundamental para se atingir a consistência e a dureza dos artefatos modelados.

Com o tempo, o manuseio das fogueiras e das trempes²³ para a queima dos rudes artefatos criados de barro sucedeu os fornos primitivos, aperfeiçoados pouco a pouco. “O controle do fogo iria evoluir, permitindo um gradual aumento da temperatura de cozedura” (CHAVARRRIA, 2004, p. 9). Para além da descoberta do fogo no processo do feitio das louças e de outros recipientes e objetos de barro, estava a invenção da roda, ainda na pré-história.

Antes da invenção do torno e das rodas de oleiro, as peças eram produzidas manualmente, umedecendo e amassando o barro com as mãos e manipulando-o com os dedos. Dentre as técnicas mais comuns observadas em artefatos cerâmicos antigos feitos à mão estão o roletado, o modelado e a modelagem (CHMYZ, 1976). Nos trabalhos publicados por Scheuer (1976) e Brancante (1981), essas mesmas técnicas são descritas como

“aspirai” ou de “colombin” ou de rolo, pelo qual com cilindros ou rolinhos de barro mole justapostos ou colocados em caracol, vão sendo levantadas as paredes da peça. Outro, chamado de “levantamento” ou de modelagem, consiste em cavar num bloco de barro a cavidade desejada, batendo do lado de fora e modelando a peça. Há ainda outro sistema, o moldado, feito com formas negativas para vasos, figuras ou adornos complicados. No Brasil, essas designações técnicas são também usadas, porém variam conforme a região. Existem outras pitorescas como a de “corda” ou de “capitão”, encontradas por Haydeé Nascimento, na região de Apiaí no Estado de

²³ São as três pedras sobre as quais se apoia a panela quando é levada ao fogo ou o arco de ferro que, sobre três pés, dá suporte à panela que vai ao fogo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trempe/>. Acesso em: 21 set. 2021.

São Paulo. E outras mais, segundo Herta Scheurer, como "tripa", corno "rodia", e ainda a de "nhambú" para o rolo de um metro de comprimento (Iguape - S. Paulo) (BRANCANTE, 1981, p. 2).

O torno, ou roda de oleiro, aparece inicialmente na história entre 4000 e 3000 a.C. "Surge tanto na África, como na Europa Nórdica e no Oriente no período neolítico [...]. Na América, somente com a chegada dos europeus, já no século XVI, é que seu uso se divulga" (BRANCANTE, 1981, p. 5). O Egito, assim como a Grécia, impulsionou a evolução deste instrumento e aprimorou seu uso. Um dos melhoramentos aplicados ao torno pelos gregos foi a adição de mais uma roda, deixando-o duplo. Uma roda superior, na qual era colocada a massa, e outra inferior, próxima aos pés, para deixar livres as duas mãos do oleiro, para que ele pudesse livremente modelar a peça (BRANCANTE, 1981).

O torno, consiste em uma roda compacta colocada horizontalmente sobre um eixo vertical, sobre a qual é pousada a massa a ser modelada — roda essa que é impulsionada com uma das mãos enquanto a outra procede a modelagem.

Essa invenção rudimentar constituiu um grande avanço sobre os processos morosos e imperfeitos das peças de barro feitas à mão. O uso deste instrumento conferiu ao oleiro/torneiro, ou ao louçeiro/ceramista, a capacidade de confeccionar simetricamente muitas variedades de "formas e de proceder a múltiplas combinações circulares, ovais, esféricas e cilíndricas. Dava-lhe um controle mais efetivo e regular sobre o barro, a par de maior perfeição e velocidade no fabrico" (BRANCANTE, 1981, p. 5). Assim, o processo de feitiço dos artefatos de barro avançou ao longo da história dos povos, com o aprimoramento do uso de fornos.

Sobre a etimologia do termo cerâmica, sabe-se que vem do adjetivo grego *keramikós*, que significa feito de argila, que é derivado do substantivo grego *kéramos*, argila, com referência à terra para cozer. Da mesma cognação, há em latim, por empréstimo ao grego, o termo *ceramici-ōrum*, adaptação do grego *keramikós*, com significado de "mercado de louça de barro". Há outros termos, como *ceramicus*, *ceramicus sinus*, ou golfo (de) cerâmico, e ainda *ceramiles*, *ceramite* ou *ceramita*, do grego *keramítes*, que querem dizer "pedra preciosa da cor tijolo" (APARO, 2010).

Sobre esses radicais, forma-se em francês o substantivo *céramique*, documentado em 1806 para designar a técnica, a arte e a tecnologia de objetos de barro ou argila, cujo derivado, *céramiste*, 'ceramista', é de 1836. O termo em espanhol *cerámica* e o termo em português *cerâmica* foram formados da mesma matriz, mas

sob inspiração do modelo francês, e são da segunda metade do século XIX, sendo seus posteriores ou seus derivados associados ao radical *luteus* (APARO, 2010). O termo ‘cerâmico’ era conhecido como um assentamento em forma de comércio e artesanaria que se estabeleceu nos adensamentos urbanos neolíticos em que os apetrechos de cerâmica e, secundariamente, de cestaria, representavam a tecnologia avançada.

A palavra louça vem do termo em latim *luteus*, que é sinônimo do termo grego *keramikón*, que define artefatos feitos de argila e de barro, também chamados de cerâmica. Desse modo, a utilização do termo louça se refere genericamente a “todo produto manufaturado de cerâmica, composto de substâncias minerais sujeitas a uma ou mais queimas” (ZANETTINI, 1986, p. 121).

A cerâmica, para Cooper (1999), é entendida como a arte ou a técnica de produção de objetos tendo a argila como matéria-prima, formada por qualquer classe de material sólido inorgânico, não metálico, que seja submetido a altas temperaturas na manufatura.

O desenvolvimento das cerâmicas abrange influências recíprocas de diferentes civilizações. Apesar de o uso da cerâmica ser muito antigo e de peças de argila cozidas/queimadas serem encontradas em diversos sítios arqueológicos em todo o mundo, sua história não é linear, mas complexa, conforme mostram os estudos de Cooper (1999). Os neandertais, há aproximadamente 70 mil anos, já tinham contato com o fogo, mas não existem registros, até o momento, de objetos cerâmicos até o surgimento do *homo sapiens*, há 35 mil anos. Para Brancante (1981, p. 1), “a cerâmica pode ter existido de modo ocasional e esparso em períodos e povos anteriores, como no Paleolítico superior”.

Fragmentos e vasilhas inteiras de barro fino, modeladas à mão e misturadas com pedaços de olaria grosseira, foram encontradas em restos de aldeias e túmulos do período Neolítico. Os achados mais antigos de artefatos em barro provêm de jazidas neolíticas da Anatólia, da Palestina, da Mesopotâmia e de Tessália (COOPER, 1999).

Ainda na Europa, durante a Idade do Bronze, a cerâmica se distinguia pelo desenvolvimento de asas, graças à melhor qualidade das matérias usadas e ao aperfeiçoamento da amolgadura e do cozimento. A decoração consistia em incisões em forma de canais ou estrias, simetricamente ordenadas horizontal e verticalmente.

Do fim desse período, encontram-se vasilhas de cocção e conservas, pratos, tampas, taças e uma grande quantidade de rodela de fuso e contas de colar.

Há um consenso entre os teóricos de que a produção de objetos em barro foi o primeiro processo manufaturado do período antigo, com matéria-prima de fácil manuseio quando umedecida e de imensa resistência após queimada (COOPER, 1999). A história do desenvolvimento da cerâmica acompanha a própria história dos povos. Artefatos cerâmicos, assim como os de natureza lítica, apresentam longa durabilidade, sendo utilizados como marcadores cronológicos para se conhecer o desenvolvimento das sociedades e compreender as diferentes culturas ao redor do mundo, tanto que um dos meios de conhecer a biografia das civilizações ancestrais são os estudos da sua cultura material (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1998).

Objetos como vasos, taças, pratos e ânforas, em muitos casos, são os únicos elementos remanescentes da cultura material sobre os quais se pode demonstrar o desenvolvimento dos hábitos alimentares e econômicos, a religião e as crenças de grupos humanos de uma determinada era que, hoje, não existe mais (COOPER, 1999).

Os ritos e o desenvolvimento de determinadas sociedades que viveram no passado só são compreendidos pela interpretação antropológica e pela descrição etnográfica dos usos individuais e coletivos de objetos materiais produzidos e deixados ao tempo. No caso de objetos cerâmicos, Aparo (2010, p. 20) salienta que esse engenho humano tem prendido a atenção ao longo da história por apresentar uma linguagem técnico-produtiva própria, que distingue cada comunidade desde os primórdios, sendo um “veículo de expressão, materializador do patrimônio” cultural dos povos.

4.3 O PRONAPA e as cerâmicas brasileiras

No Brasil, os estudos dos remanescentes cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas têm papel de destaque “desde as primeiras pesquisas ocorridas no século XIX” (SILVA, 2006, p. 15). As escavações em território nacional, naquele período, contavam com o auxílio de arqueólogos e antropólogos europeus, entre outros estudiosos estrangeiros da fauna e da flora brasileira e sul-americana.

Os artefatos feitos em barro, inteiros ou em cacos, oriundos das terras brasileiras contribuíram para muitas teorias sobre a ocupação do continente americano e o desenvolvimento das culturas no território nacional.

Nos anos 1960, junto ao desabrochar da arqueologia brasileira, nasceu o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), em parceria com o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e algumas universidades, entre outras instituições nacionais e internacionais (BROCHADO, 1969; SIMÕES, 1972). Esse desabrochar foi decorrente de movimentos de pesquisa científica nas terras brasileiras, que tinham o objetivo de compreender a origem e a produção dos achados cerâmicos sob a incógnita de que essa manufatura era consequência “do desenvolvimento técnico dos grupos pré-históricos ou se teria ocorrido um processo de absorção de elementos de outros grupos a partir de migrações” (SILVA, 2002, p. 2).

A partir de uma perspectiva histórico-culturalista, dos desdobramentos das pesquisas de Betty Meggers e Clifford Evans e do método Ford²⁴, os arqueólogos brasileiros ligados ao PRONAPA visavam à sistematização de um quadro cronológico analítico-classificatório das rotas de migração e difusão cultural brasileiras, pré-ceramistas e ceramistas, numa terminologia comum a partir de prospecções regionais e de seriações que atendiam a uma metodologia padronizada para os trabalhos realizados em campo e o estudo dos artefatos cerâmicos. “A seriação²⁵ era a técnica utilizada para determinar cronologias relativas em sítios arqueológicos não relacionados estratigraficamente ou com material de superfície” (SILVA, 2002, p. 2).

Esses dados possibilitam mensurar a intensidade do contato e da influência de uma cultura sobre outra, como é o caso da produção dos vasilhames cerâmicos denominados “Tradição Neobrasileira ou Cerâmica Neobrasileira”, que contêm traços e influxos desse contato entre europeus, indígenas e africanos (DEMINICIS, 2017, p. 78). Essa terminologia elaborada pelo PRONAPA define como fase “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios” (CHMYZ, 1976, p. 131).

²⁴ O método Ford, desenvolvido pelo arqueólogo James Ford, era o principal instrumento para a análise quantitativa da cerâmica naquele período (OLIVEIRA, 1939).

²⁵ Para o PRONAPA, a seriação é um processo metodológico pelo qual se comparam objetos ou fragmentos cerâmicos e se estabelecem as diferenças entre eles (CHMYZ, 1976).

Já La Salvia e Brochado (1989) acreditam que a análise de atributos sociais e econômicos são relevantes para a caracterização de culturas, assim como podem ser identificadores das etnias produtoras desses objetos.

Desses dados do PRONAPA “surgiam pouco a pouco quadros da distribuição dos grupos pré-históricos com características próprias, no território nacional, possíveis contatos, migrações etc.” (MARANCA, 2007, p. 118). No entanto, a análise do material cerâmico remanescente desses grupos estava restrita a abordagens que estabeleciam “sua origem, difusão e cronologia, aglutinando-os em amplas tradições e fases” da região do Amazonas até os pampas sulinos (ZANETTINI, 2005, p. 246).

O indício melhor documentado sobre a cerâmica nacional provém dos achados pré-históricos na bacia do Rio Amazonas, na cultura indígena da Ilha de Marajó, a partir das escavações de Emílio Goeldi e K. Rath, entre 1880 e 1900, o que “divulgou aquela magnífica cerâmica local” denominada marajoara (PROUS, 1992, p. 9). No entanto, Oliveira, em sua publicação do ano de 1939 na Revista SPHAN, fez relatos dos achados cerâmicos no Rio Tapajós, em Santarém, que podem ser procedentes dos anos 1600, desenvolvidos por grupos indígenas daquela região, os Tapajós (OLIVEIRA, 1939).

Em termos cronológicos, no Sítio Arqueológico do Meio, situado no Vale do Parma, no Piauí, tem-se a “datação mais recuada, associada a fragmentos cerâmicos, com 8.962 +/- 70 BP²⁶, e a partir desta data, há uma sequência cronológica para um conjunto de sítios que se estende até 230 +/- 50 BP” (SILVA, 2006, p. 14). Estudos desenvolvidos na região Centro-Oeste brasileira consideram achados cerâmicos com data de 2.570±70 AP associados à tradição Una e, sucessivamente, à tradição Aratu. “A datação mais antiga desta tradição é de 410 a.C., no médio Tocantins. Há também uma datação de 2.920 AP, referente a grupos ceramistas não-pertencentes tecnologicamente à Una”. Atualmente, na região da bacia do Rio Paraná, no Mato Grosso do Sul, vivem índios Guarani, distribuídos entre as etnias Kaiowá e Nandeva, que produzem cerâmicas (OLIVEIRA; VIANA, 2000, p. 13).

Do mesmo modo, no Sul do Brasil, as escavações ocorridas nos anos 1940, na Província do Guairá, exumaram vestígios cerâmicos das ruínas da antiga vila

²⁶ BP (*before present*, antes do presente, em inglês) ou AP (antes do presente) é uma medida de tempo associada a certas datações em campos científicos, como a arqueologia e a geologia, a fim de situar um acontecimento do passado, em que o presente é considerado o ano de 1950 (PROUS, 1992, p. 7).

espanhola de *Ciudad Real del Guairá*, no Rio Paraná, que Watson (2003, p. 148), a partir de seus estudos em 1947, descreve como “cerâmicas acordeladas, corrugadas, unguladas, policromas, escovadas e lisas, de produção local, estabelecendo tipos denominados Guairá corrugado, Guairá escovado e [sic] etc”, associando-os à cultura indígena Guarani.

Esse material cerâmico diferencia-se dos demais encontrados nas escavações da antiga vila, fato que corresponde à influência europeia sobre a cultura Guarani. Nesse sentido, estudos realizados por Noelli e Sallum (2019, 2020) sobre as cerâmicas Tupiniquim demonstram que nas regiões Centro-Oeste e Sul do país havia produção de cerâmicas indígenas com agregação de elementos europeus já no século XVI. Em 1970, o sítio *Ciudad Real do Guayrá* foi escavado por Igor Chmyz sob a perspectiva da tradição Neobrasileira e corrobora com os escritos de Virginia Watson (CHMYZ, 1976; WATSON, 2003).

Em meados dos anos 1990, *Villa Rica Del Espiritu Santo* foi alvo de dois estudos da arqueóloga Claudia Inês Parellada, que escavou no intuito de compreender, pela cultura material, as “fronteiras étnicas” e suas inter-relações no cotidiano da vila espanhola por meio da análise dos fragmentos de louças em barro. Parellada identificou diferentes imbricamentos entre as tradições Neobrasileira, Iberoindígena, Guarani e Itararé naquele espaço, decorrentes da interação entre espanhóis, paulistas jesuítas e grupos indígenas (Guarani e Jê), que produziam na própria colônia seus objetos de uso sob influxos europeus (PARELLADA, 1997).

Outras pesquisas desenvolvidas no planalto sul brasileiro pelo PRONAPA, entre os anos de 1960 e 1970, e demais trabalhos de salvamentos e pesquisas arqueológicas nas terras sulistas demonstraram que duas tradições²⁷ ocupavam essa região, sendo elas “Taquara, ocorrendo no Estado do Rio Grande do Sul, e Itararé, nos Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo” (BEBER, 2004, p. 38). De modo mais singular, Piazza (1969), no Oeste do estado de Santa Catarina, localizou aproximadamente 50 sítios cerâmicos de tradição não Tupi-Guarani (BEBER, 2004).

Há registros, em quase todo o território nacional, de artefatos em barro cru e cozido produzidos por grupos indígenas anteriores à colonização. Os objetos por eles

²⁷ Tradição: uma das unidades arqueológicas utilizadas pelo PRONAPA, compreendida como grupos de elementos ou técnicas com persistência temporal. [...] Uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, formando uma continuidade cronológica (BEBER, 2004).

produzidos têm papel importante na história dos lugares, já que permitem identificar culturas que ali viveram e seus modos de vida de acordo com os utensílios cerâmicos, em rocha ou de ossos, que fabricavam. Desse modo, a “cerâmica é um potente instrumento do patrimônio cultural, transmitindo os valores oriundos da cultura de povos e territórios, capaz de transcender o tempo e a história da humanidade” (MOURÃO; OLIVEIRA; MOREIRA, 2018, p. 1).

Em 1966, foi publicada, no primeiro volume dos Manuais de Arqueologia do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), a primeira edição da então terminologia arqueológica brasileira para as cerâmicas. Embora já tenham se passado mais de cinco décadas de sua publicação, essa metodologia proposta pelo PRONAPA continua sendo uma das principais referências para a análise de material cerâmico (CHMYZ, 1976).

O sistema de fases e tradições do PRONAPA ainda é usado “para descrever os aspectos de uma mesma tradição ou subtradição cultural” para as cerâmicas encontradas no território nacional (PROUS, 1992, p. 111). No entanto, Dias (2007, p. 60) aponta que os conceitos de fase e tradição utilizados procedem das pesquisas arqueológicas norte-americanas e que a aplicação “descolada do corpo teórico do qual se originou, fez com que a definição de fases e tradições se transformasse na finalidade última das pesquisas”. Esse fato ficou evidente nos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Sul do país até o fim dos anos 1980, ocasionando críticas ao modelo de análise proposto pelo PRONAPA. Isso porque “os aspectos tecnológicos e contextuais intrínsecos aos conceitos de fase e tradição receberam pouca atenção”, uma vez que os elementos culturais representados nas técnicas utilizadas para manufatura da cultura material desses grupos “contribuem para firmar seu caráter sistêmico e ao mesmo tempo reafirmar as identidades culturais nele representadas” (DIAS, 2007, p. 63).

Perez *et al.* (2021, p. 209) realizaram um levantamento sobre artefatos cerâmicos nos estados do Sul do Brasil e no Sudeste paulista com o intuito de “compreender como as análises cerâmicas foram realizadas, partindo da identificação dos métodos e atributos elencados para análises e vieses interpretativos” nos últimos 11 anos. A pesquisa aferiu que a terminologia pronapiana ainda é predominante entre metodologias aplicadas aos estudos nesses estados, demonstrando que é necessário o desenvolvimento de novos procedimentos de análise.

Contudo, Perez *et al.* (2021, p.199) argumentam que esse “é o momento de uma reflexão sobre métodos de classificação dos atributos analisados” nos estudos realizados sobre artefatos cerâmicos, para que “possamos normatizar tais atributos e construir um conjunto analítico que permita a comparação em escalas mais amplas”. Essa pesquisa “permitiu a identificação de diversas formas de caracterizações, mas que compõem uma colcha de retalhos de explicações e métodos para a variabilidade cerâmica regional” (PEREZ *et al.* 2021, p. 209). Essa situação vai ao encontro das colocações de Araújo (2019), que sugere a elaboração de um alinhamento dos métodos, classificações e análises de materiais arqueológicos, incluindo as cerâmicas.

4.4 A cerâmica Neobrasileira

A chegada dos europeus colonizadores na costa brasileira, a partir do século XVI, vindos de diferentes países, como Portugal, Espanha, França e Holanda, inferiu influência direta sobre as sociedades nativas que aqui viviam, as quais sofreram transformações culturais significativas por meio do contato com sociedades de origem estrangeira, que reverberam até o presente e chamam atenção para que o passado não seja olhado de modo simplista.

Para Noelli e Sallum (2019, p. 702), “a apropriação da cerâmica foi baseada na competência tecnológica indígena pré-colonial e na articulação de práticas com portugueses para produzir a cerâmica neocolonial, neobrasileira, ou de contato²⁸ nas primeiras décadas da Colônia”.

As cerâmicas híbridas de produção local e regional, inicialmente, eram descritas como “cerâmicas caboclas”. Esse mesmo conjunto de cerâmicas, “após exaustivas discussões para a procura de um melhor designativo, passou a chamar-se de Neobrasileira” (DIAS JR., 1983, p. 3). Nessas cerâmicas estão presentes elementos indígenas, como na tabela 1, “observáveis na técnica de confecção, decoração e no tratamento da superfície e [...] traços europeus podem ser observados no surgimento das asas e raras alças” (DIAS JR., 1983, p. 9). As formas predominantes se assemelham às encontradas nas tradições regionais indígenas, nas

²⁸ Conceitos que visam a classificar provisoriamente as materialidades coloniais ainda não investigadas em seus processos de apropriação e transformação (ZANETTINI, 2005).

quais as cerâmicas ocorrem, mas que também podem ter sofrido outras influências decorrentes do contato com grupos escravizados de matriz africana (DIAS JR., 1983). Assim, do encontro do fazer cultural desses povos nasceu um novo objeto, um objeto original, uma “adaptação cultural” que refuta aspectos da imitação por apresentar elementos e características de inovação e efeitos de assimilação (BURKE, 2010, p. 94).

Tabela 1 - Características da cerâmica Neobrasileira.

Âmbito tecnológico	
Pasta	Geralmente bem constituída, com argila fina com presença de mica e temperos, normalmente finos (com algumas variações), compostos por quartzo quebrado ou moído, feldspato, hematita, carvão e cerâmica moída, ossos, cascos de quelônios e cariapé triturados.
Manufatura	Feita por técnica de anelamento, com roletes ou em espiral fino e modelamento, apenas em caso de peças pequenas e sempre sem uso do torno. Nas peças ocorrem vazios, espaços ociosos deixados por restos orgânicos eliminados durante a queima.
Queima	Predominantemente redutora, sem contato com o ar, efetuada em fogueiras ou fornos fechados, deixando o aspecto das paredes e do núcleo da cerâmica com tons acinzentados e negros.
Tratamento de Superfície	Simples, alisado, e, se entendido como decoração, classificado como “polido estriado”, sendo raros os banhos de engobos, a vitrificação e a pintura. São comuns as estrias, produzidas pelo emprego de instrumentos do tipo espátula. Não há diferenciação notável entre o tratamento da face externa e interna, exceto quanto à decoração, exclusiva da face externa.
Decoração	Plástica, com influxos indígenas, como o corrugado (em peças de pequenas dimensões), o ungulado, o escovado (mais comum) e o polido estriado. Decorações plásticas incisadas (em hipótese de serem de origem africana), constituídas por linhas simples ou paralelas, podendo combinar-se com o ungulado e o pontado, formando desenhos que ocupam geralmente apenas a parte superior dos respectivos vasilhames, decorações plásticas aplicadas e digitadas — como pequenos

	roletes aplicados na borda ou na região sublabial na cerâmica amazônica. A pintura e o polimento são raros.
Aplicações	Reforços externos feitos com cilindros, como alças, próximos à borda, perfurações (para suspensão por cordéis) e asas horizontais, constituídas por rolete de argila aplicado na face externa, podendo ter decoração digitada ou até unzulada digitunzulada, serrunzulada etc. A aplicação de “asas múltiplas” é considerada uma das principais características do conjunto da cerâmica Neobrasileira. No entanto, asas vazadas, ou alças verticais, são comuns na cerâmica colonial associada.
Âmbito morfológico	
Formas	Simples. Predominam os vasos, com pequena sinuosidade na área do pescoço e bordas retas, extrovertidas ou inclinadas para o exterior ou para o interior. Pratos e tigelas abertas são comuns e uma forma de tigela de fundo plano e paredes inclinadas para o exterior (tipo alguidar) parece indicar influência colonial.
Associação com outros objetos	
Sítios	Há ocorrência de cachimbos cerâmicos (angulares, moldados ou modelados livremente e com decorações plásticas de cor escura), discos cerâmicos perfurados (utilizados provavelmente como pesos para rede de pesca) e tortuais de fuso ²⁹ .
Artefatos Líticos	Machado de tradição indígena e lascas de quartzo.
Artefatos Históricos	Pertencentes à cultura material do ambiente colonial ou pós-colonial, como objetos de ferro, vidros, louças, porcelanas e cerâmica torneada (denominada “cerâmica colonial”).
Material indicativo de trocas culturais entre elementos indígenas, europeus e africanos	

²⁹ 1. Barra de madeira ou de ferro que se atravessa no olho do fuso do lagar para o fazer girar.
 2. Disco adaptado ao fuso da roca para lhe facilitar o giro. Do latim *tortu-*, «torcido» + *-al*. Porto Editora – tortual no Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tortuaizões>. Acesso em: 9 jun. 2023.

Foi identificada a manutenção de elementos indígenas observados nas técnicas de confecção e decoração cerâmica e de elementos de matriz europeia, como a presença de asas e alças, em alguns casos, além do fundo plano e pedestal. O tratamento de superfície (polido estriado comum) foi identificado como sendo de matriz indígena local, mas também pode ter outras matrizes. As formas, que podem ser encontradas nas tradições regionais indígenas, também podem ser de influência dos grupos de matriz africana, o que também seria provável para a decoração incisa, com padrões específicos.

Fonte: Adaptado de Dias Jr. (1988) e Deminicis (2017, p. 78-79).

No fim do século XVIII, em terras nacionais, havia diferentes grupos étnicos que “compunham uma complexa multiplicidade de histórias, culturas, hábitos e costumes” resultantes dos contatos entre pessoas de origens distintas que viviam no regime colonial, fato que influenciou diretamente na forma de se confeccionar os utensílios daquele período. A cerâmica de produção local foi uma das manufaturas mais influenciadas por esses contatos (MORALES, 2001, p. 169).

Para Noelli e Sallum (2019, p. 702), “as vasilhas cerâmicas produzidas localmente (sem vidrado na superfície) foram os principais itens domésticos da maioria dos lares até a primeira metade do século XX”, contudo, não se fizeram presentes em todas as regiões do país. Nesse sentido, Morales (2001, p. 177) argumenta que

no caso da cerâmica produzida a partir da conquista portuguesa nas terras brasileiras, essa ampla diversidade tecnopológica e, consequentemente, de significados, está diretamente relacionada às variações do contexto histórico regional, inclusive, microrregional que cada situação propiciou. Designada genericamente pelos arqueólogos de “neobrasileira” está cerâmica de elaboração local/ regional e também conhecida como “cabocla”, reflete influências dos segmentos sociais que formaram a base da sociedade colonial.

Em atenção às questões do contexto regional, o PRONAPA ainda subdividiu a proposta de análise dos artefatos cerâmicos com características Neobrasileiras em submodelos regionais (fases), em subfases, conforme descritas na tabela 2.

Tabela 2 - Características das subfases regionais das cerâmicas Neobrasileiras.

Calundu	Típica do litoral Norte e da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, do contexto do século XVII ao século XIX.
Parati	Típica do litoral Sul do estado do Rio de Janeiro, do contexto dos séculos XVII e XVIII.

Faxinal	Identificada entre os Rios Piratini e Camaquã, no escudo cristalino a Sudeste do estado do Rio Grande do Sul, do contexto do século XVIII ao final do século XIX.
Canguçu	Entre os Rios Piratini e Camaquã, no escudo cristalino a Sudeste do estado do Rio Grande do Sul, do contexto do século XIX ao início do século XX.
Missões	Entre os cursos médios dos Rios Ijuí e Piratini, no estado do Rio Grande do Sul, do contexto entre os anos de 1682 e 1828.
Monjolo	No Nordeste do estado do Rio Grande do Sul.
Lavrinha	No vale do Rio Iguaçu, no estado do Paraná, do contexto do século XVIII.
Moenda	Na faixa litorânea do estado do Espírito Santo, do contexto dos séculos XVII e XVIII.

Fonte: Adaptado de Dias Jr. (1988) e Deminicis (2017, p 78-79).

Por fim, pode-se dizer que a cerâmica Neobrasileira é fruto de produção e consumo local e familiar, com apropriações e bases regionais dos territórios nacionais.

4.5 Os grupos ceramistas do alto Rio Iguaçu no planalto curitibano

Anteriormente à ocupação europeia, distintos povos caçadores, coletores, pescadores e horticultores, ceramistas ou não, ocuparam diferentes mosaicos ambientais que, atualmente, configuram espaços geográficos pertencentes à América do Sul e ao Brasil. Essa ocupação é atestada por inúmeros sítios arqueológicos encontrados ao longo de todo o território nacional. No espaço territorial que é o estado do Paraná, de acordo com Chmyz (1986), os primeiros habitantes foram pequenos grupos itinerantes que viviam de caça, pesca e coleta de frutos e sementes. Entre 11.000 AP³⁰, neste território, houve assentamentos de povos caçadores e coletores não cerâmicos classificados nas tradições arqueológicas Bituruna, Humaitá, Umbu e Sambaqui (CHMYZ, 1976; PROUS, 2004; MOTA, 2012; PARELLADA, 2020). Já os ceramistas relacionados diretamente à região da área deste estudo, segundo os

³⁰ O termo AP refere-se a 2 mil anos antes do presente, ou seja, antes de 1950.

dados etno-históricos, são os grupos referentes às famílias linguísticas Tupi-Guarani e Jê (MARTINS, 1944; SGANZERLA *et al.*, 1996; MOTA, 2012).

No século XVI, milhares de índios pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, povos Xokleng Laklaño e Guarani, vinculados ao tronco Tupi, entre eles os Xetá, ao norte do estado, ocupavam aquele território. Ambas tradições manejavam recursos naturais e confeccionavam cestarias e recipientes em barro com morfologia e decorações características próprias, assim como parte delas eram compostas por agricultores (SGANZERLA *et al.* 1996; CHMYZ, 1986; PARELLADA, 2020). Povos Jê arqueológicos chegaram há cerca de 4 mil anos nos planaltos paranaenses, migrando provavelmente de áreas do Centro-Oeste do atual território brasileiro. Ocuparam muitas áreas de vales de grandes rios que formam a bacia hidrográfica do Paraná, como os topos de montanhas, as cavernas e o litoral atlântico, tendo contato com os povos sambaquianos (NOELLI, 2004; CHMYZ, 2009; MOTA, 2012; PARELLADA, 2016). Esse grupo Jê tinha uma dieta alimentar variável, que nos “últimos mil anos baseava-se na coleta de pinhão e mel, na caça e pesca, no cultivo de milho, mandioca, feijão e abóboras, e no manejo ambiental de recursos naturais, alternando o extrativismo com a prática agrícola” (PARELLADA, 2016, p. 161). A cerâmica associada ao grupo Jê encontrada no litoral e no Primeiro Planalto Paranaense, segundo Chmyz (1971), antigamente foi dividida em três tradições: Taquara, Casa de Pedra e Itararé. A Taquara, com a superfície externa dos vasilhames ornamentados de impressões e marcas feitas com a borda da unha, ponteiros, impressão de traçado ou tecido. Já a Casa de Pedra é relacionada aos Kaingang que habitaram a região centro-sul do Paraná entre os séculos XVIII e XX (NOELLI, 2004; BEBER, 2004; CHMYZ *et al.*, 2008; PARELLADA, 2008; VOLCOV, 2011). Os recipientes cerâmicos encontrados na Serra do Mar e no Primeiro Planalto Paranaense, elaborados por populações Xokleng Laklaño em tempos coloniais denominados Botocudos, eram de tamanho reduzido e de coloração preta. Como característica, essa cerâmica Xokleng apresenta “acabamento superficial semelhante à da cerâmica Itararé, [...] menor variação nas bordas, paredes mais espessas, maior volume dos recipientes e nas formas das vasilhas, especialmente as cônicas” (CHMYZ, 2008, p. 250-252). Já a cerâmica de tradição Itararé, que se caracteriza pelo “pequeno volume das vasilhas e espessura fina de suas paredes, com eventual engobo negro ou vermelho e, em alguns casos com marcação de tecido ou malha, carimbos e incisões, na face externa”, apresenta forma de pratos, tigelas, jarros e panelas de boca ampliada, com

bases arredondadas, planas ou côncavas, como visto na figura 21 (PARELLADA, 2008, p. 220).

Os povos Tupi e Guarani, cujos ancestrais estão correlacionados à tradição arqueológica Tupi-Guarani ou, mais recentemente, tradições Tupinambá e Guarani, de acordo com Noelli (2004), eram originários do estado de Rondônia e migraram para o Sul, movendo-se pelos atuais estado do Mato Grosso do Sul e oeste paulista, servindo-se dos Rios Paraná e Paraguai. Fixaram-se a partir dos vales dos Rios Tietê, Ivaí, Tibagi e Iguaçu, descendo até o Rio Uruguai e a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Além disso, exploraram territórios ao longo dos Rios Uruguai, Miranda, Tigre e Paraná, no sentido norte-sul (CHMYZ *et al.*, 2009). Os Guarani tinham domínio sobre a agricultura e a domesticação vegetal e ocupavam, há mais de dois milênios, as regiões mais elevadas e aptas ao plantio das florestas úmidas do Sul da América do Sul (PARELLADA *et al.*, 2006; CHMYZ, 2009). Habilidosos ceramistas, confeccionavam vasilhames “através da superposição de cordéis de pasta e queimados em fogueiras, com a colocação das peças diretamente sobre o braseiro” (CHMYZ *et al.*, 2009, p. 13). As peças variavam de tamanho e forma, de grandes e fundas até pequenas e rasas, de “[...] formatos ovais, elípticos, esféricos, em semi-esfera, piriformes e carenados, correspondiam a pratos, terrinas, jarros, panelas” de modo a armazenar líquidos, farinhas e demais alimentos, bem como para sepultar alguns mortos (CHMYZ *et al.*, 2009, p. 13). Outros elementos marcadores do acervo arqueológico Guarani são as decorações dos recipientes cerâmicos (PARELLADA, 2008).

No entanto, Chmyz (1977, p. 5) aponta que “intrusivamente”, em fases da tradição Tupi-Guarani, “ocorre cerâmica da tradição Itararé”, revelando “contatos interétnicos” evidenciados pela presença de “traços característicos da tradição Itararé nas formas e na decoração” dos vasilhames Tupi-Guarani. Por meio das pesquisas arqueológicas desenvolvidas, é possível afirmar que estes grupos étnicos ceramistas, entre outros, estavam no território paranaense quando houve as primeiras incursões europeias no planalto curitibano, no segundo quartel do século XVI (CHMYZ, 2003, p. 61). Os conquistadores europeus, que disputaram territórios e provocaram muitos conflitos e algumas alianças, seguiram no sentido a oeste da linha de Tordesilhas, em

território pretendido pelos espanhóis, embora entre 1580 e 1640 vigorasse a chamada União Ibérica para a conquista da Terra Brasilis³¹ (PARELLADA, 2020).

Em sítios arqueológicos documentados no perímetro urbano de Curitiba envolvendo ocupações históricas no início dos anos 1960, foram evidenciados achados cerâmicos de “herança cultural Tupiguarani com influência portuguesa”. A figura 21 mostra formas reconstituídas das cerâmicas oriundas das tradições Itararé, Tupi-Guarani e das cerâmicas híbridas de produção local confeccionadas após o contato com os grupos europeus no entorno de Curitiba (CHMYZ, 2003, p. 66). Esses achados de cerâmica, provenientes de estudos arqueológicos na região do entorno de Curitiba, evidenciam um processo de miscigenação, trocas culturais e circulação de saberes entre europeus e índios, que também aconteceu nas terras do Primeiro Planalto Curitibano.

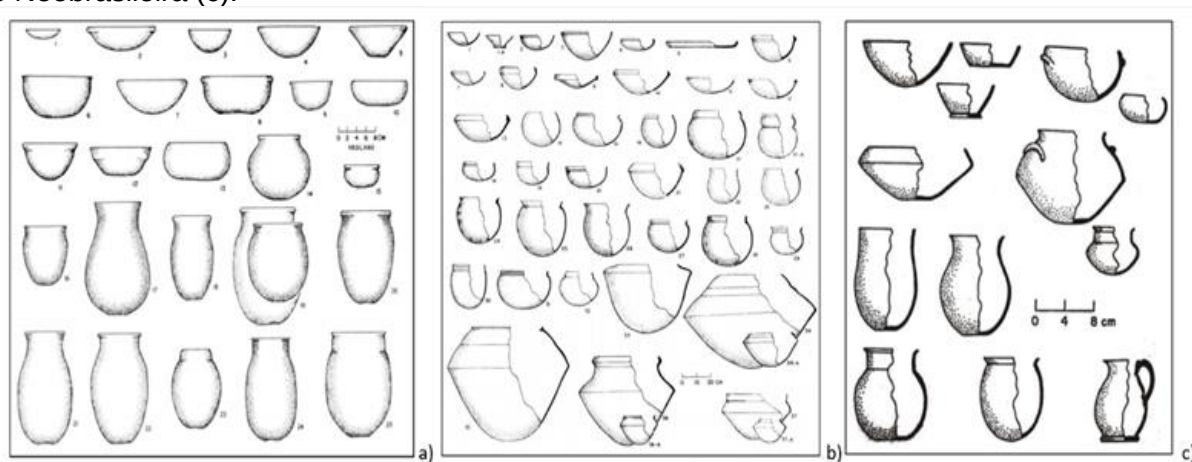
Chmyz (2003), ao publicar relatórios³² de estudos arqueológicos realizados no entorno de Curitiba, faz menção à coleção de GT devido ao fato de as cerâmicas encontradas durante a pesquisa trazerem “traços cerâmicos produzidos localmente”, demonstrando que “foram relacionados à tradição Neobrasileira” (CHMYZ, 2003, p. 66-68). Os sítios arqueológicos que contêm esses materiais cerâmicos foram registrados no IPHAN, no Sistema de Gestão Arqueológico (SGA), como: PR CT 85: Rio dos Patos-1, PR CT 86: Rio dos Patos-2, PR CT 87: Rio dos Patos-3, PR CT 88: Ganchinho, PR CT 89: Rio das Onças-1, PR CT 91: Rio das Onças-3, PR CT 92: Rio das Onças-4 e PR CT 95: Rio Maurício-1, entre outros daquela região (CHMYZ, 2003; IPHAN, 2022). Neste mesmo relatório, Chmyz (2003, p. 5-6), ao fazer menção à coleção de GT, diz que ele “[...] teve a oportunidade de constatar, entre a população mestiça dos municípios [...], a produção de recipientes cerâmicos com tecnologia tradicional indígena associada às européias [sic] africanas”. Tiburtius, no artigo da revista alemã *Anthropos*, intitulado “*Äleter Hauskeramiikaus der Umgebung von*

³¹ Terra Brasilis. O mapa com o título Terra Brasilis, segundo o Portugaliae Monumenta Cartográfica, é de autoria do cartógrafo português Lopo Homem, auxiliado por Pedro e Jorge Reinel, e foi feito no ano de 1519. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/bibliotecavirtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/terra-brasilis/>. Acesso em: 21 set. 2022.

³² É o caso da arqueologia da área do aterro sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná, publicado na Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA).

*Curitiba, Paraná, Südbrasilien*³³, publicado no ano de 1968, descreve a população dessas comunidades do entorno de Curitiba que faziam uso das louças de barro como “[...] que os primeiros chamavam erradamente de caboclos [...] uma população pobre, mas prestativa de composição robusta [...] Possivelmente trata-se de um grupo restante de índios [...]” (TIBURTIUS, 1968, p. 3). Essa interação entre indígenas e colonizadores já era relatada desde 1501, na região das terras paulistas (NOELLI; SALLUM, 2019, 2020).

Figura 21 - Formas reconstituídas das cerâmicas das tradições Itararé (a), Tupi-Guarani (b) e Neobrasileira (c).



Fonte: Adaptado de Chmyz (2009).

Os contatos entre os indígenas locais e os europeus, assim como as trocas de utensílios entre eles ocorridas naquele período, se intensificaram com o avanço da colonização. Estudos arqueológicos realizados por Volcov (2011) nos acervos cerâmicos paranaenses vinculados às tradições Taquara-Itararé e Tupi-Guarani demonstram que a expansão do colonialismo forçou uma adaptação entre esses grupos na região. Segundo o autor, “antes da chegada dos europeus, os grupos Jê e Tupi-Guarani mantinham fronteiras territoriais e culturais definidas e estáveis” (2011, p. 153). Relatos sobre contatos entre indígenas e colonizadores e a influência na produção de cerâmicas locais também estão presentes nas regiões Sudoeste de São Paulo e Nordeste do Paraná, conforme Noelli e Sallum (2019, p. 708).

³³ TIBURTIUS, G. Cerâmica doméstica mais antiga da região de Curitiba, Paraná, Sul do Brasil. **Anthropos**. Separata, Revisão Internacional de Etnologia e Linguística, volume 63, 1968. *Jornal Internacional de Etnologia e Linguística*. Friburgo, 1968.

Os estudos sobre objetos cerâmicos atravessaram os séculos e este ainda é um “tema aberto”, que movimenta os meios acadêmico e científico, visto que “constituem tema de investigação sobre aspectos tecnológicos, econômicos e sociais da materialidade brasileira. A maioria dessas cerâmicas e seus contextos de produção e uso permanecem pouco ou nada pesquisados” (NOELLI; SALLUM, 2019, p. 701). Com o intuito de contribuir para o estatuto de pesquisas acerca dos objetos cerâmicos, a seção seguinte trata mais especificamente sobre a coleção de Guilherme Tiburtius.

4.6 A cerâmica como elemento cultural: reflexões sobre o hibridismo nas louças em barro da coleção de Guilherme Tiburtius

O termo hibridismo utilizado nesta discussão é o usado pelo historiador Peter Burke (2010) em sua obra “Hibridismo cultural”, por se tratar de uma produção hipertextual em que ele faz reiteraões de estudos culturais, identidade, linguagens, entre outros temas, oferecendo subsídios para a reflexão sobre a ideia de “variedade” numa perspectiva histórica, como fez Gilberto Freyre ao usar o termo “mistura” ao falar do povo brasileiro, ou Lévi-Strauss ao utilizar “mixórdia” para descrever a composição cultural de diferentes variedades (SILVA, 2014, p. 229). É nessa perspectiva que segue-se com Burke (2010, p. 14), no entendimento de que “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um “*continuum*” cultural” entre eles. Somente assim é possível fazer a leitura de um objeto híbrido, pela continuidade de um fazer que dá origem a um novo objeto, fruto de distintas técnicas e tradições, mas com apropriações culturais (BURKE, 2010, p. 14).

Contudo, cabe salientar que Silva (2014, p. 229), ao analisar a obra de Burke, deixa claro “que os sentidos dos processos híbridos não podem ser considerados sinonímicos e em cada espaço social e histórico essas ocorrências possuem sentidos distintos”. Aqui, é utilizado o conceito para artefatos híbridos, frutos de trocas culturais e circulação de saberes entre os povos. Para tanto, é necessário conhecer, mesmo que brevemente, na perspectiva do autor, o que é hibridismo e o processo de hibridizar, que envolve, respectivamente, artefatos e práticas. Embora ele não trate especificamente de objetos cerâmicos ou algo similar, trata dos conceitos que se aplicam às mudanças culturais, nas quais “objetos ou práticas de fora são absorvidas ou ‘ordenadas’ por uma determinada cultura, mas que no decorrer do processo a cultura é reordenada” (BURKE, 2010, p. 114).

Como se sabe, a formação da cultura brasileira se deu por entrelaçamento da cultura indígena e fortemente mestiçada do “entrechoque e caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos [...] que se enfrentam e se fundem para dar lugar a um novo povo, uma nova gente” (RIBEIRO, 1995, p. 19). Embora os espanhóis tenham sido os primeiros a colonizarem as terras paranaenses, os lusitanos e seus descendentes formam a maioria da população do estado.

No Paraná, não diferente de outros territórios, ocorreu o fenômeno histórico de hibridização cultural, pois, em virtude da colonização, iniciou-se o estabelecimento de um contato permanente com grupos distintos. Ribeiro (1995, p. 121) explica que a população básica que iam se formando dos “novos” núcleos coloniais foram chamadas, entre outras denominações, de “neobrasileiras e “caboclas” e exibiam “uma aparência muito mais indígena que negra ou europeia pelo modo como moravam, comiam, por sua visão de mundo e pelo idioma que falavam”, um povo totalmente mestiço em aspectos raciais e culturais. Assim, o caboclo, o neobrasileiro, “é compreendido pelo processo de miscigenação do homem branco com o índio e/ou negro, que englobou ambos os costumes e espalhou-se pelo território paranaense” (SCHKALEI, 2014, p. 9). Desse modo, seus saberes e fazeres e sua cultura material deram origem a utensílios híbridos possuidores de elementos da integração dessas diferentes culturas.

Os processos de hibridização em artefatos imagéticos, segundo Burke (2010, p. 26), em primeiro lugar, em nível microscópico, seguem estereótipos de esquemas culturais que têm importância na estruturação da percepção do objeto a ser produzido frente à interpretação de mundo do sujeito: “O esquema tem uma função semelhante à visão de mundo do estado de coisas característico de uma determinada cultura”. Em segundo lugar, existe a importância relacionada a “afinidades” num macroambiente, ligadas a “convergências” daquele objeto de distintas tradições, ou culturas, em que a origem do artefato/objeto híbrido pode possuir características ou semelhanças partilhadas pela sua representação e seu sentido comungados nos espaços sociais de sua produção (BURKE, 2010, p. 26).

Supõe-se que as louças em barro da coleção etnográfica de GT sejam artefatos culturalmente híbridos, frutos de produções locais, de uso cotidiano ou não, feitas por comunidades locais da região do entorno de Curitiba, com aspectos das cerâmicas antigamente denominadas Neobrasileiras. De acordo com as características

apresentadas por Dias Jr. (1983) e Chmyz (2003, 2009, 2013), elas apresentam hibridismo entre elementos indígenas, europeus e africanos, sendo seus atributos morfológicos, de tratamento de superfície e de aplicações de “[...] reforços externos [...] como alças, próximos à borda [...] e asas horizontais, constituídas por rolete de argila aplicado na face externa, podendo ter decoração digitada, ou até ungulada digitungulada, serrungulada etc. com a aplicação de “asas múltiplas” (DIAS, 1983, p. 9). Da mesma forma, as características se assemelham à fase identificada pelo PRONAPA como Lavrinha, que ocorre no vale do Rio Iguaçu, no estado do Paraná, no contexto dos séculos XVIII e XIX, e que corresponde à região de coleta dos vasilhames da coleção etnográfica de louças em barro de GT, conforme a figura 22.

Figura 22 - Exemplares das louças em barro da coleção de GT. Da direita para a esquerda: uma panela, um cuscuzeiro e um vaso com engobo vermelho



Fonte: FERNANDES, Rosane Patricia. Louças em barro coleção GT. 2022.

Ainda na figura 22, mais especificamente, a panela mostra a aplicação de asas horizontais próximas à borda da peça. No cuscuzeiro, há aplique com digitação na constrição central da peça e aplicação de cordão com decoração digitada e de asas. E, em parte da superfície externa do cuscuzeiro, especialmente no bojo, aparecem marcas clânicas (incisões em pequenas linhas inclinadas paralelas) associadas a povos africanos, como as descritas por Symanski (2010, p. 53) em áreas históricas de plantação de cana-de-açúcar e engenhos da Chapada dos Guimarães e na análise da cultura material “proveniente de unidades domésticas do núcleo urbano de Santarém (PA), ocupadas nos séculos XVIII e XIX [...] que apresentam processos de trocas culturais entre portugueses, luso-brasileiros, indígenas e mestiços”. O terceiro pote, à direita, o engobo vermelho, tem por toda a superfície externa um atributo espanhol colonial, posterior ao século XVI.

O hibridismo nas louças em barro da coleção de GT materializa práticas e saberes tradicionais que são detentores de uma riqueza de informações ímpar e uma série de outras qualidades igualmente insondáveis, que incluem agência, intencionalidades, funcionalidades, especialidades, semiose e espiritualidade das mãos que as teceram (INGOLD, 2015). Ou seja, aquelas formas de barro contam histórias sociais e culturais reveladoras e demonstram que diversidade étnica e cultural pode ser compreendida como uma das maiores riquezas da humanidade.

Javier Arévalo (2004, p. 926, tradução nossa)³⁴ argumenta que “a cultura, os modos de vida materiais, sociais e ideacionais dos povos, sociedades e grupos humanos, é simultaneamente universal e particular, múltipla e diversa na experiência humana”. Assim, entende-se que o que se materializa na forma de objetos são as interações com o que nos cerca as pessoas por meio de experiências vividas e compartilhadas em mudanças temporais de uma geração para outra e de um lugar para outro, em que são patrimonializadas as formas de vida que expressam a identidade dos grupos humanos. “O patrimônio e a identidade são reflexos do passado e da realidade presente. No entanto, enquanto construções históricas, sociais e culturais, as noções de patrimônio e de identidade são revistas em cada momento histórico” (ARÉVALO, 2004, p. 933, tradução nossa)³⁵.

É sobre essas práticas sociais que Arévalo (2004, p. 930, tradução nossa)³⁶ pontua que “o patrimônio cultural de uma sociedade é constituído por formas de vida tangíveis e intangíveis, passadas ou presentes, que têm um valor significativo e são culturalmente significativas para aqueles que as utilizam e as criaram”. Dessa forma, os objetos e suas materialidades, seus usos práticos e simbólicos organizam a vida social. Com o passar do tempo, a materialidade das coisas ganha novos sentidos e significados a partir do modo em que são apropriados pelas diferentes gerações, pois os “objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ‘ressonância’ junto a seu público” (GONÇALVES, 2007, p. 215).

³⁴ No original: la cultura, las formas de vida materiales, sociales e ideacionales de los pueblos, las sociedades y los grupos humanos, es a la vez universal y particular, múltiple y diversa en la experiencia humana.

³⁵ No original: Patrimonio y identidad son reflexiones sobre el pasado y la realidad presente. Ahora bien, como construcciones históricas, sociales y culturales, las nociones de patrimonio y identidad se revisan en cada momento histórico

³⁶ No original: el patrimonio cultural de una sociedad lo constituyen las formas de vida materiales e inmateriales, pretéritas o presente, que poseen un valor relevante y son significativas culturalmente para quienes las usan y las han creado

No uso do termo ressonância, Gonçalves (2005) cita o historiador Stephen Greenblatt (2011), para o qual o termo se refere ao poder que um objeto exposto, ou não, pode atingir num universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais e de uso. “Fala do poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante” (GREENBLATT³⁷, 1991 *apud* GONÇALVES, 2007, p. 215). A esse passo, o que pensar sobre a ressonância que a coleção de louças em barro de GT pode alcançar no tempo presente? Será que ela emite expressões, convidando o espectador a um processo de descoberta abstrata das coisas já feitas? Já que tudo que é material/concreto reside além dos objetos, em sua essência imaterial que eflui das suas formas, será que elas possuem agência que as levem para adiante de sua forma, acionando a memória, a identidade de um povo ou a sua origem?

Visando a responder esses questionamentos, pode-se dizer que sim, essas louças em barro, como objetos da cultura material, têm uma presença física tangível, porém, também são portadoras de um imenso valor imaterial. Suas formas, padrões e decorações efluem de uma herança cultural rica, única e hibridamente cultural.

A agência das louças, nesse contexto, não se refere a uma capacidade de ação consciente, mas, sim, à sua capacidade de evocar memórias, sensações e reflexões nos espectadores. Esses vasilhames podem ativar as memórias histórica e cultural dos povos, lembrando-os de suas raízes, tradições e ancestralidade. Além disso, essas louças podem ser consideradas artefatos culturais que transcendem seu propósito funcional.

Portanto, a coleção de louças em barro de GT pode alcançar um significado profundo no tempo presente, servindo como um elo para o entendimento de práticas e saberes do passado e como uma forma de preservar e transmitir a identidade cultural de um povo. Ela convida o espectador a explorar o universo simbólico e estético das tradições culturais, oferecendo uma oportunidade para uma descoberta abstrata das histórias e significados embutidos nos usos, formas e decorações dessas peças. Essa ação de provocar a ressonância, de dar vida ou voz aos objetos pode e deve ser acionada pela museologia e suas narrativas.

³⁷ GREENBLATT, Stephen. Ressonance and wonder. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Eds.). **Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display**. Washington: Smithsonian Institution Press, p. 42-56. 1991.

Esse movimento significa chamar as coisas para a vida, visto que Ingold (2012, p. 29) argumenta que coisas, objetos e artefatos, por sua vez, “são um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam”. E que o exercício da observação dessas coisas “não é ser trancado do lado de fora” na sua “estória condensada”, e sim ouvi-las por meio dos seus fluxos, do entrelaçamento dos materiais e das intenções que as compõem, da força abstrata que lhes asseguraram a forma e os coletivos sociais que aferiram sentido na sua movimentação enigmática da coisificação, na ação diária de “um mundo que modifica” no fluxo dos materiais e do ambiente. Quer dizer, as louças etnográficas são o resultado de processos de interações e apropriações dos meios social e ambiental (INGOLD, 2015, p. 65), em que a ação da patrimonialização lhes conferiu perenidade e valor inquestionável, tornando-as bens culturais simbólicos de um povo. Detentoras de sentido, essas louças são produtos culturais com “dimensões diferentes, como física, ecológica, funcional (utilitária e simbólica) e histórica”, bem como de identidade e memória, imbuídas de complexidade cultural (SILVA, 2002, p. 120).

Assim, considera-se que as louças da coleção de GT são objetos que oportunizam conhecer, em parte, a dinâmica cultural dos grupos que as produziram, além de inferir deduções sobre o papel que eles desempenharam naquela organização social por meio das suas formas e funções, circulação e consumo, possibilitando compreender histórias, identidades e memórias. Desse modo, esses objetos materiais podem ser vistos como um símbolo que carrega memórias identitárias das comunidades ou dos sujeitos que os teceram. No entanto, Arévalo (2004, p. 925) aponta que conceitos como identidade e cultura, assim como tradição, são “complejos, ambiguos y polisémicos, porque son construcciones sociales cuyos significados cambian dependiendo de la época, el tiempo histórico y según quienes los empleen y para qué fines los utilicen”.

Os objetos e utensílios reunidos em uma coleção ou em um acervo/exposição de museu já não são avaliados e salvaguardados por seu valor de uso. Sua utilidade primária faz parte do passado, seu objetivo é ser interpretado, é ganhar uma nova narrativa, um novo significado, é fazer sua materialidade povoar o imaginário de quem os admira no agora. Essas coleções, quando bem gerenciadas nos contextos museais, fazem surgir novos questionamentos entre a história contada e o silêncio dos esquecidos, em apreciação às coisas que cercam os indivíduos. Nesse sentido, o museu perde a função de ser apenas um memorial que evoca o passado e celebra a

história, passando a ser em espaço documental e educacional que inspira pesquisas sobre as mudanças sociais, culturais e ambientais (MENESES,1992).

Nesse contexto, os objetos cerâmicos se destacam na formação da cultura humana. Cada peça materializada é detentora de muitos aprendizados, por ser uma atividade que envolve a construção do saber e do fazer permeando as ações materiais e imateriais do termo patrimônio. Em todas essas peças estão impressas as marcas dos aspectos sociais, culturais e políticos de seu tempo e do seu povo, que conferiram a elas caráter regional e identitário que não lhes permitem apreciação apenas pelo sentido estético, mas por elementos da cultura material que carregam consigo “histórias, opções, identidades, elementos de comunicação e significados” (TURCHETTI, 2018, p. 32).

Desse modo, os objetos artesanais vindos da apropriação do barro, como a coleção de cerâmicas etnográficas de GT, são entendidos como patrimônio cultural de povos e sua interface com o meio, materializados pela ação do fazer e dos usos dados aos objetos, apontando uma diversidade cultural, uma variedade de técnicas e materiais agregados ao barro. E, principalmente, denotam a relação dos humanos com o território, mas também do contato com o “outro”, que induz a um panorama multifacetado de apropriações e saberes culturais que merece ser melhor estudado em todos os tempos.

Essas louças, interpretadas como objetos etnográficos, testemunham um período cultural na trajetória humana através dos tempos e evocam uma temporalidade simbólica dos fazeres e saberes de determinados povos. Assim, são detentoras de expressões e costumes dos grupos humanos e seus territórios.

4.7 Considerações finais do artigo

Para efeito de conclusão, é interessante considerar, com base em dados históricos, que a região do Primeiro Planalto Paranaense já era ocupada por, no mínimo, dois grupos indígenas distintos, os Jê e os Guarani, antes da chegada dos europeus naquele território. Detentores do saber ceramista, esses grupos, a partir do contato com outros povos, desenvolveram peças próprias híbridas por meio de trocas culturais pelo contato com o colonizador. Quanto às cerâmicas da coleção de GT coletadas no contexto do alto Rio Iguaçu, é possível dizer, de acordo com estudos e salvamentos arqueológicos desenvolvidos na região, que elas estão associadas à

tradição Neobrasileira e vinculadas à fase Lavrinha, sendo provenientes de produção local por grupos rurais miscigenados entre indígenas, africanos e europeus, que desenvolveram peças híbridas através de trocas culturais.

As cerâmicas da fase Lavrinha são caracterizadas por certos aspectos distintivos. Geralmente, são peças de pequeno e médio portes, como as da coleção estudada, com formatos variados, como vasos, potes, pratos e outros recipientes. A decoração é frequentemente composta por elementos incisos, impressos ou pintados, utilizando motivos geométricos simples, linhas, pontos e outras formas abstratas. A morfologia e a presença da aplicação de asas e decorações permitem compreendê-las como objetos híbridos que congregam saberes e fazeres de diferentes povos, que deram origem a essas louças pelas mãos de comunidades tradicionais rurais que habitaram aquela região do estado do Paraná.

Alguns objetos, com o passar do tempo, transformam sua característica original e/ou utilitária e são tratados de modo diferenciado, adquirindo valores simbólico, histórico e/ou cultural, ocasionando a sua preservação. Este é o caso da coleção que é objeto deste estudo, que foi parte de um conjunto particular e hoje é acervo de um museu, constituindo elementos representativos de identidades culturais e coletivas que ainda necessitam de mais estudos.

É válido reiterar que poucos são os trabalhos científicos que tratam da coleção etnográfica de louças em barro de GT, apesar da sua importância para a construção de uma história de longa duração, capaz de atingir as gerações futuras por meio da materialidade sobre os saberes e fazeres das comunidades tradicionais que viveram no estado do Paraná. Os objetos cerâmicos etnográficos têm um enorme potencial de pesquisa, sobretudo quando considerada a multiplicidade de contatos entre diversos grupos no passado e que podem auxiliar na compreensão da inumerável teia de relações que foi estabelecida entre eles para satisfazer suas necessidades mais imediatas e organizar suas vidas socialmente.

Referências

APARO, Ermanno. **A cultura cerâmica no design da joalheria portuguesa**. 2010, 386 f. Tese. (Doutorado em Design) Universidade de Aveiro. Departamento de Artes, Aveiro, 2010.

ARAUJO, Astolfo G. M. **Por uma arqueologia cética**: ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas. Curitiba: Editora Appris, 2019. 381 p.

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. **Revista de Estudios Extremeños**, v. 60, n. 3, p. 925-956, 2004. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/107116> Acesso em: 27. fev. 2021.

BEBER Marus Vinícius. **O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro**: o caso da Tradição Taquara-Itararé. 2004, 289 f. Tese. (Doutorado em História). Universidade do Vale do Sinos-UNISINOS. São Leopoldo-RS 2004.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Lithographica Ypiranga, 1981. 730 p.

BROCHADO, José Proenza *et al.* Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 12, p. 3-33, 1969. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/480>. Acesso em: 05. mai. 2021.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5219582/mod_resource/content/2/BURKE%2C%20Peter.%20Hibridismo%20Cultural.%20Editora%20Unisinos%2C%202010.pdf
Acesso em: 15. fev. 2022.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica**. Lisboa: Editorial Estampa, 2004. 192 p.

CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Médio e Baixo Rio Iguaçu, Paraná. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969. Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**, Publicações Avulsas n. 15, p.87-114, 1971.

CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. Segunda edição revista e ampliada. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, ano 1, n. 1. p.119-148, 1976.

CHMYZ, Igor. Pesquisas de arqueologia histórica em Curitiba. **Círculo de Estudos**, Curitiba, v. 20, n.17, p. 59-80, 2003.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. A arqueologia da área da LT 750 kV Ivaiporã-Itaberá III, Paraná - São Paulo. Arqueologia - **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**. Curitiba, V. 5, p. 1-305, 2008.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**, Curitiba, V. 6, p. 1-147. 2009.

COOPER, Emmanuel. **Historia de la cerámica**. Barcelona: Ediciones CEAC.1999. 224 p.

DIAS JR., O. A cerâmica neo-brasileira, Arqueo-IAB. *In: Textos Avulsos do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém.v.1, p. 3-13, 1983.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índice para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007.

DEMINICIS, R. B. A escrita da História do Brasil através dos vasilhames cerâmicos das populações subalternas: o papel atual da Arqueologia. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 73–88, 2017. DOI: 10.24885/sab.v30i1.503. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/503>. Acesso em: 11 jul. 2021.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 60, p. 14-42, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro, Garamond, 2007. 256 p.

INGOLD, Tim. Trazendo as Coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INGOLD, Tim. Estar Vivo- **Ensaio Sobre Movimento, Conhecimento e Descrição**/ Tim Ingold, tradução de Fábio Creder. Petrópolis-RJ: Vozes. 2015. 392 p.

JOINVILLE. PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Tradução de Maria Thereza Böbel. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre/RS: Posenato Arte e Cultura, 1989. 175 p.

LÉVI-STRAUSS, C. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 248 p.

MARANCA, Sílvia. A Arqueologia brasileira e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) dos anos 60. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**[S.l: s.n.], 2007. Disponível em: <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/view/111/132>. Acesso em: 12 jun. 2021.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. 2. ed. São Paulo: Rumo, 1944. 197 p.

MENESES, U. Para que serve um museu histórico. *In: Como explorar um museu histórico*. São Paulo: **Museu Paulista/USP**, 1992.

MORALES, W.F. A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p.165-187, 2001.

MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira. A cerâmica como patrimônio cultural de povos e territórios: recortes da antiguidade ao Vale do Jequitinhonha. In: **Anais do X Fórum Mestres e Conselheiros - Agentes Multiplicadores do Patrimônio**. Anais...Belo Horizonte (MG) Universidade Federal de Minas Gerais. 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xmestres/105344-A-CERAMICA-COMO-PATRIMONIO-CULTURAL-DE-POVOS-E-TERRITORIOS--RECORTES-DA-ANTIGUIDADE-AO-VALE-DO-JEQUITINHONHA>>. s/p. Acesso em: 19. set. 2020.

MOTA, Lúcio T. **História do Paraná: relações sócio-culturais da pré-história a economia cafeeira**. Maringá: Eduem, 2012. 120 p.

NOELLI, Francisco S. O mapa arqueológico dos povos Jê no sul do Brasil. In: **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Editora da UEL, p. 17-55, 2004. 430 p.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/JN7ndNWNnfxFb3mbCVfLfSn/?lang=pt>. Acesso em: 23.jan. 2020.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de inerência da Cerâmica Paulista. **Revista. Museu Arqueologia. Etnografia**, n. 34, p. 132-153. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/166053>. Acesso em: 27 set. 2021.

OLIVEIRA, Carlos Estevão. A cerâmica de Santarém. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v.3, 1939. p.7-32. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=23&busca=&pagina=4>. Acesso em: 12.mai. 2021.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; VIANA, Sibeli Aparecida. Pré-História da Região Centro-Oeste do Brasil. **Revista Eletrônica Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología**, Goiânia, 2000. p. 1-10. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo:oliveira-2000/Oliveira_Viana_2000_Pre-Historia.pdf. Acesso em: 03 jun. 2021.

PARELLADA, Cláudia. I. **Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo / Fênix-PR**. 1997, 386 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Paraná. Departamento de Antropologia. Curitiba - PR. 1997

PARELLADA, Cláudia. Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé-Taquara: Dados Etnohistóricos e o Acervo do Museu Paranaense. **Revista Arqueologia**. 2008, v. 21,

p. 97-111. In: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/view/2845/2450>. Acesso em janeiro 2016. Acesso em: 14. mar. 2021.

PARELLADA, Cláudia. Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, [S. l.], n. 27, p. 158-167, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/137300>. Acesso em: 27 jul. 2021.

PARELLADA, Cláudia. Arqueologia em Prudentópolis: memórias e patrimônio no Paraná. In: RAMOS, O.F. & OLINTO, B.A. 2020. **Prudentópolis: cultura, história e sociedade**. Guarapuava: Ed. da Unicentro, p.69-100. 2020.

PARELLADA, Cláudia I. CREMONEZE, C., BATTISTELLI, E., SARAIVA, M.P. Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes. Curitiba: **Provopar** Ação Social, 64p., 2006. www.artenossa.pr.gov.br. Acesso em: 21. out. 2021.

PIAZZA, Walter F. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 39-44, 1969.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

PEREZ, G. C., PEZZI RASTEIRO, R., TERHAAG MERENCIO, F., MÜLLER, I. da S. Revisitando análises de cerâmicas no sul e sudeste brasileiro. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 196–216, 2021. DOI: 10.24885/sab.v34i1.820. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/820>. Acesso em: 12. jul. 2021.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4829037/mod_resource/content/1/O%20povo%20brasileiro%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20sentido%20do%20Brasil.pdf. Acesso em: 19.jan. 2023.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. M. Teoria e métodos na análise cerâmica em Arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 8, p. 287-294, 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1998.109555>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SCHEUER, Herta Loëll. **A tradição da cerâmica popular**. São Paulo: Editora Livramento, 1976. 135 p.

SANTOS, Aline G. dos; SILVA, Jacionira Coelho. História escrita na cerâmica arqueológica. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar** Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI. 2012, p. 1-10.

SIMÕES, Mário Ferreira. Índice das fases arqueológicas 1950-1971. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n.18, p. 1-75, 1972. Disponível em :<http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/503> Acesso em: 07 mai. 2021.

SILVA, A. L. da. RESENHA DO LIVRO “HIBRIDISMO CULTURAL” DE PETER BURKE. UEPG: **Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 229–231, 2014.

SILVA, Leandro Surya Carvalho de Oliveira. **Continuidade**: grupos ceramistas pré-históricos na área do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí. 2006. Dissertação, 137 f. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2006 https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/633/1/arquivo2340_1.pdf. Acesso em: 02 jun. 2021.

SILVA, Fabíola A. As tecnologias e seus significados. **Revista Canindé**, Xingó, n. 2, dez. 2002. p. 120. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2000.tde-03122013-165920>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SILVA, Priscila Gonçalves Ferreira da. **A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville**: uma coleção arqueológica na cidade “germânica”. 2017, 78 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) Universidade da Região de Joinville UNIVILLE, Joinville, 2017.

SCHKALEI, Cleiton Alexandre. Índios, caboclos e europeus: uma percepção sobre os pioneiros no estado do Paraná. **Anais do VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais e II Jornada de Pesquisadores sobre a questão agrária no Paraná**. Ponta Grossa-PR, p.1-9, 2014. Disponível em: <https://memoria.apps.uepg.br/seet/wp-content/uploads/sites/5/2014/08/%C3%8DNDIOS-CABOCLOS-E-EUROPEUS.pdf> Acesso em: 12. dez. 2021.

SGANZERLA, Eliane M.; CHMYZ, Igor; VOLCOV, Jonas E.; MIGUEL, Rucinere; CAVALHEIRO, Antônio C. M. Arqueologia do Contorno Leste de Curitiba. **Arqueologia**, Curitiba, v.7, p.1-79, 1996. Disponível em <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/download/52/>. Acesso em: 02. jun. 2021.

SYMANSKI, Luis.. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

TIBURTIUS, G. Cerâmica doméstica mais antiga da região de Curitiba, Paraná, Sul do Brasil. **Anthropos**. Separata, Revisão Internacional de Etnologia e Linguística, volume 63, 1968. Jornal Internacional de Etnologia e Linguística. Friburgo, 1968.

TURCHETTI, Natália Gomes. **A história em cacos**: a cultura material Jê pré-colonial - Sítio Lito cerâmico Mato Seco, São Gonçalo do Abaeté - Minas Gerais. 2018, 134f. Dissertação. (Mestrado em Mestrado em História) - Universidade Federal de São João Del-Rei. Minas Gerais, 2018. <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoNataliaTurchetti.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

VOLCOV Elias. Jonas. **Cerâmica Tupiguarani e os processos de interação cultural no alto Rio Iguaçu**, Pr. 2011, 168 f . Dissertação. Pós-Graduação em Antropologia Social, Área de Concentração em Arqueologia. Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/27058>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia**, Curitiba, v. 5, 1986, p. 117-130.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus Palácios de Barro: o Cotidiano Doméstico na Casa Bandeirista**. 2005, 496 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.71.2006.tde04082006-170833>. Acesso em: 12 jun. 2021.

WATSON, Virginia D. Ciudad Real: um sítio Guarani-Espanhol no alto rio Paraná. **Revista de Arqueologia**, v. 16, 139-155, 2003. Disponível em: <https://www.revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/183>. Acesso em: 12 jun. 2021.

5. OS SABERES E AS PRÁTICAS NA CONFECCÃO DAS LOUÇAS ANTIGAS EM BARRO DO CONJUNTO ARAUCÁRIA, DA COLEÇÃO DE GUILHERME TIBURTIVS³⁸

RESUMO

Este artigo trata da análise dos atributos morfológicos de parte da coleção etnográfica de Cerâmicas Caseiras de Guilherme Tiburtius, pertencente ao acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina. As cerâmicas foram coletadas em municípios do entorno de Curitiba/PR no início dos anos 1940, discutindo especificamente os vasilhames provenientes do município de Araucária/PR. O estudo tem como objetivo compreender o conjunto de louças em barro de Araucária e descrever suas características morfológicas, a técnica de confecção, a composição da pasta e tipo de queima, o tipo de tratamento de superfícies e as decorações contidas nos vasilhames. Para isso, foram articulados dados bibliográficos e documentais com fontes históricas e etnológicas acerca daquela coleção, partindo da publicação *Ältere Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien*, de Guilherme Tiburtius (1968), e dos cadernos de inventário desse arqueólogo, juntamente com análises laboratoriais. Os autores Chmyz (1983), Chmyz *et al.* (2009, 2011), Herta Scheuer (1969, 1976), Leroi-Gourhan (1985), Dias Jr. (1988), Skibo e Schiffer (2008), Skibo (2013) e Symanski (2008, 2010) são utilizados na discussão sobre a confecção de artefatos cerâmicos, para buscar entender como eles foram produzidos. Da mesma forma, foram considerados os estudos de Chmyz (1976, 2003), La Salvia e Brochado (1989), Brochado *et al.* (1990), Noelli e Sallum (2019, 2020) e Suze (2009) para as discussões e análise dos aspectos morfológicos, estilos de decoração e apontamentos de procedência identitária. Observou-se, nas peças, a permeabilidade seletiva de elementos indígenas, europeus e africanos, resultado de apropriações culturais para a produção de louças híbridas, como a predominância do uso da técnica de roletado na confecção dos vasilhames, a fixação de asas, alças ou cabos, os tipos plano de base, assim como os elementos decorativos, também observados por outros pesquisadores do campo. Ademais, é necessário ter atenção em pesquisas futuras para a interpretação do aplique de asas na face interna de determinados vasilhames da coleção de louças de Guilherme Tiburtius, bem como melhor explorar as pinturas existentes nos vasilhames.

PALAVRAS-CHAVE: Louças em barro; Araucária/PR; morfologia; Guilherme Tiburtius.

ABSTRACT

This article deals with the analysis of the morphological attributes of part of the Ethnographic Collection of Homemade Ceramics Guilherme Tiburtius, collected in municipalities around Curitiba (PR) in the early 1940s, specifically discussing the containers from the municipality of Araucária (PR). The study aims to understand the Araucaria clay pottery set, and describe its

³⁸ Parte deste artigo foi publicada na Revista **Confluências Culturais**, v. 9, n. 1: Patrimônios e sociedade: desafios ao futuro – 2020 – ISSN 2316-395X, com o título: A Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras de Guilherme Tiburtius – Cultura Material e História da Região de Araucária (PR).

morphological characteristics, the manufacturing technique, the composition of the paste and type of firing, the type of surface treatment, the decorations contained in the containers. For this, bibliographic and documentary data were articulated with historical and ethnological sources about that collection, starting from the publication “Ältere Hauskeramiik aus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien”, by Guilherme Tiburtius (1968), and the inventory notebooks of this archaeologist, together with laboratory analyses. The authors, Chmyz (1983), Chmyz *et al* (2009, 2011), Herta Scheuer (1969, 1976), Dias Jr. (1988), Schiffer and Skibo (1992, 1997), Skibo (2013), Symanski (2008, 2010), are used in the discussion applied to the making of ceramic artifacts, to seek to understand how they were produced. Likewise, studies by Chmyz (1976, 2003), La Salvia and Brochado (1989), Brochado *et al* (1990), Noelli and Sallum (2019, 2020), Suze (2009) were considered for the discussion and analysis of the morphological, decoration styles and notes of identity origin. It was observed in the pieces the selective permeability of elements, indigenous, European and African, the result of cultural appropriations, for the production of hybrid tableware, such as the predominance of the use of roulette techniques in the making of the dishes. containers, the attachment of handles, handles or cables, the flat base type, as well as the decorative elements, also observed by other researchers in the field. In addition, it is necessary to pay attention in future research to the interpretation of the appliqué of wings on the inner face of certain containers from the GT tableware collection, as well as better exploring the existing paintings on the containers.

KEYWORDS: Earthenware pottery; Araucaria-PR; morphology; Guilherme Tiburtius.

5.1 Introdução

Este capítulo apresenta os principais resultados das análises feitas do conjunto Araucária, das louças em barro da coleção de Guilherme Tiburtius (GT), que fazem parte do acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). As proveniências desses vasilhames sugerem que sejam produções domésticas em contextos locais/regionais, elaboradas por comunidades históricas, com influxos europeus, indígenas e africanos posteriores ao século XVII, conforme discussões prévias de diferentes pesquisadores.

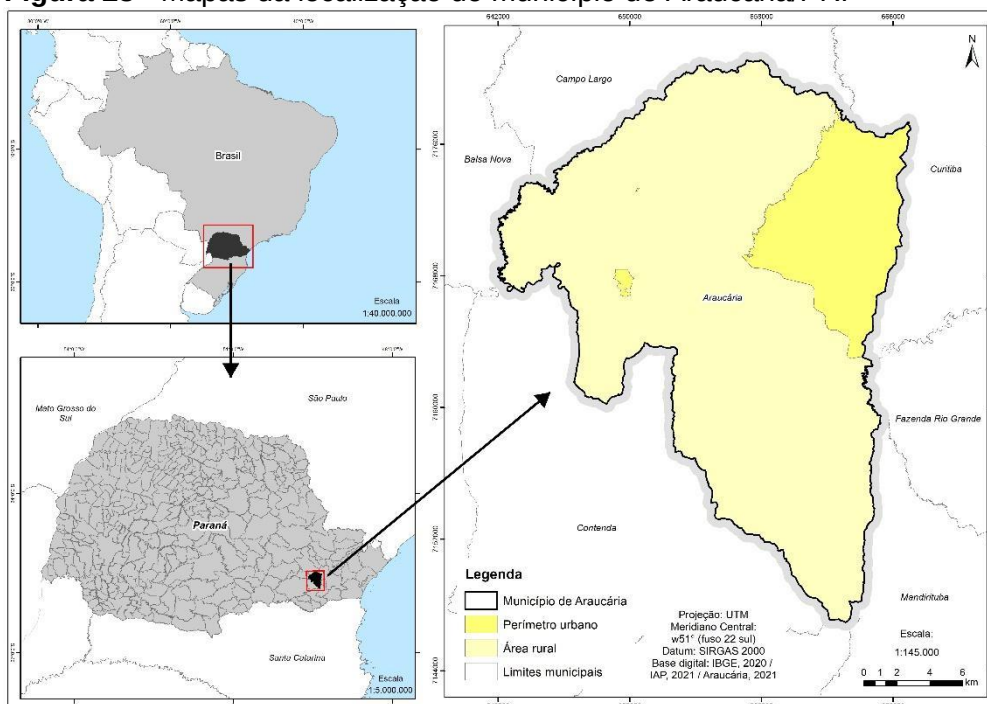
O conjunto Araucária é formado por 175 peças em bom estado de conservação, sendo elas vasos com e sem alças, potes de diversos tamanhos, tigelas, torradores, panelas, pratos, jarros, cuscuzeiros e objetos zoomorfos. As análises mostram a presença de elementos híbridos relacionados às técnicas de fabricação, aos atributos morfológicos, aos tratamentos de superfície, bem como às aplicações de múltiplos elementos. Como resultado das discussões, entende-se que as memórias e as identificações de quem as confeccionou estão materializadas nos objetos. As informações foram organizadas com base na análise dos dados coletados das louças em barro do conjunto Araucária, de conteúdo bibliográfico e documental, sem perder

de vista a abordagem qualitativa na análise dos dados, a fim da compreensão do contexto do angariamento das peças da coleção por parte do colecionador. Parte-se do princípio de que a história é construída pelas pessoas que dela fazem parte, desse modo, buscou-se identificar os traços identitários das comunidades que confeccionaram os vasilhames, por meio de dados etno-históricos da região da pesquisa.

5.2 Contextualização dos locais de coleta das louças de Araucária/PR

Araucária, na figura 23, é um município que integra a região metropolitana de Curitiba (RMC), Primeiro Planalto Paranaense, com território de 460,85 km². Ocupa a posição de décima segunda cidade mais populosa do estado do Paraná, de acordo com dados do IBGE de 2016. Situando-se a 857 metros acima do nível do mar, é banhada pela margem direita do alto curso do Rio Iguaçu, fazendo divisa com os municípios de Curitiba e Campo Largo, bem como com a área da represa do Rio Passaúna. Seu território também é cortado pela BR-476, ou seja, pela Rodovia do Xisto, importante via de interligação da região Sudoeste do país, estando a 27 km do centro de Curitiba e a 136 km de Joinville/SC. Seu nome deve-se à origem geográfica que o município ocupa, pois, no período de sua povoação, constituía-se em uma enorme mata nativa composta especialmente por espécimes de *Araucária angustifolia*, também conhecidas como pinheiro-do-paraná. No entanto, a região recebeu esse nome apenas em 1890, por meio do Decreto Estadual nº 40, de 11 de fevereiro do mesmo ano, quando foi elevada a município. Antes disso, em 1837, o lugar chamava-se Capela de Nossa Senhora da Luz de Tindiquera e pertencia ao município de Curitiba. Foi denominada Freguesia do Iguassu e, em 28 de fevereiro de 1855, tornou-se município de Araucária. Essa primeira denominação deve-se a uma antiga aldeia Guarani Tingüi (Tindigüera) que estava situada às margens do Rio Iguaçu (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA, 2019, s/p; FERNANDES; ROCHA, 2020).

Figura 23 - Mapas da localização do município de Araucária/PR.



Fonte: NICOLODI, Emília. Mapa de Araucária, 2022.

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região do planalto curitibano, através do CEPA³⁹ e do PRONAPA⁴⁰, coordenadas por Igor Chmyz e outros pesquisadores entre os anos de 1968 e 1999, identificaram pelo menos 45 sítios arqueológicos, sendo 29 associados à tradição Tupi-Guarani (associada à família linguística Tupi-Guarani), oito associados à tradição Itararé (associada à família linguística Jê) e seis associados à tradição Neobrasileira, vinculadas à fase Lavrinha, provenientes de produção doméstica local por grupos miscigenados entre indígenas, africanos e europeus. Destes 45 sítios, 43 continham material cerâmico.

Com isso, demonstraram a alta ocupação daquela região por populações produtoras de artefatos em barro, como pode ser visto na figura 24, que mostra a ocupação do estado do Paraná por povos indígenas. Em 1980, a pesquisa relacionada ao projeto de salvamento arqueológico da área impactada pela construção da barragem do Rio Passaúna, realizada entre os municípios de Araucária e Campo Largo, identificou 15 sítios arqueológicos, dos quais quatro foram associados a populações não ceramistas e 11 continham material cerâmico, sendo dois deles associados à tradição Itararé, quatro à tradição Tupi-Guarani e cinco à tradição

³⁹ Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas vinculado à Universidade Federal do Paraná.

⁴⁰ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

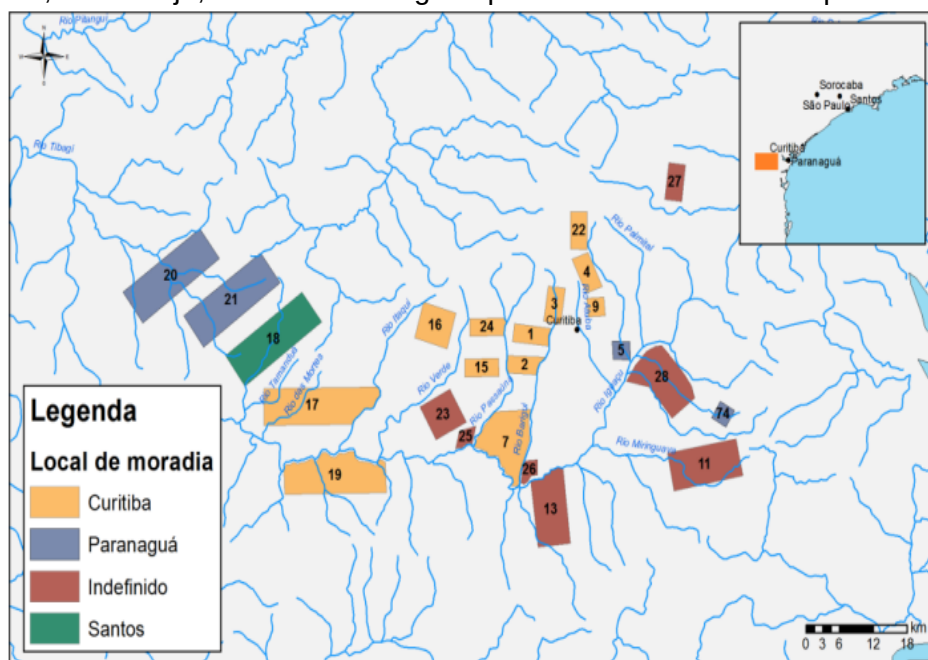
do Sul e do gasoduto Brasil-Bolívia, entre outros, também apontam a identificação de materiais arqueológicos remanescentes da cultura material histórica associados à tradição Neobrasileira, que, por sua vez, se constituem em testemunhos dos processos culturais que ocorreram no planalto curitibano após o século XVII, quando teve início a colonização daquele espaço.

As primeiras movimentações colonizadoras no então município de Araucária datam do ano de 1668, a partir da doação de sesmarias da região ao capitão espanhol e bandeirante Gabriel de Lara e seus filhos, que eram influentes na província do Paraná no período devido às suas atividades de desbravamento territorial e apresamento de indígenas. Valencia Villa e Gil (2016, p. 87-88) descrevem que as primeiras concessões de terra onde é o planalto curitibano datam de 1661 e 1712, período correspondente ao “processo de ocupação inicial da região e da criação dos primeiros marcos legais e territoriais que instituíram a vila de Curitiba e foram distribuídas 19 sesmarias”, conforme figura 25, pelo capitão povoador Mateus Martins Leme, donatário e sesmeiro na região.

Atraída pela proposta de terras prósperas, a família Maia, numerosa em membros, foi uma das primeiras a habitar o local. Iniciou as roçadas, lançou as primeiras sementes no solo, atraiu outros moradores e o lugar passou a ser ponto de referência. Desenvolveu-se como povoado e recebeu a denominação de Tindiquera, pois o local escolhido pela família Maia para se estabelecer foi exatamente um espaço descampado, situado às margens do Rio Iguaçu, em cima da antiga aldeia indígena Guarani com este nome.

Em 1868, a Freguesia do Iguassu foi desligada da capital paranaense e anexada como distrito de São José dos Pinhais, até 1888. Em meados de 1876, houve o aumento do fluxo de imigrantes europeus para as Américas, e naquela região começaram a se estabelecer, de início, poloneses, russos e alemães, com atividades de agricultura e pecuária, formando minifúndios que, mais tarde, deram origem à Colônia Tomás Coelho, fundada pelo governo imperial, abrangendo vasta área de terra no Primeiro Planalto Paranaense. Atualmente, a população do município é composta por descendentes das primeiras ocupações daquela região, “[...] luso-brasileiros, índios e negros e de imigrantes poloneses, italianos, ucranianos, sírios, libaneses, alemães, japoneses e ainda por migrantes vindos de outras regiões do Paraná e do Brasil” (IBGE, 2010-2016; PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA, 2019, s/p; FERNANDES; BANDEIRA, 2020).

Figura 25 - Destaque da distribuição das sesmarias no planalto curitibano. Os números 1, 2 e 7, em laranja, referem-se à região que atualmente é o município de Araucária/PR.

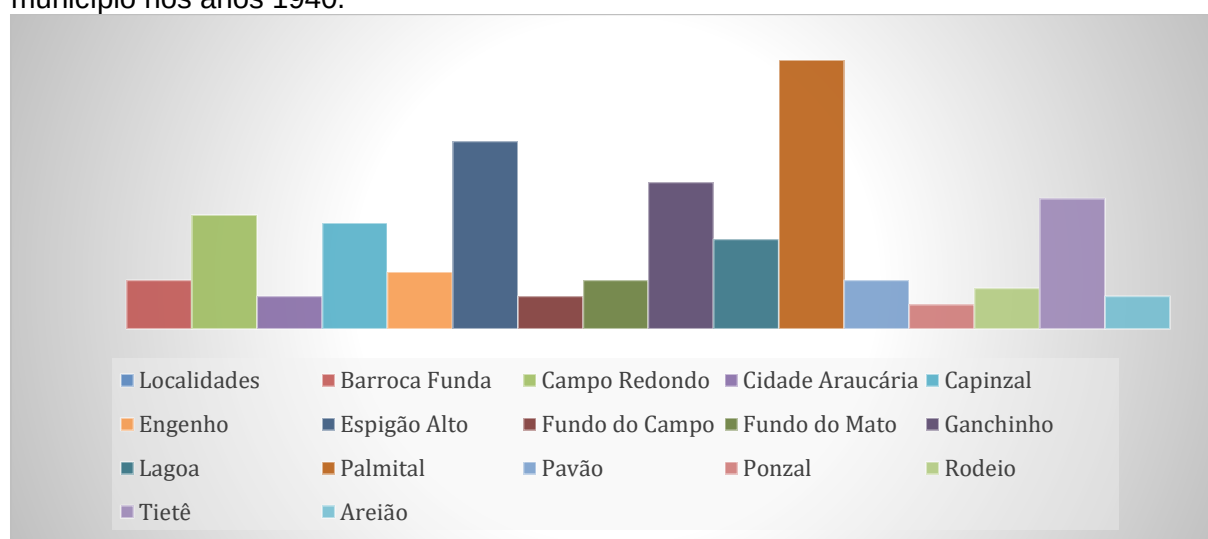


Fonte: Adaptado de Valencia Villa e Gil (2016)

A porção territorial ao sudoeste do município de Araucária, como visto na figura 25, compreende a área rural, que é extensa em relação à área urbana, que representa apenas um terço de seu território. O espaço urbano de Araucária está distribuído em 18 bairros, incluindo a Colônia Tomás Coelho. A zona rural é composta por 40 localidades e, entre elas, estão alguns dos locais onde GT coletou louças, como Campo Redondo, Capinzal, Espigão Alto, Fundo do Campo, Palmital, Tietê, Ponzal, Lagoa Grande e Lagoa Suja. Nas anotações e registros das peças nos cadernos de pesquisas de GT e nas fichas catalográficas não consta essa divisão da localidade entre Lagoa Grande e Lagoa Suja, apenas menção ao local “Lagoa”. Outros lugares citados pelo colecionador e pesquisador, conforme o gráfico 1 e a figura e 26, são Rodeio, Pavão, Ganchinho, Engenho, Fundo do Mato, Barroca Funda e Areião, que não foram localizados na atual organização territorial do município. Cabe destacar que a localidade de Ganchinho, que atualmente é um bairro no distrito de Umbará, em Curitiba, foi uma estrada, um caminho ligado à passagem de tropeiros em meados do século XVIII, durante o período de desenvolvimento da região Sul da capital paranaense, que passa por uma ponte sobre o Rio Iguaçu, dividindo Curitiba e São José dos Pinhais (IPPUC, 2015).

De acordo com estudos desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba⁴¹ (IPPUC, 2015, s/p), na época de 1855 já “existia ocupação na antiga localidade, com registro de posse de terra. [...] Juntamente com os demais núcleos de ocupação surgidos nas suas vizinhanças [...]”. Esse fato corrobora com as colocações de Brasil Machado (1981) e Romário Martins (1944), que escrevem sobre a história regional do Paraná e a formação de suas comunidades por diferentes agentes, que plasmaram-se, sobretudo, de “indígenas, europeus e africanos em uma configuração histórico cultural nova, que envolveu componentes em um mundo não apenas diferente, mas híbrido em cultura e costumes ao do índio, ao do europeu e ao do negro” (RIBEIRO, 1995, p. 127). Também foi identificada a coleta de três vasilhames na cidade de Araucária — entende-se por cidade a área urbana do município.

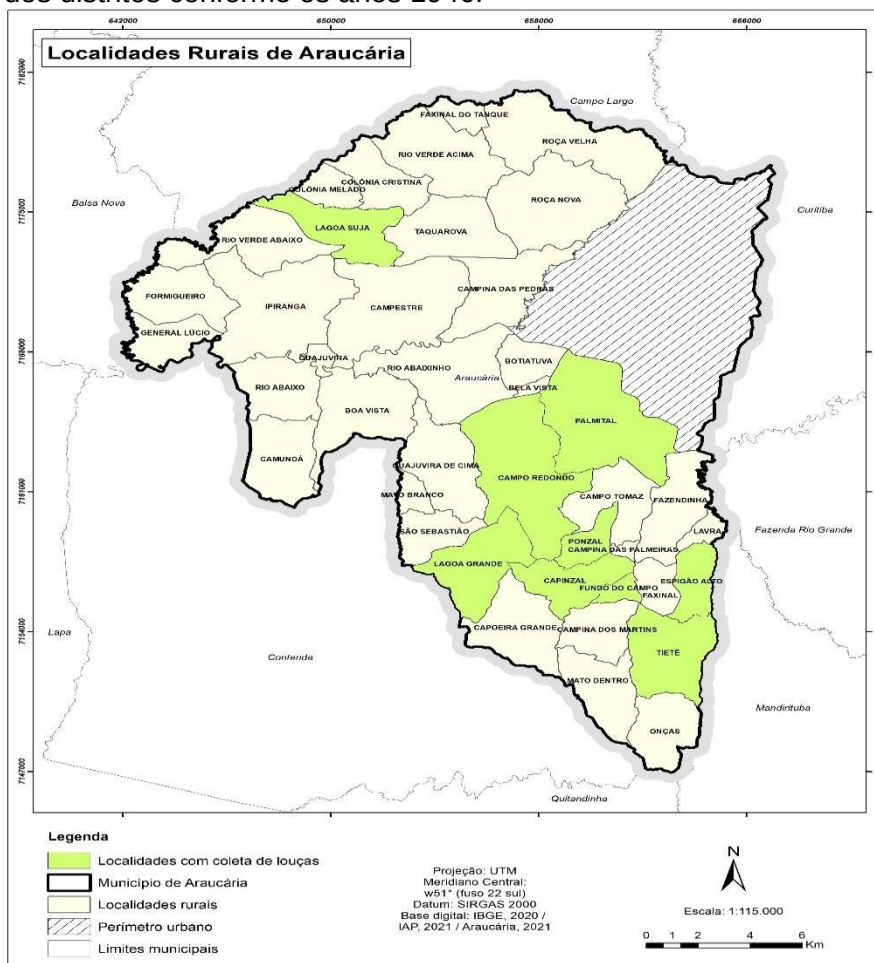
Gráfico 1 - Localidades de coleta das louças em barro da coleção Araucária na área rural do município nos anos 1940.



Fonte: Autora da pesquisa, 2022.

⁴¹ Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC_Nosso Bairro: Ganchinho / Lucimara Wons, Coord. Curitiba: IPPC, 2015. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Figura 26 - Mapa das localidades de coleta das louças em barro da coleção Araucária na área rural do município. Em verde estão sinalizadas as localidades que ainda preservam o nome dos distritos conforme os anos 1940.



Fonte: NICOLodi, Emília. Araucária/PR (2022).

5.3 Apontamentos teórico-metodológicos sobre a análise dos atributos das peças do conjunto cerâmico de Araucária/PR

As pesquisas acadêmicas e de salvamento arqueológico realizadas no planalto curitibano e outros estudos de ocupação do território pautadas em dados etno-históricos desenvolvidos na região de Araucária, mais especificamente no espaço que compreende o curso alto do Rio Iguaçu e o território adjacente, demonstram questões importantes sobre a expansão dos povos falantes dos troncos Tupi e Macro-Jê a partir dessa região.

Estudos como esses são importantes para a compreensão da variabilidade técnica e morfológica de artefatos advindos da região, possibilitando a análise das escolhas feitas para confecção, usos e descarte desses objetos dentro de

determinadas organizações sociais associadas a contextos e fluxos funcionais, sociais e simbólicos. Sob essa perspectiva foram trabalhadas as análises das louças em barro do conjunto Araucária, do pesquisador e colecionador GT, que reuniu mais de 300 vasilhames no início dos anos 1940 no entorno do município de Curitiba. Para isso, foram utilizados estudos realizados por Dias Jr. (1988), Chmyz (1983), Chmyz *et al.* (2009), Scheuer (1969, 1976), Skibo (1992, 2013), Skibo e Schiffer (2008) e Symanski (2008, 2010) na discussão de sistemas tecnológicos, sociais, culturais e simbólicos aplicados à confecção e ao uso de artefatos cerâmicos para buscar entender como eles foram produzidos.

Foram consideradas aqui as colocações de Dietler e Herbich (1998), que fazem a distinção entre as “coisas” e as “técnicas”, em que coisas são os remanescentes culturais que ocupam lugar no espaço e são objetos de estudos da cultura material por diferentes áreas de conhecimento, enquanto técnicas são processos mediadores entre o artefato e a sociedade que auxiliam a decifrar o ciclo de vida ou como as coisas foram produzidas, usadas e abandonadas na prática cotidiana, fornecendo informações de natureza social e cultural. Da mesma forma, foram considerados os estudos de Chmyz (1976, 2003), Scheuer (1976), La Salvia e Brochado (1989), Brochado e Monticelli (1990) e Noelli e Sallum (2019, 2020) para as discussões e análises de uso, função, aspectos morfológicos e estilos de decoração e apontamentos de procedência identitária.

O conjunto Araucária, da coleção de GT, é composto por 175 vasilhames cerâmicos divididos em 15 subconjuntos menores, de acordo com os locais onde foram angariados pelo pesquisador e colecionador. No entanto, neste estudo são abordadas 170 peças do acervo, por estarem inteiras e/ou em bom estado de conservação. Os objetos não analisados por não serem louças são: três cachimbos, uma peça no formato de bota (pé direito) e uma suporte. Para a coleta dos dados e a análise, foi elaborado um formulário em arquivo Excel com base no formulário de análise de artefatos cerâmicos utilizado no MASJ, além de pesquisas realizadas por Neumann (2009, 2011), Zuse (2009), Borba (2013), Vasconcelos (2017), Almeida (2017), entre outros. As informações coletadas foram posteriormente organizadas em fichas (apêndice C). O formulário abordou, além da descrição do vasilhame, os seguintes atributos: dimensão (de base, altura, diâmetro, espessura de borda, peso); técnicas de fabricação (roletado/acordelado, modelado, moldado); pasta (antiplástico, granulometria, queima, cor); tratamento de superfície da face interna (FI), face externa

(FE) e ambas as faces (AF) (alisamento simples, simples com engobo, banho, outros); decoração de superfície da (FI), (FE) e (AF) (plástica, pintada); aspectos morfológicos (tipo de contorno, base, borda, lábio); marcas de uso de alterações mecânicas (lascamento, fratura, sulcos, rachaduras, fissuras, cavidades, laminações); marcas de uso de alterações físico-químicas decorrentes do uso (fuligem, carbonização, depósito carbônico, craquelê, corrosão, abrasão, oxidação, fungos); e estado de conservação (estabilizado, frágil, fragmentado). Havia ainda uma coluna para outras observações não previstas. No entanto, as marcas são discutidas no sexto artigo deste estudo.

Para observação e coleta dos dados e atributos pertinentes à pesquisa, utilizou-se lupa binocular com aumento de 20x e 40x, paquímetro analógico 150 mm Starfer, fita métrica flexível 150 cm 3M e duas balanças digitais LD-1050-Líder, uma pesando até 6 kg e outra até 20 kg. Além da observação realizada com lupa binocular, os vasilhames cerâmicos foram fotografados utilizando microscópio digital Dino Lite am4113 zt Series c/ Led Usb 1000x Zoom 2.0 Mp Pc. As imagens registradas contribuíram para a contabilização e verificação do antiplástico e demais atributos que puderam ser observados nas fraturas e nas superfícies internas e externas dos vasilhames. Para a observação de vestígios de pigmentos de tintas ou corantes, foi utilizado o aplicativo DStretch, que permite a análise dos pigmentos pela utilização dos seguintes filtros: CRGB (para vermelhos), YDT (uso geral), YRD (para vermelhos), YBK (para pretos), YRE (para vermelhos), YYE (para amarelos), YWE (para brancos) e RGB0 (para vermelhos). Algumas das peças do conjunto Araucária apresentam esses padrões de pigmento, sendo predominantes o vermelho e o preto.

Os dados coletados foram analisados, quantificados, descritos com as características predominantes dos atributos observados e representados graficamente.

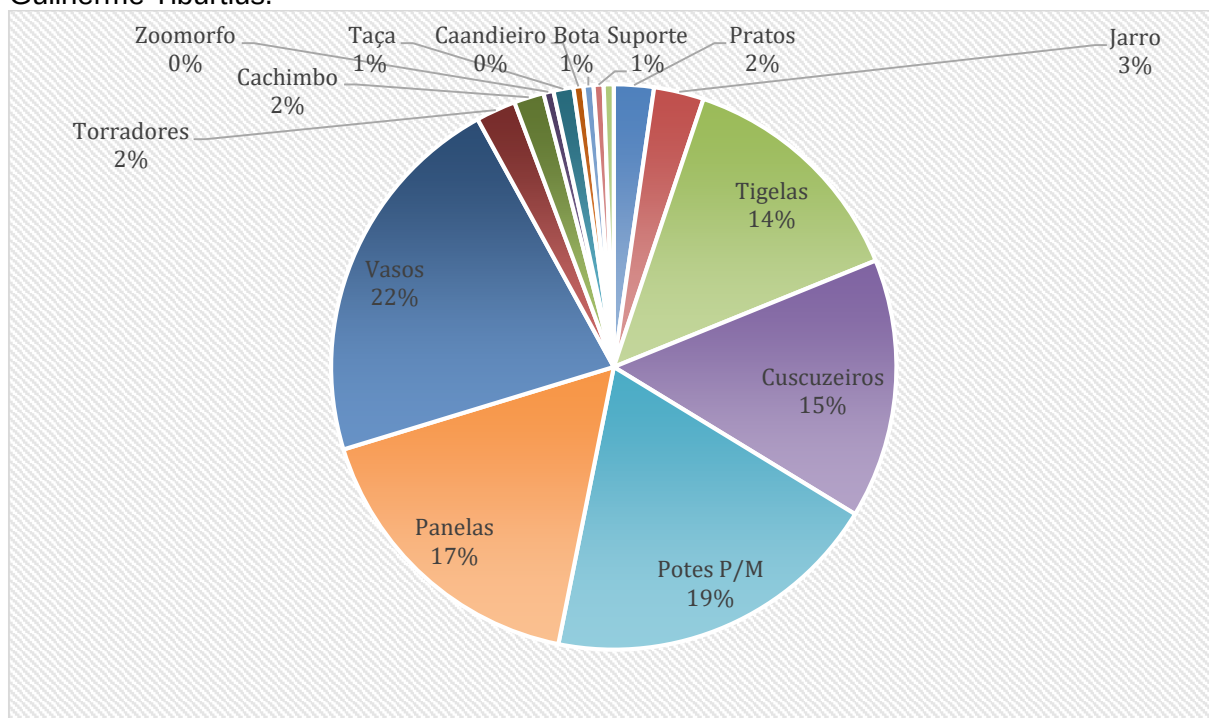
5.4 Vasos, potes e painéis: discussão sobre os atributos morfológicos e decorativos das louças em barro do conjunto Araucária

As primeiras características analisadas foram a dimensão e a classificação dos estilos das peças. As louças foram segmentadas de acordo com os estudos de Herta Scheuer (1969, 1976). No conjunto, há predominância de potes e vasos médios (figura 27, letras b, c) (22%), com diâmetro de base entre 7 e 10 cm, com alturas entre 15 e 25 cm, com diâmetros de bordas variando de 12 a 20 cm e capacidade volumétrica

de 2 a 5 litros. Seguidos de potes e vasos de tamanhos pequenos (figura 27, letra a) (19%), com diâmetro de base entre 3 e 6 cm, com alturas entre 5 e 10 cm, com diâmetro de borda variando de 7 a 11 cm e capacidade volumétrica entre 0,5 e 2 litros. Esses vasilhames têm bases planas, paredes inclinadas externamente e curvadas internamente, pescoço levemente inclinado externamente e reto, com e sem apêndices (asas, alças). Do mesmo modo, há vasilhames globulares, com base plana, sem pescoço e sem apêndices.

As panelas (figura 27, letras d, e, f) possuem características esféricas simétricas ou globulares, bases planas, com aberturas ampliadas, apresentando dois ou mais apêndices sobre a face externa. Elas correspondem a 17% da composição do conjunto, com suas bases variando de 8 a 20 cm, com altura entre 12 e 38 cm, com diâmetros de borda entre 13 e 42 cm e volumetria de 6 a 54 litros. Do total dos vasilhames, 15% são cuscuzeiros (figura 27, letras g, h), peças compostas de panela e forma, de tamanhos variados, com e sem asas. Além disso, 14% são tigelas e/ou frigideiras em formato de calota ou elíptico (figura 27, letras i, j), com bases entre 9 e 24 cm de diâmetro e paredes curvadas, com altura não superior a 9 cm e diâmetro de bordas entre 14 e 28 cm. Os torradores (figura 27, letra k) correspondem a 2% dos vasilhames analisados, com bases planas, paredes curvadas externamente e outras curvas inclinadas externamente, borda contínua e boca ampliada. Suas bases variam entre 41 e 48 cm, com altura de 8 a 13 cm e diâmetro de borda de 44 a 60 cm. Os pratos (figura 27, letras l, m), neste conjunto, representam 2% do total, todos com paredes projetadas externamente e borda contínua, com bases entre 6 e 9 cm de diâmetro e altura de até 4 cm. Peças em forma de taça somam 2% dos vasilhames (figura 27, letras p, q), com pé/base esférico entre 14 e 16 cm de diâmetro, com altura de 28 a 32 cm e 30 cm de diâmetro de borda. Em linhas gerais, a análise das louças em barro do conjunto Araucária demonstrou ser um grupo de vasilhames bem diversificado, conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Composição morfológica das louças do conjunto Araucária, da coleção de Guilherme Tiburtius.



Fonte: Autora da pesquisa (2022).

Figura 27 - Composição morfológica das louças do conjunto Araucária, da coleção de Guilherme Tiburtius.



Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em barro da coleção de GT. Fotografias. (2022).

Na tabela 3, abaixo, estão os cálculos da média das dimensões do conjunto, organizadas por localidade de coleta das peças. Observa-se que não houve discrepância significativa quando comparados os resultados da média da base, da altura, do diâmetro, da espessura das bordas e do peso das peças dos 16 subconjuntos analisados que compõem as louças em barro de Araucária. Essa situação aparenta uma espécie de padronização na confecção desses vasilhames, mesmo sendo de localidades diferentes, e apontam para uma possível socialização das técnicas e de estilos entre os oleiros. Também na tabela 3 pode ser observado que as louças da cidade de Araucária, assim como as de Barroca Funda, têm dimensões menores, enquanto as de Fundo do Campo apresentam dimensões

maiores. As demais localidades mantiveram uma média estável de dimensões, com pequenas variações entre elas.

Tabela 3 - Média das dimensões das louças em barro do conjunto Araucária, da coleção de Guilherme Tiburtius.

Localidade de coleta das louças	Cálculo da média das dimensões do conjunto Araucária/PR por localidade				
	Base (cm)	Altura (cm)	Diâmetro de borda (cm)	Espessura de borda (mm)	Peso (kg)
Rodeio	10,8	15,4	21,6	0,74	2,348
Pavão	8,5	15,75	18,5	0,7	1,584
Lagoa	12,5	17	23,1	0,88	3,000
Cid. Araucária	3,37	16,06	11,87	0,72	1,699
Barroca Funda	8,75	12,25	16,05	0,66	1,063
Campo Redondo	11,4	16,3	23,35	0,81	2,527
Ponzal	6,83	14,16	15,83	0,63	1,116
Engenho	10	18,57	14,22	0,75	2,085
Fundo do Campo	11,3	32,13	17,37	1,07	4,512
Fundo do Mato	10,6	20,92	19,66	0,78	2,959
Tietê	10,6	16,78	13	0,74	2,444
Ganchinho	12,4	20,14	16,1	0,86	2,514
Espigão Alto	10,2	14,63	17,45	0,77	2,012
Palmital	13,2	17,05	22	0,77	2,647
Capinzal	10,4	15,61	22,1	0,74	2,273

Fonte: Autora da pesquisa (2023).

Quanto à **técnica de manufatura**, predominou o roletado/acordelado no corpo dos recipientes do conjunto (90%). Ocasionalmente, ocorreu combinação de técnicas entre roletado e modelado na aplicação de apêndices, como asas, alças e cabos. Em observações feitas referentes à confecção de alguns vasilhames, Tiburtius descreve que em alguns vasos a argila era prensada à mão e alisada com seixos chatos, “noutros momentos aponta que os vasos também eram confeccionados do centro em espiral e por fim, havia as vasilhas que fundo e paredes laterais foram formadas simultaneamente” (TIBURTIUS, 1968, p.6). Esse preparo da argila para dar forma ao vaso era feito sobre uma tábua, “em parcelas parecidas com lápis que sobrepunham em forma de vaso”, finalizadas rusticamente à mão livre ou com auxílio de um bastão arredondado (TIBURTIUS, 1968, p.8). Essas colocações são características da técnica de confecção roletada/acordelada, que consiste na sobreposição de roletes de argila, uns sobre os outros, sobre uma base que pode ser modelada ou não, sendo uma característica típica de fabricação de vasilhames dos povos indígenas e também observada em estudos de vasilhames híbridos Neobrasileiros (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; SCHEUER, 1976). Do mesmo modo, alguns dos vasilhames são descritos como modelados, finalizados à mão após o uso de um molde, como é o caso do uso de madeira cilíndrica como suporte. É observada por Scheuer (1976) essa mesma predominância de técnica, do roletado/acordelado, no estudo realizado nas cerâmicas populares do estado de São Paulo durante os anos de 1962 a 1967.

De acordo com Leroi-Gourhan (1985) e Skibo e Schiffer (2008), não é fácil analisar isoladamente elementos tecnológicos da cadeia operatória desses vasilhames em relação aos gestos que lhes dão forma, e nem apenas pela morfologia da peça supor a sua utilidade. Para eles, os objetos produzidos pelo saber e fazer dos sujeitos podem estar relacionados a ligações afetivas, emocionais e cosmológicas e a aprendizagens sócio-coletivas. Essas ações, assim como os gestos de confecção dos vasilhames, são direcionadas por decisões pessoais do indivíduo, que podem ou não ser transmitidas através de saberes e comportamentos intergeracionais, segmentadas como estruturas de aprendizado por meio de imitação, reprodução ou instrução verbal, incidindo em todas as etapas que envolvem a tessitura de um objeto em barro, como a escolha da argila e dos temperos para a composição da pasta, da técnica de manufatura, da forma, do tipo de acabamento e da queima dos objetos.

Esses autores defendem que o processo de inovação nos estilos ocorre quando artesãos experimentam elementos novos em suas criações e eles são aceitos

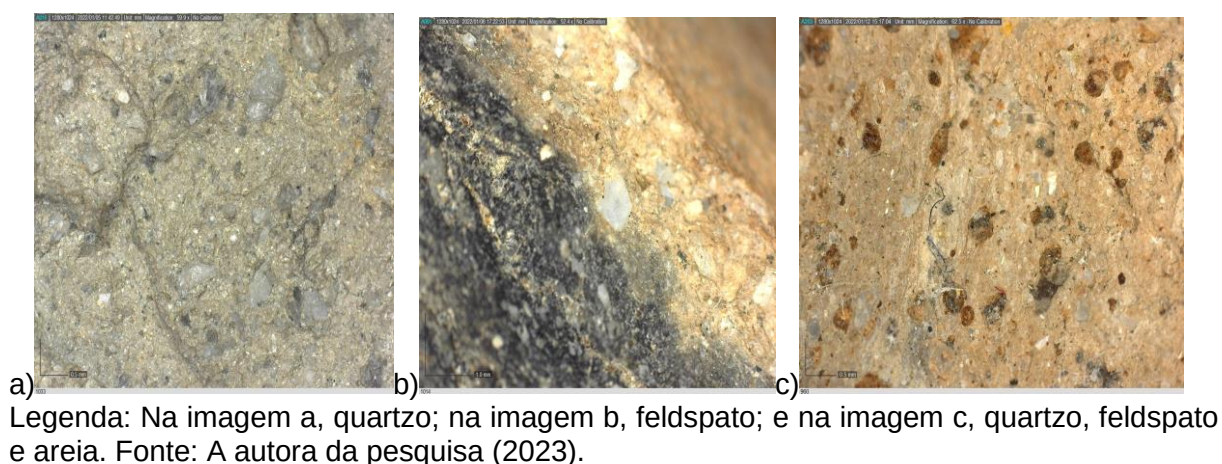
e compartilhados pelo grupo, alterando as estruturas de aprendizado. Scheuer (1976, p. 6) escreve que “na família de poteiras pode-se observar uma tradição de várias gerações, o saber do estilo e da técnica foram transmitidos de mãe para filha”. Em relação ao apego às formas tradicionais, com pouca variação e inovação, a autora acredita ser por motivação espiritual, quando se mantém sempre o mesmo rito, a mesma forma, a mesma composição da pasta, assim como se transmite o saber da mesma maneira para as meninas mais jovens. Então, pode-se dizer que essa semelhança nas dimensões dos vasilhames apresentada no conjunto Araucária é decorrente do compartilhamento de fazeres sociais, embora GT, em suas publicações, afirme ter presenciado poucas pessoas confeccionando as louças coletadas, escrevendo que foi relatado a ele que as peças eram feitas por mulheres que aprendiam com as pessoas mais velhas, “uma continuação da antiga indústria indígena [...] uma quantidade desse material permite reconhecer a influência europeia” (TIBURTIUS, 1968, p. 7).

Quanto à **composição da pasta** dos vasilhames, as inclusões observadas são predominantemente minerais (quartzo, feldspato), em diferentes espessuras e proporções (figura 28). Por vezes, foi possível verificar, em algumas fraturas dos vasilhames, pequenos pedaços de carvão na pasta. Em relação a esse aspecto, Tiburtius (1968) relata que presenciou uma senhora de 81 anos que preparou uma bola de argila limpa de impurezas e a misturou com areia, cinzas e água, amassando bem. Esse modo de preparar a pasta e usar a técnica de bola para iniciar a modelação do vasilhame foi observado por Scheuer (1969, 1976) nas comunidades oleiras rurais de Apiaí e Itaóca, ao sul do estado de São Paulo, na divisa com o Paraná, e na comunidade de Medeiros, na Baía das Laranjeiras, em Paranaguá/PR. O uso de cinzas, carvão e areia de rio como tempero em pasta de argila também é observado em cerâmicas indígenas. O tempero, ou antiplástico, misturado à pasta tem a finalidade de dar plasticidade a ela, bem como evitar rachaduras durante a queima e, no caso dos antiplásticos minerais, aferir maior durabilidade à vasilha (PROUS, 2004). “A areia do rio é mais empregada, visto que os grãos queimados prendem a massa em maior escala, são achados grãos de quartzo de até 3 mm de espessura” (TIBURTIUS, 1968, p. 7).

A composição da pasta (figura 28) é um aspecto importante no estudo das cerâmicas, pois suas características dão cor, dureza, porosidade e resistência aos vasilhames (RODRIGUES; FACCIO, 1998; LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Cabe

pontuar que a análise da pasta foi realizada somente nas peças que continham fraturas, por meio de fotos/lâminas coletadas por microscópio digital acima especificado. Essas louças correspondem a 32% do total do conjunto. Para essa classificação de cor na análise das louças, utilizou-se a tabela de cores de solo Munsell.

Figura 28 - Antiplásticos minerais na pasta dos vasilhames.



Através do processo da **queima** é que a argila adquire as características da cerâmica, como cor, dureza, estabilidade e porosidade. A constituição da argila e sua cor definitiva varia de acordo com o tipo de queima à qual a peça é submetida. Se for a céu aberto, na livre circulação de oxigênio (oxidante/incompleta), o calor produzido não ultrapassa 600 °C, processo que deixa a peça com cor cinzenta ou negra. “Havendo a presença de óxido de ferro a cor pode passar ao castanho avermelhado e se contiver muitas impurezas de origem orgânica pode então tornar-se cinzenta escura” (OLIVEIRA *et al.*, 2016, p. 127-128). Se o ambiente da queima for controlado, por exemplo, em um buraco no chão ou em um barranco que se assemelhe à estrutura de um forno e pode controlar a admissão de oxigênio (redutora/completa), elevando a temperatura, são obtidos outros resultados e colorações de pasta. “Quanto mais oxidante for a queima, mais claras as cores. O inverso também é verdadeiro, quanto mais redutor foi o processo, a cerâmica irá adquirir tonalidades mais escuras de cinza, ou negras” (OLIVEIRA *et al.*, 2016, p. 127-128).

Nas peças do conjunto Araucária, a queima, quando pode ser observada, caracterizou-se como incompleta. Notou-se que a coloração (figura 29), de acordo com a tabela Munsell, variou entre os tons de cinza e cinza claro (75YR 7/2), com

poucas peças com pasta em tons laranja (5YR 6/15), bege (75YR 8/2, 9/2) e preto (5GY 1/2), o que corrobora com os relatos de Tiburtius (1968, p. 7) quando ele descreve a massa das oleiras como sendo “argila, ou barro cinzento” (5YR 6/2 e 7/2) retirado das proximidades das comunidades. Esse aspecto, na literatura, é considerado relativo à queima de peças a céu aberto ou em forno de barranco. Tiburtius (1968) coloca que as queimas eram a céu aberto, sobre bases de argila, e, em momentos do texto, comenta da queima em baixa temperatura, deixando alguns vasilhames porosos e fracos, “com som de oco” (1968, p. 25). Em outros, salienta a queima boa e dura. Ele acentua que após a confecção, os vasilhames eram colocados para secar à sombra por dias, com a abertura para baixo, para evitar a quebra.

Figura 29 - Tipos de queimas observados, com presença de núcleos acinzentados e escuros e camadas externas mais claras.



Fonte: A autora da pesquisa (2023).

Quanto ao **tratamento de superfície e acabamento** das peças, em ambas as faces das louças é predominante o alisamento simples (66%). Nesta análise não foi considerado se o acabamento era decorativo ou funcional, pois, de acordo com La Salvia e Brochado (1989), a presença de tratamento de superfície, como engobos, banhos/barbotina ou brunidura na superfície das peças pode ter tanto finalidade decorativa quanto funcional. No acabamento final das superfícies internas e externas das louças do conjunto Araucária, foram observadas algumas peças acabadas com irregularidades (rugosidade) e outras acabadas de forma mais homogênea (figura 30). Essas observações correspondem aos apontamentos que Tiburtius faz ao descrever algumas das características de acabamento dos vasilhames recolhidos por ele, como “paredes ásperas”, “paredes grossas”, “alisados em bruto”, “rusticamente alisados” e “toscamente alisados”. E em poucos vasilhames indica “paredes finas e bem alisadas”

(figura 30), “paredes com brilho” e outros “limpos e parelhos, como feitos num disco” (TIBURTIUS, 1968, p. 16-28).

Figura 30 - Exemplos de tratamento de superfície externa da coleção Araucária.

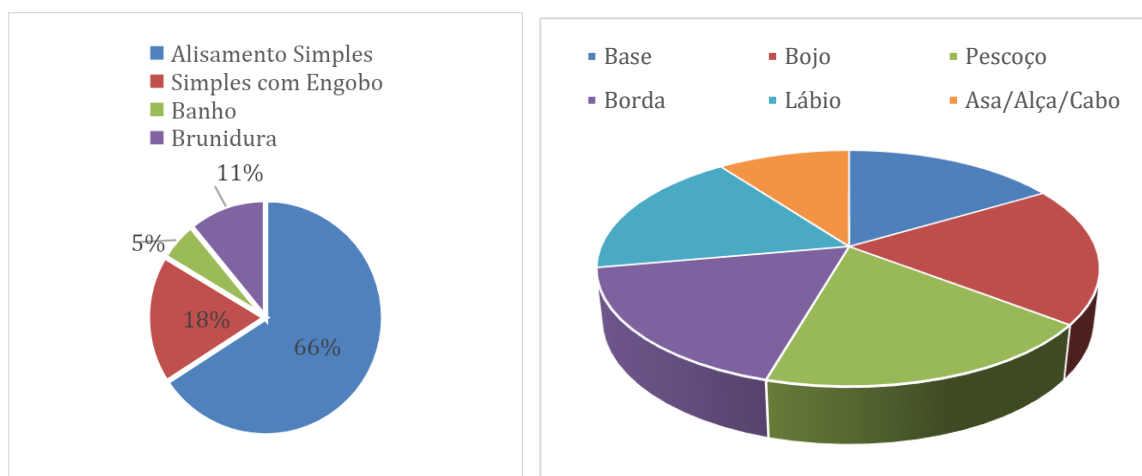


Legenda: Nas imagens a e b, alisamento simples; na imagem c, alisamento simples com banho/barbotina de cor vermelha amarelada (5YR 5/8); na imagem d, um recipiente com brunidura polida; na imagem e, brunidura sem polimento, fosca; e na imagem f, engobo vermelho e preto. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT. Fotografias (2022)

A confecção, assim como o acabamento de uma vasilha, pode envolver diferentes processos e ferramentas do oleiro, aplicadas sobre uma ou em ambas as faces do objeto, “para dar a ele uma espécie de impermeabilidade” ou não, dependendo do uso ou função que venha a ter (SCHEUER, 1976, p. 19). Por exemplo, num acabamento mais brilhoso e regular, podem ser usados seixos, sementes e pedaços de couro no polimento da peça para apresentar o brilho desejado. Nas louças dessa coleção, Tiburtius (1968), ao presenciar a confecção de alguns vasilhames, diz que foram usados no acabamento das peças “seixos chatos” de “tamanhos variados”, entre outros materiais, além de cinzas para a cobertura das louças, a fim de evitar as rachaduras durante a secagem. Scheuer (1976, p. 113) descreve que, durante o processo de confecção das louças em barro, comumente são utilizadas diferentes ferramentas, conforme a escolha de quem produz. A figura 31 apresenta alguns

de engobo, e apenas 11% apresentam bruniduras, polidas ou foscas. Embora o acabamento simples seja aplicado sobre toda a superfície das louças, na face interna ou externa, outras formas de acabamento podem ser feitas somente em partes específicas das faces, conforme mostra o gráfico 3. Scheuer (1976) aponta que acabamentos específicos nas bases e no bojo das louças têm a finalidade de dar maior resistência às peças, principalmente àquelas que são usadas no fogo.

Gráfico 3 - Tratamento de superfície das louças em barro do conjunto Araucária.



Fonte: A autora da pesquisa (2023).

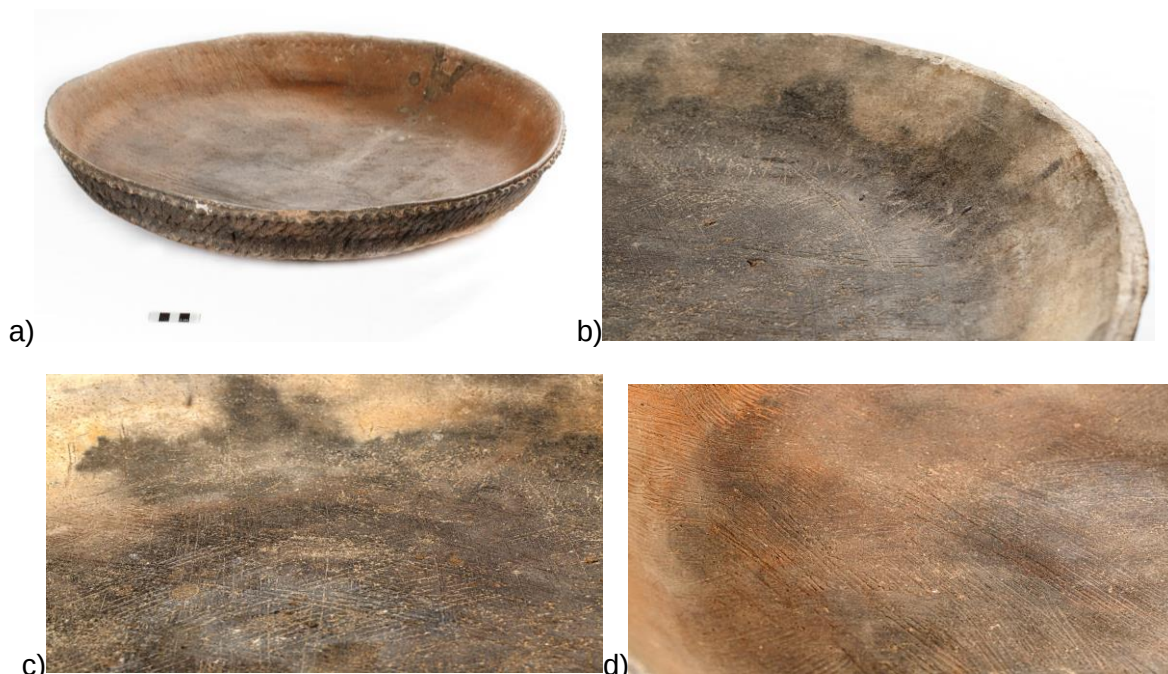
Referente à identificação e à análise da **decoreção das superfícies** das louças, foram observadas se elas receberam tratamentos plásticos, caracterizados por motivos, elementos ou traços decorativos, ou se eram pinturas aplicadas sobre as faces das peças. No conjunto Araucária são predominantes as decorações plásticas, com 69% em relação a 9% de pintura sobre a face externa das louças e 22% que não possuem decoreção. Em relação à aplicação de decoreção sobre partes específicas das louças na face externa, há predominância no pescoço/gargalo (21%), seguido das bordas e lábios (19%), ou seja, a parte superior das peças é mais decorada que outras partes do corpo das louças. Ademais, 17% apresentam decoreção no bojo/ombro e apenas 8% têm decoreção na base, como pode ser verificado nos gráficos 4 e 5.

Já na **face interna** (FI) dos vasilhames, a decoreção é toda plástica (100%). Assim como na face externa, a predominância da aplicação é na parte superior da louça, sobre lábios e bordas, seguida da aplicação dessa decoreção nos apêndices dos vasilhames, como é o caso das asas internas contidas nas tigelas da coleção. Além disso, 12% das decorações estão também no bojo das peças e 8%, na base.

Entre as louças com bases decoradas nas faces internas, predominam os torradores e as tigelas. Desse modo, esse tratamento plástico na base da peça pode ser uma finalidade funcional, não necessariamente uma decoração.

Os tipos de decoração plástica (figuras 32 e 33) observados na face interna das louças se caracterizam como escovados (15%), na base interna dos torradores, ungulado e inciso (14%), na asa interna do vasilhame, e por decorações diversas desgastadas não identificadas (7%). E 67% das louças não possuem decorações na FI. Dias Jr. (1988), Morales (2001) e Symanski (2010) observam que em louças híbridas é possível encontrar peças com decoração com incisões lineares e ponteados de influência africana. Outro elemento desse povo encontrado nessas louças são os “apêndices aplicados à lateral dos recipientes para servir como apoio das mãos que, normalmente estão associados à influência européia (sic) [...] na verdade também de uso comum na África” (MORALES, 2001, p. 175). Já o uso do corrugado é associado à cultura indígena (LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

Figura 32 - Exemplos de decoração plástica na face interna das louças



Legenda: Nas imagens a, d, torrador com decoração escovada na FI, no sentido longitudinal em relação à borda (face externa corrugada); nas imagens b, c, FI com decoração escovada assimétrica intercruzada. Fonte: MACHADO, Daniel. Torrador da coleção de GT. Fotografias (2022).

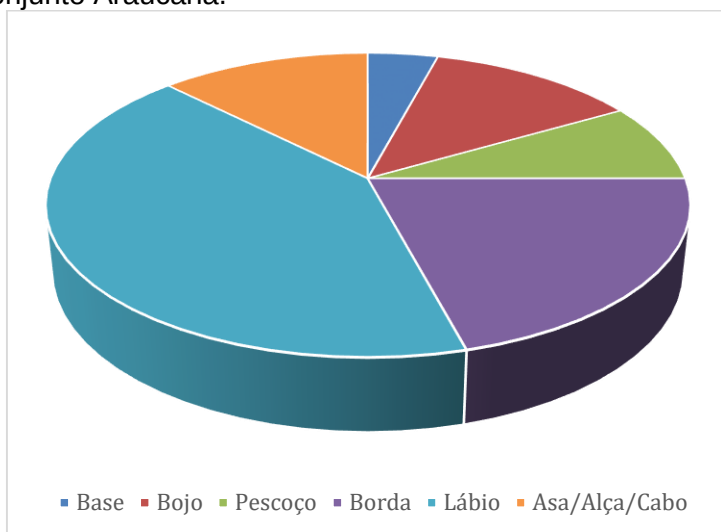
Figura 33 - Exemplos de decoração na asa da face interna das louças da coleção Araucária.



Legenda: Decoração incisa na asa da face interna e no lábio do vasilhame. Fonte: MACHADO, Daniel. Tigela em barro da coleção de GT. Fotografias (2022)

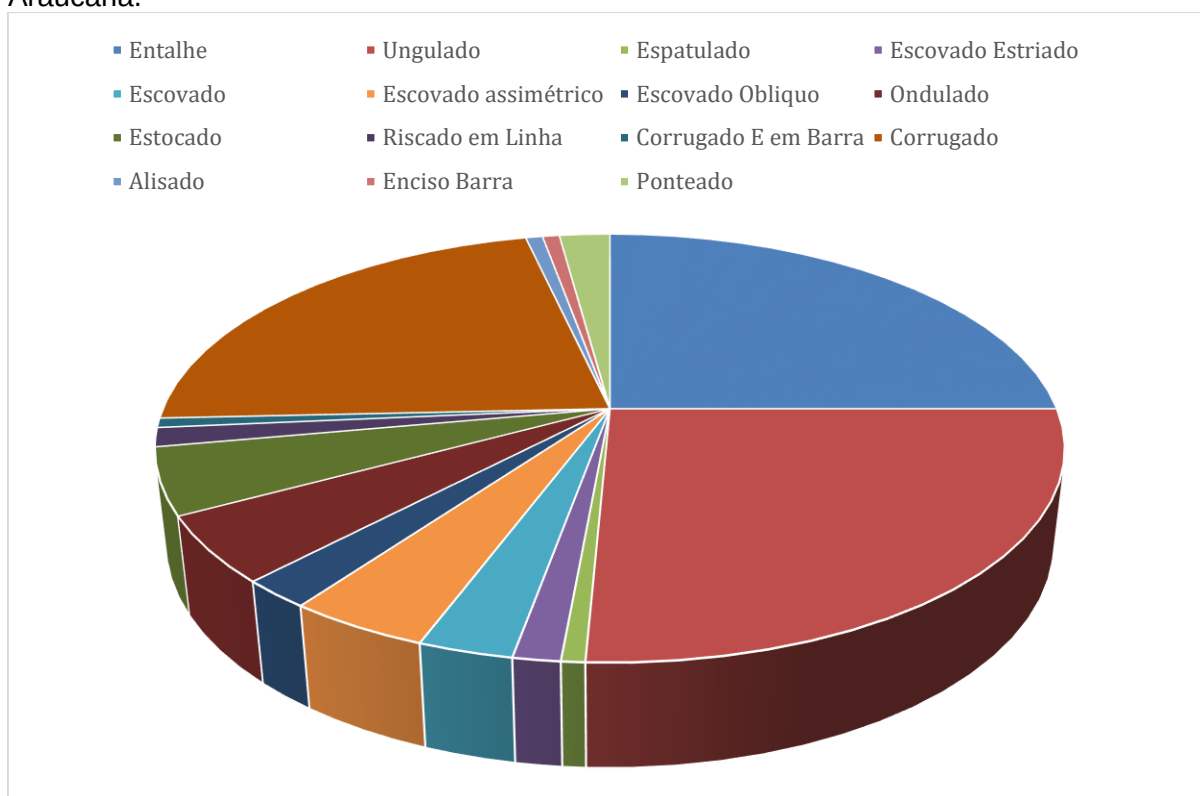
Na **face externa** (FE) das louças, os motivos decorativos (figura 34) têm maior variabilidade. De modo similar, 48% deles são ungueais/digitais, corrugados, ungulados, imbricados e beliscados, feitos por meio da utilização de dedos e unhas, sob pressão e/ou arrastando-os na superfície do vasilhame, deixando sua marca. Enquanto isso, 25% das peças têm entalhes/incisões (ponteados, cortes, riscos) feitos sobre a FE, que variam em comprimento, largura e profundidade, produzidos por meio de diferentes instrumentos aguçados ou com pontas agudas. Na casa dos 5% estão os ondulados e aplicados (cordões e filetes decorados) postos sobre a borda ou o pescoço do vasilhame. O tipo escovado ocorre em 7% das peças, o escovado simétrico em 3%, o inciso oblíquo e o ponteadado em 2% e, por fim, em 1% os tipos inciso em barra, alisado, estocado, corrugado em barra, escovado estriado e espatulado. Os vasilhames sem decoração externa somam 9%. Tiburtius pontua que nos vasilhames maiores é possível “reconhecer que essa arte antigamente era executada com maior perfeição, bem lisas, ricamente decoradas. O contrário mostra-se nos vasos de tempos mais recentes” (TIBURTIUS, 1968, p. 7). Nesse sentido, observou-se que em alguns vasilhames há combinação de diferentes decorações, com variedade de motivos entre base, bojo e borda (figuras 34 e 35), assim como similaridade decorativa com as cerâmicas populares de São Paulo (figura 36).

Gráfico 4 - Localização da decoração nas superfícies externas das louças em barro do conjunto Araucária.



Fonte: A autora da pesquisa (2023).

Gráfico 5 - Tipos de decoração das superfícies externas das louças em barro do conjunto Araucária.



Fonte: A autora da pesquisa (2023).

Figura 34 - Exemplos de decoração na face externa das louças da coleção Araucária.





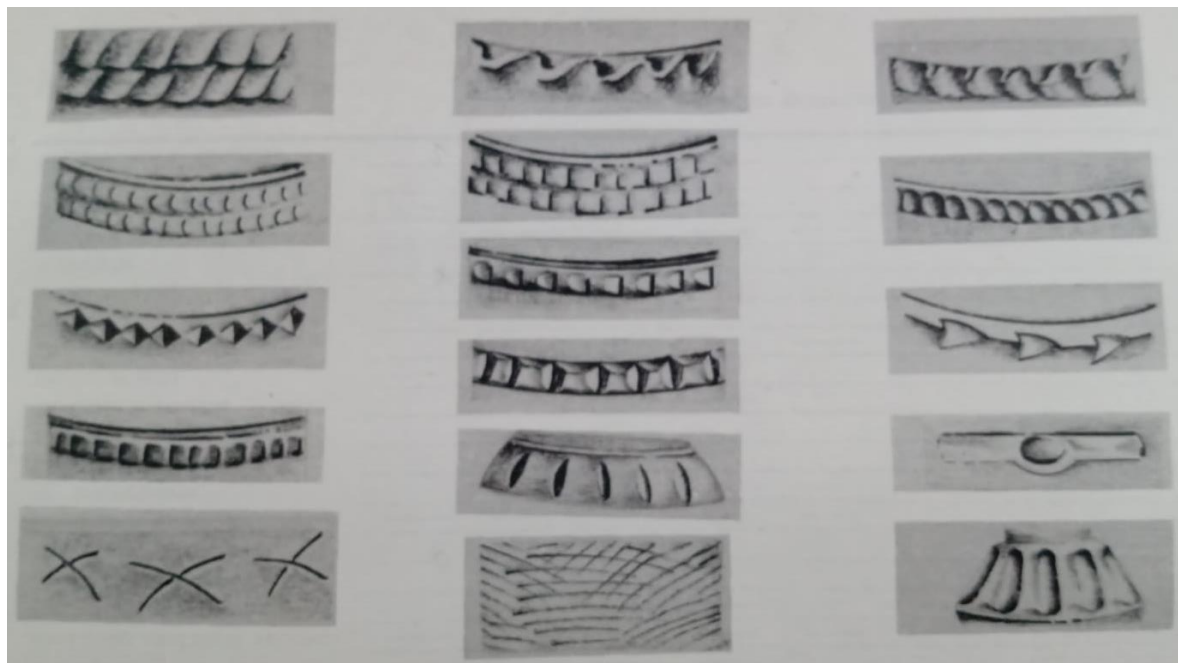
Legenda: Na imagem a, incisão (inciso) na borda, bojo e asa; na imagem b, ponteados na borda; na imagem c, inciso/riscado losangular na borda e ungulado no bojo e asa; na imagem d, entalhe entre bojo e borda; na imagem e, applique ondulado no bojo e entalhe ungular; na imagem f, ondulado aplicado; na imagem g, applique ungulado entre panela e forma de cuscuzeiro e forma com escovado simétrico; na imagem h, applique ungulado entre panela e forma de cuscuzeiro e asa decorada com inciso; nas imagens i, j, corrugados com entalhes na borda. O applique de cordões ou filetes nas junções das peças, além de decorá-las, tem a finalidade funcional de dar maior resistência ao ponto de união do vasilhame, no caso dos cuscuzeiros, entre a panela e a forma. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em barro da coleção de GT. Fotografias (2022).

Figura 35 - Ilustração feita por Guilherme Tiburtius da decoração das louças.



Fonte: Tiburtius (1968). Revista *Anthropos*.

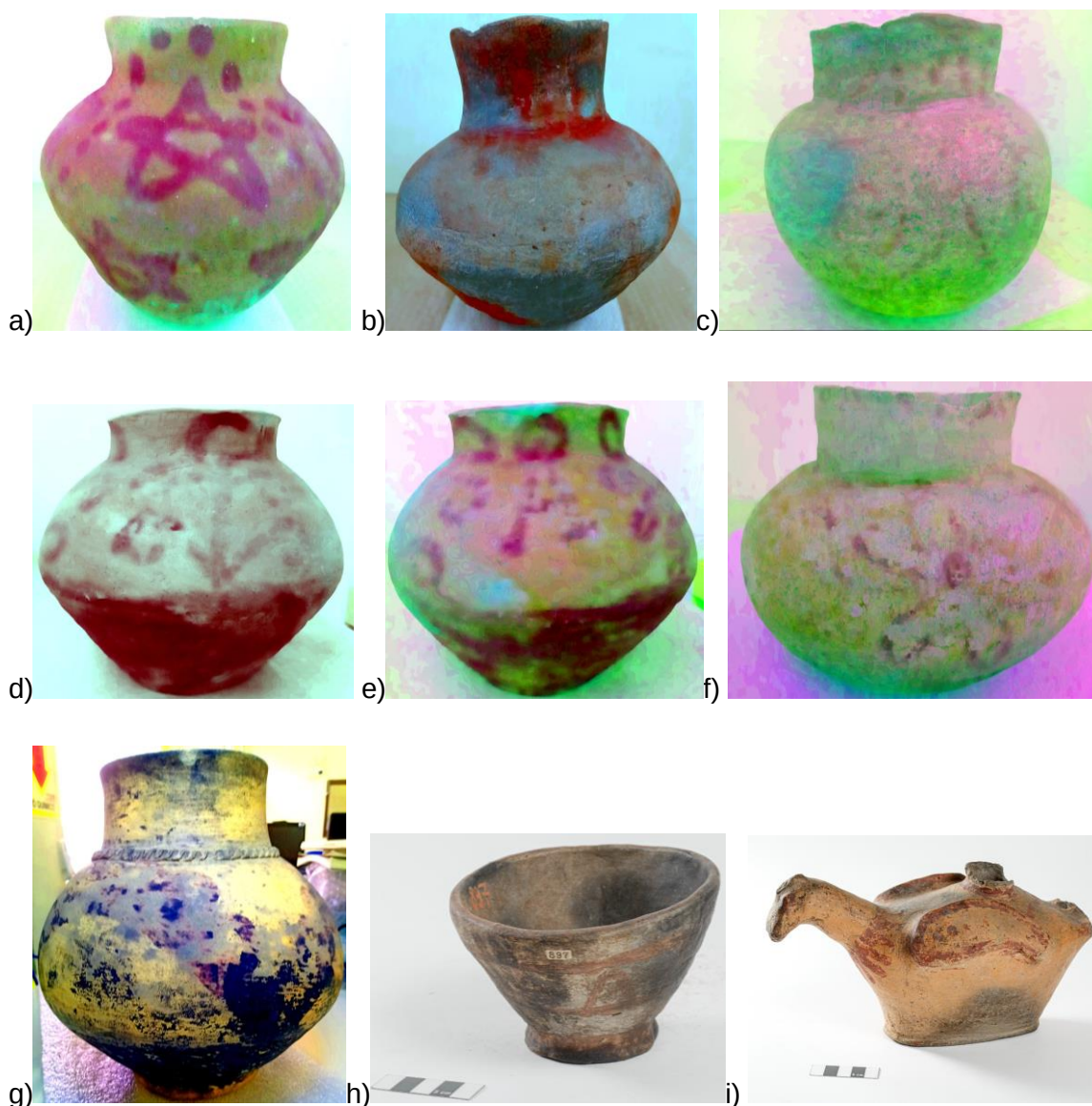
Figura 36 - Tipos de decoração das cerâmicas populares do estado de São Paulo.



Legenda: Tipos de decoração: na primeira coluna, de cima para baixo, corrugado, impressões unguulares, entalhes a unha e inciso inter cruzado; na segunda coluna, ondulado, impressão a taquarinha, unguulado, entalhe a unha, inciso e escovado inter cruzado; na terceira coluna, ondulado aplicado, entalhes e canelado. Fonte: Herta Scheuer (1976, p. 112).

As louças decoradas (figura 37) com pintura têm menor quantidade, representando apenas 9% do conjunto, dividindo-se em 3% com motivos florais, 3% com grafismos, sendo um vasilhame em forma de ave com pinturas delineando partes do corpo, e 4% com motivo indefinido. Os vasilhames são pintados, predominantemente, com pigmento vermelho na face externa. O pigmento negro aparece em pequenas porções e em apenas dois recipientes. Nesse conjunto, não há peças pintadas na face interna. O vaso com pinturas de estrelas de cinco pontas pode estar associado a uso religioso ou ritualístico (para ablução, armazenamento de ervas e óleo etc.), pois parte do conjunto de cerâmicas etnográficas de GT foi coletada próxima a quilombos e comunidades tradicionais negras (Feixo, Restinga e Vila Esperança) no município de Lapa e em Campo Largo (Palmital dos Pretos e Sete Saltos), onde habitavam negros Malês, praticantes do islamismo, que utilizam como símbolo esta estrela. Contudo, é uma possibilidade que necessita ser melhor explorada.

Figura 37 - Vasilhames com pintura na face externa



Legenda: Na imagem a, motivo em estrela de cinco pontas; nas imagens b, h, grafismo; nas imagens d, e, motivos/símbolos indefinidos; nas imagens c, f, motivos florais; na imagem g, motivos florais em arco; e na imagem i, objeto zoomorfo em forma de ave com pinturas no corpo. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em barro da coleção de GT. Fotografias (2022).

A morfologia dos vasilhames e os tipos de base, de bordas e dos lábios do conjunto Araucária foram analisados de acordo com a definição de Chymz (1976) e Scheuer (1976) e se assemelham às figuras 38 e 39. Em relação à forma, foram identificados contornos simples, composto, infletido e complexo: 45% do conjunto têm morfologia simples, 30%, composto, 23%, infletido e apenas 2%, complexo. Em relação à base, há predominância da plana (97%), sendo 1% delas cônica e 2% em pedestal. Quanto aos **tipos de bordas**, 46% são extrovertidas e cambadas, seguidas por 35% com bordas diretas — tanto as bordas entrovertidas quanto as expandidas

representam, cada uma delas, 7% —, 4% são verticais e apenas 1% reforçada externamente, semelhantes à figura 38 e 39. Já nos lábios, há predominância de lábios arredondados (58%), seguidos de 22% planos, 12% biselados, 4% apontados, bem como 4% não identificados em virtude do desgaste.

Figura 38 - Representação da morfologia e dos tipos de bordas dos vasilhames da coleção Araucária, com base nas cerâmicas híbridas descritas por Chmyz (1976).



Fonte: Adaptado de Chmyz (1976).

Figura 39 - Algumas das formas reconstruídas de recipientes cerâmicos da tradição Neobrasileira no planalto curitibano.



Fonte: Chmyz et al. (2011, p. 22)

Analizadas as dimensões, as características morfológicas, a técnica de confecção, a composição da pasta, a queima, o tratamento de superfície e a decoração dos vasilhames que compõem o conjunto Araucária, pode-se dizer que

eles se assemelham às louças descritas nos anos 1960 pelo PRONAPA, bem como por outros estudiosos do assunto, como pertencentes à tradição arqueológica Neobrasileira.

No âmbito morfológico comparado (figura 27), percebe-se que o conjunto é composto, em sua maioria, de formas simples (45%), bases planas (97%), confeccionadas por técnica de roletado (90%), com leves sinuosidade na área do bojo, pescoço e bordas, que são extrovertidas (46%) e/ou cambadas inclinadas para o exterior ou para o interior do vasilhame, quando não são retas, com predominância de recipientes de dimensões médias com capacidade entre 2 e 5 litros (22%) e pequenas (19%), entre 0,5 e 2 litros. Em parte desse conjunto, há aplicação de múltiplos apêndices sobre a face externa dos vasilhames e, em menor quantidade, na face interna.

Há ainda composição da pasta cerâmica com argila fina e a predominância de temperos minerais com variação de espessura entre 0,1 e 0,3 mm (figura 28). A queima observada foi oxidante e incompleta, o que deixou o aspecto das paredes e do núcleo da cerâmica em tons de cinza e negro. O tratamento de superfície e acabamento das peças é de alisamento simples (66%). Também foi observado que 18% das peças têm acabamento simples com a aplicação de engobo e apenas 11% estão brunidas, polidas ou foscas.

Referente à decoração, 69% das louças possuem decorações plásticas, em alguns recipientes com tipos/motivos combinados entre corrugados, unglados, incisões e escovados. As faces externas e superiores são mais decoradas que outras partes do corpo dos vasilhames, e em alguns vasos há aplicação de filetes decorados sobre o pescoço. É importante salientar que a decoração plástica na face interna das peças está presente nas asas aplicadas na horizontal próximo à borda dos recipientes elípticos em forma de tigelas/frigideiras/torradores. No levantamento bibliográfico estado da arte empreendido neste estudo, não foi evidenciada menção a apliques/pegadores na face interna de louças em barro, situação que merece maior investigação. Apenas 9% dos vasilhames são pintados na face externa e os motivos florais e o pigmento vermelho são predominantes. O que chama atenção é um vaso com pintura em forma de estrela de cinco pontas, que conota o uso ou função religiosa, bem como um recipiente zoomorfo em forma de ave com pinturas em pigmento vermelho no corpo (figura 37). Essas características decorativas acontecem

de modo similar nas louças da tradição Neobrasileira descritas por Dias Jr. (1988) e nas cerâmicas populares do estado de São Paulo citadas por Scheuer (1976).

Os resultados das análises corroboram com as características de âmbitos morfológico e tecnológico descritas por Dias Jr. (1988) e Chmyz (1976, 1995, 2009), com vasilhames da cultura material Neobrasileira:

Uso de pasta cerâmica com argila e temperos, geralmente finos (com algumas variações), compostos por quartzo quebrado ou moído, feldspato, hematita, carvão e, no caso da cerâmica amazônica, ossos, cascos de quelônios e cariapé eutriturados,

- Manufatura por técnica de anelamento, com roletes ou em espiral finos (e modelamento, apenas em caso de peças pequenas, mas nunca por torno),
- Queima predominantemente redutora, deixando o aspecto das paredes e do núcleo da cerâmica com tons acinzentados e negros,
- Tratamento de superfície comum, alisada, e, se entendido como decoração, classificado como “polido estriado” (sendo raros os banhos de engobos, a vitrificação e a pintura),
- Encontram-se decorações plásticas, tipicamente indígenas, como o corrugado (em peças de pequenas dimensões), o ungulado, o escovado (mais comum) e o polido estriado, decorações plásticas incisadas (em hipótese de serem de origem africana), constituído por linhas simples ou paralelas, podendo combinar-se com o ungulado e ponteadado, formando desenhos, que ocupam geralmente apenas a parte superior dos respectivos vasilhames, decorações plásticas aplicadas e digitadas – como pequenos roletes aplicados na borda ou região sub-labial na cerâmica amazônica,
- Aplicação de reforços externos feitos com cilindros (como alças), próximos a borda, e perfurações (para suspensão por cordéis), e asas horizontais, constituídas por rolete de argila aplicado na face externa, podendo ter decoração digitada, ou até ungulada digitungulada, serrungulada etc. A aplicação de “asas múltiplas”, é considerada como uma das principais características do conjunto da cerâmica neobrasileira (DIAS JR., 1988, p. 3).

Vasilhames em forma de “pratos, tigelas abertas” são comuns em diferentes tradições, porém, “as tigelas de fundo plano e de paredes inclinadas para o exterior (tipo alguidar) seriam marcadores da transição para a influência colonial” (DIAS JR., 1988, p. 11). Nesse sentido, Tiburtius (1968, p. 5) salienta que, “apesar de muitas variações, [as louças] representam um estilo próprio cuja importância cultural é evidente, visto que é bastante diferente dos estilos da cultura Guarani”.

5.6 Considerações finais do artigo

Os dados etno-históricos, as características morfológicas, a técnica de confecção, a composição da pasta, a queima, o tratamento de superfície e a decoração dos vasilhames que compõem o conjunto Araucária revelaram que as peças se assemelham às louças descritas nos anos 1960 pelo PRONAPA e por outros estudiosos do assunto como pertencentes à Tradição Arqueológica Neobrasileira, embora sejam peças híbridas produzidas por comunidades tradicionais que habitaram que habitaram a região rural daquele município.

As louças estudadas também estão associadas a funções domésticas e alimentares, visto que há predominância de potes maiores (22%), em forma de vaso sem apêndices (asas, alças ou cabos), seguidos de potes de diversos tamanhos médios e pequenos (19%). As panelas, peças com características esféricas simétricas com abertura ampliada, apresentando dois ou mais apêndices sobre a face externa, correspondem a 17% da composição do conjunto, seguidas de 15% de cuscuzeiros e de 14% de tigelas e/ou frigideiras em formato de calota ou elíptico.

Os relatos encontrados nas publicações e nos cadernos de campo de GT, juntamente com os demais dados analisados, evidenciam o uso dessas louças por comunidades tradicionais rurais que habitavam aquela região do Paraná. Da mesma maneira, as análises feitas no conjunto Araucária corroboram com outros resultados de estudos sobre usos e funções de louças e cerâmicas etnográficas e/ou históricas.

Do mesmo modo, observou-se nas peças a permeabilidade seletiva de elementos indígenas, europeus e africanos, fruto de apropriações culturais para a produção de louças híbridas, como a predominância do uso da técnica de roletado na confecção dos vasilhames, a fixação de asas, alças ou cabos, os tipos planos de base, assim como os elementos decorativos, também observados por outros pesquisadores do campo. Ademais, é necessário ter atenção, em pesquisas futuras, para a interpretação do aplique de asas na face interna de determinados vasilhames da coleção de louças de GT, assim como explorar melhor as pinturas existentes nos vasilhames, o que não foi possível fazer neste trabalho.

Referências

ALMEIDA, Graciele Tules de. **O patrimônio arqueológico guarani no litoral norte de Santa Catarina**: um estudo a partir de acervos cerâmicos e questões de

etnicidade. 320 f. 2017. Dissertação. (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville, Joinville. 2017.

BLASI, O.; CAVALHEIRO, A.C.M.; PONTES FILHO, A. Projeto das Operações Arqueológicas de resgate nas áreas da barragem e reservatório do Rio Irai - Região metropolitana de Curitiba: **Relatório Final** 1999/2000.

BORBA, Fernanda. Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul (Santa Catarina). **Revista Confluências Culturais**, v. 2, n. 2, p. 71-72, 2013.

BROCHADO, José Proenza, MONTICELLI, Gislene, NEUMANN, Eduardo Santos. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas: Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, v. 35, n. 140, p. 706-726, 1990. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=brochado+jos%C3%A9+1990&btnG . Acesso em: 21.jan. 2023.

CANOTILHO, M. H. P. C. **Processos de cozedura em cerâmica**. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2003. (Séries Estudos, 60). Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/203>. Acesso em: 09. set. 2021.

CARMO JUNIOR, S. P. **O projeto ponta de projétil**: gestão tecnológica dos caçadores- 95 coletores do alto Iguaçu, Paraná, 2015. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/42979>. Acesso em : 21.jan. 2023.

CHMYZ I. Nota prévia sobre o sítio PR PG 1: abrigo sob rocha Cambiju. **Estudos Brasileiros**, Curitiba, 1976, 2, p. 231-246.

CHMYZ I. Sétimo relatório de pesquisas realizadas na área de Itaipu (1981-83). **Projeto Arqueológico Itaipu**, n. 7, p. 1-106, 1983.

CHMYZ I. A Pré-História Paranaense. História do Paraná. **Ideias em Debate, Curitiba**, v.5, p.7-26, 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301201715_A_PREHISTORIA_PARANAE_NSE/link/570bf10508ae8883a1ffdfd7/download. Acesso em 12 de maio de 2021.

CHMYZ I. Novas contribuições para o estudo do Sambaqui de Matinhos, no Estado do Paraná. **Arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 1-55, 2003.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**, Curitiba, V. 6, p. 1-147. 2009.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S.. **Relatório de Impacto Ambiental** - Rima Operação Urbana Consorciada Linha Verde – Curitiba/Pr. Diagnóstico Sobre o Patrimônio Arqueológico.IPPUC

Curitiba. 2011. 62 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299285020_RELATORIO_DE_IMPACTO_AMBIENTAL_-_RIMA_OPERACAO_URBANA_CONSORCIADA_LINHA_VERDE_-_CURITIBAPR_DIAGNOSTICO SOBRE_O_PATRIMONIO_ARQUEOLOGICO/link/56f0513408ae584badc931af/download . Acesso em: 13 fev. 2020.

DIETLER, Michael; HERBICH, Ingrid. Habitus, techniques, style: an integrated approach to the social understanding of material culture and boundaries. **The archaeology of social boundaries**, v. 232, p. 263, 1998.

DIAS JR., Ondemar. A cerâmica neo-brasileira. Arqueo-IAB, **Textos Avulsos**, Rio de Janeiro: v. 1. 1988. Disponível em: <http://www.arqueologia-iab.com.br/publications/download/74> Acesso em 06.mar.2021.

FERNANDES, R. P.; BANDEIRA, D. R. A coleção etnográfica de cerâmicas caseiras de Guilherme Tiburtius – cultura material e história da região de Araucária (PR). **Revista Confluências Culturais**, v. 9, n. 1, p. 104-116, 2020.

GOURHAN, André Leroi. O gesto e a palavra 1: técnica e linguagem. **Lisboa, Edições**, v. 70, 1985. 240 p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Araucária – Paraná (PR)**. 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/araucaria.pdf>. Acesso em: 09. set. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cadernos de cidades e estados**. Araucária código: 4101804. 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/araucaria.html>. Acesso em: 09. set. 2021.

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - Nosso Bairro: Ganchinho / Lucimara Wons, Coord. Curitiba: IPPC, 2015. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br>. Acesso em 23/02/2023.

LA SALVIA, Fernando, BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre/RS: Posenato Arte e Cultura, 1989. 175 p.

MACHADO, Brasil Pinheiro. O estudo da história regional (uma nota prévia).In: **Questões e Debates**. Curitiba: APNA. ano 2, n. 3, p.103-108, dez. 1981.

MACHADO, J. S. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. Rev. do **Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.15-16, p. 87-111, 2005-2006.

MORALES, W.F. A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p.165-187, 2001.

NOELLI, F. S., SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/166053>. Acesso em: 27 set. 2020.

NOELLI, F. S., SALLUM, M. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da Cerâmica Paulista. **Revista. Museu Arqueologia. Etnografia**, n. 34, p. 132-153. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/166053>. Acesso em: 27 set. 2021.

NEUMANN, M. A. Questões metodológicas para a análise das marcas de uso na cerâmica Guarani arqueológica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, suplemento, vol 8.p.225-230. 2009.

NEUMANN, M. A. Distribuição das marcas de uso e especificidades funcionais para a cerâmica Guarani pré-colonial. **Revista de Arqueologia**. Vol. 24 n. 1. 2011.

OLIVEIRA, Cláudia *et al.* ESTUDOS DO PROCESSO DE QUEIMA DA CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERRA DO EVARISTO I–BATURITÉ-CE/BRASIL. In: **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207. 2016. p. 116-135. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=oliveira+et+al+2016%2Bqueima&btnG=. Acesso em: 29.mai. 2022.

PARELLADA, Claudia, I. **Relatório final de atividades do Programa Arqueológico da Barragem Piraquara II**, Paraná, sul do Brasil. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/14856897/Relat%C3%B3rio_de_Atividades_do_Programa_Arqueol%C3%B3gico_da_Barragem_Piraquara_II_Paran%C3%A1_sul_do_Brasil. Acesso em: 09. Jan. 2022.

PREFEITURA DE ARAUCÁRIA. História do município. Disponível em: <https://araucaria.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/49>. Acesso em: out. 2021.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros**. A pré-história de nosso país. 2a edição revista. ZAHAR. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2004. 102 p.

RODRIGUES, B. G., FACCIO, N. B. **Análise da cerâmica do sítio arqueológico Turvo II- SP**. São Paulo: Programa de Formação Complementar/UNESP, 1998.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. 2. ed. São Paulo: Rumo, 1944. 197 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4829037/mod_resource/content/1/O%20povo%20brasileiro%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20sentido%20do%20Brasil.pdf. Acesso em: 19.jan. 2023.

SCHEUER, Herta Loell. Estudo de um Núcleo de cerâmica popular: Baía das Laranjeiras, Paraná, BR. Secretaria da Educação e Cultura, **Arquivos do Museu Paranaense**. Nova Série. Etnologia, nº1, Curitiba-PR. 1969.

SCHEUER, Herta Loell. **Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976. 135p.

SYMANSKI, Luis. Práticas econômicas e Sociais no Sertão Cearense no Século XIX: Um olhar sobre a cultura material dos grupos domésticos sertanejos. **Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, v. 21, n.2, p.73-96, São Paulo. 2008.

SYMANSKI, Luis. Cerâmicas, identidades escravas e crioulação nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

SKIBO, J.M. **Pottery Function: A Use-Alteration Perspective**. New York, Plenum Publ.Co.1992. 222 p.

SKIBO, J.M. **Understanding Pottery Function**. New York, Springer. 2013. 200 p.

SKIBO, J. M., SCHIFFER, M. B. **People and Things: A behavioral Approach to Material Culture**. New York: Springer Science+Business Media, 2008.

VALENCIA Villa, Carlos; GIL, Tiago. **O retorno dos mapas [recurso eletrônico]: sistemas de informação geográfica em história** / Carlos Valencia Villa, — Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016. 516p. Disponível em: <http://lhs.unb.br/Valencia&Gil.%20O%20retorno%20dos%20Mapas.pdf>. Acesso 01.abr. 2023.

VASCONCELOS, Bruna Oliveira. **Marcas de uso em fragmentos cerâmicos: sítio Itapemuu**. 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/bitstream/riufs/7245/2/Bruna_Oliveira_Vasconcelos.pdf Acesso: em: 12. jan. 2023.

TIBURTIUS, Guilherme. Ältere Hauskeramik aus der Umgebung vom Curitiba, Paraná, Südbrasilien. **Anthropos. Sonderabdruck, International Review of ethnology and linguistics**. Band 63, 1968. Internationale zeitschrift für völker-und sprachenkunde. Fribourg, 50- 75 p. 1968. (Texto Traduzido).

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e a redução jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-12082009-154227/publico/TDE_Silvana_Zuse.pdf. Acesso em: 09.mar. 2023.

6. POTES, PANEIS E CUSCUIZEIROS: DISCUSSÃO SOBRE MARCAS, FUNÇÕES E USOS DAS LOUÇAS EM BARRO DO CONJUNTO ARAUCÁRIA VINCULADAS À ALIMENTAÇÃO

RESUMO

Este artigo trata das análises das marcas mecânicas e físico-químicas relacionadas ao uso das louças em barro do conjunto Araucária, da coleção de louças etnográficas de Guilherme Tiburtius, que fazem parte do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Para a análise das marcas de uso encontradas nas 170 louças analisadas, recorreu-se aos trabalhos de Shepard (1956), Skibo (1992, 2013), Zuse (2009) Neumman (2008, 2011), Vasconcelos (2017), entre outros. Da mesma forma, foram considerados os estudos de Chmyz (1976), Scheuer (1969, 1976), La Salvia e Brochado (1989) e Brochado (1991) para as discussões e análises de uso, função, aspectos morfológicos e apontamentos de procedência identitária. Feitas as análises das marcas, pode-se dizer que quase a totalidade daquele conjunto apresenta alterações mecânicas, sejam lascamento, fratura ou sulcos, sejam rachaduras, fissuras ou cavidades. E em maior concentração estão as laminações sobre ambas as faces dos vasilhames, que podem ser justificadas pelo uso, descarte e demais, manejos aos quais as louças foram sujeitas ao longo da sua trajetória. Além disso, mais de 90% das louças preservam marcas de alterações físico-químicas, como fuligem, carbonização, depósito carbônico, craquelê, corrosão, abrasão e oxidação, decorrentes do uso sobre o fogo na preparação e no consumo de alimentos. Ademais, destacam-se, neste estudo, os cuscuzes e o cuscuz, por fazerem parte dos saberes, dos fazeres e dos hábitos alimentares das comunidades tradicionais rurais pesquisadas por este ser um alimento que foi declarado patrimônio imaterial mundial pela UNESCO no ano de 2020. Por fim, para efeito de resultado, pode-se dizer que o estudo das marcas de uso em louças de barro desvela práticas e saberes referentes à alimentação, o que permite compreender valores, significados e representações de diferentes grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Marcas; usos; louças em barro; alimentação; cuscuz.

ABSTRACT

This article discusses the analysis of the mechanical and physical-chemical marks, related to use, of clay pottery from Conjunto Araucária, from the Collection of ethnographic pottery by Guilherme Tiburtius, which are part of the Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). For the analysis of the signs of use found in the 170 analyzed tableware, the works of Shepard (1956), Skibo (1992, 2003), Zuse (2009) Neumman (2008, 2011), Vasconcelos (2017), among others. Likewise, studies by Chmyz (1976), Scheuer (1969, 1976), La Salvia and Brochado (1989), Brochado (1990) were considered for the discussion and analysis of use, function, morphological aspects and notes of origin. Identity. After analyzing the marks, it can be said that almost all of that set presents mechanical alterations, such as chipping, fracture, furrows, cracks, fissures, cavities, and in greater concentration are the laminations, on both sides of the containers, which can be justified by use, disposal and other handling to which the chinaware has been subjected throughout its history. In addition, more than 90% of the dishes preserve physical-chemical signs of use such as soot, carbonization, carbon deposits, cracking, corrosion, abrasion, oxidation, resulting from the use of fire in the preparation and consumption of food. In addition, cuscus stand out, and cuscus in this study, it is a food that was declared intangible heritage by UNESCO in the year 2020, as well as being part of the knowledge, practices and eating habits of the Neo-Brazilian communities surveyed in this study. Finally, for the purpose of results, it can be said that the study of use marks on earthenware reveals practices and knowledge related to food, which allows understanding values, meanings and representations of different social groups.

KEYWORDS: Brands; uses; earthenware; food; cuscus.

6.1 Introdução

O conjunto Araucária, da coleção de louças em barro de Guilherme Tiburtius (GT), é composto por 175 vasilhames cerâmicos, divididos em 15 subconjuntos menores de acordo com os locais onde foram angariados pelo pesquisador e colecionador na década de 1940 no entorno de Curitiba/PR. No entanto, neste estudo, são abordadas 170 peças do conjunto, por estarem inteiras e em bom estado de conservação. Na construção do artigo, foram priorizadas as discussões das marcas de uso em relação aos demais atributos do conjunto Araucária, visto que investigar indícios de uso desses vasilhames em práticas alimentares é um dos objetivos desta pesquisa. Além disso, pretende-se tratar sobre o cuscuz e outros hábitos alimentares das comunidades rurais que habitaram a região em que as louças foram coletadas.

Para a coleta dos dados e a análise, foi elaborado um formulário em arquivo Excel, com base em formulário do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) e pesquisas realizadas por Neumann (2009; 2011), Zuse (2009), Borba (2013), Vasconcelos (2017), Almeida (2017), entre outros autores. O formulário abordou, além da descrição do vasilhame, os seguintes tipos de marcas de uso nas faces internas e externas das louças: alterações mecânicas (lascamento, fratura, sulcos, rachaduras, fissuras, cavidades e laminações); e alterações físico-químicas (fuligem, carbonização, depósito carbônico, craquelê, corrosão, abrasão, oxidação e fungos). Também considerou o estado de conservação de cada peça (estabilizado, frágil ou fragmentado). Para a observação e a coleta dos dados e atributos pertinentes à pesquisa, utilizou-se lupa binocular com aumento de 20x e 40x. Os dados coletados foram analisados, quantificados, descritos com as características predominantes dos atributos observados e representados graficamente.

A louças são empregadas em diferentes usos e fazeres que deixam suas superfícies marcadas. As marcas podem ser mecânicas, produzidas por atividades abrasivas sobre uma ou ambas as faces das louças, pelo gesto de mexer, servir e armazenar alimentos e também pelo processo de transportar, limpar e guardar os vasilhames. O uso das louças no preparo do alimento sobre o fogo provoca, sobre ambas as faces dos vasilhames, marcas físico-químicas decorrentes da exposição da peça ao calor, bem como pelo tipo de alimento que é preparado nela.

Para a análise das marcas de uso encontradas nas louças em barro, recorreu-se aos trabalhos de Shepard (1956), Skibo (1992, 2013), Suze (2009), Neumann (2008, 2011), Vasconcelos (2017), entre outros. Da mesma forma, foram considerados os estudos de Chmyz (1976), Scheuer (1969, 1976), La Salvia e

Brochado (1989), Brochado, Monticelli e Neumann (1990), entre outros, para a discussão e a análise de uso, função, aspectos morfológicos e apontamentos de vinculação cultural.

Pearce (1994, p. 127) afirma que é possível fazer a identificação da funcionalidade de um objeto ou artefato por meio das suas características ou propriedades físicas, como “matéria-prima, design, construção e tecnologia”, assim como pelo papel que ele desempenha na organização social, “função e utilização” e pelo seu significado dentro do acontecer social, “que abrange as suas relações emocionais ou psicológicas, sagradas e ou funcionais”.

A partir da década de 1960, foram iniciados os estudos das marcas de uso desses recipientes cerâmicos a fim de inferir as suas funcionalidades, visto que o “usar pode ser relativo a um ato, uma aplicação ou utilidade, uma prática, um exercício e por fim costume, um hábito” (VASCONCELOS, 2017, p. 17) associado a uma necessidade e/ou ao ciclo de vida do objeto. Contudo, nem sempre ele é usado para a finalidade para a qual foi confeccionado (SCHEUER, 1976; BROCHADO; MONTICELLO; NEUMANN, 1990; SKIBO, 1992; 2013; NEUMANN, 2011; DANTAS; LIMA, 2014).

Skibo (1992; 2013) e Neumann (2009; 2011) acentuam que os usos podem ser ativos, provocando marcas mais intensas nos objetos, ou passivos, que deixam marcas mais sutis neles — situação que auxilia na interpretação de sua função e uso no cotidiano doméstico de determinadas sociedades. Nessa linha de interpretação das marcas e funcionalidades de artefatos ou louças em barro em comunidades indígenas, por exemplo, La Salvia e Brochado (1989) apontam que o manejo na confecção desses recipientes também pode deixar marcas, como quando finalizado o acabamento das superfícies e posto para secar antes da queima, durante a aplicação da decoração plástica, quando retirado da fogueira após a queima, durante o transporte para o local de utilização, durante o uso para o qual foi feito ou em outra função secundária e até mesmo após seu abandono ou descarte. Ou seja, marcas mecânicas e físico-químicas podem aparecer em qualquer fase da vida de um objeto.

Por isso é que análises de marcas realizadas em vasilhames inteiros ou quase inteiros são mais produtivas e têm informações mais confiáveis do que aquelas feitas em fragmentos ou cacos (DANTAS; LIMA, 2014). Neumann (2011), que pesquisou coleções de louças indígenas e seus usos, destaca que a morfologia das peças faz a

informação se perpetuar por semelhança quando se tratam de funcionalidades e marcas de uso.

6.2 As marcas de uso e de vestígios alimentares nos vasilhames do conjunto Araucária

As funções e os usos das louças de barro do conjunto Araucária, da coleção de GT, são tratados nesta pesquisa pela caracterização híbrida dos vasilhames como louças de confecção local produzidas no período histórico de ocupação do território paranaense, durante o crescente contato entre europeus e grupos indígenas daquela região, que, além da “mestiçagem, introduziu novas tecnologias, alterando a produção ceramista local” (CHMYZ *et al.*, 2011, p. 8). No entanto, observa-se na literatura que as funções e os usos pouco se alteram, permanecendo a confecção de vasilhames para o uso doméstico e alimentar em maior quantidade. Para Chmyz *et al.* (2011, p. 8), “esses grupos, formados por pequenos grupos familiares caboclos” e outras pequenas comunidades rurais da região foram constituídos principalmente com “os indígenas da família linguística Tupi-Guarani e os europeus e, mais tarde também com os africanos”. Parte da cultura material encontrada em “sítios arqueológicos históricos em Araucária representa a tradição arqueológica Neobrasileira” (CHMYZ *et al.*, 2011, p. 17). Para Ribeiro (1995, p.119), os neobrasileiros exibiam “uma aparência muito mais indígena que negra ou europeia pelo modo como moravam, comiam, por sua visão de mundo e pelo idioma que falavam”. Eram um povo totalmente mestiço em aspectos raciais e culturais. Essas mesmas características mestiças descritas por Ribeiro (1995) já eram apontadas por Tiburtius (1968) nos habitantes das comunidades visitadas por ele no angariamento das louças entre os anos 1941 e 1942, que representavam

[...] uma raça humana [...] que os primeiros chamavam erradamente de caboclos. Tratava-se de uma população pobre, mas prestativa de composição robusta, os homens apresentavam pouca barba, cabelo da cabeça brilhantemente preto até elevada idade, as mulheres, no entanto, envelhecem mais cedo. Possivelmente trata-se de um grupo restante de índios [...] vivem em terras pobres e em extrema simplicidade, suas moradias são cabanas primitivas feitas por eles mesmos, de chão batido e tábuas de pinho [...] a parte interior era empretecida pela fumaça [...] a cozinha que também serve de refeitório, é em anexo sem piso [...] em geral se encontram fogões sem chaminés e sem chapas, confeccionados de pedra de calcário

juntadas com barro. Potes maiores estavam sob base de argila. [...] O telhado era construído com telhas ocas feitas à mão e bem queimadas [...] muitas vezes víamos almofarizes de madeira dura para socar o milho para fazer o pão diário, plantações maiores são raras, planta-se principalmente milho, feijão, batata doce, abóboras [...] (TIBURTIUS, 1968, p. 2-3).

Assim, percebe-se que a influência indígena foi marcante naquele período e naquela região no que diz respeito à subsistência alicerçada no cultivo e no preparo da “mandioca, do milho, das abóboras e das batatas e de muitas outras plantas, bem como às técnicas de caça e pesca” (RIBEIRO, 1995, p. 121-123) e de fabricação de utensílios em madeira e barro. A comunidade tradicional do Paraná, de 1853 a 1889, na pós-independência do estado, estava dentro dos agentes históricos subalternos que desenvolviam suas atividades cotidianas inseridas em um complexo institucional que lhes provia uma atividade básica de subsistência. Essas pequenas comunidades, formadas por mestiços, no início da ocupação do território paranaense, como posto anteriormente, eram muito dependentes das roças e dos utensílios de subsistência que produziam,

de milho, mandioca e feijão. Sua dieta era complementada pela caça, coleta de frutos e raízes da mata. [...] mantendo, ainda, traços da cultura indígena ou africana na confecção e queima de recipientes cerâmicos, mas acrescentando adaptações e formas características das louças europeias como abas, asas, bicos e fundos planos [...] No Planalto Curitibano e no alto rio Iguaçu, representando a Tradição Neobrasileira foi classificada a fase Lavrinha. Seus recipientes cerâmicos apresentam na superfície, comumente, as decorações: vermelha, corrugado-ungulado, corrugado-leve, ungulado, acanalado, escovado e inciso. (CHMYZ ET AL, 2011, p.21-26).

Essas colocações dos autores citados acima sobre as comunidades, suas moradias e formas de subsistência vão ao encontro da obra de Carlos Roberto Antunes dos Santos, que escreveu “História da alimentação no Paraná” (1995), no contexto histórico do século XVIII, trazendo um enredo importante para compreender o hábito alimentar das comunidades que se desenvolveram por lá. Naquele período, o estado ainda não possuía uma estrutura produtora de alimentos voltada para suprir as necessidades das populações que ali se desenvolviam, uma vez que a base da economia era a criação e o comércio de gado, exportado para mercados como Sorocaba/SP. Essas atividades eram desenvolvidas nas fazendas e nas colônias por mão de obra escrava e por pequenas comunidades rurais de camponeses e caboclos

que por ali se formavam. Já no início do século XIX, “a economia do mate monopolizou praticamente todas as atividades do litoral e do primeiro planalto” e a economia da pecuária estendeu-se para a ocupação do primeiro e segundo planaltos do Paraná. Em contrapartida, a agricultura se manteve reduzida “[...] às pobres lavouras de cana e arroz, no litoral, que movimentavam pequenos engenhos. Por sua vez, no planalto curitibano, apenas escassas plantações de milho. Tudo, porém, em pequena escala” (SANTOS, 1995, p. 38-39).

A economia da vila de Curitiba e seu entorno se desenvolvia centrada na produção de bens de consumo destinados principalmente aos próprios habitantes. O milho, o feijão, o arroz, a mandioca e o peixe eram essenciais para a alimentação da população local, da gente pobre e trabalhadora, além dos frutos e outros tubérculos que eram coletados nas matas, como o pinhão, abundante na região. Em especial “o milho, que era alimento indígena, caiu no gosto dos portugueses e africanos desde o início da colonização e continuou sendo alimento básico à alimentação de todos, sob as mais diversas formas de consumo”, assim como beber o mate (SANTOS, 1995, p. 46). O milho, naquele período, foi um alimento muito versátil para o colonizador e, a partir da mão da mulher portuguesa, surgiram novos pratos à base deste cereal que foram incorporados aos hábitos alimentares dos brasileiros (SALDANHA, 2011).

Cavalcante (2010) descreve que o milho estava presente na alimentação portuguesa no período colonial, principalmente nas preparações de broas, nas papas doces fritas e nas mexudas, caldos feitos com farinha de milho e couves frescas. Os escravos, por sua vez, usavam o milho, junto com outros ingredientes disponíveis, como o açúcar mascavo e o leite de coco, na preparação de angu, canjica, mungunzá, pamonha, polenta, bolos, pães e cuscuz. Para Freyre (2003) e Cascudo (1967), foi a partir da fusão dos saberes e fazeres dessas três culturas — indígena, portuguesa e africana — que a culinária brasileira se desenvolveu, por meio da soma das contribuições étnicas desses povos e da generalização de hábitos alimentares e técnicas de preparo de indígenas, negros e brancos.

O consumo e o preparo desses alimentos, especialmente aqueles que requerem grandes períodos de fervuras sob a ação direta do fogo, como feijões, ensopados, mingaus e pirões, de acordo com Neumann (2011), deixam marcas sobre as faces tanto internas quanto externas dos vasilhames, como será visto adiante.

Os vestígios ou marcas de utilização foram analisados sobre ambas as faces das louças e classificados em alterações mecânicas (lascamento, fratura, sulcos,

rachaduras, fissuras, cavidades e laminação) e alterações físico-químicas (fuligem, carbonização/depósito carbônico, craquelê, corrosão, erosão e oxidação).

As **marcas mecânicas**, conforme Skibo (1992), são aquelas produzidas por abrasão/atrito e são resultados de atividades de mexer, servir, armazenar, transportar e limpar, entre outras às quais as louças são destinadas ou submetidas. As marcas de **laminações** aparecem como “estrias isoladas, longas e contínuas” ou “estrias agrupadas, finas curtas e repetitivas, tanto na face interna, quanto externa de uma vasilha” (NEUMANN, 2008, p. 65). As laminações foram observadas em 15% das peças do conjunto analisado, na borda da face interna das louças, que podem estar associadas à ação de mexer os alimentos com o auxílio de instrumentos como colheres ou bastões de madeira. Cabe dizer que esse percentual pode ser maior, devido à ocorrência de outras marcas físico-químicas decorrentes do cozimento dos alimentos no mesmo local.

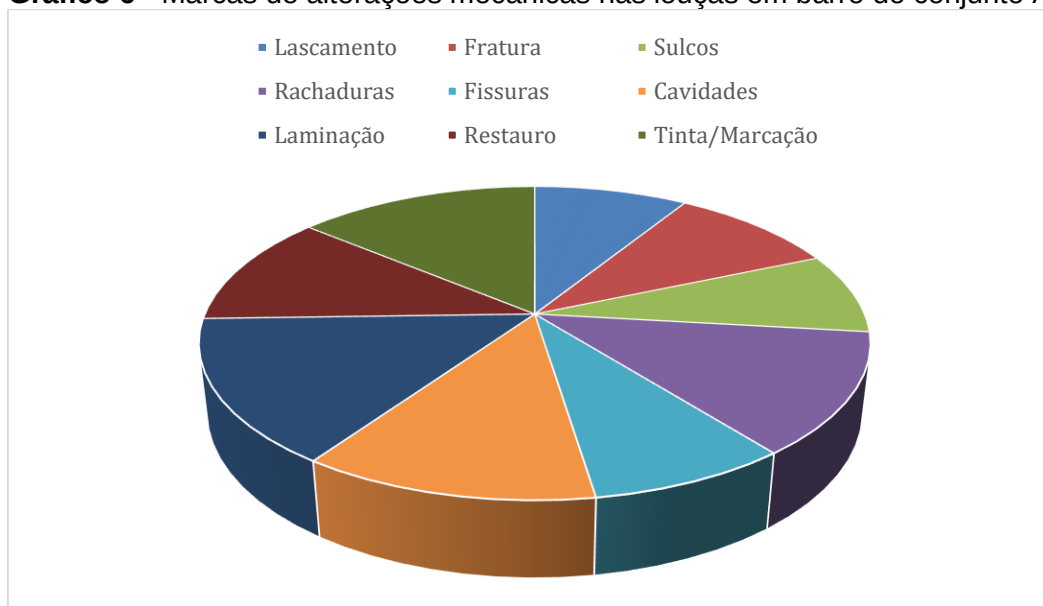
No caso dos cuscuzeiros, essas marcas podem ocorrer durante o encaixe da peneira (objeto redondo com furos), posicionada entre a forma e a panela, evitando que a massa do cuscuz entre em contato com água, cozinhando-a no vapor. Mais de 90% dos vasilhames apresentam laminações concentradas na face externa, com maior concentração entre a base e o bojo. Essa quantidade de laminações pode ser justificada tanto pelo uso das louças para a função para a qual elas foram confeccionadas — processo relacionado à logística de alimentação, lavagem e guarda da vasilha — quanto por marcas secundárias deposicionais indeterminadas pelo abandono ou por entrar para uma coleção e ser manuseada em acervos privados ou na curadoria e nas reservas técnicas de museus.

As **rachaduras** e as **cavidades** representam 12% das marcas mecânicas, evidenciadas em maior quantidade na face externa das louças. As cavidades ficam evidentes quando ocorre a remoção ou a queda dos antiplásticos/temperos usados na mistura da pasta da louça e geralmente aparecem após a exposição da peça ao fogo ou durante o uso. As fraturas correspondem a 10% das louças apresentadas neste estudo. A fratura se caracteriza pela ausência de um pedaço das peças, maiores que 1 cm de lascamento, e está em 9% das louças, e, por fim, as fissuras e sulcos estão presentes em 8% dos vasilhames do conjunto Araucária e aparecem neles do mesmo modo que as laminações.

No caso dos vasilhames da coleção de GT, pode-se dizer que a interpretação das marcas mecânicas é um processo delicado e impreciso, visto que parte das

laminações, rachaduras e fraturas da face externa dos vasilhames é fruto de ações sofridas durante o angariamento das peças pelo colecionador, feito por carroça no deslocamento do lugar de coleta até Curitiba nos anos 1940. Posteriormente, para exposição em seu museu particular, Tiburtius higienizou, numerou e restaurou peças. Observou-se que existem respingos de tinta branca em parte dos vasilhames, decorrentes do processo de pintura do espaço onde as louças estavam em exposição na residência do colecionador. Ademais, salienta-se que, após a venda da coleção ao município de Joinville/SC, a coleção sofreu novas intervenções de transporte, manuseio e limpeza antes do acondicionamento definitivo nas prateleiras deslizantes da reserva técnica, já que o MASJ sofreu com inundações provocadas por enchentes, ocasionando danos em algumas peças, conforme descrito por Alves (2021). O gráfico 6, a seguir, representa a distribuição das marcas mecânicas do conjunto estudado.

Gráfico 6 - Marcas de alterações mecânicas nas louças em barro do conjunto Araucária.



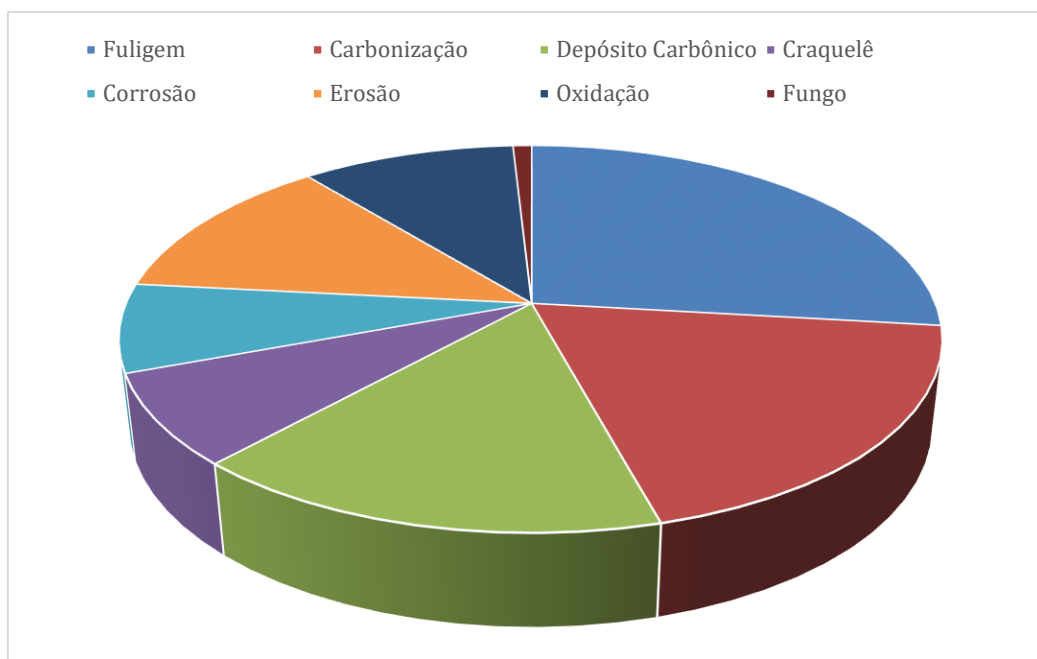
Fonte: A autora da pesquisa (2023).

As **marcas físico-químicas** (figuras 40, 41, 42, 43 e 44) em louças de barro, de acordo com Skibo (1992), Neumann (2011), Dantas e Lima (2014) e Vasconcelos (2017), são alterações resultantes das atividades de queima por fogo na confecção da peça ou no uso, cozimento e fermentação. Essas marcas, no conjunto Araucária, estão distribuídas em 73% das louças, que apresentam **fuligem** sobre ambas as faces, que pode ter sido impregnada na superfície das peças durante a queima no processo de confecção ou durante a utilização delas sobre o fogo (19%). As peças

com **carbonização** perfazem 16%. O **depósito carbônico** é mais evidente na face interna das louças. Segundo Skibo (1992), tanto a carbonização quanto o depósito carbônico se posicionam sobre as peças a partir da liberação do carbono por meio da combustão da madeira e de alimentos, causada pela ação de cozinhar. A diferença entre elas é que na carbonização não ocorre acúmulo de resíduos orgânicos dos alimentos calcinados nas faces das louças, como é o caso do depósito carbônico. Ainda conforme Skibo (2013), os fatores externos, como a ventilação e o tipo de matéria-prima utilizada para o fogo, é que modificam a combustão, causando uma ou outra marca que decorre da temperatura do fogo, da distância da louça do fogo ou da maneira de cozinhar os alimentos sobre o fogo, assim como do tempo de uso.

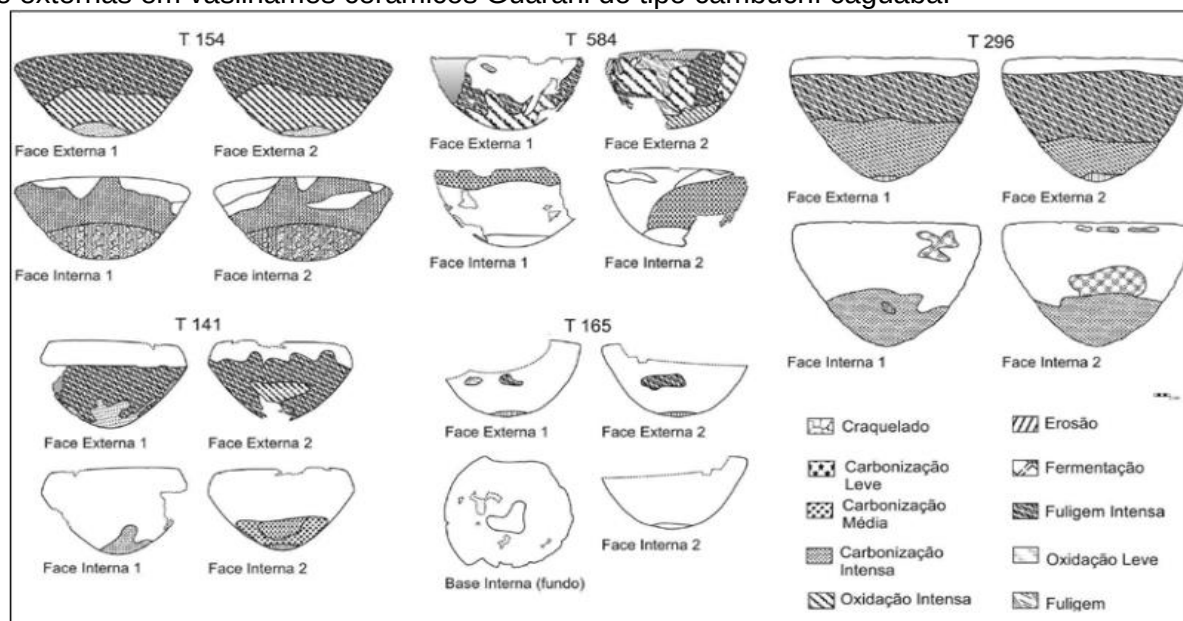
As marcas deixadas podem ser intensas, moderadas ou suaves em qualquer uma das faces do vasilhame. Entre as peças do conjunto, 12% apresentam **erosão**, que pode ser identificada pela depreciação linear ou circular da pasta de argila queimada, que se acentua em partes específicas dos vasilhames, como base e bojo, podendo ocorrer em ambas as faces. Além disso, 10% das louças possuem **oxidação**, com predominância na face interna da base, provocada pelo uso da peça diretamente sobre o fogo, provocando alteração na coloração da argila, comumente decorrente da fervura/cozimento de líquidos mais densos. Entre os vasilhames, 8% apresentam marcas de **craquelê**, ou craquelado, que são representadas pelo efeito de pequenos trincadinhos em forma de teia sobre uma ou ambas as faces da peça, que ocorre pela mudança súbita na temperatura à qual a louça está exposta. Com o passar do tempo, esse craquelado vai se esfarelando e dá início ao processo de erosão. Ainda 7% das peças contêm marcas de **corrosão** na face interna, mais evidenciadas no bojo e na base dos vasilhames, “resultado de intenso grau de fermentação, ou seja, está associada a vasos ligados à produção de bebidas fermentadas” (NEUMANN, 2009; VASCONCELOS, 2017, p. 32). Apenas 1% das peças contém fungos em ambas as faces, possivelmente decorrente de seu acondicionamento na reserva técnica do museu. O gráfico 7, na sequência, representa as marcas no conjunto estudado e, na figura 40, estão alguns exemplos de como as marcas físico-químicas podem aparecer ou se acumular com diferentes intensidades em partes e faces das louças.

Gráfico 7 - Marcas de alterações físico-químicas das louças em barro do conjunto Araucária.



Fonte: A autora da pesquisa (2023).

Figura 40 - Exemplos de como marcas físico-químicas podem se acumular nas faces internas e externas em vasilhames cerâmicos Guarani do tipo cambuchí caguabá.

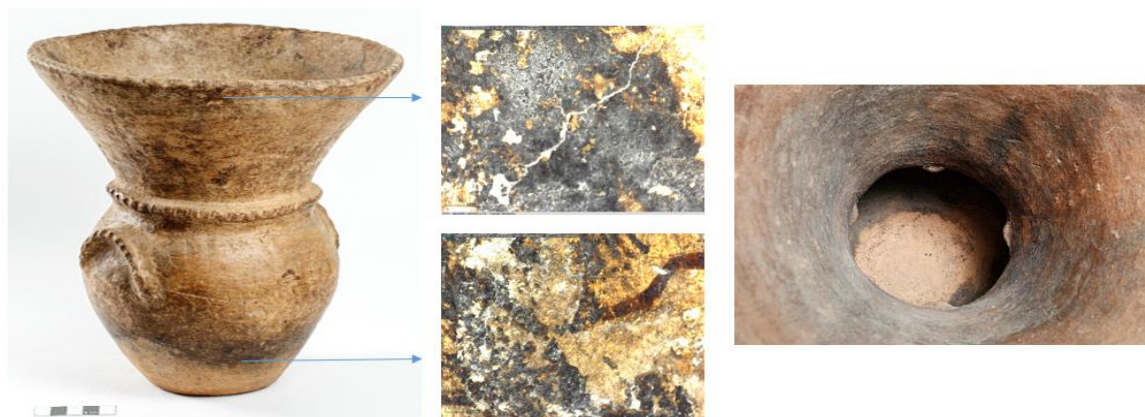


Fonte: Neumann (2011).

Observa-se na figura 40 que as marcas podem aparecer em diferentes partes dos vasilhames, assim como podem variar de posição de acordo com a morfologia da peça, da exposição ao calor e do alimento que está sendo preparado nela. Na coleção estudada, 14% dos vasilhames possuem características do tipo “conoidais ou meias-calotas, de contorno simples, abertas ou levemente restringidas”, que se assemelham às cambuchi caguabá (figura 43, b e figura 48), com marcas de uso apresentadas por

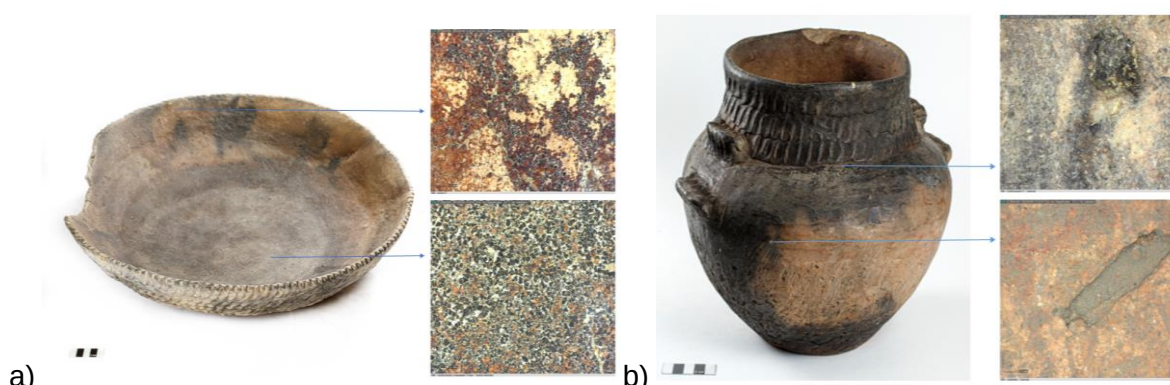
Neumann (2011, p. 61). Nas figuras 41, 42, 43, 44 estão diferentes vasilhames que concentram marcas físico-químicas observadas na coleção estudada.

Figura 41 - Cuscuzeiro da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas.



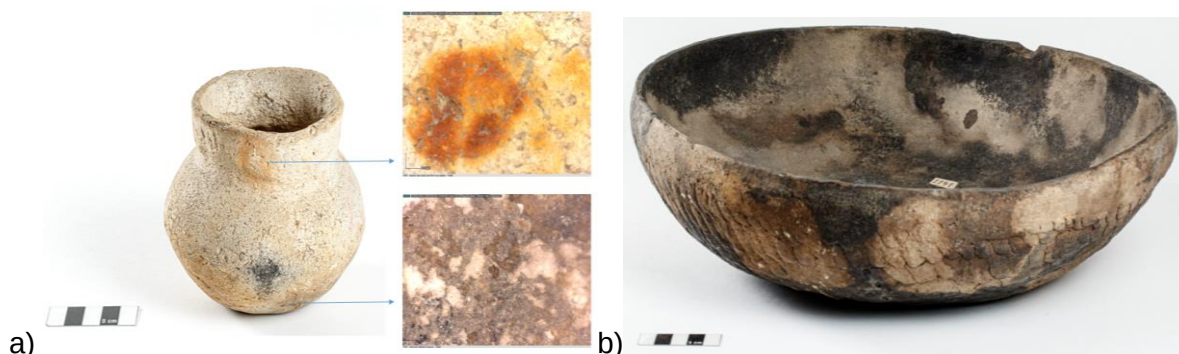
Legenda: Em evidência, marcas de fuligem e carbonização na face externa. Na face interna (parte superior) há fuligem opaca e escura e laminação. Na base da panela (parte inferior) há corrosão no centro e depósito carbônico nas laterais. Destaca-se a presença de quatro suportes de peneira entre a panela e a forma do cuscuzeiro, para que a massa de milho não caísse na água da panela durante a fervura. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT. Fotografias (2022).

Figura 42 - Torrador e panela da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas



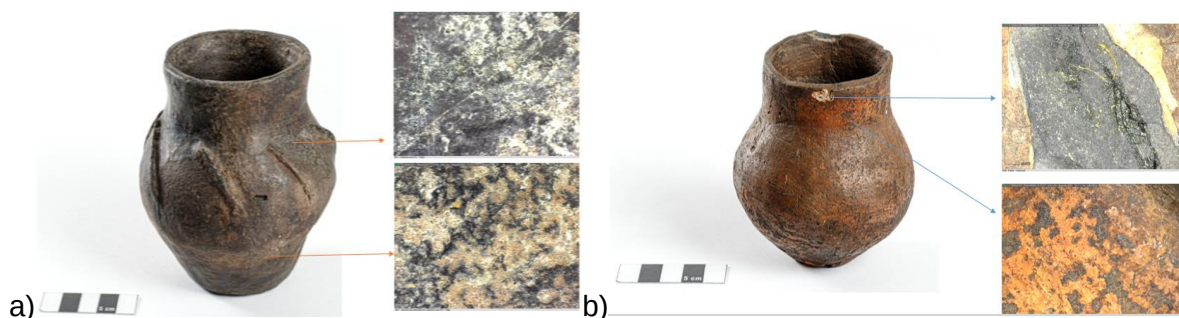
a) Legenda: Em evidência, na imagem a, as marcas de carbonização e depósito carbônico próximo à borda, na base da face interna, e fratura na borda. Na imagem b, fuligem escura e carbonização na base, bojo e bordas externas, bem como cavidades por queda de antiplástico (também denominado tempero) da pasta e restauro entre a borda e o lábio. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT. (2022). Fotografias.

Figura 43 - Vaso e tigela/assadeira da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas.



a) Legenda: Em evidência, na imagem a, craquelado sobre toda a face externa, marcas de fuligem opacas e escuras próximas da base e pigmentação por óxido de ferro decorrente da queima no processo de confecção da peça. Na face interna da borda, corrosão e cavidades. Na imagem b, fuligem escura e carbonização em ambas as faces, depósitos carbônicos na base e laterais da face interna e fratura na borda. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT (2022). Fotografias.

Figura 44 - Potes/vasos da coleção Araucária com marcas físico-químicas e mecânicas.



a) Legenda: Em evidência, na imagem a, fuligem sobre toda face externa e interna. Na imagem b, fraturas com exposição da pasta próximo à borda em ambas as faces e fuligem escura e carbonização no bojo e borda da face externa. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT (2022). Fotografias.

Quanto à morfologia e ao uso das louças, Tiburtius (1968) se refere aos vasilhames da sua coleção como sendo vasos para cozinhar, rasos e profundos, panelas para fritar e servir, vasos em forma de funil (cuscuzeiros), vasos para água, vasilhame para fazer pão, outros que serviam para lavar louça, bem como aqueles não perfeitamente explicáveis. De acordo com a interpretação do uso e da função desses vasilhames, Tiburtius (1968, p. 25) conclui que “os alimentos não eram apenas cozidos, assados ou torrados, mas também guardados”, e que as peças tinham também outros usos, visto que “[...] as margens são pretas de tanto uso, portanto estiveram diretamente no fogo [...]. Restos carbonizados não são raros [...]”. As marcas físico-químicas evidenciadas nos vasilhames estudados correspondem a essa descrição de uso feita pelo pesquisador. Diante disso, acredita-se que o uso de parte das louças em barro do conjunto foi na preparação de alimentos e contextos de consumo.

Essas colocações corroboram com algumas descrições feitas por La Salvia e Brochado (1989), Scheuer (1969,1976), Chmyz *et al.* (2009) e Noelli e Sallum (2019) relativas a formas e usos de louças em barro por comunidades indígenas, afrobrasileiras e rurais na preparação de alimentos. Assim, suas formas e capacidades volumétricas estão associadas às funções, de acordo com as sugestões de uso pesquisadas por Shepard (1956), que seriam cozinhar, fermentar bebidas, armazenar, transferir líquidos e fazer serviços diversos. Cascudo (1967, p. 48) aponta que, com o uso de vasilhames em cerâmica, foi possível preparar alimentos de “antemão [...] o fogo está sempre pronto e aceso e a panela ferve com raízes e restos da refeição anterior” para alimentar quem tem fome.

Os vasilhames que apresentam capacidades maiores que 50 litros são vasilhas abertas, com paredes semieretas e com altura de 40 cm para mais, usadas para grandes cozimentos/fermentações. Já as vasilhas que possuem gargalos e formas esféricas com capacidade média de 5 a 40 litros são usadas em cozimentos, armazenamentos e transferência/transporte de líquidos. Os escritos de Shepard (1956) e Neumann (2009) apontam para uma maior frequência de vasilhames produzidos para serviço, de formatos diversos, semiesférico, elipsoidal, cilíndrico e de calota esférica, com volumetria variando entre 0,5 e 3 litros de capacidade. Essas características volumétricas estão presentes no conjunto pesquisado, conforme a figura 7, que descreve a média das características de diâmetro dos vasilhames, caracterizando-os, em maior quantidade, como medianos. Percebe-se que na coleção estudada há peças maiores, com predominância de médias a pequenas, associadas ao uso cotidiano e doméstico.

Scheuer (1976) fala dos múltiplos usos “caseiro rural” dos utensílios (potes e vasos) em barro, que eram imprescindíveis para a conservação de água potável e para servir alimentos e bebidas preparados: do bule ou pichorra para o café, das vasilhas de tamanho pequeno com finalidade de usos diversos, das frigideiras e torradores para fritar carnes, secar fumo em rolo e farinhas, dos vasos para plantar flores e “ocasionalmente lamparinas caandieiros”. Cascudo (1967, p. 158), ao descrever hábitos alimentares herdados e miscigenados ao longo do território nacional, fala das oleiras que faziam os seus utensílios necessários à cozinha, como “panelas de vários formatos e dimensões” para o preparo de mingaus, caldos e guisados, das peças que “torravam a farinha, às hemisféricas”, das louças sem tampas, “destinadas ao cozinhamento diário”. Também existiam “os pratos largos e

rasos [...] potes, jarras, igaçabas, algumas como tonéis, para as bebidas fermentadas. [...] Outros para conduzir água nas jornadas, e mesmo conservar a farinha”. Salienta ainda Cascudo (1967, p. 38) que a cerâmica “trouxera a cocção, a ciência dos mólhos, dos caldos, das sopas, papas e mingaus e também das bebidas aquecidas. Com o uso da cerâmica nasceu o caldo substancial e diário que se tornou indispensável e típico nos povos agricultores”. Quanto ao fumo, Cascudo (1967, p. 215) indica que o tabaco, “tabaco para negos”, era constantemente distribuído aos escravos, com “intuito higiênico, premonitório, prevenindo possibilidades enfermas”. Essa prática de consumo do fumo permaneceu entre as comunidades miscigenadas que se desenvolveram ao longo da ocupação do território brasileiro, sendo usado para diferentes lidas e ritos religiosos e culinários, bem como para consumo após as refeições e ao final dos afazeres. Era “um quase alimento, o fumo, tabaco, de fumar, aspirar o rapé, mascar a fôlha, usar o charuto cismador e o pito do cachimbo conciliador” (CASCUDO, 1967, p. 164).

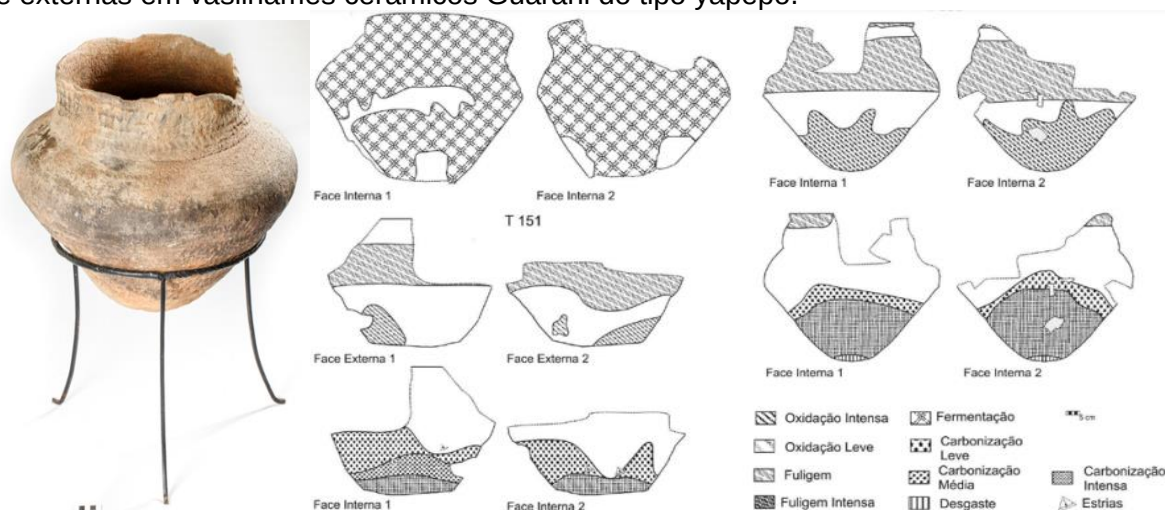
Pratos e vasilhames em forma de jarros/bules com alça compõem uma pequena parte da coleção estudada, menos de 3%. Já os vasos para água potável, em forma de vasos maiores e bem decorados, são mais presentes no conjunto. Tiburtius (1968, p. 7) diz que eles “achavam-se sobre a peça final de uma calha, e apanhavam a água” da chuva, assim como eram “[...] variados, no que se refere ao agrado e elegância das formas” e ao cuidado “na confecção [...] diferentes são os fundos, chatos, outros mais ou menos arcados, ou também redondos e pontudos, de forma que só podem ser postos em alguma espécie de alça”.

Essas características das formas, de bases chatas ou planas, são um dos atributos observados nas peças híbridas, confeccionadas por comunidades rurais que congregam atributos e técnicas de povos tradicionais e europeus. Os vasilhames Guarani, do tipo cambuchi, de acordo com Brochado, Monticelli e Neumann (1990) e Neumann (2011), têm base conoidal, arredondada ou aplanada, corpo com bojo saliente, boca mais ou menos restrita e com diversas dimensões, bem como é usado para fermentar, armazenar e servir líquidos. Ademais, a panela yapepó, que apresenta base conoidal ou arredondada, corpo com bojões salientes, base côncava, vertical ou inclinada para fora e diversas dimensões, é usada para preparar e cozinhar alimentos, podendo ser utilizada também para enterramentos. Neumann (2011) descreve uma variação do tipo de panela yapepó, o yapepó rebí, que é uma vasilha grande que mistura forma e funções de cambuchi e yapepó e é usada na cultura Guarani para o

preparo de alimentos com conteúdos densos, além de poder ser usada na fermentação de cauim em funções ritualísticas.

No conjunto Araucária, tem um vasilhame yapepó rebí (figura 45), coletado na localidade de Fundo do Campo, que concentra marcas de fuligem no bojo e em partes da borda em ambas as faces, assim como a base na face externa está oxidada e com erosão, sinais característicos que indicam que foi usado diretamente sobre o fogo. Na face interna, próximo ao pescoço, e também no bojo, há marcas de fuligem e processos de erosão/corrosão, associados à fervura de líquidos que desgastam a superfície da louça, corroborando com os apontamentos feitos por Neumann (2011) no estudo das marcas de uso em vasilhames Guarani.

Figura 45 - Exemplos de como marcas físico-químicas podem se acumular nas faces internas e externas em vasilhames cerâmicos Guarani do tipo yapepó.



Fonte: Adaptado de Neumann (2011).

Scheuer (1969, p. 7), ao pesquisar a comunidade ceramista de Medeiros, na Baía das Laranjeiras, em Paranaguá/PR, descreve que os vasos/potes de água tinham as paredes projetadas para fora e, então, curvadas para dentro, formando o bojo arredondado, “com suave passagem do ombro para o pescoço”, cuja ornamentação era digiforme, feita diretamente sobre o rolete de barro meio mole na face externa polida do vasilhame, que pode conter alças ou não, aplicadas de forma oposta nas laterais da peça.

Tiburtius escreve que encontrou vasilhas em barro com tamanhos menores que os recipientes para guardar água, que também tinham forma de vaso: “[...] Nunca os encontrei cheios de flores [...] alguns apresentam vestígios de fogo”. Possivelmente

“se tomava [...] o chá de mate [figura 46] (TIBURTIUS, 1968, p. 15). Vimos dois menores, em uso para isso”. Naquele período, enquanto angariava peças no município de Contenda, escrevia que “vasinhos se acham em uso, substituto da cuia de mate. [...] Existem na coleção diversos de formas semelhantes e tamanho equivalente, alguns são empretecidos pela fogueira” (TIBURTIUS, 1968, p. 15-18). Ele também encontrou “vasos em forma de bacia [...] um tipo especial [...] deve ter sido usado para secar tabaco em rolo, cortado em discos, para confeccionar cigarros embrulhados em palha de milho” (figura 48). Outros vasilhames eram os “vasos para lavar os pés, vestígios de fogo não existem neles” (TIBURTIUS, 1968, p. 24-27). E quando visitou Campo Largo, se deparou com famílias que “tinham preparado neles [vasilhames em barro] comida para os porcos sobre um fogão com ferro sobreposto”, feito no chão do pátio do rancho (TIBURTIUS, 1968, p. 11).

Figura 46 - Famílias caboclas, suas moradias e louças



Legenda: Famílias caboclas, suas moradias e louças no distrito de Fundo do Mato (à esquerda) — louças em uso para o mate. Em Barroca Funda (à direita), no município de Araucária, família com louças de uso doméstico — uma panela e um cuscuzeiro. Fonte: Tiburtius (1968, p. 56). Acervo MASJ.

No conjunto Araucária, durante as análises, foram observados vasilhames maiores, com volumetria entre 36 e 54 litros (figura 47), que apresentam carbonização na face interna, concentrada no bojo e ombros dos recipientes, bem como marcas de corrosão, que correspondem à fervura/cozimento de carnes ou vegetais com abundância de líquidos, deixando-os densos. Conforme apontamentos de Neumann (2011, p. 55), esse uso costuma desprender “partículas de alimento em suspensão que tendem a carbonizar na parte mais alta da vasilha, entre os ombros e o pescoço”.

Da mesma forma, foi observado que vasilhames com volumetria menor, compreendidos como panelas, apresentam, além de carbonização nas partes mais altas da peça, depósitos carbônicos decorrentes do cozimento de alimentos pastosos, “como arroz e mingaus” (NEUMANN, 2011, p. 55). Quando a água do cozimento diminui, “é comum ocorrer carbonização no fundo da panela, onde o calor é mais forte, ou em pontos específicos, indicando a posição da panela ao fogo” (figura 47, a, b). Também há concentração de marcas de fuligem sobre a superfície externa das louças (NEUMANN, 2011, p. 56). Longos cozimentos ainda são descritos para o amolecimento de pinhões, frutos das araucárias, cujas exposições dos vasilhames no fogo deixam marcas salientes (NEUMANN, 2011, p. 55-56; SCHEUER, 1969). De acordo com Scheuer (1969, p. 7), esses vasilhames são chamados de “panela de boca”, “panela bojuda” ou “mutirão” (figura 47, c, d, e) e servem também para cozinhar “feijões e canjica” de milho, pirão e mingaus, bem como para ferver pinhões. Esses vasilhames apresentam paredes “projetadas externamente e curvadas internamente, bojudas, podendo ou não ter ombro e pescoço” ou “com corpo em forma elíptica, pescoço vertical, com bordas levemente inclinadas externamente” e com lábios arredondados, variando as alturas entre 28 e 45 cm. (SCHEUER, 1969, p. 7).

Pode acontecer da morfologia das panelas variar um pouco entre as formas de paredes, pescoço, bordas e altura, conforme a mão de cada “poteira”, mas dificilmente se distanciam deste formato. Ademais, apresentam aplicação de asas sobre a face externa, rente à borda, em posições opostas. Tiburtius (1968) questiona a funcionalidade dessas “asas”. Na maioria das situações descritas, ele classifica esses apêndices menores como ornamentações, por serem pequenos e frágeis, não servindo ao propósito de manejo dos recipientes. A decoração predominante nesse tipo de louça são os corrugados, escovados e entalhes empregados na face externa, sobre a base, bojo e pescoço das peças (SCHEUER, 1976, p. 64-65). Cascudo (1967, p. 167) descreve que o passadoio entre as comunidades se baseava no consumo de “peixe, fresco, salgado, sêco [...], tendo a farinha de mandioca por acompanhamento nos inevitáveis pirões e farofas complementares, avolumando o bolo alimentar”. Fazia-se o uso do “arroz, milho e feijões como auxiliares quando as quantidades não satisfaziam a todas as necessidades”. Os cozidos tinham a vantagem de fornecer caldos, sopas e pirões saborosos. “O caldo é a força da comida” (CASCUDO, 1967, p. 235). Alimentos ensopados são marcantes tanto na culinária indígena e africana quanto na portuguesa, fazendo parte de diferentes pratos dessas culturas. “Nos

campos, açordas e papas, caldos verdes e sopas enchiam malgas e tigelas bojudas, acoguladas de hortaliças e carne desfiada com legumes”. No desbravamento do território, esses alimentos eram indispensáveis e impulsionadores das aventuras afoitas (CASCUDO, 1967, 235).

Figura 47 - Vasilhame da coleção Araucária com morfologia de panelas de cozimento.





Legenda: Nas imagens a, b, c, a face interna dos vasilhames apresenta processos erosivos (a) e corrosivos (b) decorrentes do uso sobre o fogo em processos de fervura de longa duração e fermentação (c), com depósitos carbônicos. Na face externa dessas louças há fuligem escura e opaca e depósitos carbônicos no bojo e próximo das bases. Nas imagens d, e, há laminações, fuligens e carbonização próximos à borda. Na face externa, fuligens escuras e opacas no sentido base/bordas. As imagens a, d, e apresentam fraturas na borda dos vasilhames e nos apêndices. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT (2022). Fotografias.

Vasilhames com forma elíptica ou levemente arredondados, com paredes curvadas e borda contínua, de altura baixa, entre 5 e 15 cm (figura 48), são chamados de torradores e usados para torrar grão de café, assemelhando-se, em morfologia, com as frigideiras e tigelas usadas para fritar carnes, secar fumo em corda e servir alimentos já preparados.

Assemelham-se também com a morfologia de louças Guarani, como cambuchi caguabá, tembirú naembé e namôpyú, pois se apresentam com base arredondada, borda direta, contínua ou côncava, inclinada para fora, podendo ser de borda convexa

muito baixa, apenas vestigial, variando o tamanho entre grande e pequena, sendo rasa ou funda, com uso para torrar farinha de mandioca e assar beiju, servir e consumir alimentos (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; NEUMANN, 2009, 2011). A ornamentação, nesses vasilhames, se confunde entre acabamento funcional e decoração, e a aplicação de apêndices pode ocorrer em ambas as faces dos recipientes (TIBURTIUS, 1968; SCHEUER, 1976; SKIBO, 1992).

Essas peças utilizadas para o trato e o consumo das farinhas desempenham uma função basilar entre comunidades tradicionais, rurais e sertanejas. É sabido que foi a partir da farinha de mandioca que se fixou a base do sistema de alimentação. Pratos feitos à base de farinha de mandioca e, posteriormente, de milho, desempenham papéis importantes na alimentação indígena, africana e também portuguesa, tanto no passado quanto no presente. Esses alimentos são tradicionalmente consumidos por diferentes grupos étnicos dessas três culturas, mas têm um significado cultural profundo para os indígenas e africanos (CASCUDO, 1967; FREYRE, 2003).

Figura 48 - Vasilhames da coleção Araucária com morfologia de tigelas e um torrador.





f)

Legenda: Nas imagens a, b, vasilhames com apêndices em forma de asas na face interna. Na imagem e, vasilha com apêndice em forma de bolacha entre as faces interna e externa. Na imagem d, apêndice em forma de cabo chato. Na imagem f, torrador com decoração corrugada na face externa e na face interna incisos inter cruzados. Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT (2022). Fotografias.

Freyre (2003, p. 287) fala da “áspera cozinha do caboclo”, de muitos objetos e utensílios que passam a fazer parte da “cozinha laudável do mazombo⁴²”, que nada mais é “que uma assimilação do reinol, sujeita apenas às contingências ambientais” que se compõem da “presença de elementos aculturados, a persistência indígena e africana no reinol e na ementa das refeições cotidianas e da [...] parafernália doméstica para a cozinha [...] da louça de estanho, vidrada, branca de Lisboa, de barro vermelho [...]” que fez e manteve a vida da colônia. No entanto, foi a história que se fez de “palavras injustas em que vem esquecida, como sempre, a influência do negro e do índio sobre a vida e a cultura do brasileiro” (FREYRE, 2003, p.287).

⁴² Brasileiros, filhos de pais europeus, especialmente portugueses, do período colonial (contrastavam com os reinóis, nascidos na metrópole que posteriormente imigraram) ou pessoas culturalmente e etnicamente europeias nascidas no Brasil em geral. Reinol, próprio do reino, natural do reino. A pessoa natural do reino. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/brasileiro>. Acesso em: 20 de mai. 2023.

6.3 Cuscuz e cuscuzeiros: saberes e fazeres da cultura (i)material nas louças em barro da coleção de Guilherme Tiburtius

O cuscuz teve origem no norte da África, especificamente na região do Magrebe, e é uma iguaria amplamente consumida por diferentes povos que falam línguas afro-asiáticas, como os marroquinos e argelianos. O termo *kuskus* é de origem árabe e deriva da palavra berbere *seksu*, que significa bem enrolado, bem formado, arredondado. O cuscuz consiste em pequenos grãos de sêmola de trigo ou de outros cereais, como milho e cevada, que são cozidos no vapor e servidos com diferentes acompanhamentos, como carnes, peixes, legumes, molhos e condimentos. É um prato versátil, que pode ser preparado de diversas formas e com uma variedade de ingredientes e farinhas de acordo com as tradições e culinárias inspiradas em cada região (CASCUDO, 1967). Os berberes foram os criadores do cuscuz e o “trouxeram para África, Ocidental, Central, Atlântica, quando desceram nas campanhas invasoras pelo Níger e Congo, há doze séculos” (VAHREHVAH, 2023, s/p). O português conheceu e “usou o cuscuz tendo-o dos berberes, de tão velho e largo contato histórico”. Desse modo, o cuscuz era popular e largamente consumido em Portugal quando o Brasil apareceu na rota da Índia (CASCUCO, 1967, p. 189).

Assim, o cuscuz chegou às terras nacionais com os portugueses, por meio das incursões marítimas no período da colonização das Américas, quando o Atlântico foi espaço de trocas culturais e econômicas entre distintos grupos humanos, contribuindo para o intercâmbio de culturas alimentares. Dessa maneira, o cuscuz deixou de ser alimentação exclusiva das sociedades das costas atlântica e mediterrânea da África e “passou a ser feito de milho americano quando se irradiou pelo mundo ao correr do séc. XVI” (CASCUDO, 1967, P. 205; CONTRERAS; GRACIA, 2011). Cascudo (1967, p. 115) salienta que a intensificação do uso do milho foi simultânea à indústria oleira e que “oitenta por cento de sua utilização na alimentação foi dependente do vaso, vasilha, jarra, enfim, do barro cozido”.

Como tantas outras práticas, a comida típica e tradicional de um povo, que resiste ao tempo, embora sofra alterações em seus processos, é considerada um patrimônio cultural, bem como um elemento que contribui para a construção da identidade étnica de muitos grupos sociais (CONTRERAS; GRACIA, 2011). Foi por esse motivo que, em 16 de dezembro de 2020, durante a Conferência Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO),

o cuscuz foi adicionado à lista de patrimônios culturais imateriais, após os países Argélia, Marrocos, Mauritânia e Tunísia pedirem conjuntamente o tombamento imaterial sobre os saberes e as práticas da produção e consumo deste prato culinário como parte integrante de seu patrimônio cultural. A UNESCO (2003) e o IPHAN (2006) corroboram que patrimônio imaterial são práticas, representações, expressões, conhecimentos/saberes e técnicas — instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos “entendem como construção da identidade étnica”. Nesse sentido, Da Matta (1987, p. 22) coloca que a compreensão de que tanto a alimentação quanto o ato de comer acionam emoções, identidades sociais e pertencimento, “fazendo com que processos de construção e afirmação identitária de determinados grupos sociais busquem apoio nas práticas alimentares”. Ele defende ainda que a alimentação pode ser usada como um símbolo de uma identidade reivindicada para si, como é o caso do cuscuz.

Cascudo (1967) e Freyre (2003, p. 206) corroboram que, aqui no Brasil, o cuscuz é massa de milho pilada, temperada com sal, cozida ao vapor d’água e, depois, pode ou não ser umedecida com leite de coco, com ou sem açúcar: “Era, outrora, de feitura caseira e presentemente industrializada, vendido pelo Brasil inteiro [...] Fazem-no também de mandioca, arroz, macaxeira (aipim), inhame, mas o de milho é consumido numa proporção de 95%, cotidianamente”. Atualmente, o cuscuz é uma iguaria bem aceita e consumida tanto doce quanto salgada, do Norte ao Sul do território brasileiro, sendo a base alimentar de muitas comunidades históricas (FLANDRIN; MONTANARI, 1998; CASCUDO, 1967; MONTANARI, 2010). Nas palavras de Cascudo (1967, p. 207), certo “é que portugueses e africanos vieram para o Brasil conhecendo o cuscuz. Aqui é que ele se fez de milho e molhou-se no leite de coco”.

GT, durante as expedições de coleta das louças, também presenciou algumas delas em uso doméstico na preparação e no armazenamento de alimentos, assim como descreveu alguns processos, como o cozimento do cuscuz em vasilhame de forma composta de panela e forma (figura 49), na qual cozinhavam uma

[...] refeição de milho não completamente maduro [...] essa iguaria era preparada, ralando-se os grãos ainda moles do milho, com um ralo mesmo de lata. Misturando um pouco de sal à massa e derramando a massa sobre a parte central de uma peneira de folhas. A parte inferior

do vaso em forma de bola é enchida com água, até a altura da peneira. Quando esta evaporar, a comida está pronta. A comida é de bom gosto (TIBURTIUS, 1968, p. 22).

Tiburtius ainda pontua os 31 cuscuzeiros de sua coleção, que, “num confronto entre si”, apresentam-se com “formas diversas em tamanho e [técnica de] execução”. Há os com e sem alças. Os “lisos e os enfeitados” (figura 49). (TIBURTIUS, 1968, p. 22). Do mesmo modo, fala dos cuscuzeiros bem pequenos, que supõe que sejam para as crianças. Nesse sentido, Herta Scheuer (1976, p. 5) também descreve a confecção de peças em miniatura nos estudos das louças populares, acreditando que sejam “brinquedos para meninas” (TIBURTIUS, 1968, p. 22). Na análise desses vasilhames, foi possível observar a manutenção de elementos indígenas, como a aplicação da decoração corrugada na forma ou em toda a superfície dos vasilhames (figura 49, a, c, f). Elementos de matriz europeia também foram identificados, como a presença de asas e fundos planos. Além disso, componentes africanos, como o tratamento de superfície polido e estriado (figura 49, e) e a aplicação de filetes ou cordões na junção das peças (figura 49, d, e) foram identificados, assim como as decorações incisas nos cordões, bordas/lábios e asas (figura 49, b, d, e). Alguns desses atributos de decoração são compartilhados por esses grupos, somados às morfologias desses vasilhames, tornando-os peças híbridas que congregam e reverberam diferentes práticas e saberes desses povos.

Figura 49 - Vasilhames compostos de panela e forma (cuscuzeiros) do conjunto Araucária em diferentes tipos de confecção.





Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT (2022). Fotografias.

Observou-se que na coleção de GT também há outro vasilhame destinado ao preparo de cuscuz, formado por um pote/panela em que a forma (recipiente avulso com furos na base) é anexada em cima da panela destinada à água, que cozinha a massa do cuscuz no vapor (figura 50). Nos vasilhames compostos, a peneira é removível, sendo colocada sobre suportes na parte mais estreita do vasilhame, conforme mostrado na figura 41. De acordo com Gomes, Casemiro e Neto (2017, p. 3), vasilhames com essa morfologia de panela e forma separadas e usadas no preparo do cuscuz são de matriz africana, visto que “se trata de um tipo de peça criada especificamente para cozinhar cuscuz, proveniente da região do Magrebe”, ao Norte do continente africano, que, com o tempo, sofreu adaptações decorrentes das “relações transatlânticas” ocorridas no período da colonização das Américas, o que influenciou pessoas, processos e culturas. A decoração da parte superior da forma é incisa intercruzada ou arco secante (figura 50, d), atribuída aos saberes e práticas dos grupos africanos, conforme Morales (2001), Symanski (2010, 2012), Symanski e Gomes (2012) e Borba (2013).

Figura 50 - Vasilhames simples do tipo cuscuzeiro com forma e panela separadas.





d)

Fonte: MACHADO, Daniel. Louças em Barro Coleção GT (2022). Fotografias.

Em uma pesquisa desenvolvida sobre iconografia de cerâmicas cearenses em 2020, Atila Sousa Tahim (2021) desenvolveu um protótipo em barro (figura 51) de uma panela (cuscuzeira) com base em dados etno-históricos de vasilhames em barro utilizados pelos sertanejos na região Nordeste brasileira, que também é fortemente marcada pelas influências indígena, portuguesa e africana, principalmente na culinária, com suas “loiças de barro” (AMARAL, 2012, p. 17), sendo a vasilha de baixo

[...] grande e alongada de forma cilíndrica e que alarga a boca em formato de tronco de cone (onde a água é depositada), possui uma grelha com uma alça vertical que tampa a parte cilíndrica (onde a massa é depositada e cozinhada através de orifícios) e a tampa para manter o vapor do sistema de banho maria (TAHIM, 2021, p. 102).

Figura 51 - Panela de banho-maria tipo cuscuzeiro.



a)



b)

Fonte: TAHIM (2021); MACHADO (2022) - Louças em Barro Coleção GT. Fotografia.

A panela inferior desse protótipo se assemelha muito ao recipiente que Tiburtius (1968) aponta com a finalidade de lavar os pés (figura 51, b), no entanto, o vasilhame apresenta fuligem sobre as faces, dando a entender ainda outras formas de uso além desta descrita pelo pesquisador. Pela sua morfologia, esse vasilhame pode ser uma adaptação de panela para o cozimento de cuscuz. Salienta-se que outro recipiente similar a esse encontrado por Tiburtius foi descrito por Parellada (1997, p. 80) nas reconstruções dos vasilhames cerâmicos recuperados da antiga área urbana espanhola de *Villa Rica del Espiritu Santo*, no município de Fênix/PR, junto a outros tantos de uso doméstico, contudo, sem associação quanto ao uso e à finalidade. Cascudo (1967, p. 206) descreve que o “vaso para cozer-se o cuscuz, cuscuzeira, de barro, com borda alta e fundo mais estreito que a boca [...] denominava um formato de chapéu”, mas que nas terras do além-mar sofreu adaptações. Supõe-se que essas três formas de vasilhames (cuscuzeiros), uma composta de uma peça só (panela e forma juntas) e as outras duas em forma de conjunto com panela e forma separadas, sejam reproduções de saberes entrelaçados e compartilhados por grupos domésticos⁴³ que tinham, no uso do milho e de outras sêmolos, a base da sua alimentação.

Neste estudo, cabe ainda observar que as marcas de uso, a morfologia e a função dos vasilhames, além dos dados etno-históricos da região estudada, apontam que as louças em barro do conjunto analisado estão relacionadas a práticas alimentares, embora careçam de pesquisas mais aprofundadas, de modo a identificar, por meio de testes arqueométricos, quais foram os alimentos preparados nos vasilhames.

Ademais, cabe salientar que a maior parte das louças em barro foi angariada em contextos domésticos, em cabanas visitadas no entorno de Curitiba entre os anos de 1941 e 1942, o que corrobora com a descrição de hábitos alimentares e de subsistências de comunidades rurais e camponesas.

No entanto, ressalta-se que Tiburtius (1968, p. 2) também adquiriu outros vasilhames, que não fazem parte da coleção estudada, nos arredores de Curitiba, próximo ao Rio Barigui, que aparentemente foram retirados de sítios arqueológicos.

⁴³ Nesta pesquisa, é usado o conceito de grupo doméstico definido por Simanski (2008, p. 77), que se refere a “[...] um grupo de pessoas co-residindo em uma residência ou composto residencial, e que, até certo ponto, compartilham de suas atividades de manutenção e das decisões a ele relacionadas”.

Segundo este autor, um polonês “achou, em 30 cm de profundidade, 6 vasilhas de tamanho idêntico, junto com machados em pedra e socadores cilíndricos [relatou que] nestes locais a terra é escura”.

Em outro momento, Tiburtius faz menção a um senhor de 82 anos, cuja cabana já estava bem destruída e longe da estrada, que “mandava o neto ao mato próximo para retirar peças. Não pedia dinheiro, mas fazendas (tecidos coloridos) e pares de chinelos, moles e verdes” (TIBURTIUS, 1968, p. 18). O colecionador conta que recebeu deles “4 vasos grandes, uma panela de torrar, bem como pratos e vasos menores”. E refere-se também a outro homem, que retirou de uma vala próxima ao cemitério da localidade de Gancinho, em meio a um capinzal, “6 vasos, 1 panela grande e 4 menores”. (TIBURTIUS, 1968, p. 18). Próximo a essas peças ainda tinha “um cuscuzeiro fragmentado e machadinha de pedra polida e socador cilíndrico”. Também descreve que na localidade de Tietê achou “vasos junto com um pequeno machado em pedra, dentro de um vaso maior, sobre as vigas do telhado de cabanas abandonadas”, possivelmente recolhidos pelos antigos moradores do lugar (TIBURTIUS, 1968, p. 18).

Esses relatos dão a entender que algumas das louças do conjunto Araucária, assim como de outras da coleção de GT, são provenientes de antigas aldeias indígenas da região do entorno de Curitiba. Essas colocações corroboram com Dias Jr. (1988, p. 6) quando ele descreve materiais encontrados em sítios arqueológicos junto com louças da tradição arqueológica Neobrasileira. São artefatos da cultura indígena e, “no mesmo espaço dos sítios com a presença da cerâmica supracitada [neobrasileira], há ocorrência de cachimbos cerâmicos” e de artefatos líticos, “como lâminas de machado de tradição indígena”. No conjunto de louças em barro Araucária, três peças são referentes a cachimbos, e nas fichas catalográficas de algumas das louças, GT faz menção a achados em rocha e lâminas de machado. Assim, pode-se dizer que nem todas as louças da coleção estudada foram confeccionadas por comunidades de caboclos do entorno de Curitiba, mas, sim, que algumas foram produzidas por grupos indígenas que habitaram a região em outros tempos.

6.4 Considerações finais do artigo

Para fins de considerações finais, a literatura pesquisada e os cadernos de campo de GT, juntamente com os demais dados analisados, evidenciam o uso das

louças por comunidades rurais que habitavam a região do entorno de Curitiba na época do angariamento das peças, nos anos 1940. Da mesma maneira, as análises das marcas mecânicas e físico-químicas feitas no conjunto Araucária corroboram com outros resultados de estudos similares sobre usos e funções de louças e cerâmicas etnográficas e/ou históricas, associados a hábitos alimentares desse contexto.

Cabe dizer que marcas mecânicas e físico-químicas também podem acontecer nos vasilhames quando eles são descartados pelos grupos ou quando são recolhidos por colecionadores e pesquisadores, sendo tratados/higienizados nas reservas técnicas dos museus. Isso demonstra que as marcas podem aparecer em qualquer fase da vida social de um objeto, por diferentes ações e usos. Cabe lembrar que essas marcas que estão gravadas nas faces desses vasilhames demonstram parte de sua trajetória e de sua história. E este estudo tentou distinguir as diferentes marcas conforme o uso das peças.

Além disso, por meio do estudo das marcas de práticas e saberes ligados à alimentação, pode-se compreender os valores, os significados e as representações de diferentes grupos sociais. As formas como foram escolhidos, produzidos, armazenados, adquiridos, preparados e servidos os alimentos estão intrinsecamente ligadas à cultura e à organização social. Os objetos e os utensílios utilizados na preparação da comida também desempenham um papel importante na construção e na manutenção da identidade cultural. Certos pratos, como o cuscuz, com seus ingredientes e modos de preparo, podem ser considerados elementos simbólicos que refletem tradições, crenças, hábitos, acesso a recursos naturais e influências históricas de uma determinada cultura, gerando um sentimento de pertencimento e identidade.

Dessa maneira, uma análise das práticas alimentares permite uma compreensão mais profunda da cultura e da organização social de um grupo, revelando aspectos fundamentais da identidade coletiva. Percebe-se que o consumo do cuscuz nas terras nacionais está fortemente associado à chegada dos colonizadores portugueses e dos escravos africanos ao Brasil, o que trouxe influências culinárias que se misturaram com os ingredientes e as técnicas locais, tanto no preparo do alimento quanto na confecção do vaso em barro para o cozimento da massa. Isso levou à adaptação do cuscuz, incorporando a ele novos ingredientes e métodos de preparo que resultaram em uma diversidade de receitas e formas de apresentação.

Os conhecimentos e as técnicas culinárias desses grupos étnicos também tiveram um papel significativo na formação da culinária brasileira. O uso de louças de barro, por exemplo, é uma prática que ainda persiste em algumas comunidades do país e é influenciada pelos saberes indígenas e africanos. Além disso, pratos típicos, como o barreado no litoral do Paraná, as moquecas baianas, as caldeiradas e o cuscuz nordestinos, continuam a ser preparados e servidos em louças de barro, que também refletem a diversidade cultural presente na culinária brasileira, incorporando influências indígenas, africanas e portuguesas. Esses pratos são preparados e apreciados em diferentes regiões do Brasil, preservando as tradições e os sabores transmitidos ao longo dos anos. Observa-se, assim, que a cozinha brasileira é resultado de trocas culturais, nas quais os elementos híbridos são incorporados às heranças indígena, africana e reinol (portuguesa). No entanto, é importante ressaltar que as influências negra e indígena na culinária brasileira vão além das louças em barro, abrangendo uma variedade de ingredientes, técnicas e sabores presentes em pratos típicos de diferentes regiões do país.

Referências

ALMEIDA, Graciele Tules de. **O patrimônio arqueológico guarani no litoral norte de Santa Catarina**: um estudo a partir de acervos cerâmicos e questões de etnicidade. 320 f. 2017. Dissertação. (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville, Joinville. 2017.

ALVES, Maria Cristina. **Maria Cristina Alves**. Entrevista [abril, 2021] . Entrevistadora: Rosane Patricia Fernandes. Itapoá, 2021. Entrevista concedida ao Projeto: As louças em barro da coleção Guilherme Tiburtius: um estudo a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas.

AMARAL, Denise. **Loiça de Barro do Agreste**. Um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana. 373 f. **Dissertação** (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

BORBA, Fernanda. Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul (Santa Catarina). **Revista Confluências Culturais**, v. 2, n. 2, p. 71-72, 2013.

BROCHADO, José Proenza, MONTICELLI, Gislene, NEUMANN, Eduardo Santos. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas: Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, v. 35, n. 140, p. 706-726, 1990. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt->

BR&as_sdt=0%2C5&q=brochado+jos%C3%A9+1990&btnG . Acesso em: 09. set. 2022.

BROCHADO, José Proenza. What did the Tupinambá cook in their vessels? An humble contribution to ethnographic analogy. **Revista de Arqueologia**, v. 6, n. 1, p. 40-88, 1991. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/SAB/article/view/83>. Acesso em: 12. abr. 2023.

CASCUDO, Câmara, L. **História da alimentação no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Global, 1967. 456 p.

CAVALCANTI, M. L. M. **História dos Sabores Pernambucanos**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2010.

CONTRERAS, Jesús, GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. 496 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250999/mod_resource/content/1/Contreras%2C%20J.%20Garcia%2C%20M.%20Alim%2C%20.pdf. Acesso em: 07. mai. 2023.

CHMYZ Igor. Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. Segunda edição revista e ampliada. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, ano 1, n. 1, p.119-148,1976.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. **Relatório de Impacto Ambiental** - Rima Operação Urbana Consorciada Linha Verde – Curitiba/Pr. Diagnóstico Sobre o Patrimônio Arqueológico. IPPUC Curitiba. 2011. 62 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299285020_RELATORIO_DE_IMPACTO_AMBIENTAL_-_RIMA_OPERACAO_URBANA_CONSORCIADA_LINHA_VERDE_-_CURITIBAPR_DIAGNOSTICO_SOBRE_O_PATRIMONIO_ARQUEOLOGICO/link/56f0513408ae584badc931af/download . Acesso em: 13 fev. 2020.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**, Curitiba, V. 6, p. 1-147. 2009.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.128 p.

DANTAS, Vladimir J.; ANDRADE LIMA, Tânia. **Pausa para um banquete**: análise de marcas de usos de vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe. Aracaju: Editora UFS, São Cristóvão, 2014. 203 p.

FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo, SP: Estação da Liberdade, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2003. 319 p.

GOMES Varela Rosa, CASIMIRO, Tânia, NETO José L. Acerca do consumo do cuscuz na alimentação açoriana - achegas para o seu estudo. Atlântida. **Revista de Cultura** 62. p. 2-12. 2017. https://www.academia.edu/35817776/Acerca_do_consumo_de_cuscuz_na_alimenta%C3%A7%C3%A3o_a%C3%A7oriana_-_achegas_para_o_seu_estudo . Acesso em: 18. jul. 2023.

IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,e%2C%20em%20alguns%20casos%20os>. Acesso em: 09. jun. 2023.

LA SALVIA, Fernando, BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre/RS: Posenato Arte e Cultura, 1989. 176 p.

LÉVI-STRAUSS, C. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MORALES, W.F. A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p.165-187, 2001.

NOELLI, F. S., SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/166053>. Acesso em: 27 set. 2020.

NOELLI, F. S., SALLUM, M. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da Cerâmica Paulista. **Revista. Museu Arqueologia. Etnografia**, n. 34, p. 132-153. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/166053>. Acesso em: 27 set. 2021.

NEUMANN, M. A. **Ñande Rekó**: diferentes jeitos de ser Guarani. 161 f. Dissertação (Mestrado em história) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. RS. 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15902>. Acesso em: 13 fev. 2020.

NEUMANN, M. A. Questões metodológicas para a análise das marcas de uso na cerâmica Guarani arqueológica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, suplemento, v. 8, p.225-230, 2009.

NEUMANN, M. A. Distribuição das marcas de uso e especificidades funcionais para a cerâmica Guarani pré-colonial. **Revista de Arqueologia**. v. 24 n. 1. P. 52-64.2011.

PARELLADA, Cláudia. I. **Um tesouro herdado**: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo / Fênix-PR. 1997, 386 f. Dissertação (Mestrado

em Antropologia). Universidade Federal do Paraná. Departamento de Antropologia. Curitiba - PR. 1997.

PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, 1994. 369 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4829037/mod_resource/content/1/O%20povo%20brasileiro%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20sentido%20do%20Brasil.pdf Acesso em: 19.jan. 2023.

SALDANHA, R. M. **Histórias, Lendas e Curiosidades da Gastronomia**. Rio de Janeiro: SENAC, 2011. 101p.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 318 p.

SCHEUER, Herta Loell. Estudo de um Núcleo de cerâmica popular: Baía das Laranjeiras, Paraná, BR. Secretaria da Educação e Cultura, **Arquivos do Museu Paranaense**. Nova Série. Etnologia, nº1, Curitiba-PR. 1969.

SCHEUER, Herta Loell. **Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976. 137p.

SYMANSKI, Luis. Práticas econômicas e Sociais no Sertão Cearense no Século XIX: Um olhar sobre a cultura material dos grupos domésticos sertanejos. **Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, v. 21, n.2, p.73-96, São Paulo. 2008.

SYMANSKI, Luis. Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

SYMANSKI, Luís Claudio Pereira, GOMES, Denise Maria Cavalcante. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 20, p. 053-090, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaism/a/LKQWf3XwQxH9YQRD6KSH7cb/?lang=pt&format=html> . Acesso em: 19. mai. 2022.

SHEPARD, Anna O. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington DC (EUA): Carnegie Institution of Washington, 1956. 414 p.

SKIBO, J.M. **Pottery Function: A Use-Alteration Perspective**. New York, Plenum Publ.Co.1992. 222 p.

SKIBO, J.M. **Understanding Pottery Function**. New York, Springer. 2013. 200 p.

TAHIM, Atila Ulisses de Sousa. Rostos na Terra do Sol: Pesquisa Iconográfica de Design Cerâmico Cearense / Atila Ulisses Tahim de Sousa Tahim. – 2021. 148 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (graduação) – Universidade Federal do Ceará,

Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2021. Acesso em: 17.jan. 2023.

TIBURTIUS, Guilherme. Ältere Hauskeramik aus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien. *Anthropos. Sonderabdruck, International Review of ethnology and linguistics*. Band 63, 1968. Internationale Zeitschrift für Völker- und Sprachkunde. Fribourg, 50-75 p. 1968. (Texto Traduzido).

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2003, Disponível em < <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> > Acesso em: maio de 2023. > https://www.unesco.org.translate.google/pt/culture?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc. Acesso em: 13.jun. 2023.

VASCONCELOS, Bruna Oliveira. **Marcas de uso em fragmentos cerâmicos: sítio Itapemuu**. 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/bitstream/riufs/7245/2/Bruna_Oliveira_Vasconcelos.pdf. Acesso em: 21.jan. 2023.

VAHREHVAH. <https://www.vahrehvah.com/indianfood/couscous-from-morocco.tunisia> **Live** (em inglês). Faten Bouraoui. Disponível em: <https://www.sfgate.com/news/article/Morocco-s-Berbers-Battle-to-Keep-From-Losing-2941557.php>. Acesso em: 09.jun. 2023.

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e a redução jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno**. 319 f. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-12082009-154227/publico/TDE_Silvana_Zuse.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a cultura material de modo interdisciplinar pelos olhares da arqueologia e da museologia não se mostrou tarefa simples, tampouco tranquila, mas foi de grande aprendizado, uma vez que este estudo foi atravessado por uma pandemia. Nele, buscou-se responder qual a origem, produção, uso e circulação das cerâmicas etnográficas da coleção de Guilherme Tiburtius (GT), antes e depois de serem acervo museológico, explorando a vida social dos objetos nos contextos históricos, culturais, sociais e políticos de sua trajetória e das apropriações por que passou. Apesar dos contratempos, o desenvolvimento deste estudo possibilitou conhecer com maior propriedade a coleção, a riqueza do corpo documental do colecionador e pesquisador Tiburtius, que faz parte do acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), e as comunidades que existiam no entorno de Curitiba/PR em meados do século XX por meio das peças de cerâmica que elaboraram.

Para isso, o estudo foi desenvolvido em cinco artigos. O primeiro tratou da história de vida e do trabalho de GT, revelando um percurso impressionante de determinação e perseverança que o fez reunir, ao longo de muitos anos de pesquisa e colecionismo, um rico e diverso acervo arqueológico, histórico e etnográfico que se transformou num significativo legado cultural, científico e educacional. A trajetória da coleção até a sua musealização no MASJ foi marcada pela paixão incansável de GT pela cultura e pela arqueologia, embora tenha passado por diferentes dificuldades políticas e sociais vinculadas à sua prática de colecionador. Seu trabalho contribuiu não só para a preservação do patrimônio cultural dos estados do Paraná e de Santa Catarina, mas para o enriquecimento do conhecimento sobre a história brasileira.

No segundo artigo, foi abordada a materialidade como cultura, documento e fonte histórica, tendo os objetos como expressões tangíveis da cultura que reverberam crenças, valores, práticas, tecnologias, tradições e formas de expressão de um determinado grupo social ao longo do tempo. E como os objetos e a cultura material desempenham um papel fundamental na sociedade e têm uma importância significativa em várias dimensões da vida humana. Além disso, falou-se da institucionalização de coleções como bens culturais e seu valor e de como acervos de museus assumem um objetivo essencial para a pesquisa científica em diversas áreas do conhecimento.

O artigo terceiro, por sua vez, teve uma função estruturante para a pesquisa, fornecendo uma base sólida de estudos sobre a produção de cerâmicas, sua evolução ao longo do tempo e o contexto das comunidades ceramistas tradicionais do Primeiro Planalto Paranaense, bem como contextualizando as cerâmicas da tradição arqueológica Neobrasileira e sua importância no estudo da cultura material brasileira.

Por fim, no quarto e quinto artigos, foram abordadas as louças do conjunto Araucária, da coleção etnográfica de GT, com suas características, atributos técnicos e morfológicos, suas marcas e usos, descrevendo a relação dessas peças de barro enquanto objetos reveladores de hábitos alimentares de comunidades tradicionais rurais.

Desse modo, com o objetivo de responder a problemática da pesquisa em questão, conclui-se que a origem das cerâmicas etnográficas da coleção de GT remonta às comunidades tradicionais rurais do estado do Paraná, que se formaram ao longo do desenvolvimento daquele território e produziram parte desses objetos a partir de suas práticas e saberes culturais cotidianos e domésticos. As técnicas de produção, os materiais utilizados e os estilos morfológicos das louças do conjunto Araucária, aqui estudado, refletem a identidade cultural daquelas comunidades, que viveram no entorno de Curitiba e que incorporaram influências de outros grupos sociais em sua cultura material. Há, nas peças, uma permeabilidade seletiva de elementos indígenas, europeus e africanos, resultado de apropriações culturais que se materializam na produção de louças em barro híbridas. Observa-se esse hibridismo por meio da predominância do uso da técnica de roletado na confecção dos vasilhames, no estilo e na morfologia, assim como na forma e na fixação dos apêndices (asas, alças ou cabos), na preferência por bases planas e nos elementos decorativos presentes nas peças, como os motivos ungulares, incisos, corrugados e escovados e a aplicação de roletes e filetes decorados em suas junções ou sobre o pescoço e a borda. Os cuscuzeiros do conjunto Araucária são os vasilhames mais expressivos desse hibridismo. Esses aspectos são consistentes no acervo estudado, bem como corroboram com observações feitas por outros pesquisadores do campo.

É importante ressaltar que, em pesquisas futuras, deve-se dar atenção à interpretação do aplique de asas na face interna dos vasilhames elípticos e em forma de meia calota (frigideiras, torradores e tigelas), a fim de discutir sua finalidade na louça, se decorativa ou funcional. A aplicação de asas na face interna das peças mostrou-se uma situação incipiente, quase ausente na literatura sobre o tema. Com a

mesma importância, pontua-se a necessidade de explorar de forma mais detalhada as pinturas presentes nos recipientes, principalmente aquelas relacionadas à simbologia cosmológica ou religiosa.

Ainda referente à procedência das louças, cabe salientar que alguns relatos presentes na publicação *“Ältere Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien”*, de Guilherme Tiburtius (1968), e também em anotações das fichas documentais das cerâmicas, apontam que parte dos vasilhames de sua coleção são provenientes de sítios arqueológicos indígenas da região do entorno de Curitiba. Assim, pode-se dizer que nem todas as louças do conjunto estudado foram confeccionadas por comunidades rurais do entorno de Curitiba, mas que algumas foram produzidas por grupos indígenas que habitaram a região noutros tempos. Posto isso, abrem-se novas possibilidades de pesquisa para essa coleção.

Antes de se tornarem parte do acervo museológico, essas louças eram objetos funcionais, utilizados para armazenar alimentos, preparar e servir refeições, realizando um papel essencial nas atividades domésticas e nos rituais dessas comunidades. Eram peças utilizadas no dia a dia e sua técnica de confecção era transmitida de geração em geração, carregando consigo histórias, memórias e significados culturais. A trajetória desses objetos até se tornarem parte do acervo do MASJ envolveu diferentes contextos, visto que passaram por processos distintos de circulação, uso e abandono, assim como foram objetos de trocas e de disputa nos campos social, cultural e científico, até chegarem à fruição pública em um novo contexto de valorização e interpretação por meio da fundação do MASJ, em 1972, como descrito no artigo “Uma história de vida nas sendas e objetos de uma coleção” desta tese. Da mesma forma, são documentos históricos que testemunharam a continuidade e as experiências culturais, permitindo uma compreensão mais profunda de contextos socioculturais de comunidades do passado que podem ajudar a reconstruir narrativas históricas e ampliar o conhecimento sobre as culturas e os modos de vida de diferentes períodos e povos.

A coleta dessas peças por GT, nos anos 1940, evidencia um interesse do pesquisador e colecionador pela preservação da cultura material e pela história das comunidades históricas do Paraná. Afinal, através dessa coleta, ele buscou documentar e resguardar a diversidade cultural, as práticas e os saberes sociais daqueles povos. Em meio a essa prática de colecionismo, Tiburtius também angariou outros objetos, de natureza histórica e arqueológica, que motivaram disputas políticas

e sociais pela posse da sua coleção particular quando ela foi colocada à venda. Ao se tornarem parte de um acervo museológico, as louças sofreram uma transição que implicou em uma mudança na sua função e no seu significado. Elas deixaram de ser apenas utensílios domésticos para se tornarem objetos detentores de valores histórico, cultural e artístico. No entanto, pouco se sabia sobre esses objetos, seus locais de origem, suas características e seus traços, que permitem conhecer grupos sociais raramente contemplados pelas historiografias oficiais, como os de populações pobres que viveram em áreas rurais, cujas origens estão nos negros e indígenas.

No contexto do museu, essas louças ganham uma nova vida social e podem ser agentes que reverberam a identidade das comunidades que as confeccionaram e usaram e que fazem parte da história e do patrimônio cultural brasileiro a partir do estado do Paraná, de acordo com a narrativa museal empregada a elas dentro da nova museologia. Do mesmo modo, as louças de barro podem ser objeto de diferentes estudos acadêmicos/científicos, inspirar artistas contemporâneos, ser utilizadas em exposições temáticas ou em eventos culturais diversos. Os diferentes usos desses patrimônios culturais demonstram algumas das apropriações que esses objetos ainda podem sofrer associados a outras circulações, que manterão vivos os saberes e fazeres daquelas comunidades, ao mesmo tempo que permitem compreender a diversidade cultural dos povos e a importância do patrimônio material na construção da identidade e da memória de uma sociedade.

Quanto aos objetivos propostos, os dados etno-históricos articulados às dimensões, às características morfológicas, à técnica de confecção, à composição da pasta, à queima, ao tratamento de superfície e à decoração dos vasilhames que compõem o conjunto Araucária revelaram que esses vasilhames se assemelham às louças descritas nos anos 1960 pelo PRONAPA e por estudiosos do assunto como pertencentes à tradição arqueológica e cultural Neobrasileira, vinculada à fase Lavrinha, que se desenvolveu no contexto doméstico de comunidades tradicionais rurais que habitavam a parte correspondente ao alto e médio Rio Iguaçu, no estado do Paraná. Ademais, evidenciou-se que essas louças estavam associadas a funções alimentares, em conformidade com os dados bibliográficos mobilizados e confrontados com as análises realizadas de cada peça do conjunto pesquisado. Demonstrou-se a predominância de potes maiores em forma de vaso sem apêndices (asas, alças ou cabos), seguidos de potes diversos, de tamanhos médios e pequenos.

As panelas são as mais comuns, seguidas pelos cuscuzeiros, depois tigelas e frigideiras, sendo os torradores os menos abundantes. De acordo com a história do desenvolvimento da alimentação do Paraná e com base nas marcas físico-químicas persistentes nesses recipientes, pode-se dizer que foram, sim, usados na preparação e no consumo de alimentos e bebidas quentes, visto que mais de 90% das louças preservam marcas decorrentes do uso sobre o fogo. Além disso, destacam-se os cuscuzeiros e o cuscuz neste estudo, por ser um alimento que foi declarado patrimônio imaterial pela UNESCO no ano de 2020, assim como por fazer parte dos saberes, dos fazeres e dos hábitos alimentares das comunidades tradicionais rurais pesquisadas que também tinham no milho e em outras farinhas sua base primária de alimentação.

Por fim, para efeito de resultado, pode-se dizer que o estudo das marcas de uso em louças de barro descreve práticas e saberes referentes à alimentação, o que permite compreender valores, significados e representações de diferentes grupos sociais. Esses resultados corroboram com outros estudos sobre o uso e as funções de louças e cerâmicas etnográficas e históricas. A partir deles, é possível obter *insights* sobre a vida cotidiana, as práticas culinárias e as tradições dessas comunidades, além de enriquecer o conhecimento sobre a cultura material e a história da região do Primeiro Planalto Paranaense. É sabido que no Museu Tingüi-Cuera e no arquivo histórico do município de Araucária não existem informações, tampouco vasilhames ou louças em barro feitas por comunidades tradicionais rurais daquela região, portanto, sugere-se que sejam fomentadas parcerias entre essas instituições e o MASJ para que sejam feitas atividades educativas e culturais sobre esse patrimônio cultural da cidade. Nesse sentido, também serão compartilhadas as fotografias das louças, a tese e o catálogo digital com tais instituições, a fim de proporcionar informações e materiais que possam subsidiar ações de educação patrimonial sobre a cultura material das comunidades tradicionais rurais que ali viveram e partilharam saberes e fazeres.

É importante destacar que a influência do negro e do indígena na vida e na cultura brasileira, incluindo a alimentação, muitas vezes foi negada pela historiografia. No entanto, os conhecimentos e as técnicas culinárias desses grupos étnicos tiveram um papel significativo na formação da culinária brasileira. O uso de louças de barro, por exemplo, é uma prática que ainda persiste em algumas comunidades do país e que foi influenciada pelos saberes indígenas, africanos e portugueses. Pratos típicos, como o barreado no litoral do Paraná, as moquecas baianas, as caldeiradas e o

cuscutz nordestinos continuam a ser preparados e servidos em pratos de barro, refletindo a diversidade cultural presente na culinária brasileira e incorporando influências indígenas, africanas e portuguesas. Esses pratos são apreciados e preservam as tradições e os sabores transmitidos ao longo dos anos.

É importante ressaltar que as influências negra e indígena na culinária brasileira vão além das louças em barro, abrangendo uma variedade de ingredientes, temperos, utensílios, técnicas e sabores presentes em pratos típicos de diferentes regiões do Brasil. Outros estudos são pertinentes e necessários para melhor entender o contexto e a dieta alimentar daquelas comunidades, assim como identificar o tipo de alimento que era preparado nas louças. Nesse contexto, sugerem-se análises arqueométricas⁴⁴.

É necessário destacar ainda que essa é a primeira pesquisa que estudou sistematicamente parte da coleção etnográfica de cerâmicas de GT como objeto científico. Outros estudos apenas a mencionaram incipientemente, embora sua importância seja significativa para a construção de uma história de longa duração e para a compreensão dos saberes e das práticas das comunidades históricas e rurais que viveram no estado do Paraná. Os objetos cerâmicos etnográficos possuem um potencial significativo de pesquisa, especialmente considerando os diversos contatos entre grupos no passado e como eles cumpriam suas necessidades e organizavam suas vidas socialmente.

Por fim, o estudo visou a elaborar um inventário/catálogo virtual com imagens e características da coleção estudada que possa ser usado para ações de educação patrimonial e divulgação científica. Para atingir esse objetivo, os vasilhames foram analisados e as informações foram organizadas em fichas tecno-tipológicas (apêndice 2) para subsidiar a produção do catálogo em *e-book*. Além de trazer as informações técnicas das louças, o material será composto de cinco textos/artigos: o primeiro apresentando a história da coleção de louças etnográficas de GT e o MASJ; o segundo tratando da cultura material como documento histórico; o terceiro falando da Alimentação como patrimônio cultural e social dos povos a partir dos seus saberes e fazeres; o quarto versando sobre morfologia, estilo e decoração de vasilhames

⁴⁴ Análises arqueométricas são técnicas científicas das áreas da física, química, biologia e demais ciências com o objetivo de estudar objetos do patrimônio cultural, e têm sido cada vez mais empregadas por museus e profissionais das áreas de arqueologia e história da arte para estudar objetos de alto valor histórico, artístico e cultural. Disponível em: <http://www.uel.br/grupos/gfna/arqueometria.html>. Acesso em: 20 de mai. 2023.

cerâmicos históricos; e o quinto e último abordando o processo de musealização e preservação da memória a partir dos objetos.

Com a publicação desse catálogo, espera-se promover e democratizar o acesso e o compartilhamento do conhecimento produzido no meio acadêmico. Como consequência, ganham destaques os processos de institucionalização, preservação e difusão de bens culturais, problematizando as questões de atribuição e construção de sentidos e valor patrimonial às coleções etnográficas musealizadas. Além disso, acionando os museus como espaços sociais transformadores, vivos e que possibilitam, por meio de seus acervos, experiências criadoras de significado ao público que atendem, mobilizam-se diferentes categorias do patrimônio e conceitos da musealização, partindo dos objetos e memórias de grupos sociais que, por vezes, sofrem o apagamento de suas práticas culturais. Almeja-se que esse material produzido seja útil na construção da presença digital das instituições culturais e científicas nacionais na internet e nas redes sociais, com vistas a potencializar a importância social dos museus.

Posto isso, acredita-se que tenha sido atendido o proposto nesta pesquisa — investigar e interpretar a trajetória das cerâmicas etnográficas de GT, de sua produção à musealização, em seus processos histórico e cultural, bem como em seus aspectos sociais e políticos associados à circulação, à função, aos usos e aos hábitos alimentares de comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Graciele Tules de. **O patrimônio arqueológico guarani no litoral norte de Santa Catarina**: um estudo a partir de acervos cerâmicos e questões de etnicidade. 320 f. 2017. Dissertação. (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville, Joinville. 2017.

ALVES. Maria Cristina. **Maria Cristina Alves**. Entrevista [abril, 2021]. Entrevistadora: Rosane Patricia Fernandes. Itapoá, 2021. Entrevista concedida ao Projeto: As louças em barro da coleção Guilherme Tiburtius: um estudo a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas.

AMARAL, Denise. Loíça de Barro do Agreste. Um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana. 373 f. **Dissertação** (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

ANDRADE, Berlano. B. F. de. Os desdobramentos do debate sobre os conceitos de Natureza e Cultura em Tim Ingold. REIA- **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, ano 3, volume Especial I, p.23-33, 2016.

APARO. Ermanno. **A cultura cerâmica no design da joalheria portuguesa**. 2010, 386 f. Tese. (Doutorado em Design) Universidade de Aveiro. Departamento de Artes, Aveiro, 2010.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. 400 p.

ARAUJO, Astolfo G. M. **Por uma arqueologia cética**: ontologia, epistemologia, teoria e prática da mais interdisciplinar das disciplinas. Curitiba: Editora Appris, 2019. 381 p.

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. **Revista de Estudios Extremeños**, v. 60, n. 3, p. 925-956, 2004. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/107116> Acesso em: 27. fev. 2021.

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de 3 de abril de 1961.

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de 7 de outubro de 1963.

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de 18 de novembro de 1963.

ATA da Reunião da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização de fevereiro de 1965.

AZEVEDO NETTO, C.X; SOUZA, A. J. de. A importância da cultura material e da Arqueologia na construção da História. **Revista História Unisinos**. V. 14, n. 1, p. 62-76, Jan/abril. 2010, disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/4707> Acesso em: 02. dez. 2020.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 4. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 232 p.

BAUDRILLARD, Jean. **Senhas**. Rio de Janeiro: Difel, 2001. 84p.

BEBER Marus Vinícius. **O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro**: o caso da Tradição Taquara-Itararé. 2004, 289 f. Tese. (Doutorado em História). Universidade do Vale do Sinos-UNISINOS. São Leopoldo-RS 2004.

BENOIST, Lionel. **Musées et Muséologie**. Paris, Press Universitaire de France. 1971.

BIGARELLA, Iris k. **Iris K. Bigarella**. Entrevista. [abril de 2022] Entrevistadora: Rosane Patricia Fernandes. Itapoá 2022. Entrevista concedida ao Projeto: As louças em barro da coleção Guilherme Tiburtius: um estudo a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas.

BIGARELLA, João José. Depoimento. Seminário comemorativo do centenário de nascimento do prof. dr. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). Anais. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, N. Esp. v. 3, p. 19-30. 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/214689432-Depoimento-joao-jose-bigarella.htm>. Acesso em 03. mar. 2022.

_____. **Matinho**: homem e terra, reminiscências. 3 ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2009

. _____. **et al. Sambaquis**, Curitiba, Pr: Posigraf, 2011.

BLASI, O.; CAVALHEIRO, A.C.M.; PONTES FILHO, A. Projeto das Operações Arqueológicas de resgate nas áreas da barragem e reservatório do Rio Irai - Região metropolitana de Curitiba: **Relatório Final** 1999/2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 160 p.

BLOM, Philipp. **Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 303p.

BOEIRA, Daniel A. **Os dez primeiros anos do Núcleo Colonial Anitápolis (1907-1917)**. Monografia (Graduação em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/482/daniel_alves_boeira.pdf. Acesso em 08. dez. 2021.

BORBA, Fernanda. Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul (Santa Catarina). **Revista Confluências Culturais**, v. 2, n. 2, p. 71-72, 2013.

BORGES, Luiz C; CAMPOS, Márcio D'Olne. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência. In: Tereza Scheiner, Marcus Granato. (Org.). Encontro Regional do

BOWRY, Stephanie Jane. **Re-Thinking the Curiosity Cabinet: A study of visual representation in Early and Post Modernity**. 2015, 305 f. Tese (doutorado). School of Museum Studies, University of Leicester, UK, 2015.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Lithographica Ypiranga, 1981. 730 p.

BRASIL. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. Política Nacional de Museus: **relatório** de gestão 2003-2006. [Brasília]: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2006. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/relatorio_de-gestao_2003_2006_1.pdf. Acesso em: 06. Junho. 2020.

BROCHADO, José B. **Alimentação na Floresta Tropical**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, Caderno n. 2, 1977.

BROCHADO, José Proenza *et al.* Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 12, p. 3-33, 1969. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/480>. Acesso em: 05. mai. 2021.

BROCHADO, José Proenza, MONTICELLI, Gislene, NEUMANN, Eduardo Santos. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guaraní arqueológicas. **Veritas: Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, v. 35, n. 140, p. 706-726, 1990. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=brochado+jos%C3%A9+1990&btnG . Acesso em: 21.jan. 2023.

BROCHADO, José P., MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guaraní a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.2, p.107-118, 1994.

BROCHADO, José Proenza. What did the Tupinambá cook in their vessels? A humble contribution to ethnographic analogy. **Revista de Arqueologia**, v. 6, n. 1, p. 40-88, 1991. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/SAB/article/view/83>. Acesso em: 12. abr. 2023.

BRUNO, C.O.; AFONSO, M.; GUEDES, S.P.L de C.; ALVES, M.C. Um olhar museológico para arqueologia: a exposição Pré-História Regional de Joinville (Santa Catarina). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n1. São Paulo: EDUSP,

1:113-129,1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/issue/view/8163>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BRUNO, Maria Cristina. Estudos de Cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: **Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências afins – MAST, p.14-25. 2009.

BURKE, James, ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 350.

BURKE, Peter. Hibridismo Cultural. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5219582/mod_resource/content/2/BURKE%2C%20Peter.%20Hibridismo%20Cultural.%20Editora%20Unisinos%2C%202010.pdf Acesso em: 15. fev. 2022.

CANDAU, Joel. Bases Antropológicas e expressões mundanas na busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1., 2010. P. 43 – 58, 2009. Disponível em: <http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>. Acesso em 11 out 2022.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de Museus, um Desafio Contemporâneo: **Diagnóstico Museológico e Planejamento**. Porto Alegre: Mediatriz. 2013. 240 p.

CANOTILHO, M. H. P. C. **Processos de cozedura em cerâmica**. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2003. (Séries Estudos, 60). Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/203>. Acesso em: 09. set. 2021.

CARMO JUNIOR, S. P. **O projeto ponta de projétil: gestão tecnológica dos caçadores- 95 coletores do alto Iguaçu**, Paraná, 2015. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/42979>. Acesso em : 21.jan. 2023.

CASCUDO, Câmara, L. **História da alimentação no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Global, 1967. 456 p.

CAVALCANTI, M. L. M. **História dos Sabores Pernambucanos**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2010.

CECCON, Roseli Santos. Em busca de uma arqueologia brasileira: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970. 2011. 171 f. **Dissertação** (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CERQUEIRA, F.V. O testemunho da iconografia dos vasos áticos dos séculos VI e V a.C.: Fundamentação teórica para sua interpretação como fonte para o conhecimento da cultura e sociedade da Grécia Antiga. **História em Revista**, UFPEL, Pelotas, p. 117-138, 2005.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. **Revista Museu**. p.11-25 2005. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>. Acesso em: 18. set. 2020.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica**. Lisboa: Editorial Estampa, 2004. 192 p.

CHMYZ, Igor. José Loureiro Fernandes e a arqueologia brasileira. **Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, v. 10, p. 43-105. 2006.

CHMYZ I. Nota prévia sobre o sítio PR PG 1: abrigo sob rocha Cambiju. **Estudos Brasileiros**, Curitiba, 1976, 2, p. 231-246.

_____. Sétimo relatório de pesquisas realizadas na área de Itaipu (1981-83). **Projeto Arqueológico Itaipu**, n. 7, p. 1-106, 1983.

_____. A Pré-História Paranaense. História do Paraná. **Ideias em Debate, Curitiba**, v.5, p.7-26, 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301201715_A_PREHISTORIA_PARANAE_NSE/link/570bf10508ae8883a1ffdf7/download. Acesso em 12 de maio de 2021.

_____. Novas contribuições para o estudo do Sambaqui de Matinhos, no Estado do Paraná. **Arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 1-55, 2003.

CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Médio e Baixo Rio Iguaçu, Paraná. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969. Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**, Publicações Avulsas n. 15, p.87-114, 1971.

_____. Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. Segunda edição revista e ampliada. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, ano 1, n. 1. p.119-148, 1976.

_____. Pesquisas de arqueologia histórica em Curitiba. **Círculo de Estudos**, Curitiba, v. 20, n.17, p. 59-80, 2003.

CHMYZ, I., SGANZERLA, Eliane M., VOLCOV, Jonas E., BORA, Eloi, CECCON, Roseli S. A arqueologia da área da LT 750 kV Ivaiporã-Itaberá III, Paraná - São Paulo. **Arqueologia - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**. Curitiba, V. 5, p. 1-305, 2008.

_____. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná. **Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**, Curitiba, V. 6, p. 1-147. 2009.

_____. **Relatório de Impacto Ambiental** - Rima Operação Urbana Consorciada Linha Verde – Curitiba/Pr. Diagnóstico Sobre o Patrimônio Arqueológico. IPPUC Curitiba. 2011. 62 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299285020_RELATORIO_DE_IMPACTO_AMBIENTAL_RIMA_OPERACAO_URBANA_CONSORCIADA_LINHA_VERDE_CU

RITIBAPR_DIAGNOSTICO_SOBRE_O_PATRIMONIO_ARQUEOLOGICO/link/56f0513408ae584badc931af/download . Acesso em: 13 fev. 2020.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.163 p.

CONTRERAS, Jesús, GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. 496 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250999/mod_resource/content/1/Contreras%2C%20J.%20Garcia%2C%20M.%20Alim%2C%20.pdf. Acesso em: 07. mai. 2023.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – **ICOM**. Brasil. Disponível: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em 3 de dez. 2022.

COOPER, Emmanuel. **Historia de la cerámica**. Barcelona: Ediciones CEAC.1999. 224 p.

COSTA, Menezes Diogo; VIANA, Sibebe. Materializando a história: o passado humano através da cultura material. **Mosaico**. Revista de História. v.12, p. 03-13, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7316/pdf>. Acesso em: 02. out. de 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.128 p.

DANTAS, Vladimir J.; ANDRADE LIMA, Tânia. **Pausa para um banquete**: análise de marcas de usos de vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe. Aracaju: Editora UFS, São Cristóvão, 2014. 203 p.

DAVALLON, Jean. **Le Don du patrimoine** : Une approche communicationnelle de la patri-monialisation. Paris : Hermès Sciences-Lavoisier, 169-171. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/39894525/Le_don_du_patrimoine. Acesso em: 13 fev. 2022.

_____. À propos des régimes de patrimonialisation: enjeux et questions. Actas... Patrimonialização e sustentabilidade do património: reflexão e prospectiva, Nov 2014, Lisboa, Portugal, 2014. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-01123906/document>. Acesso em: 13 fev. 2022.

DIÁRIOS ASSOCIADOS DE SANTA CATARINA. **Acervo documental**. Jornal. DIÁRIOS ASSOCIADOS DE SANTA CATARINA 17 de outubro de 1972.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**. Pelotas – RS. v. 2, n.3, p. 27-46, 2010. Disponível em:https://www.persee.fr/doc/pumus_1766-2923_2007_num_9_1_1434_t9_0169_0000_1 . Acesso em: 08 mai. 2022.

DE BLASIS, P., Sabine Eggers, Marta Lahr, Levy Figuti, Marisa C. Afonso & Maria Dulce Gaspar. **Sambaquis e paisagem dinâmica natural e arqueologia regional do sul do Brasil**. Arqueologia Suramericana. Departamento de Antropología, Universidad del Cauca (Colombia), Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de Catamarca (Argentina). 3 (1):29-61, 2007.

DEMINICIS, R. B. A escrita da História do Brasil através dos vasilhames cerâmicos das populações subalternas: o papel atual da Arqueologia. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 73–88, 2017. DOI: 10.24885/sab.v30i1.503. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/503>. Acesso em: 11 jul. 2021.

DIAS JR., O. A cerâmica neo-brasileira, Arqueo-IAB. *In*: **Textos Avulsos do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém.v.1, p. 3-13, 1983.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índice para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007.

DIAS JR., Ondemar. A cerâmica neo-brasileira. Arqueo-IAB, **Textos Avulsos**, Rio de Janeiro: v. 1. 1988. Disponível em: <http://www.arqueologia-iab.com.br/publications/download/74> Acesso em 06.mar.2021.

DIETLER, Michael; HERBICH, Ingrid. Habitus, techniques, style: an integrated approach to the social understanding of material culture and boundaries. **The archaeology of social boundaries**, v. 232, p. 263, 1998.

DUARTE, Adelaide Manuela. **Da coleção ao museu. O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal, na segunda metade do século XX. Contributos para a história da museologia**. 2012, 740 f. Tese (Doutorado em Museologia e Património Cultural) - Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2012.

EWBANK, Cecília de Oliveira, Emanuel de LIMA FILHO. Por detrás de uma coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro: vozes, silêncios e desafios», **MIDAS** [Online], 8 | 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/1233>. Acesso em 26.set. 2019.

FAVERI, Marlene de. A repressão no governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do eixo durante a segunda guerra mundial. **Revista Cena Internacional**, v. 8, n. 2, p.193-216, 2006. disponível em:[p.https://biblat.unam.mx/hevila/CENAIInternacional/2006/vol8/no2/7.pdf](https://biblat.unam.mx/hevila/CENAIInternacional/2006/vol8/no2/7.pdf). Acesso em 11. nov. 2022.

FERNANDES, Loureiro. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 6 de setembro de 1946.

FERNANDES, R. P.; BANDEIRA, D. R. A coleção etnográfica de cerâmicas caseiras de Guilherme Tiburtius – cultura material e história da região de Araucária (PR). **Revista Confluências Culturais**, v. 9, n. 1, p. 104-116, 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. 304 p.

FERREIRA, Luiza. Gomes. Classificações instáveis e permeáveis: cultura material africana nos museus. **Revista Brasileira do Caribe**, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/660>. Acesso em: 19 out. 2021.

FLANDRIN, Jean-Louis, MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo, SP: Estação da Liberdade, 1998.

FONSECA, Alice; BÓRIA P. Renato. Definindo o valor histórico: uma reflexão sobre patrimônio. **Revista Horizonte Científico**. v. 2, n. 2., p. 1-39, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4056> Acesso em: 22. jan. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2003. 319 p.

FUNARI, Pedro Paulo. (Org). **Cultura material e arqueologia histórica**. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, 1998, 317 p.

GASPAR, Maria Dulce. **Os sambaquis**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 2012p.

GOMES FERREIRA, Luzia. Classificações instáveis e permeáveis: Cultura material africana nos museus. **Revista Brasileira do Caribe**. 2011, XI(22):79-99. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1591/159121748005.pdf>. Acesso em 29. nov. 2019. (p.80).

GOMES Varela Rosa, CASIMIRO, Tânia, NETO José L. Acerca do consumo do cuscuz na alimentação açoriana - achegas para o seu estudo. Atlântida. **Revista de Cultura** 62 (2017): 2-12. https://www.academia.edu/35817776/Acerca_do_consumo_de_cuscuz_na_alimenta%C3%A7%C3%A3o_a%C3%A7oriana_-_achegas_para_o_seu_estudo . Acesso em: 18. jul. 2023.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2007. 252 p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 60, p. 14-42, 2005.

_____. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro, Garamond, 2007. 256 p.

GOURHAN, André Leroi. O gesto e a palavra 1: técnica e linguagem. **Lisboa, Edições**, v. 70, 1985. 240 p.

GOWERT dos Reis, M. OBERHAUSEN Albernaz, R.A mercantilização cultural e o processo participativo de patrimonialização de bens culturais. **En Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Outubro 2014, www.eumed.net/rev/cccss/30/patrimonializazao.html. Acesso em: 12. jul. 2020.

GUARNIERI, Waldísia Rússio Camargo. A difusão do patrimônio: novas experiências em museus, programas educativos e promoção cultural. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). Waldísia Rússio Camargo Guarnieri. **Textos e contextos de uma trajetória profissional**. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria do Estado de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. p. 164-175. 2010.

GUTIERRE, Marina Duarte. **Memória e identidade através dos objetos**: o caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – 113 f.: il. – Dissertação (Mestrado Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas, Pelotas, 2015.

HARTOG, François. **Régimes d'historicité**. Présentisme et expériences du temps. Paris: Éditions du Seuil, p.479-483. 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/osp/752>. Acesso em: 23. fev. 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Doutrina de Kant dos Princípios Transcendentais. Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992. 235 p.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart, TRESSERAS, Jordi Juan. **Gestión del patrimonio cultural**. Barcelona: Editorial Ariel, 3ª ed., 2007. 238 p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/pdf/1117>. Acesso em: 03. mar. 2020.

HODDER, Ian. **The archeology of contextual meanings** Cambridge: Cambridge University Press, 1987. v. 1.

_____. **Entangled: an archaeology of the relationships between humans and things**. Wiley-Blackwell: Malden, 2012. 252p.

_____. The contextual analysis of symbolic meanings.1987. In: PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge,p. 12-13. 1994.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Araucária – Paraná (PR)**. 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/araucaria.pdf>. Acesso em: 09. set. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cadernos de cidades e estados**. Araucária código: 4101804. 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/araucaria.html>. Acesso em: 09. set. 2021.

ICOFOM LAM. **Termos e Conceitos da Museologia**: Museu Inclusivo, Interculturalidade e Patrimônio Integral. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins / UNIRIO, p. 112-124, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 392 p.

_____. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2007.

_____. Trazendo as Coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt>. Acesso em: 19. jan. 2020.

_____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes. 2015. 390 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM) Museus em Números/Instituto Brasileiro de Museus Brasília: **Instituto Brasileiro de Museus**, 2013. 240 p., 29,7 cm, vol. 1. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf. Acesso em: 03. out. 2020.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC_Nosso Bairro: Ganchinho / Lucimara Wons, Coord. Curitiba: IPPC, 2015. Disponível em: a. <http://www.ippuc.org.br>. Acesso em 23/02/2023.

IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas,e%2C%20em%20alguns%20casos%20os>. Acesso em: 09. jun. 2023.

IPHAN/SC,2005,p.99).Disponível em:http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi_RoteirosNacionaisImigracao_SantaCatarina_v1_m.pdf. Acesso em: 01. mai. 2022.

JOINVILLE. PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Tradução de Maria Thereza Böbel. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura/ IPHAN/ Demu, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, p. 19-32. 2006.

LA SALVIA, Fernando, BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani**. 2ª ed. Porto Alegre/RS: Posenato Arte e Cultura, 1989. 175 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1986. 60 p.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 2009. 73 p.

_____. **Reagregando o social** – uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. 476 p.

_____. Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Editora, 2005. 427p.

_____. **Documento e Monumento**. Disponível em: <http://ahr.upf.br/download/TextoJacquesLeGoff2.pdf>. Acesso em março de 2020.

LÉVI-STRAUSS, C. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 248 p.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1978. 55p.

LIMA, Tânia Andrade. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan. /abr. 2011. Acesso em agosto de 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1.pdf> . Acesso em: 21.jun. 2020.

_____. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centrosul do Brasil. Antes de Cabral: **Arqueologia Brasileira II**. Revista USP, São Paulo, n. 44, p. 270-327, dez./fev.1999/2000.

LIVEIRA, M. A. S. A. A biografia cultural das coisas: aporte metodológico para o estudo do turismo. **RESGATE** – Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, v. 23, n. 30, p. 29-42, jul./dez. 2015.p.38.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377-404, 2010.

MACHADO, Brasil Pinheiro. O estudo da história regional (uma nota prévia).In: **Questões e Debates**. Curitiba: APNA. ano 2, n. 3, p.103-108, dez. 1981.

MACHADO, J. S. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. Rev. do **Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.15-16, p. 87-111, 2005-2006.

MARQUES, Marcélia, HILBERT, Klaus. Coisas colecionadas: um jeito (conceitual e intuitivo) de lidar com a cultura material. **Métis: história e cultura**, Rio Grande do Sul, v. 8., p. 43-72, 2011.

MARANCA, Sílvia. A Arqueologia brasileira e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) dos anos 60. Arqueologia. **Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**[S.l: s.n.], 2007. Disponível em: <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/view/111/132>. Acesso em: 12 jun. 2021.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. 2. ed. São Paulo: Rumo, 1944. 197 p.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Torino: Einaudi, 1968.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996. 292 p.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 248 p.

MENEGAT, Rualdo. **Epistemologias e o espírito do colecionismo** (editorial). IN: Episteme/ Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, nº 20, jan./jun.2005, p. 05-12. Disponível em: https://www.academia.edu/35256487/A_Epistemologia_e_o_esp%C3%ADrito_do_colecionismo. Acesso em 03.dez. 2021.

MENESES, U. Para que serve um museu histórico. *In*: Como explorar um museu histórico. São Paulo: **Museu Paulista/USP**, 1992.

MENDOZA, Celina A. Lértora. ¿Por que hacemos colecciones? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 217-228, jan. jul., 2005. Disponível em: <https://zenodo.org/record/6551050/files/episteme-21-24-mendoza.pdf>. Acesso em 26. abr. 2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, 115, 103-117, 1983. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404483/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20A%20cultura%20material%20no%20es](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4404483/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20A%20cultura%20material%20no%20estudo%20das%20sociedades%20antigas.pdf) tudo%20das%20sociedades%20antigas.pdf. Acesso em: 04. Mar. 2020.

_____. Identidade cultural e patrimônio arqueológico brasileiro. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 33-37, 1984.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n.21, p., 1998. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_material_ulpiano_meneses.pdf. Acesso em: 04 mai. 2022.

MILLER, Daniel. **Material culture and mass consumption**. Oxford, Basil Blackwell, 1987. 240p.

_____. Things ain't what they used to be. In: PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, p.13-17.1994.

_____. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 248 p.

MOLES, Abraham. Objeto e Comunicação. In: MOLES *et al.* **Semiologia dos Objetos**. Petrópolis: Vozes, p. 9-41.1972.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MORALES, W.F. A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, p.165-187, 2001.

MOURÃO, NADJA MARIA, OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro, MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira. (2018) A cerâmica como patrimônio cultural de povos e territórios: recortes da antiguidade ao Vale do Jequitinhonha. In: **Anais do X Fórum Mestres e Conselheiros - Agentes Multiplicadores do Patrimônio**. Anais...Belo Horizonte (MG) Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xmestres/105344-A-CERAMICA-COMO-PATRIMONIO-CULTURAL-DE-POVOS-E-TERRITORIOS--RECORTES-DA-ANTIGUIDADE-AO-VALE-DO-JEQUITINHONHA>>. s/p. Acesso em: 19. set. 2020.

MOTA, Lúcio T. **História do Paraná: relações sócio-culturais da pré-história a economia cafeeira**. Maringá: Eduem, 2012. 120 p.

NEUMANN, M. A. Questões metodológicas para a análise das marcas de uso na cerâmica Guarani arqueológica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, suplemento, vol 8.p.225-230. 2009.

NEUMANN, M. A. Distribuição das marcas de uso e especificidades funcionais para a cerâmica Guarani pré-colonial. **Revista de Arqueologia**. Vol. 24 n. 1. 2011.

NEUMANN, M. A. Questões metodológicas para a análise das marcas de uso na cerâmica Guarani arqueológica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, suplemento, v. 8, p.225-230, 2009.

NOELLI, Francisco S. O mapa arqueológico dos povos Jê no sul do Brasil. In: K. Tommasino, L.T. Mota & F.S. Noelli (eds.), **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Editora da UEL, p. 17-55, 2004. 430 p.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/JN7ndNWNnfxFb3mbCVfLfSn/?lang=pt>. Acesso em: 23.jan. 2020.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de inerência da Cerâmica Paulista. **Revista. Museu Arqueologia. Etnografia**, n. 34, p. 132-153. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/166053>. Acesso em: 27 set. 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. **Revista: Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

NOVAIS, Roberto. (1956, 30 de setembro) Um Conjunto de Objetos Preciosos Para o Estudo da Pré História e Antropologia. **JORNAL DIÁRIO DO PARANÁ**, Ed.00454, 20/32.Disponível em: [http:// memoria.bn.br/DocReader/761672/12562](http://memoria.bn.br/DocReader/761672/12562). Acesso em 13.set. 2021.

OLIVEIRA, Carlos Estevão. A cerâmica de Santarém. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v.3, 1939. p.7-32. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=23&busca=&pagina=4>. Acesso em: 12.mai. 2021.

NICOLODI, Emília. **Mapas** da localização do município de Araucária/PR.

_____. **Mapa** das localidades de coleta das louças em barro da coleção Araucária na área rural do município.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves. “Biografia cultural das coisas”: aporte metodológico para o estudo do Turismo. **Resgate - Revista Interdisciplinar de Cultura**. Campinas, v.23, n.30, p. 29-42, jul./dez. 2015. Disponível em><https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/download/8645804/13102/18528>. Acesso em: 19 out. 2021.

OLIVEIRA, Célia. **Biografias e coleções: um caso de estudo**. A Coleção de Postais Ilustrados do Coronel José Marcelino Barreira. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2013.

_____. **Coleções e colecionadores**: as práticas de colecionar, motivações e simbologias. **Museologia & Interdisciplinaridade**, V. 6, n. 12, Jul./ Dez. 2017.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves. “Biografia cultural das coisas”: aporte metodológico para o estudo do Turismo. **Resgate - Revista Interdisciplinar de Cultura**. Campinas, v.23, n.30, p. 29-42, jul./dez. 2015. Disponível em><https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/download/8645804/13102/18528>. Acesso em: 19 out. 2021.

OLIVEIRA, Cláudia *et al.* ESTUDOS DO PROCESSO DE QUEIMA DA CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERRA DO EVARISTO I–BATURITÉ-CE/BRASIL. In: **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207. 2016. p. 116-135. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=oliveira+et+al+2016%2Bqueima&btnG=. Acesso em: 29.mai. 2022.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; VIANA, Sibeli Aparecida. Pré-História da Região Centro-Oeste do Brasil. **Revista Eletrônica Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología**, Goiânia, 2000. p. 1-10 .Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo:oliveira-2000/Oliveira_Viana_2000_Pre-Historia.pdf . Acesso em: 03 jun. 2021.

OLSEN, B. Material culture after text: re-membering things. **Norwegian Archaeological Review**, v. 36, n. 2, p. 87-104, 2003. Disponível em:

<http://ewa.home.amu.edu.pl/Olsen,%20Material%20Culture%20After%20Text.pdf>. Acesso em 23. nov. 2019.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 192 p.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8212981-Documentacao-museologica-e-gestao-de-acervo.html>. Acesso em 12 mar. 2020.

PARELLADA, Cláudia. I. **Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo / Fênix-PR**. 1997, 386 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Paraná. Departamento de Antropologia. Curitiba - PR. 1997

_____. Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé-Taquara: Dados Etnohistóricos e o Acervo do Museu Paranaense. **Revista Arqueologia**. 2008, v. 21, p. 97-111. In: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/view/2845/2450>. Acesso em janeiro 2016. Acesso em: 14. mar. 2021.

_____. Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [S. l.], n. 27, p. 158-167, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/137300>. Acesso em: 27 jul. 2021.

_____. Arqueologia em Prudentópolis: memórias e patrimônio no Paraná. In: RAMOS, O.F. & OLINTO, B.A. 2020. **Prudentópolis: cultura, história e sociedade**. Guarapuava: Ed. da Unicentro, p.69-100. 2020.

PARELLADA, Cláudia I. CREMONEZE, C., BATTISTELLI, E., SARAIVA, M.P. Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes. Curitiba: **Provopar** Ação Social, 64p., 2006. www.artenossa.pr.gov.br . Acesso em: 21. out. 2021.

PARELLADA, Claudia, I. **Relatório final de atividades do Programa Arqueológico da Barragem Piraquara II**, Paraná, sul do Brasil. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/14856897/Relat%C3%B3rio_de_Atividades_do_Programa_Arqueol%C3%B3gico_da_Barragem_Piraquara_II_Paran%C3%A1_sul_do_Brasil . Acesso em: 09. Jan. 2022.

KNAUSS, Paulo; LENZI, Isabel; MALTA Marize. (Org.) **A História do Rio em 45 objetos**. 53ed.Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2019. 371 p.

PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge,1994. 369 p.

_____. Museu: Instituição de Pesquisa. **MAST Colloquia**, Rio de Janeiro, v.7, p. 12-21, 2005. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/940/1/mast_colloquia_7.pdf. Acesso em 12 mar. 2020.

PEREZ, G. C., PEZZI RASTEIRO, R., TERHAAG MERENCIO, F., MÜLLER, I. da S. Revisitando análises de cerâmicas no sul e sudeste brasileiro. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 196–216, 2021. DOI: 10.24885/sab.v34i1.820. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/820>. Acesso em: 12. jul. 2021.

PIAZZA, Walter F. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 39-44, 1969.

POMIAN, Krzysztof. Coleções. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 1. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 51-86. 1984.

POMIAN, Krzysztof. – Coleção.I, in: **Enciclopédia Einaudi – Memória-História**. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984. [http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20\(1984b\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b).pdf) Acesso em: 14. mar. 2020.

POMIAN, Krzysztof. – Coleção.I, in: **Enciclopédia Einaudi – Memória-História**. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984. [http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20\(1984b\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b).pdf) Acesso em 15.mar. 2020.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223> . Acesso em: 03. jun. 2019.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Disponível em: <https://xdocz.com.br/doc/poulot-uma-historia-do-patrimonio-no-ocidente-sec-xviii-a-xxi-introducao-p-9-37-d8m3ez7ymgop>. Acesso em 01.mai. 2020.

_____. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 160 p.

PRATS. Lorenç. El Concepto de Patrimonio Cultural. **Política y Sociedad**, n. 27, p. 63-76. 1998.

_____. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social** n. 21, p. 17-35, 2005.

_____. La mercantilización del patrimonio: entre la economía turística y las representaciones identitárias. **Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico**, n. 58, p. 72-80, 2006.

POVEDA Martínez, Ana María. La institución del museo: origen y desarrollo histórico. **En Publicaciones Didácticas**, nº 96, Julio 2018. pp. 80-112. Disponível em: <https://vdocuments.net/la-institucion-del-museo-origen-ydesarrollohistorico-2020-8-13-title-the.html>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PREFEITURA DE ARAUCÁRIA. História do município. Disponível em: <https://araucaria.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/49>. Acesso em: 23. nov.2019.

PREFEITURA DE ARAUCÁRIA. História do município. Disponível em: <https://araucaria.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/49>. Acesso em: out. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). **Acervo documental**. Livro Ouro Guilherme Tiburtius. Depoimento André Prous. 1952.

_____. **Acervo documental**. O ESTADO DO PARANÁ, Jornal. Ano III, n.628, 27 de setembro de 1953.

_____. **Acervo documental**. Livro Ouro Guilherme Tiburtius. Depoimento MC Becker, 1962.

_____. **Acervo documental**/Jornal A NOTÍCIA, 23/07/1963.

_____. **Acervo documental**/Jornal GAZETA DO POVO, ano de 1971.

_____. **Acervo documental**/Jornal GAZETA DO POVO, ano de 1979.

_____. **Relatório/Projeto de Pesquisa 1992**. Joinville, 1992.

_____. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Tradução de Maria Thereza Böbel. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996. 75p.

_____. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). **Relatório 1972-1997**. Joinville, 1997.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Distrito Federal: Editora da UNB, 1992. 627 p.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros**. A pré-história de nosso país. 2a edição revista. ZAHAR. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2004. 102 p.

RAMBO, Pe. Balduino **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Porto Alegre, 04 de abril de 1956.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. n.4 p. 265-282. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a18v4n1.pdf>. Acesso em: 09. ago. 2020.

RIBEIRO, B. G. A linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, D. (ed.). **Suma etnológica brasileira**. v. 3: Arte Índia. 1983. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. p. 15-27. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/suma%3Avol3p11-27/vol3p15-27.pdf>. Acesso em: 02. set.2019.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4829037/mod_resource/content/1/O%20povo%20brasileiro%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20sentido%20do%20Brasil.pdf Acesso em: 19.jan. 2023.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. M. Teoria e métodos na análise cerâmica em Arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 8, p. 287-294, 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1998.109555>. Acesso em: 18 jun. 2021.

RODRIGUES, B. G., FACCIO, N. B. **Análise da cerâmica do sítio arqueológico Turvo II- SP**. São Paulo: Programa de Formação Complementar/UNESP, 1998.

ROHR, Pe. João Alfredo. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 26 de janeiro de 1963.

_____. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 4 de abril de 1963.

_____. **[Correspondência]**. Destinatário: Guilherme Tiburtius. Florianópolis, 24 de maio de 1963.

SALDANHA, R. M. **Histórias, Lendas e Curiosidades da Gastronomia**. Rio de Janeiro: SENAC, 2011. 101p.

SANTOS, Aline G. dos. SILVA, Jacionira Coelho. História escrita na cerâmica arqueológica. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar** Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI. 2012, p. 1-10.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da Alimentação no Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 318 p.

SCHEUER, Herta L. **A tradição cerâmica popular**. São Paulo: Escola de Folclore, Ed. Livramento, 1976. 135 p.

SCHEUER, Herta Loell. Estudo de um Núcleo de cerâmica popular: Baía das Laranjeiras, Paraná, BR. Secretaria da Educação e Cultura, **Arquivos do Museu Paranaense**. Nova Série. Etnologia, nº1, Curitiba-PR. 1969.

_____. **Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976. 135p.

SCHIFFER, M.B. **The material life of human beings. Artifacts, behavior and communication**. London/NY: Routledge, 1999. 176 p.

SCHKALEI, Cleiton Alexandre. Índios, caboclos e europeus: uma percepção sobre os pioneiros no estado do Paraná. **Anais do VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais e II Jornada de Pesquisadores sobre a questão agrária no Paraná**. Ponta Grossa-PR, p.1-9, 2014. Disponível em: <https://memoria.apps.uepg.br/seet/>

content/uploads/sites/5/2014/08/%C3%8DNDIOS-CABOCLOS-E-EUROPEUS.pdf
Acesso em: 12. dez. 2021.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Memórias VI: A pré-história de um Museu. História da gestação do Museu do Sambaqui. O idealismo constrói um museu.** Joinville: Impressora Ipiranga, 1999. 291p.

SEYFERTH, Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 61-88, 1999.

SGANZERLA, Eliane M.; CHMYZ, Igor; VOLCOV, Jonas E.; MIGUEL, Rucinere; CAVALHEIRO, Antônio C. M. Arqueologia do Contorno Leste de Curitiba. **Arqueologia**, Curitiba, v.7, p.1-79, 1996. Disponível em: <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/download/52/86>. Acesso em: 02. jun. 2021.

SHEPARD, Anna O. **Ceramics for the Archaeologist.** Washington DC (EUA): Carnegie Institution of Washington, 1956. 414 p.

SILVA, Fabíola A. As tecnologias e seus significados. **Revista Canindé**, Xingó, n. 2, dez. 2002. p. 120. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2000.tde-03122013-165920>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SILVA, Leandro Surya Carvalho de Oliveira. **Continuidade: grupos ceramistas pré-históricos na área do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí.** 2006. Dissertação, 137 f. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2006 https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/633/1/arquivo2340_1.pdf. Acesso em: 02 jun. 2021.

SILVA, Priscila Gonçalves Ferreira da. **A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade “germânica”.** 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) Universidade da Região de Joinville UNIVILLE, Joinville, 2017.

SIMÕES, Mário Ferreira. Índice das fases arqueológicas 1950-1971. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n.18, p. 1-75, 1972. Disponível em :<http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/503> Acesso em: 07 mai. 2021.

SKIBO, J.M. **Pottery Function: A Use-Alteration Perspective.** New York, Plenum Publ.Co.1992. 222 p.

_____. **Understanding Pottery Function.** New York, Springer. 2013. 200 p.

SKIBO, J. M., SCHIFFER, M. B. **People and Things: A behavioral Approach to Material Culture.** New York: Springer Science+Business Media, 2008.

SOARES. Antonio Carlos. Conceitos outros: as coisas e a Virada Ontológica. Dossiê Arqueologia e Ontologia. **Oficina do historiador**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan.-jun. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Rosane/Downloads/36312->

Texto%20do%20artigo-160071-2-10-20200613%20(2).pdf. Acesso em: 13. set. de 2020.

SOARES, Bruno César Brulon. As coleções de museus criam conexões: percursos da musealização no Musée du Quai Branly. Anais da 725 **VI Semana Nacional de Museus** na UNIFAL-MG, volume V, 2014, p. xxii-xxxvi.

_____. **Descolonizando a Museologia**. vol 1 .Museus, Ação Comunitária e Descolonização (Bruno Brulon Soares org.) Published in Paris, ICOM/ICOFOM, 2020.

SOUZA, Flávia Cristina Antunes de. **A preservação do patrimônio arqueológico em Joinville/SC**: desamontoando conchas e evidenciando memórias. 111 f. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SUANO, Marilene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101 p.

SYMANSKI, Luís Claudio Pereira, GOMES, Denise Maria Cavalcante. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 20, p. 053-090, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaism/a/LKQWf3XwQxH9YQRD6KSH7cb/?lang=pt&format=html> . Acesso em: 19. mai. 2022.

SYMANSKI, Luis. Práticas econômicas e Sociais no Sertão Cearense no Século XIX: Um olhar sobre a cultura material dos grupos domésticos sertanejos. **Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, v. 21, n.2, p.73-96, São Paulo. 2008.

_____. Cerâmicas, identidades escravas e crioulização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

TAHIM, Atila Ulisses de Sousa. Rostos na Terra do Sol: Pesquisa Iconográfica de Design Cerâmico Cearense / Atila Ulisses Tahim de Sousa Tahim. – 2021. 148 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2021. Acesso em: 17.jan. 2023.

TAMANINI, Elizabete. **Museu Arqueológico de Sambaqui: um olhar necessário**. 169 f. Dissertação (Mestrado Faculdade de Educação, Campinas) Universidade Estadual de Campinas.SP. 1994. Disponível em: www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253850. Acesso em: 20. jul. 2021.

TIBURTIUS, Claudio. **Claudio Tiburtius**. Entrevista. [julho. 2022] Entrevistadora: Rosane Patricia Fernandes. Itapoá 2022. Entrevista concedida ao Projeto: As louças em barro da coleção Guilherme Tiburtius: um estudo a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas.

TIBURTIUS, Ewaldo. **Ewaldo Tiburtius**: entrevista [mai. 2016]. Entrevistadora: Priscila Gonçalves Ferreira da Silva. Curitiba, 2016. Entrevista concedida ao Projeto

A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade germânica.

TIBURTIUS, Guilherme. Ältere Hauskeramikk aus der Umgebung vom Curitiba, Paraná, Südbrasilien. *Anthropos. Sonderabdruck, International Review of ethnology and linguistics*. Band 63, 1968. Internationale zeitschrift für völker-und sprachenkunde. Fribourg. p. 50-75. 1968 (Texto Traduzido).

TILLEY, Christopher. Interpreting material culture. 1990 In: PEARCE, Susan M. (Org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, p. 67-75. 1994.

_____. Objectification. In: Tilley, Chris, KEANE, Webb, Küchler, Susanne, Rowlands, Mike, Spyer, Patricia (Eds.). **Handbook of Material Culture**. London: Sage, p. 60-73. 2008.

TURCHETTI, Natália Gomes. **A história em cacos**: a cultura material Jê pré-colonial - Sítio Lito cerâmico Mato Seco, São Gonçalo do Abaeté - Minas Gerais. 2018, 134f. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Federal de São João Del-Rei. Minas Gerais, 2018. <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoNataliaTurchetti.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2003, Disponível em < <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> > Acesso em: maio de 2023. > https://www.unesco.org.translate.google/pt/culture?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc. Acesso em: 13.jun. 2023.

UNESCO. Disponível <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-frompast-to-the-future/>> . Acesso em: 13. ago. 2020.

VALENCIA Villa, Carlos; GIL, Tiago. **O retorno dos mapas [recurso eletrônico]**: sistemas de informação geográfica em história / Carlos Valencia Villa, — Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016. 516p. Disponível em: <http://lhs.unb.br/Valencia&Gil.%20O%20retorno%20dos%20Mapas.pdf> . Acesso 01.abr. 2023.

VARINE-BOHAN, Hugues de. Passado e presente dos museus. In: ROJAS, Roberto (Org.). *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

VASCONCELOS, Bruna Oliveira. **Marcas de uso em fragmentos cerâmicos**: sítio Itapemuu. 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/bitstream/riufs/7245/2/Bruna_Oliveira_Vasconcelos.pdf Acesso: em: 12. jan. 2023.

VAHREHVAH. <https://www.vahrehvah.com/indianfood/couscous-from-morocco.Tunisia> **Live** (em inglês). Faten Bouraoui. Disponível em: <https://www.sfgate.com/news/article/Morocco-s-Berbers-Battle-to-Keep-From-Losing-2941557.php>. Acesso em: 09.jun. 2023.

VELTHEM, Lucia Hussak van. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre

novos sentidos e análises. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, pp. 51-66, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/xYrSMkw9N7hnkyhxDkMY3gt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13. Jan. 2020.

VOLCOV Elias. Jonas. **Cerâmica Tupiguarani e os processos de interação cultural no alto Rio Iguaçu**, Pr. 2011, 168 f. Dissertação. Pós-Graduação em Antropologia Social, Área de Concentração em Arqueologia. Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/27058>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia**, Curitiba, v. 5, 1986, p. 117-130.

_____. **Maloqueiros e seus Palácios de Barro: o Cotidiano Doméstico na Casa Bandeirista**. 2005, 496 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.71.2006.tde04082006-170833>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e a redução jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-12082009-154227/publico/TDE_Silvana_Zuse.pdf. Acesso em: 09.mar. 2023.

WATSON, Virginia D. Ciudad Real: um sítio Guarani-Espanhol no alto rio Paraná. **Revista de Arqueologia**, v. 16, 139-155, 2003. Disponível em: <https://www.revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/183>. Acesso em: 12 jun. 2021.

WOODWARD, Ian. **Understanding material culture**. London: Sage Publications, 2007. 200 p. Disponível em: <https://uk.sagepub.com/en-gb/eur/understanding-material-culture/book225857>. Acesso em: 28. jan. 2019.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA - FAMÍLIA TIBURTIUS

- Identificação Inicial: dia, mês e ano da entrevista, nome do entrevistador e sua função, local da entrevista, nome do entrevistado e sua profissão.
- Identificação do projeto: conteúdo que será tratado na entrevista, o título da pesquisa envolvida e os responsáveis.
- Registro da anuência do entrevistado/a em relação aos procedimentos da entrevista: gravação e transcrição, utilização durante a pesquisa e, posteriormente, doação do material ao Laboratório de História Oral, da Univille.
- Identificação do entrevistado/a: nome, idade, data e local de nascimento, nome dos pais.
- Endereço e o tempo que mora no local.

QUESTÕES

- Quais as lembranças que tens das expedições de campo com seu pai?
- Conheceu ou participou das coletas das peças cerâmicas, ou louça de barro nas comunidades/ famílias que seu pai descreve como redondeza de Curitiba?
- Tem algum documento ou registro que faça menção a esta coleção?
- Na Coleção de cerâmicas organizada nos anos 40, por GT, tem alguma cerâmica que foi coletada no litoral do Paraná?
- Lembra como foi a aquisição das peças cerâmicas?
- Nas expedições em campo presenciaram comunidades ou famílias fazendo as cerâmicas/ louças em barro? Lembra onde era?
- Já ouviu alguma história sobre indígenas, ou caboclos naquelas regiões? Lembra onde se localizam?
- Lembra se algumas peças foram retiradas de sítios arqueológicos, como sambaquis, sítios históricos ou cemitérios indígenas?
- Teve alguma cerâmica procedente de aldeias indígenas daquelas regiões?
- Quando a coleção de cerâmica e os demais objetos colecionados por GT, foram vendidos à prefeitura de Joinville-SC alguém de vocês estava presente, ou pode nos contar como foi essa venda?
- Tem conhecimento do porquê não foram vendidas ao Museu do Paraná? Já que residiam em Curitiba?
- Tem conhecimento se mais, algum museu ou entidade de estudo/pesquisa tinha interesse nesta coleção do GT?

- Sabe nos contar algo sobre as vivências e publicações do GT escritas em parceria com o casal Bigarella?
- Conhece algum morador antigo ou pessoa que pode dar mais informações sobre esses assuntos?
- Tem outras informações que queira nos dar?
- Agradecimentos.

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA - IRIS BIGARELLA

- Identificação Inicial: dia, mês e ano da entrevista, nome do entrevistador e sua função, local da entrevista, nome do entrevistado e sua profissão.
- Identificação do projeto: conteúdo que será tratado na entrevista, o título da pesquisa envolvida e os responsáveis.
- Registro da anuência do entrevistado/a em relação aos procedimentos da entrevista: gravação e transcrição, utilização durante a pesquisa e, posteriormente, doação do material ao Laboratório de História Oral, da Univille.
- Identificação do entrevistado/a: nome, idade, data e local de nascimento, nome dos pais.
- Endereço e o tempo que mora no local.

QUESTÕES

- A senhora conheceu e conviveu com o colecionador Guilherme Tiburtius? Pode nos contar um pouco deste período?
- Quais as lembranças que tens das expedições de campo com GT no estado do Paraná?
- Conheceu ou participou das coletas das peças cerâmicas na redondeza de Curitiba?
- Tem algum documento ou registro que faça menção a esta coleção ou as coletas de GT?
- Na Coleção de cerâmicas organizada nos anos 40, por GT sabe dizer se tem alguma cerâmica que foi coletada no litoral do Paraná?
- Lembra como foi a aquisição das peças cerâmicas?
- Nas expedições em campo presenciaram comunidades ou famílias fazendo as cerâmicas/louças em barro? Lembra onde era?
- Já ouviu alguma história sobre indígenas, ou caboclos naquelas regiões? Lembra onde se localizam?
- Lembra se algumas peças foram retiradas de sítios arqueológicos, como sambaquis, sítios históricos ou cemitérios indígenas?
- Teve alguma cerâmica procedente de aldeias indígenas daquelas regiões?

- Quando a coleção de cerâmica e os demais objetos colecionados por GT, foram vendidos à prefeitura de Joinville-SC a senhora tomou conhecimento? Pode nos contar o que lembra/sabe sobre a venda?
- Tem conhecimento do porquê não foram vendidas ao Museu do Paraná? Já que residiam em Curitiba?
- Tem conhecimento se mais algum museu ou entidade de estudo/pesquisa tinha interesse nesta coleção do GT?
- O que pode nos contar algo sobre as publicações do GT escritas em parceria com a Senhora, ou seu Marido?
- Conhece algum morador antigo ou pessoa que pode dar mais informações sobre esses assuntos?
- Tem outras informações que queira nos dar?
- Agradecimentos.

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM EX-GESTORES DO MASJ

- Identificação Inicial: dia, mês e ano da entrevista, nome do entrevistador e sua função, local da entrevista, nome do entrevistado e sua profissão.
- Identificação do projeto: conteúdo que será tratado na entrevista, o título da pesquisa envolvida e os responsáveis.
- Registro da anuência do entrevistado/a em relação aos procedimentos da entrevista: gravação e transcrição, utilização durante a pesquisa e, posteriormente, doação do material ao Laboratório de História Oral, da Univille.
- Identificação do entrevistado/a: nome, idade, data e local de nascimento, nome dos pais.
- Endereço e o tempo que mora no local.

QUESTÕES

- Em que período o (a) senhor (a) foi gestor do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville –SC (MASJ)? Como ou por que meios aconteceu sua nomeação para o cargo?
- Como o senhor (a) descreveria o momento da criação do MASJ e a natureza de suas coleções?
- Considerando sua experiência no MASJ, quais são as principais dificuldades presentes na área de gestão das coleções?
- O (a) senhor (a) tem a dizer sobre o colecionador de Guilherme Tiburtius (GT) e suas coleções? Pode nos contar um pouco sobre ele?

- Quais as lembranças que tens da coleção de cerâmicas caseiras (etnográficas) de GT coletadas no estado do Paraná?
- Tem conhecimento de outros documentos ou registros que façam menção a esta coleção de GT fora do MASJ?
- Na Coleção de cerâmicas caseiras (etnográficas) organizada nos anos 40, por GT sabe dizer se havia alguma cerâmica que foi coletada no litoral do Paraná?
- Lembra como foi o tratamento dado para as peças da coleção de cerâmicas, no MASJ?
- Lembra, ou tem conhecimento se algumas peças da Coleção foram retiradas de sítios arqueológicos, como sambaquis, sítios históricos ou cemitérios indígenas?
- Lembra como foi o tratamento dos cadernos de inventário e demais documentos do GT entregues ao MASJ?
- Tem conhecimento do porquê a Coleção de GT não ter sido vendida a Museus do Paraná? Já que grande parte das peças da coleção são procedentes daquele estado?
- Tem conhecimento se mais algum Museu ou entidade de estudo/pesquisa tinha interesse nesta coleção do GT?
- O que pode nos contar sobre as publicações do GT escritas em parceria com o MASJ?
- Tem outras informações que queira nos dar?
- Agradecimentos.

APÊNDICE B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LOUÇAS DE BARRO E HÁBITOS ALIMENTARES DE COMUNIDADES TRADICIONAIS: UM ESTUDO A PARTIR DE COLEÇÃO DE CERÂMICAS ETNOGRÁFICAS

Pesquisador: Rosane Patricia Fernandes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 33670520.0.0000.5366

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.203.990

Apresentação do Projeto:

De acordo com o parecer consubstanciado nº 4.155.450

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o parecer consubstanciado nº 4.155.450

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o parecer consubstanciado nº 4.155.450

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De acordo com o parecer consubstanciado nº 4.155.450

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador adequou o TCLE conforme solicitado, apresentou os termos de uso de imagem e voz, Incluiu a carta de anuência do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, datada e assinada, incluiu os critérios de inclusão de forma adequada no projeto e enviou a folha de rosto com o item 10 preenchido.

Recomendações:

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da Universidade).

Segundo a Resolução 466/12, no item

XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final,

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Universidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "LOUÇAS DE BARRO E HÁBITOS ALIMENTARES DE COMUNIDADES TRADICIONAIS: UM ESTUDO A PARTIR DE COLEÇÃO DE CERÂMICAS ETNOGRÁFICAS", de CAAE "33670520.0.0000.5366"

teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "Rosane Patricia Fernandes", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se **APROVADO**.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062>

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação do Parecer

APROVADO

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOINVILLE, 10 de
agosto de 2020

APÊNDICE C - Exemplo das Fichas técnico-tipológicas de análise das cerâmicas

Projeto/Coleção: Cerâmicas Etnográficas – Guilherme Tiburtius						Ano: 2022	
Sítio: Palmital		Município: Araucária			UF: PR		Nº Peça: 900
Descrição Peça: Vaso, médio, simétrico boca constricta, pescoço constricto, contorno infletido com duas asas nas laterais entre o ombro e borda.							
ESTADO DE CONSERVAÇÃO							
Inteiro: X		Fragmentado: \		Frágil: \		Em Decomposição: \	
						Friável: \	
DIMENSÕES (CM)							
Base: 11		Altura: 29		D. de borda: 28		Esp. Borda: 1	
				Peso: 8k43gr		Volume: < 10L	
TÉCNICA MANUFATURA							
Acordelado: Sim			Modelado: \			Moldado: \	
PASTA							
Antiplástico: Mineral		Granulometria: 0.3		Queima: indefinida		Cor: bege claro	
						N Identificado: X	
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE							
FACE INTERNA						FACE EXTERNA	
Alis. Simples: sim		Engobo: sim		Banho: não		Alis. Simples: sim	
						Engobo: não	
						Banho: não	
Base:	Bojo:	Pesc:	Borda:	Lábio:	A\C:	Base:	Bojo:
			:				x
Descrição: Aplicação de engobo preto entre a base e o bojo.						Descrição: Alisamento simples em toda a FE	
ASPECTOS DECORATIVOS							
DECORAÇÃO INTERNA						DECORAÇÃO EXTERNA	
Pintura: não		Cor: \		Plástica: não		Pintura: não	
						Cor: \	
						Plástica: Sim	

Base: \\	Bojo: \\	Pesc:	Borda: :	Lábio: \\	A\C:X	Base: \\	Bojo: x	Pesc: x	Borda: :x	Lábio:\ 	A\C:\
Descrição:						Descrição: Inciso/ungulado. A decoração sofreu alisamento em partes do vasilhame entre o bojo e a borda. (pescoço).					
ASPECTOS MORFOLÓGICOS											
Contorno: Infletido		Base: Plana		Bojo: Expandido		Pescoço: Constricto		Borda: Cambada		Lábio: Arredondado	
Função/Us: Preparar alimento											
MARCAS DE USO: ALTERAÇÕES MECÂNICAS											
Fratura: Borda		Rachadura: Ambas as Faces (Bojo)		Sulcos: Face Externa		Fissuras: Ambas as Faces		Cavidades: Ambas as Faces		Laminação: Ambas as Faces (Bojo e borda)	
Observações:											
MARCAS DE USO:ALTERAÇÕES FÍSICOS-QUÍMICAS											
Fuligem: Ambas as Faces		Carbonização: Ambas as Faces (Base-bojo)		Depósito Carbônico: Face Interna (Base)		Craquelê: não					
Corrosão: não		Erosão: Face Externa (Base)		Oxidação: não		Fungo: não					
Observações: Vasilhame com rachaduras circulares e verticais, com respingos de tinta branca e erosão na base face externa.											

IMAGEM/FOTOGRAFIA DA PEÇA: 900 _ Palmital



ANEXO A - ESTRUTURA DO CATÁLOGO DIGITAL

- Sumário
- Apresentação
- Prefácio
- **Uma história de vida nas sendas da coleção**
 - A Coleção de Louças Guilherme Tiburtius do Entorno de Curitiba-PR
 - O Conjunto de Cerâmicas Araucária-PR
 - O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville
- **Cultura material como documento Histórico**
- **Materialidade, Saberes e Fazeres como Patrimônio Cultural e Social**
- **Morfologia, estilo e decoração**
- **Musealização, a preservação da memória**
- Catálogo – Apresentação dos 175 vasilhames
- Glossário
- Referências

EXEMPLO DA PÁGINA DO CATÁLOGO DIGITAL

